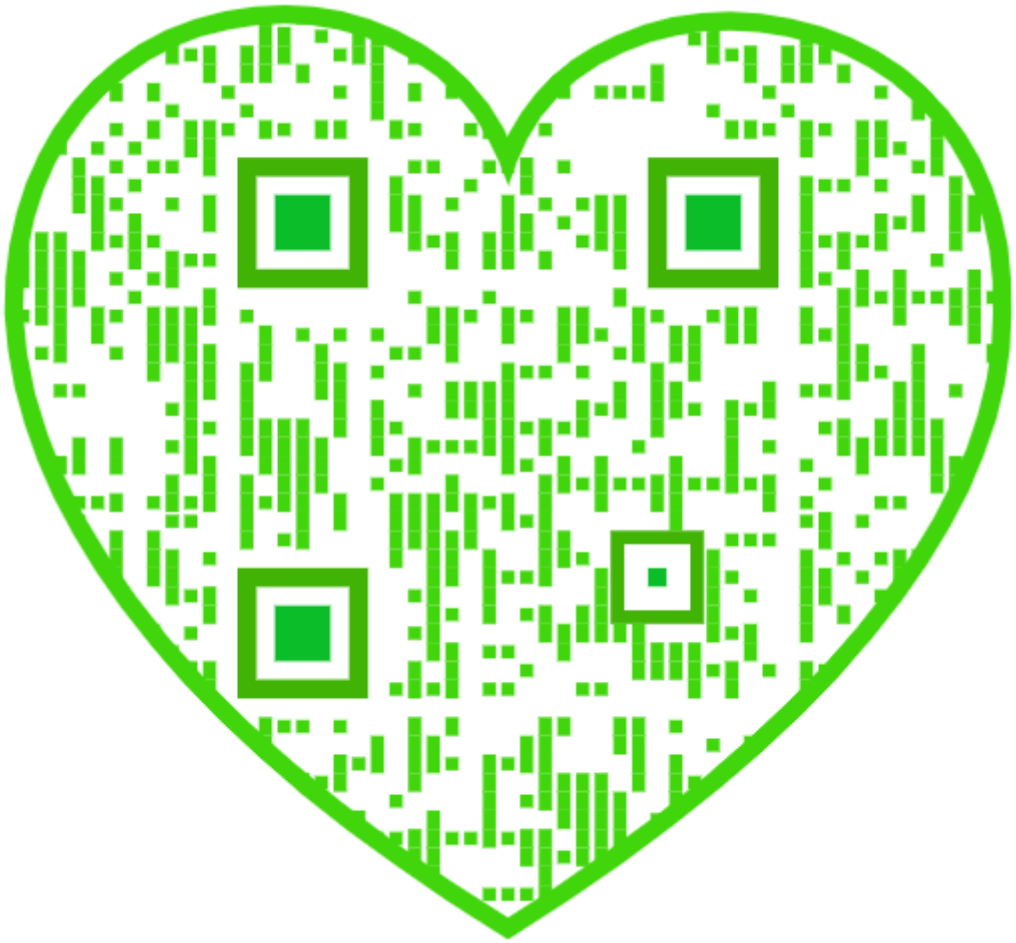
ALFRED HITCHCOCK

apresenta:

13 HISTÓRIAS QUE ATÉ A MIM ASSUSTARAM

RECORD



osebodigital.blogspot.com

ALFRED HITCHCOCK APRESENTA:

13 HISTÓRIAS QUE ATÉ A MIM ASSUSTARAM

Tradução de
Alfredo B. Pinheiro de Lemos

DISTRIBUIDORA RECORD

UM MOMENTO!
PODEM DAR-ME UM POUCO DE SUA ATENÇÃO?

Espero que ninguém interprete o título deste livro como um desafio. O título é — caso tenham ficado tão ansiosos pelas histórias que nem chegaram a notá-lo — *Treze Histórias que Até a Mim Assustaram.* Tem ele a simples intenção de registrar um fato e não constitui absolutamente uma intimação aos leitores para que não reclamem se por acaso não se assustarem.

A bem dizer, não sei por que consta do título a expressão "até a mim". Propus que o livro fosse intitulado simples e honestamente *Histórias Que Me Assustaram.* Fui voto vencido. Parece que *Histórias que Até a Mim Assustaram* tem mais impacto e estamos, sem dúvida alguma, na era do impacto.

Da minha parte, só posso afirmar que todas as histórias deste livro me deram uma ou mais das sensações de prazer associadas com o medo. Algumas me apavoraram diretamente. Houve outras que me perturbaram profundamente e me deixaram tomado de intensa inquietação. Ainda outras me tocaram agradavelmente as pontas dos nervos, fizeram-me correr arrepios pela espinha ou me fizeram deglutir em seco enquanto eu lhes sentia o impacto. Algumas fizeram várias coisas dessas ao mesmo tempo.

Nessa base, ofereço-lhes estas histórias, confiando em que terão as mesmas emoções, tão agradáveis quando podem ser experimentadas no conforto do lar e na poltrona predileta.

E agora cedo a tela ao filme principal.

Alfred Hitchcock

UMA MORTE NA FAMÍLIA

Miriam Allen deFord

Aos cinqüenta e oito anos, Jared Sloane possuía os hábitos arraigados de um solteirão empedernido. Às sete horas no verão e às seis no inverno apagava as luzes, trancava o escritório e voltava para os seus aposentos. Tomava um banho, fazia a barba e vestia roupas menos formais que as exigidas em sua profissão, preparando depois o seu próprio jantar e comendo-o.

Deixava depois a extensão do telefone no chão do quarto, onde poderia ouvir se tocasse, abria a porta sempre fechada na cozinha e descia para o porão, onde passava a noite com a sua família.

O velho Shallcross, de quem comprara a casa vinte anos antes, usava o porão apenas para guardar coisas. Mas todos os homens que ainda eram jovens e já viviam por conta própria durante a Grande Depressão haviam sido obrigados a adquirir noções de muitas ocupações — e Jared não fora uma exceção, pois gostava de serrar, martelar e pintar, sendo este o seu passatempo. Transformara o porão numa sala confortável, as duas janelinhas encostadas no teto sempre cobertas por cortinas pesadas. Não conseguira fazer a instalação elétrica, por isso puxara um cano da cozinha até o velho candelabro de gás que trouxera de uma honrada loja de coisas velhas com a qual costumava fazer negócios, situada em McMinnville, a sede do condado. De lá viera também a maior parte da

mobília do porão, que ele próprio consertara, repintara e estofara. A sala era sempre fria e no inverno quase congelava, obrigando-o a usar um sobretudo — mas, como era necessário, ele deixara de se preocupar com isso.

Eles estavam sempre lá, à sua espera. Papai sentado numa poltrona, lendo a *Gazette* de Middleton, mamãe cerzindo uma meia, vovó cochilando no sofá — ela passava a maior parte do tempo cochilando, pois já estava com quase noventa anos. O irmão Ben e a irmã Emma jogavam whist, sentados em cadeiras de espaldar reto diante da mesinha, segurando as cartas cautelosamente de encontro à camisa branca dele e ao vestido pregueado leve, estampado, dela. Gussie, a esposa de Jared, sentava-se ao piano, detendo os dedos em cima do teclado e virando a cabeça para sorrir-lhe quando entrava. Luke, seu filho de dez anos, sentava-se no chão com um modelo de navio semiconstruído à sua frente.

Jared sentava-se no único lugar vago, uma grande e confortável poltrona com estofamento de pelúcia, cor de ameixa. Ficava conversando com eles até a hora de dormir. Dizia-lhes tudo o que fizera durante o dia lá em cima, comentava as últimas notícias da cidade e das pessoas que conheciam, repetia as histórias e as piadas (cuidadosamente expurgadas) que ouvira dos vendedores, expressava suas opiniões sobre tudo o que lhe vinha à mente. Eles nunca discutiam nem o contradiziam. Eles nunca respondiam.

As roupas que vestiam mudavam de acordo com as estações e com a moda. Quanto ao mais, a cena era sempre a mesma. Quando chegava a hora de deitar, Jared bocejava, espreguiçava-se e dizia:

— Boa noite para todos. Durmam bem e tenham sonhos agradáveis.

Apagava então a luz, subia a escada, fechava a porta e ia para o seu quarto deitar-se. Durante algum tempo costumara beijar a esposa na testa à guisa de boa noite, mas depois achou que os outros podiam ficar ciumentos e passou a não demonstrar mais nenhum favoritismo .

Não fora sempre que a família desempenhara aqueles papéis. Outrora tinham nomes diferentes e eram a avó, o pai, a mãe, o irmão, a irmã, a esposa e o filho de outras pessoas. Mas agora eram apenas seus.

Esperara um longo tempo por alguns deles — queria parentes com a idade certa e com a semelhança de família. Gussie, por exemplo, ele amara durante muitos anos, em silêncio e pacientemente, antes que ela se tornasse sua esposa. Ela era então a Sra.

Ralph Stiegeler, esposa do proprietário do drugstore de Middleton, e nunca suspeitara da paixão de Jared Sloane. Seu nome era realmente Gussie, mas já Ben, Emma e Luke eram apenas nomes de que ele gostava. Ela fora o núcleo da família, os outros tinham vindo depois, um a um. Por estranho que possa parecer, vovó fora a última a vir fazer-lhes companhia — estava ali há pouco mais de um ano. Para que a família ficasse completa, só faltava agora uma filha. Jared já escolhera até o seu nome — ela iria chamar-se Martha. Ele gostava de nomes antigos pois pertenciam ao passado, à sua infância solitária no orfanato onde vivera até os dezesseis anos.

Ainda lembrava, amargurado, como os outros zombavam dele, um enjeitado cujo nome fora dado pelo diretor depois que o encontraram, enrolado num lençol rasgado, nos degraus do orfanato. Os outros eram órfãos, é verdade, mas só que sabiam quem eram, tinham tias, tios e primos que lhes escreviam cartas, vinham visitá-los e mandavam presentes no Natal e no aniversário. Eles próprios iam de vez em quando visitar os parentes, que muitas vezes pagavam toda ou parte de sua manutenção. Jared Sloane não tinha ninguém.

Era por isso que ele queria uma família tão grande. Todas as noites, agora, era um homem que tinha pais, um irmão, uma irmã, uma esposa, um filho. (Vovó fora um golpe de sorte: estava de olho na velha Sra. Atkinson e recebera a sua recompensa.) Não havia lugar para outro membro adulto da família, mas Martha, quando ele a encontrasse, poderia sentar-se sobre uma almofada ao lado do irmão, brincando com uma boneca que ele haveria de comprar-lhe ou fazendo outra coisa doméstica, infantil e feminina. Decidiu que ela deveria ser mais jovem que Luke — digamos por volta de sete ou oito anos, Com idade suficiente para apreciar a conversa, não mais precisando dos cuidados exigidos por uma criança pequena.

Todas as noites, já deitado, antes de acertar o despertador para a manhã seguinte e guardar a dentadura num copo, Jared Sloane fazia uma prece muda de gratidão e reconhecimento à pessoa ou à coisa — talvez ele próprio — que lhe proporcionara a idéia maravilhosa e sem precedentes que tivera dez anos antes. No meio de uma noite insone e tormentosa, descobrira como poderia fazer de Gussie sua esposa e mantê-la ao seu lado enquanto vivesse. Fora aquela tarde que Ralph Stiegeler o chamara. E, como que saído do nada, o esquema brotara completo em sua mente, audacioso e assustador como era, já amadurecido em todos os seus detalhes

como Pallas Atenas ao sair da cabeça de Zeus.

Arriscara-se à descoberta, à ruína, à prisão, à desgraça total, em troca da realização do seu sonho mais querido e secreto — o de possuir a sua própria família. E vencera. Depois de Gussie, o resto fora fácil. Ele não podia prever, mas podia perfeitamente escolher. Abençoava Middleton por ser uma cidade tão pequena que precisava de apenas um homem da sua profissão, ficando todos os serviços aos seus cuidados. Hesitara ao chegar ali, logo depois de concluir os estudos, achando que não encontraria muito trabalho na cidadezinha e nas fazendas ao redor. Mas era um homem de hábitos frugais e adorava a tranqüilidade, temendo a confusão e a competição que certamente encontraria se montasse uma firma numa grande cidade. E logo de início pôde estabelecer-se por conta própria. Quando soube, através de uma notícia no jornal local, que o velho Sr. Shallcross queria vender seu estabelecimento e o prestígio entre a clientela para aposentar-se, Jared foi imediatamente procurá-lo.

Para a sua felicidade, descobriu que o pé-de-meia que acumulara trabalhando intensamente durante a juventude — era jovem demais na primeira guerra e velho em demasia na segunda — e que lhe permitira especializar-se na única profissão que sempre o atraíra dava tranqüilamente para cobrir as modestas exigências do Sr. Shallcross. Em menos de uma semana o negócio mudou de mãos. E agora ele já era um dos esteios da sociedade de Middleton. Embora não se mostrasse muito sociável nem tivesse amigos íntimos, era um homem bastante conhecido e respeitado — e, o que era mais importante, acima de qualquer suspeita.

Tudo era sempre feito como os parentes desejavam. O funeral começava na casa do falecido ou na linda capela que redecorara inteiramente. Eles é que ditavam a sua preferência. (Fora a sua prindpal preocupação com Gussie, mas tudo correra bem, pois Ralph imediatamente optara pela capela. Lembrava-se com tristeza de como perdera, tempos depois, um excelente candidato anterior ao irmão Ben, quando a mãe de Charles Holden insistira em que os serviços fúnebres fossem realizados na fazenda.) O falecido, uma verdadeira obra de arte digna de um embalsamador de agência funerária de cidade grande, vestia-se com a sua melhor roupa e ficava estendido no caixão, cercado de flores e coroas. Quando o sacerdote terminava, a Srta. Hattie Blackstock tocava o órgão suavemente. Jared fazia então um sinal para que todos desfilassem diante do caixão, em fila indiana, para um último olhar ao falecido.

Os parentes próximos sempre eram os últimos. Depois saíam todos da sala e iam para os carros, a fim de fazerem a viagem até o cemitério. (É claro que a pessoa que devesse ser cremada em vez de enterrada não poderia pertencer à família de Jared Sloane.)

Vinha então o momento crucial. Jared recordava-se nitidamente daquela primeira vez, quando ficara com Gussie e tivera a sensação de que tudo dependeria de uma ação rápida e decidida, na hora certa — e também de muita sorte.

Os homens que iam carregar o caixão esperavam que ele o fechasse, para levá-lo até o carro fúnebre. Num funeral de cidade grande, os assistentes estariam naquele momento levando as flores para fora. Só que Jared não tinha assistente. E naquela pequena cidade, onde todos o conheciam e ele conhecia a todos, era bastante natural que dissesse:

— Olhem, não quero retardar muito as coisas, pois já está sendo bastante doloroso para os que estão lá fora. Já tirei os cartões de todas as cestas de flores e coroas, por isso vocês poderiam ir levando-as para o carro e ajeitando-as ao lado do lugar em que ficará o caixão. Enquanto isso, tratarei de fechar o caixão e deixá-lo pronto para quando voltarem.

Se um só homem dissesse, por exemplo, que não podia aproximar-se de rosas, pois elas o faziam espirrar, ou objetasse que não era uma boa idéia, pois o caixão indo depois iria esmagar as flores ao ser colocado, Jared teria perdido o seu jogo desesperado. Se isso acontecesse, Gussie nunca seria sua esposa e o resto da família não iria reunir-se na sala do porão, lendo, cerzindo, jogando cartas e armando modelos de navios. Mas, felizmente, desde Gussie até vovó, tudo tinha corrido bem.

No instante em que o último homem virou as costas, um pouco inclinado sobre o seu carregamento de flores, Jared moveu-se com a rapidez de um raio. Rapidamente tirou o corpo do caixão. Rapidamente o colocou sobre o estrado oculto pelas pesadas cortinas de veludo. Rapidamente tirou o boneco que preparara cuidadosamente, do mesmo tamanho e com o peso aproximado da falecida, colocando-o dentro do caixão. Rapidamente fechou a tampa e aparafusou-a. Levou no máximo dois ou três minutos. Quando o primeiro carregador de caixão voltou, já estava tudo pronto. Ninguém jamais soube o que foi levado para o cemitério, o que foi enterrado na tumba da família.

Ele próprio dirigiu o carro fúnebre, é claro. A agência funerária permaneceu trancada, com toda a segurança, até à sua volta.

Depois do último aperto de mão grave e cheio de simpatia, ficou finalmente sozinho.

Voltou à agência funerária e ficou esperando a hora de fechar. Depois, com tudo às escuras, o escritório, a sala de exposição, a sala de descanso e a capela, foi até as cortinas de veludo e pegou o primeiro membro de sua família, com respeito e ternura, levando-o então para a sala de preparação. Aquilo se tornara depois uma rotina. Jamais alguém poderia afirmar que o trabalho de embalsamamento não fora o melhor que se podia desejar. Mas chegava agora o momento do último refinamento extra de sua arte — o preservativo especial que aperfeiçoara, a maquilagem que aumentava a semelhança entre os parentes, as roupas novas que comprara numa viagem rápida a McMinnville. As roupas fornecidas pela "família anterior" — era assim que Jared passara a encará-la — eram guardadas, como medida de economia inclusive, para ajudarem a rechear o boneco seguinte. Se Jared Sloane fosse dado a pensamentos frívolos, coisa que absolutamente não ocorria, teria achado divertido pensar, por exemplo, que os últimos trajes da irmã Emma ocupavam agora o caixão de papai.

A última coisa que fazia era ajeitar o novo membro da família na posição em que imaginara que deveria ficar na sala de estar. Levava então o novo parente para baixo. Não eram necessárias apresentações, pois ele partia do princípio de que todos os membros da família Sloane se conheciam uns aos outros. Jared ia deitar-se tarde nas noites em que chegava um novo membro da família, pois era difícil afastar-se da companhia dos seus entes queridos e ir para o seu quarto solitário.

À medida que os anos passaram, ele parou de afligir-se e preocupar-se, ante a possibilidade de ser descoberto, nas semanas e meses que se seguiam à aquisição de um novo membro da família, como fizera a princípio. Afinal de contas, ele realizava cerca de cinqüenta enterros por ano, incluindo os falecidos nas fazendas ao redor de Middleton e os nativos que moravam em outros lugares mas que para lá voltavam em busca da última morada. Em dez anos, isso significava quinhentos funerais. E somente sete vezes ele ficara com o corpo para formar a sua família.

Algum dia, é claro, ele morreria e então descobririam tudo. Mas quando isso ocorresse ele não teria que se preocupar com coisa alguma e o escândalo e excitamento das manchetes dos jornais não o afetariam. Tinha apenas cinqüenta e oito anos e nunca estivera doente um único dia em toda a sua vida. Viveria mais uns

vinte ou vinte e cinco anos — e seria o único homem de Middleton que não teria que recear uma velhice solitária. Recordava-se da sua infância e juventude terrivelmente solitárias e em sua prece silenciosa jamais esquecia de agradecer o fato de seus próprios esforços terem providenciado a devida compensação. Sentia-se grato também por outra coisa: o mesmo destino que o privara do amor maternal, tornando-o uma criança desamparada, parecia ter congelado também suas emoções naturais. Nunca, em toda a sua vida, sentira ou compreendera o que considerava como repugnantes instintos sexuais dos outros homens. Mesmo o seu amor por Gussie Stiegeler — que era agora Gussie Sloane — era formado apenas de ternura, proteção e dependência.

Certa vez, num livro de psicologia, lera a respeito de uma terrível perversão conhecida como necrofilia. E estremecera. Procurara, como uma tentativa de compreender de que se tratava, imaginar-se tomando Gussie — sua adorável e preciosa Gussie, a quem vestia em seda e pérolas, para quem comprara o piano que a Gussie "anterior" tocava tão bem — nos braços, arrancando-a do piano, levando-a para a sua cama estreita, abraçando-a, beijando-a... Sentira-se logo doente, nauseado. Nos dias que se seguiram ficara embaraçado até mesmo em olhar para Gussie, corando ao pensar que ela poderia adivinhar as fantasias loucas as quais ele permitira que dominassem o seu pensamento .

Amava a sua família porque era a sua família, dele só e de ninguém mais, porque junto deles podia dizer o que pensava, ser ele próprio. E também porque sabia que eles sempre lhe pertenceriam. Não estava prejudicando o ego anterior deles nem os entes queridos que haviam ficado. Amava papai, mamãe e vovó com uma ternura filial, amava o irmão Ben e a irmã Emma com a devoção de filho mais velho, adorava Gussie e o pequeno Luke. Tudo o que desejava agora para completar a sua felicidade era uma filhinha, doce e suave. Não era bom para um garoto como Luke ser filho único.

Era evidente que ele não podia ficar olhando as crianças da cidade e especulando para escolher uma — só um vampiro faria uma coisa dessas. Tinha que esperar, como fizera com todos os outros, até que chegasse a oportunidade certa — um garota de sete ou oito anos, de cabelos pretos (tanto ele como Gussie tinham cabelos pretos) e bastante bonita como a mãe. Toda a família, aliás, era bonita, sorte dele, uma bênção dos céus. Não havia pressa: Luke sempre estaria com dez anos de idade, assim como vovó nunca passaria dos oitenta e nove anos. Receava sentir interesse ou

curiosidade se alguém lhe dissesse que uma menininha qualquer estava doente. Ele podia perfeitamente esperar. Mas seu coração sempre dava um pulo de excitamento quando recebia um telefonema de uma casa onde havia crianças, até verificar que as suas habilidades profissionais estavam sendo exigidas para o avô, o tio William ou a velha prima Sarah. Por duas vezes ele providenciou um enterro de menina, mas uma era lourinha, esquelética e feia e a outra morrera num desastre de automóvel e seu corpo ficara todo mutilado.

Na madrugada do dia 31 de março Jared Sloane foi despertado de um sono profundo por firmes pancadas na porta da frente. Isso acontecia de vez em quando — as pessoas iam procurá-lo pessoalmente em vez de telefonarem. Como um médico, ele já se habituara aos chamados noturnos. Sonolento, levantou-se, vestiu um roupão e calçou os chinelos. Ao acender a luz em cima da porta da frente, ouviu o barulho de um carro afastando-se. Quando abriu a porta, a rua — a principal rua comercial de Middleton fazia parte de uma estrada estadual — estava escura e deserta.

Olhou para baixo e viu, diante de sua porta, um fardo qualquer embrulhado num cobertor. Abaixou-se e pegou-o, adivinhando imediatamente o que era. Entrou em casa e abriu o cobertor que envolvia o pequeno corpo.

Mesmo com a cabeça pendendo do pescoço quebrado, reconheceu-a imediatamente — os jornais haviam publicado várias fotografias dela. Era a filha de Manning. O pai desobedecera às ordens e avisara a polícia. Os raptores haviam brutalmente cumprido a ameaça.

Jared Sloane não fazia a menor idéia dos motivos que haviam levado os raptores a deixarem o corpo da sua pequena vítima na porta de um agente funerário do interior, em outro Estado, a mais de trezentos quilômetros da cidade em que haviam agarrado a filha do milionário. Provavelmente, ao fugirem com o dinheiro do resgate, haviam visto a sua placa quando atravessavam Middleton e, num ato de humor macabro, haviam-no presenteado com o corpo. Mesmo não gostando da idéia de atrair a atenção do público para si e o risco do pessoal do FBI, gente da polícia e repórteres invadindo a sua intimidade, Jared sabia exatamente qual era o seu dever: telefonar imediatamente para o escritório do xerife, em McMinnville.

Olhou então, outra vez, para o cobertor e seu conteúdo. Diana Manning tinha nove anos, mas era pequena para a sua idade. Fora uma menina bonita e muito bem cuidada. Seus cabelos eram

longos e sedosos, bem pretos. Os olhos sem vida que o miravam eram castanhos.

Ficou imóvel por um longo tempo, pensando. Depois pegou o corpo de Diana e levou-o para a sala de preparação. Antes de voltar para a cama, levou toda a sua roupa e o cobertor velho para o incinerador no pátio dos fundos, perto da garagem. Não podia despertar suspeitas acendendo um fogo às três horas da madrugada, mas seria fácil livrar-se daquilo, pois de três em três dias costumava queimar os refugos.

Na noite seguinte, pela primeira vez desde a chegada de vovó, Jared foi ver a família apenas para comunicar a boa notícia. Ele estava realmente comovido. A primeira pessoa a quem sussurrou a novidade foi Gussie, pois, afinal de contas, Martha ia ser sua filha. Trabalhou até tarde, depois escondeu Martha cuidadosamente. Como não havia enterro algum marcado para o resto da semana e na sala de repouso ninguém descansava à espera da visita de parentes e amigos, Jared deixou um bilhete na porta, de manhã cedo, avisando que voltaria perto de meio-dia. Foi então até McMinnville, para comprar roupas e uma boneca grande para sua filha. Sempre fazia as compras necessárias para a família em McMinnville, que era uma cidade bastante grande para torná-lo apenas um estranho.

Os jornais e o rádio não divulgaram nenhuma notícia sobre o caso Manning. Talvez o pai, um pobre tolo, ainda sonhasse que podia reaver a filha com o pagamento do resgate, pedindo então, tarde demais, que se mantivesse segredo em torno do rapto.

Naquela noite Jared sentou-se em sua poltrona cor de ameixa e ficou contemplando, radiante de felicidade, a pequena Martha, sentada numa almofada perto do irmão e sorrindo para a mãe, ao piano. A família agora estava completa. Ele era o homem mais feliz do mundo.

Três dias depois, quando estava no escritório fazendo contas, a porta abriu-se e deu passagem a um jovem alto, com uma pasta na mão. Jared ajeitou sua expressão para cumprimentar um vendedor e não um cliente.

— Sr. Sloane? — indagou o jovem cordialmente.

Jared assentiu.

— Pode ceder-me um minuto?

— Não creio que neste momento esteja precisando de alguma coisa. Em todo caso, obrigado.

— Precisando? Não, não se trata disso — falou o jovem sor-

rindo. — Não sou um vendedor.

Tirou a carteira e mostrou um emblema e um cartão de identidade. Era investigador e chamava-se Ennis.

Jared afundou no assento, segurando os braços da cadeira com força para não mostrar o repentino tremor das mãos. Ennis foi logo sentando à sua frente, sem mesmo esperar um convite.

— É sobre o corpo da criança dos Manning — disse ele calmamente.

Jared já conseguira recuperar o controle. Olhou para Ennis com uma expressão de perplexidade.

— A filha de Manning? Aquela que foi raptada? Já a encontraram?

— Bem, Sr. Sloane...

O jovem fez uma pausa e olhou ao redor, contemplando o escritório pequeno e bem arrumado, o respeitável e idoso agente funerário, com seu terno preto impecável. Parecia estar desconcertado. Depois, inclinou-se para a frente e disse:

— Talvez tenha havido algum engano. Ainda não foi publicado, mas o fato é que prendemos um suspeito.

— Isso é ótimo. Espero que consigam puni-lo de acordo. A morte é pouco para alguém capaz de raptar uma criança e assassiná-la ainda por cima.

— Eu disse que a menina tinha sido assassinada?

— Falou no corpo da criança.

— Está certo, então. Olhe, Sr. Sloane, vou ser bastante objetivo. Este homem a que me referi foi preso há dois dias e já começou a falar. Para ser franco, fez até uma confissão completa. E disse que no dia 30 de março passou por Middleton levando o corpo da menina no carro e deixou-o na porta de uma agência funerária que havia na estrada. Contou-nos que se recordava inclusive do nome: Sloane.

— Ninguém deixou corpo algum ou outra coisa qualquer na minha porta na noite de 30 de março — declarou Jared com firmeza.

Estava dizendo a verdade: o corpo fora largado ali eram quase três horas da madrugada do dia 31 de março.

— Entenda, Sr. Sloane, por gentileza, que não o estamos acusando de nada. É claro que ocultar o corpo de uma pessoa morta constitui um crime, mas não pretendemos tratar o caso com severidade. Compreendo o choque que deve ter levado. É evidente que precisava pensar um pouco a respeito, pois não é nada agradável

atrair tanta publicidade sem que nada se tenha feito. Mas dou minha palavra: deixe-nos levar o corpo da criança e nunca tornaremos público o lugar onde o encontramos.

Se você tivesse aparecido no mesmo dia, pensou Jared, era exatamente o que eu teria feito. Mas pensou então em Martha, com seu vestido vermelho curto, os cabelos pretos amarrados com uma fita vermelha, ninando a sua boneca e sorrindo para a mãe. Sacudiu a cabeça, obstinado.

— O homem está mentindo. Deve ter visto minha placa ao passar e mandou-o aqui numa pista errada. Estou em atividade em Middleton há vinte anos, todos aqui me conhecem. Acha que eu poderia ajudar um raptor escondendo a prova do seu crime? Além disso...

Já estava na ponta da língua e quase o disse, contendo-se a tempo, que além disso ele tinha a sua própria filhinha.

-— Além disso — concluiu então — ninguém melhor que um homem em minha profissão para saber que é um crime dispor ilegalmente dos restos mortais de alguém. É a última coisa que eu faria.

— Acho que tem razão, Sr. Sloane. O melhor é voltarmos a interrogá-lo, até que nos diga o que fez com o corpo da menina. Mas, apenas para o meu relatório, deixe-me revistar rapidamente o seu estabelecimento, a fim de constatar que o corpo não está aqui. Assim não precisaremos incomodá-lo novamente. Certamente não faz nenhuma objeção.

Jared sentiu que empalidecia. Imaginou Ennis percorrendo o estabelecimento, verificando que a sala de exposição, a sala de repouso e a capela estavam vazias, pedindo então para ver seus aposentos particulares e perguntando, ao passar pela cozinha, para onde dava a porta que ali havia.

— O que está querendo fazer? — indagou sarcasticamente. — Escavar o pátio para ver se enterrei Diana Manning, embora não tenha nenhuma razão para isso? Não, não vou permitir que reviste tudo aqui. Esta é a minha casa e o meu estabelecimento comercial. Conheço os meus direitos como cidadão e não deixarei ninguém bisbilhotar aqui sem um mandado judicial. E acho que não o tem.

— Não tenho mesmo, Sr. Sloane.

Os olhos cordiais do jovem eram agora frios e sua voz tornara-se áspera quando acrescentou:

— Se é assim que pensa, posso ir até McMinnville e providenciar um mandato de busca, voltando aqui com o xerife dentro

de uma hora. Não entendo como um negociante respeitável pode obstruir a ação da justiça e ajudar um rato imundo como o que prendemos, mas parece que é exatamente isso que o senhor pretende. Mas nada posso fazer. Voltarei dentro de uma hora. E, se o corpo estiver aqui e fizer qualquer tentativa para escondê-lo ou levá-lo para longe no carro fúnebre, pode ter certeza de que descobriremos.

Fez uma pausa e mudou o tom de voz, fazendo-o mais conciliador.

— Mas se quiser mudar de idéia...

Jared sacudiu a cabeça mais uma vez. Ennis pegou a pasta e saiu do prédio. Jared observou-o entrar no carro que estava estacionado na porta e fazer a volta, retornando a McMinnville.

Ficou imóvel por um longo minuto. Depois pegou a placa que dizia "Fechado — Voltarei logo" e pendurou-a na porta, trancando-a por dentro. Foi até a cozinha e abriu a porta que levava à sua sala de estar. Trancou-a também por dentro e desceu a escada para ir encontrar-se com sua família.

Abriu as cortinas das duas janelinhas — a primeira vez que o fazia desde que mobiliara a sala para Gussie. Era um risco, embora pequeno, mas tinha que assumi-lo por alguns momentos.

À luz do dia, a aconchegante cena era desolada e lúgubre. Papai estava lendo o jornal, mamãe cerzindo, Ben e Emma jogando cartas, vovó cochilando, Luke armando o seu navio, Gussie ao piano — como sempre. Mas, de alguma forma, pareciam ter murchado, assemelhando-se mais a múmias do que a seres vivos — isso acontecia até com a querida Gussie, em seu vestido azul novo. Somente Martha, a recém-chegada, parecia fresca e viçosa como todos eles eram à luz do candelabro de gás nas noites felizes de Jared.

Suspirou fundo. Foi até o candelabro e abriu todas as bocas. Depois se sentou em sua poltrona predileta.

Amava-os muito. Eram seus, pertenciam-lhe e ele também lhes pertencia. Fora um órfão, um enjeitado, mas tinha agora uma família, não enfrentara a solidão por toda a sua vida. Era um homem diferente dos outros, mas amara uma mulher que há dez anos era sua esposa adorada.

Num impulso súbito, um pouco embaraçado porque os outros estavam vendo, foi até o piano, abraçou Gussie e pela primeira vez beijou-a nos lábios. Sua boca era fria e seca, mas não podia fazer uma comparação porque não a conhecera quente e úmida. Voltou depois a sentar-se em sua poltrona.

Depois de algum tempo começou a sentir o cheiro de gás — era um gás especial, que quase não cheirava, mas costumavam acrescentar-lhe uma substância de mau cheiro para alertar as pessoas no caso de ocorrer algum acidente. Quando começou a sentir vertigens, viu logo que a sala estava cheia de gás. Não devia protelar mais, pois assim poderia ficar tonto e passar mal.

Tirou então um fósforo do bolso e acendeu-o.

OS HOMENS SEM OSSOS

Gerald Kersh

Estávamos carregando o Claire Dodge de bananas, em Puerto Pobre, quando um homem pequeno e de aspecto febril subiu a bordo. Todos se afastaram para lhe dar passagem — até mesmo os soldados que guardam o porto, armados de rifles Remington e usando perneiras polidas, apesar de andarem descalços. Eles recuaram porque achavam que aquele homem era um possuído, um louco. Embora não fizesse mal a ninguém, era perigoso e o melhor que se poderia fazer era deixá-lo sozinho e em paz.

Os lampiões de nafta sibilavam e do porão vinha o grito estrondoso do capataz da turma que trabalhava lá embaixo:

— Fruta! Fruta! FRUTA!

O chefe da turma que trabalhava no cais gritava a mesma coisa, enquanto seus homens iam jogando para o porão cachos e mais cachos de bananas verdes e brilhantes. Só isso bastaria para que a ocasião fosse memorável — a noite magnífica, o corpo luzidio do capataz negro refulgindo à luz dos lampiões, o verde com jade das bananas, os cheiros diversos do porto. De um dos cachos de banana saiu de repente uma aranha cinzenta e cabeluda que assustou a tripulação e interrompeu a cadeia de carregamento de banana, até que um garoto nicaraguano, com uma risada, matou-a com o pé, afirmando que era inofensiva.

Foi então que o louco subiu a bordo, sem que ninguém o impedisse, e perguntou-me:

— Vão para onde?

Falava com uma voz calma e cuidadosamente controlada, mas havia uma expressão vazia e perdida em seus olhos a me sugerir que eu devia ficar a uma distância cautelosa de suas mãos inquietas, que me faziam lembrar a aranha cinzenta e cabeluda que se alimentava de insetos.

— Mobile, no Alabama — respondi finalmente.

— Posso ir também?

— Isso não é comigo, sinto muito. Sou apenas um passageiro. O capitão está em terra. Acho melhor esperá-lo lá embaixo, no cais. Ele é quem decidirá.

— Será que, por acaso, tem alguma bebida aí com você?

Dei-lhe um pouco de rum e perguntei:

— Por que o deixaram subir a bordo?

— Pensam que sou louco, mas não é verdade. Sinto um pouco de febre, nada mais. Deve ser malária, dengue, febre das selvas ou febre provocada por mordida de ratos. Este país, aliás, tem muitas febres, como os outros iguais a ele. Mas permita que eu me apresente: meu nome é Goodbody. Sou formado em Ciências pela Universidade de Osbaldeston. Isso significa alguma coisa para você? Não? Digamos então que eu era assistente do Professor Yeoward. E agora, está-se lembrando de alguma coisa?

— Yeoward? Professor Yeoward? Ah! Sim, agora me lembro. Não foi ele que se perdeu no meio da selva, em algum lugar acima das cabeceiras do Rio Amer?

— Exatamente! — gritou o homem que dizia chamar-se Goodbody. — Eu estava com ele quando se perdeu.

Fruta! Fruta! Fruta! Fruta!, continuavam a gritar os homens que estavam no porão. Havia uma aparente rivalidade entre o capataz deles e o estivador negro que estava no cais. Os lampiões faziam barulho, as bananas verdes continuavam a ser jogadas de um lado para o outro. E uma espécie de suspiro maléfico chegou até nós, vindo da selva insalubre. Não era o vento nem uma simples brisa, mas algo semelhante à respiração pútrida da febre alta.

Tremendo de ansiedade e também com os calafrios da febre, o Dr. Goodbody tinha que segurar o copo com as duas mãos para levá-lo aos lábios — e mesmo assim derramou a maior parte do rum. Implorou-me então:

— Pelo amor de Deus, tire-me deste país! Leve-me para Mo-

bile, escondido em sua cabina.

— Não tenho autoridade para fazê-lo. Mas acho que, como cidadão americano, bastará identificar-se e o cônsul providenciará sua volta para casa.

— Tem razão, mas isso levará muito tempo. O cônsul também pensa que estou louco. E, se não for embora logo, receio perder efetivamente o juízo. Será que não pode ajudar-me? Estou com muito medo.

— Ora, isso é uma tolice. Ninguém poderá fazer-lhe mal algum enquanto estiver por aqui. Afinal, está com medo de quê?

— Dos homens sem ossos!

Havia algo em sua voz que me arrepiou os cabelos da nuca.

— Os homenzinhos pequenos e gordos que não têm ossos! Enrolei-o num cobertor, dei-lhe um pouco de quinino e deixei que suasse e tremesse durante algum tempo. Perguntei, depois, em tom de brincadeira:

— Que homens sem ossos são esses?

Ele respondeu aos arrancos, no delírio da febre, a razão vacilando entre a sanidade e a insanidade.

— Os homens sem ossos? Na verdade, não há razão para temê-los. Eles é que têm medo da gente. Podemos matá-los com um pontapé ou com uma paulada... Eles parecem feitos de gelatina. Não, não se trata realmente de medo.. . é nojo, é repugnância o que eles inspiram. É algo que domina, deixa a gente paralisado. Acredite ou não, mas vi um jaguar imenso ficar totalmente paralisado, enquanto eles se atiravam às centenas em cima dele e o devoravam vivo. Vi mesmo, não estou mentindo. Talvez seja algum suco que segregam, algum odor que desprendem... Não sei ao certo...

O Dr. Goodbody começou a chorar e acrescentou:

— Que terríveis pesadelos! É horrível pensar na degradação em que uma criatura nobre pode cair por causa da fome. É horrívell

— Não se trata de alguma forma degenerada de vida que encontrou na região além das cabeceiras do Amer? Alguma espécie de antropóide?

— Não, eles são homens mesmo. Acho que agora se está lembrando da expedição etnológica do Professor Yeoward.

— Ela se perdeu.

— Todo mundo, menos eu. Tivemos muito azar. Perdemos duas canoas nas Cachoeiras Anana, metade dos nossos suprimentos e a maior parte dos instrumentos que levávamos. Perdemos

também o Dr. Terry, Jack Lambert e oito dos nossos carregadores nativos.

"Logo depois chegamos ao território Ahu, onde os índios usam dardos venenosos. Mas fizemos amizade com eles e os convencemos a carregar nossos equipamentos para o oeste, através da selva... Todas as descobertas científicas começam com uma suposição, rumores, histórias contadas por comadres. O objetivo da expedição do Professor Yeoward era investigar uma série de histórias, contadas por diversas tribos de índios, que se ajustavam umas às outras. Eram lendas sobre uma raça de deuses que descera do céu numa grande chama quando o mundo ainda era bastante jovem...

"Pouco a pouco, analisando todas as lendas, o Professor Yeoward foi fazendo descobertas e acabou localizando a região de onde se originavam: um lugar inexplorado que nem nome tem, pois os índios se recusam a dar, considerando-o um lugar ruim.

Os calafrios haviam diminuído e a febre baixara. O Dr. Goodbody passou então a falar calmamente, de forma ordenada e racional. Deu uma risada e continuou:

— Não sei por que, mas sempre que tenho febre lembro-me daqueles homens sem ossos como se estivesse vivendo um pesadelo que volta sempre para encher-me de horror...

"Bem, fomos procurar o lugar onde os deuses haviam descido numa chama em plena noite. Os pequenos índios tatuados levaram-nos até a fronteira do território Ahu, puseram então os fardos no chão e pediram seu pagamento. Não houve argumento que os convencesse a continuar a viagem. Disseram que estávamos indo para um lugar muito ruim. O chefe, que em sua juventude fora um grande homem, disse-nos que já estivera lá e desenhou no chão, com um pequeno galho, um corpo oval com quatro pernas, no qual cuspiu antes de apagá-lo com o pé. Aranhas? perguntamos. Caranguejos? O que, então?

"Fomos forçados a deixar com o chefe o que não podíamos carregar, para apanharmos na volta, e prosseguimos sozinhos, Yeoward e eu, atravessando cinqüenta quilômetros da selva mais insalubre do mundo. Andávamos menos de um quilômetro por dia... é um lugar realmente pestilento. Quando este sopro fétido vem da selva, sinto o cheiro da morte e do pânico...

"Mas finalmente conseguimos chegar a uma colina e escalamo-la lentamente. Lá no alto vimos uma coisa maravilhosa. Devia ter sido uma máquina gigantesca. Originalmente devia ter o formato de uma pêra, tendo pelo menos trezentos metros de comprimento.

Na parte mais larga, o diâmetro devia ser de duzentos metros. Não sei de que metal fora feita, porque restavam apenas o arcabouço da fuselagem coberto de terra e os destroços de alguns mecanismos incrivelmente complicados a demonstrar a sua existência real. Não podíamos imaginar de onde viera, mas o impacto de sua aterrissagem abrira um grande vale no meio do platô.

"Era a descoberta do século, pensamos na ocasião. Era a prova irrefutável de que há muito tempo o nosso planeta fora visitado por gente vinda das estrelas. Num excitamento febril, Yeoward e eu fomos examinar aquela fabulosa ruína. Mas tudo o que tocávamos se desfazia, como se fosse apenas pó.

"Finalmente, no terceiro dia, Yeoward encontrou uma placa semicircular de um metal extraordinariamente duro, coberta com diagramas que nos eram familiares. Limpamo-la e durante vinte e quatro horas, quase sem parar para comer e beber, Yeoward estudou-a. E então, na madrugada do quinto dia, ele acordou-me com um grito e disse que aquela placa era um mapa do céu, indicando a rota de Marte à Terra.

"Mostrou-me como aqueles antigos exploradores do espaço haviam vindo de Marte à Terra, com escala na Lua... E terminaram arrebentando-se neste platô inóspito, no meio da selva, comentei. *Mas será que naquela ocasião isso aqui era mesmo uma selva?* disse Yeoward. *Isso pode ter acontecido há cinco milhões de anos!*

"Então observei que, para enterrar Roma, foram necessárias apenas algumas centenas de anos. Como esta máquina tinha conseguido ficar exposta à superfície por cinco mil anos ou cinco milhões, conforme ele estava dizendo? Yeoward disse-me que provavelmente não foi assim que aconteceu, explicando que a terra engole as coisas e depois as vomita. Um pequeno terremoto pode engolir uma cidade e uma simples peristalse nas entranhas do planeta pode fazer com que as suas ruínas aflorem novamente à superfície um milhão de anos depois. Isso é que deve ter acontecido com esta máquina de Marte...

"Falei que estava pensando em quem ia lá dentro. Yeoward disse que provavelmente eram criaturas alienígenas que não podiam suportar a vida na Terra e haviam morrido, se é que haviam conseguido escapar ao impacto. Nenhum esqueleto poderia sobreviver por tanto tempo.

"Acendemos uma fogueira e Yeoward foi dormir. Como eu acabara de acordar, fiquei de vigia. Mas para vigiar o quê? Eu não fazia a menor idéia. Jaguares? Javalis? Cobras? Nenhum desses

animais subia ao platô, porque nada havia ali para eles. Mesmo assim, inexplicavelmente, eu estava com medo.

"Aquele lugar possuía o peso dos tempos. Respeitem o que é velho, costumam dizer à gente... Quanto maior a idade, maior é o respeito, você poderia dizer. Mas acho que não se trata de respeito, pelo contrário: é o receio, o medo do tempo e da morte.. . Devo ter cochilado, pois o fogo estava quase acabando, eu tomara todo cuidado para mantê-lo vivo e brilhante, quando vi pela primeira vez os homens sem ossos.

"Observei, na margem do platô, um par de olhos que brilhava com o reflexo da fogueira quase extinta. É um jaguar, pensei, pegando o rifle. Mas não podia ser um jaguar, porque, ao olhar para a esquerda e para a direita, vi que todo o platô estava cercado por pares de olhos brilhantes, como se fosse um colar de opalas. E veio-me então ao nariz um cheiro de não sei o quê.

"O medo também cheira, como qualquer treinador de animais lhe poderá dizer. A doença também cheira... pergunte a qualquer enfermeira. Esses cheiros levam os animais saudáveis a lutarem ou a fugirem. O que eu sentia era uma combinação dos dois, somada ao fedor de vegetação apodrecida. Disparei contra o primeiro par de olhos que vira. Todos os outros olhos desapareceram então e da selva veio o ruído intenso de macacos e pássaros assustados, como se fosse o eco do meu tiro.

"Foi nesse momento que, graças a Deus, a madrugada começou a surgir. Não gostaria de ver à noite a coisa que eu alvejara entre os olhos. Era cinzenta, flexível e gelatinosa. Contudo, externamente, não se diferenciava muito de um ser humano. Tinha olhos e possuía vestígios, ou rudimentos, de cabeça, pescoço e algo parecido com pernas.

"Yeoward disse-me que eu devia controlar-me e superar minha *reação infantil* examinando a besta. Mas devo dizer que ele ficou longe quando finalmente comecei a examina-la. Como zoólogo da expedição, este era o meu trabalho e tinha que fazê-lo. Perderamos o microscópio e outros instrumentos delicados com as canoas, por isso trabalhei com uma faca e uma pinça. O que encontrei? Praticamente nada: uma espécie de sistema digestivo envolvido por um tecido gelatinoso, um sistema nervoso rudimentar e um cérebro do tamanho de uma noz. A envergadura daquele ser era de apenas um metro.

"Se estivesse num laboratório, com um assistente ou dois fazendo-me companhia, poderia ter descoberto mais coisas... Mas

do jeito que foi, com uma faca de caça e apenas uma pinça, sem os equipamentos necessários, nem ao menos um microscópio, procurando dominar a minha repugnância, fiz o máximo que podia, memorizando o que encontrava. Mas, quando o sol esquentou, a coisa se liqüefez, derreteu-se, até que, por volta de nove horas, só restava uma poça gelatinosa, com dois olhos verdes boiando nela... E esses olhos, posso vê-los agora, explodiram então, com um som seco, fazendo ondular aquela massa putrefata...

"Afastei-me dali, por bastante tempo. Quando voltei, o sol já queimara quase tudo, restando apenas aquela substância viscosa que a gente vê quando uma água-viva morta se evapora numa praia quente. Yeoward estava pálido quando me perguntou o que era aquilo. Disse-lhe que não sabia, que era algo inteiramente novo em minha experiência de vida até aquele momento. Declarei também que, apesar de ser um cientista, com uma mente analítica e obrigatoriamente indiferente, nada no mundo poderia fazer com que eu tocasse novamente numa coisa daquelas.

"Yeoward disse-me: *Você está ficando histérico, Goodbody. Assuma a atitude correta. Sabe muito bem que não estamos aqui numa viagem de recreio. A ciência, meu caro, a ciência! Não se passa um dia em que um médico não ponha os dedos em coisas mais asquerosas do que essa.* Eu disse: Não pense que é assim tão fácil, Professor Yeoward. Já peguei e dissequei animais bem estranhos, mas o que encontramos aqui é por demais repugnante. Devo admitir que estou bastante nervoso. Talvez devêssemos ter trazido um psiquiatra... Por falar nisso, notei que o senhor se mostra muito preocupado em ficar longe de mim depois que toquei nessa estranha criatura. Atirarei em outra com todo prazer, mas se quiser saber mais alguma coisa, vá examiná-la pessoalmente e compreenderá então o que estou sentindo.

"Yeoward disse que não poderia fazê-lo porque estava muito ocupado com a placa de metal. Não havia a menor dúvida, disse-me ele, de que a máquina que encontráramos viera realmente de Marte. Mas era evidente que ele preferia manter a fogueira entre nós, com medo de contaminar-se, depois que eu tocara naquela repugnante massa gelatinosa.

"Yeoward ficou cada vez mais ensimesmado, investigando as ruínas. Fui tratar da minha parte, que era investigar as diversas formas de vida animal que por ali existiam. Não sei o que poderia ter encontrado, se tivesse... não falo em coragem, pois era coisa que não me faltava... se tivesse, repito, alguém para fazer-me com-

panhia. Sozinho, meus nervos não agüentavam.

"Aconteceu de manhã. Eu entrara na selva que nos cercava, procurando dominar o medo que sentia e afastar a sensação de repugnância que me dava vontade de fugir correndo dali e ao mesmo tempo me fazia recear virar as costas. Talvez você não saiba, mas de todos os animais da selva o mais difícil de se vencer é a preguiça. Ela encontra uma árvore, sobe nela e fica pendurada num galho ao qual se agarra firmemente com as suas doze garras fortíssimas. Ela come folhas e é tão resistente que, mesmo à morte, atingida com um tiro no coração, continua pendurada no seu galho. Sua pele é imensamente dura, coberta por cabelos grossos e emaranhados, formando uma crosta impenetrável. Uma pantera ou um jaguar nada conseguem diante da resistência passiva deste animal. Quando encontra uma árvore, só a deixa depois de comerlhe todas as folhas, procurando sempre para dormir um galho mais forte, que possa suportar o seu peso.

"Naquela selva que eu detestava, durante uma das minhas curtas expedições (eram curtas porque eu ia sozinho e sentia medo) parei para observar uma gigantesca preguiça pendurada no galho mais grosso de uma árvore, já quase sem folhas. Ela estava dormindo, tranqüilamente, indiferente a tudo. E então surgiu uma horda daquelas criaturas gelatinosas. Elas subiram na árvore e foram até o galho onde estava a preguiça.

"Mesmo a preguiça, que geralmente não se assusta diante de nada, ficou apavorada. Tentou fugir, indo para a parte mais fina do galho, que terminou quebrando. Ela caiu no chão e foi imediatamente coberta por uma massa de criaturas gelatinosas, todas tremendo. Os homens sem ossos, como sei agora que são, não mordem, eles sugam. E, ao fazê-lo, mudam de cor, passando do cinza para o rosa e depois para o marrom.

"Mas eles têm medo de nós. Deve ser algum problema de memória racial. Sentimos aversão por eles e eles por nós. Quando notaram a minha presença trataram de se afastar, dissolvendo-se nas sombras da densa floresta. Fui dominado pelo horror e voltei correndo para o acampamento, com o rosto sangrando por ter esbarrado em espinhos e extremamente cansado.

"Yeoward estava lancetando o tornozelo. Embaixo do joelho, amarrara um torniquete. Ali perto, havia uma cobra morta. Ele a matara com a placa de metal, mas só depois que fora mordido. Ele me disse: *Que espécie de cobra é esta? Receio que seja venenosa. Estou sentindo uma dormência no rosto e em torno do coração e não*

consigo mais sentir as mãos. Informei-o então de que acabara de ser mordido por uma jararaca.

"E o pior é que perdemos todos os suprimentos médicos, comentou ele pesaroso. E ainda há tanto trabalho por fazer... Olhe, meu caro colega, o que quer que me aconteça, peço-lhe encarecidamente que pegue esta placa e volte imediatamente.

"Entregou-me a placa semicircular, feita de um metal desconhecido, como se fosse um legado sagrado. Morreu duas horas depois. Naquela noite o cerco de olhos luminosos apertou-se. Esvaziei meu rifle várias vezes. De madrugada, os homens sem ossos desapareceram.

"Cobri o corpo de Yeoward com pedras, para que os homens sem ossos não pudessem pegá-lo. Depois, sentindo-me terrivelmente sozinho e assustado, empacotei minhas coisas, peguei o rifle e tentei seguir a mesma trilha pela qual viéramos. Mas acabei perdendo-me.

"Uma a uma as latas de comida foram acabando e o fardo que eu levava foi ficando mais leve. Depois larguei o rifle e a munição. Larguei até meu facão de mato. Muito tempo depois até a placa semicircular ficou muito pesada para mim. Amarrei-a com cipó numa árvore e continuei em frente.

"Finalmente alcancei o território Ahu, onde os nativos tatuados me abrigaram e me trataram muito bem. As mulheres chegavam a mastigar a comida para mim, antes de alimentar-me, até que recuperei as forças. Dos fardos que deixáramos ali, tirei apenas aquilo de que precisava, deixando o resto como pagamento pelos guias e pelos homens que iam levar a canoa rio abaixo. E foi assim que saí da selva...

"Por favor, dê-me mais um pouco de rum.

Sua mão agora estava firme e ele bebeu de um trago, os olhos com uma expressão mais tranqüila. Eu então lhe disse:

— Aceitando a sua história como verdadeira, devo presumir que aqueles homens sem ossos eram, na verdade, marcianos? No entanto, não acha um pouco improvável? Será que os invertebrados podem fundir metais duros e...

— Mas quem falou que eles eram marcianos? — gritou o Dr. Goodbody. — Não é nada disso! Os marcianos chegaram aqui e logo se adaptaram às novas condições de vida. Mas é evidente que mudaram e chegaram a um ponto bem baixo, passando então por todo um processo novo, um lento e difícil processo de evolução. O que estou tentando dizer-lhe, seu tolo, é que Yeoward e eu não

descobrimos marcianos. Será que não entende, seu idiota? Aquelas criaturas sem ossos eram homens. Nós é que somos os marcianos!

A BATALHA DAS RUAS

Fritz Leiber

Baseado em dados extraídos do Capítulo 7 — "Primeiros Choques entre a Seita dos Motorizados e a dos Pedestres" — Volume 3, da monumental História do Trânsito, de Burger, publicada pela Fundação para o Estudo do Século XXII.

A velhinha andrajosa estava bem no meio da rua, carregando a sacola grande de compras, quando percebeu que o carro preto e imenso arremetia contra ela.

Por trás do vidro grosso, à prova de balas, seus sete ocupantes tinham feições indistintas, com capacete de mergulhador.

Ela viu que não teria tempo de alcançar o meio-fio. Se o tentasse, o carro mudaria de direção e a apanharia, inexoravelmente, junto à sarjeta.

Era inútil tentar uma finta para livrar-se do carro no último instante, como as crianças corajosas faziam pelo menos dez vezes por dia. Seus reflexos eram muito lentos.

Pelo alto-falante do carro, acima do barulho do motor, pôde ouvir as risadas debochadas dos que estavam lá dentro.

A velhinha meteu a mão na sacola de compras e sacou uma automática grande e preta. Segurou-a com as duas mãos, procurando diminuir o impacto dos coices, como um cowboy de rodeio de

segura num cavalo xucro.

Mirando na base do pára-brisa, como um caçador que procura acertar o espinhaço vulnerável de um búfalo selvagem que ataca de cabeça baixa, com os chifres protegendo-o, a velhinha disparou três tiros, antes que o carro a atingisse.

Da calçada à direita, uma jovem numa cadeira de rodas gritou um palavrão para os ocupantes do carro.

Smythe-de Winter, o motorista do carro, não estava satisfeito. O último tiro da velhinha acertara dois homens que estavam lá dentro. Atravessando o vidro laminado, a bala com capa de aço perfurara o pescoço de Phipps-McHeath e fora enterrar-se no crânio de Horvendile-Harker.

Com uma freada brusca e perversa, Smythe-de Winter subiu na calçada da direita. Os pedestres se embrenharam pelas portas e arcadas estreitas, entre eles um rapaz de muletas.

Mas Smythe-de Winter conseguiu pegar a jovem na cadeira de rodas.

Saiu então rapidamente da Favela de Cimento Armado e voltou para Subúrbia, com um pedaço de pano pendurado na ponta do pára-lama dianteiro da direita como se fosse üm troféu. Apesar da igualdade na lista de baixas, dois de cada lado, ele sentia-se irritado e deprimido. O mundo seguro e previsível que conhecia parecia estar ruindo.

Enquanto seus companheiros entoavam suavemente um canto fúnebre para Horvy e Phipps e calmamente limpavam o sangue que respingara neles, ele franziu o cenho e sacudiu a cabeça, murmurando:

— Não deviam deixar velhinhas como aquela carregarem uma pistola.

Witherspoon-Hobbs sacudiu a cabeça em concordância e, olhando para as suas pernas magras e quase atrofiadas, declarou:

— Não deviam deixar que carregassem arma nenhuma. Meu Deus, como odeio os que andam a pé! Viva os motorizados!

O incidente teve repercussões imediatas em toda a cidade. No velório conjunto da velhinha e da jovem da cadeira de rodas um orador inflamado investiu contra os “fascistas” da Subúrbia, falando aos seus ouvintes sobre as lendárias maravilhas da velha Los Angeles, onde os pedestres eram sagrados, mesmo fora das calçadas. Conclamou todos a uma passeata de protesto pelas pistas gramadas de boliche e campos de golfe dos motoristas.

No Crematório de Sunnyside, para onde haviam sido levados os corpos de Horvy e Phipps, um orador igualmente apaixonado e cometendo menos erros gramaticais lembrou aos seus ouvintes a legendaria justiça da velha Chicago, onde os pedestres eram proibidos de carregarem armas e onde todas as pessoas com um pé fora da calçada eram consideradas presas legítimas. Deu a entender que a única solução para a Favela era o holocausto, provocado, se necessário, com alguns tanques de gasolina.

Ao anoitecer, bandos de jovens esqueléticos saíram da Favela e se aventuraram em Subúrbia, cortando indefesos pneus, matando caríssimos cães de guarda e escrevendo palavrões nas portas dos carros individuais das matronas que nunca se distanciavam mais de seis quarteirões de suas casas.

Enquanto isso acontecia, esquadrões de jovens motociclistas e lambretistas suburbanos penetravam na Favela de Cimento Armado, perseguindo as crianças nas calçadas, jogando bombas de mau cheiro nas janelas do segundo andar de cada edifício e sujando de tinta todas as portas.

Informou-se a ocorrência de um incidente até mesmo no portão do Automóvel Clube, no centro da cidade, território tradicionalmente neutro.

O Governo tomou medidas imediatas, suspendendo todo o tráfego entre o Centro e Subúrbia e estabelecendo um toque de recolher de vinte e quatro horas na Favela. Os agentes do Governo andavam apenas em carros de tração com os pés ou em pula-pulas, para ressaltar o fato de que não favoreciam nenhum dos lados em disputa.

O dia obrigatório de inação foi gasto pelos dois lados em preparativos secretos de vingança. Por trás das portas trancadas das garagens, metralhadoras que disparavam através dos ornamentos colocados na frente dos carros foram instaladas embaixo dos capôs, lâminas de foices foram ilegalmente soldadas nas calotas e as extremidades dos pára-lamas foram afiadas para ficarem aguçadas como navalha.

Enquanto os nervosos soldados da Guarda Nacional percorriam as calçadas desertas, homens e mulheres de expressões sombrias, com faixas pretas nos braços, deslocavam-se pela rede de túneis secretos e portas ocultas, distribuindo pequenas armas de grande calibre e blocos de concreto com espigões de ferro, empilhando paralelepípedos em telhados estratégicos e solapando, através dos túneis, a parte central das pistas de rolamento, preparando

armadilhas para os carros. As crianças preparavam-se para passar sebo nas ruas assim que a noite caísse. Os membros do Comitê para Segurança dos Pedestres, também conhecidos como os Ratos de Robespierre, dispunham-se a pôr em ação as duas armas antitanques que guardavam com um zelo especial.

Ao cair da noite, por insistência do Governo, representantes dos Pedestres e dos Motoristas encontraram-se em local seguro, fortemente protegido, na fronteira entre a Favela e Subúrbia.

Travou se imediatamente uma discussão violenta, para determinar se Smythe-de Winter dera ou não a buzinada obrigatória de advertencia antes de atacar, se a velhinha abrira fogo antes de o carro chegar à distancia regulamentar para buzinar, com quantas rodas o carro de Smythe estava em cima da calçada ao atingir a jovem da cadeira de rodas e assim por diante. Depois de algum tempo, o Alto Representante dos Pedestres e o Chefe dos Motoristas piscaram-se os olhos, cautelosamente e se retiraram sozinhos para um canto, enquanto seus assessores continuavam nas intermináveis discussões.

A luz vermelha de cem lampiões de querosene e o pulsar amarelo de mil lâmpadas de vagalumes, instalados em cavaletes de madeira ao redor da ilha de segurança preparada para o encontro, iluminaram dois rostos trágicos e tensos.

Queria fazer-lhe uma pergunta antes de entrarmos no assunto — disse o Chefe dos Motoristas. — Qual é o atual Q.S. dos seus adultos?

— É de quarenta e um e está caindo cada vez mais — disse baixinho o Alto Representante dos Pedestres, olhando para todos os lados a ver se alguém podia ouvi-los. — Mal consigo encontrar assessores que sejam *compos mentis* pela metade.

— Nosso Quociente de Sanidade é de trinta e sete — revelou o Chefe dos Motoristas, desanimado. — As engrenagens na cabeça da minha gente estão cada vez mais lentas. E acho que não verei a inversão do processo até o dia da minha morte.

— Dizem que o do Governo é de apenas cinqüenta e dois — disse o outro, sacudindo os ombros, também com uma expressão de desânimo.

— Bem, acho que devemos tentar formular mais um acordo, embora deva confessar que de vez em quando tenho a impressão de que não passamos de uma invenção do sonho de um paranóico.

Duas horas de intensas deliberações produziram um novo Acordo de Motoristas e Pedestres. Entre outras coisas, ficou acer-

tado que as armas dos pedestres não poderiam ser de calibre superior a 38, enquanto os motoristas deveriam dar três buzinadas a um quarteirão de distância, antes de atacarem um pedestre atravessando a rua. Mais de duas rodas em cima da calçada faziam com que um atropelamento fatal se transformasse em homicídio de primeiro grau. Era permitido aos pedestres cegos levarem granadas de mão.

O Governo imediatamente entrou em ação. Os termos do novo Acordo foram divulgados por alto-falantes e colados em toda parte. Destacamentos de policiais e psiquiatras percorreram a Favela, apreendendo as armas de calibre ilegal e dando injeções tranqüilizantes nos rebeldes. Equipes de hipnoterapistas correram Subúrbia, de casa em casa, de garagem em garagem, providenciando uma serenidade conformada para todos e arrancando os armamentos ilegais dos carros. Seguindo o conselho de um psiquiatra charlatão que afirmou que isso serviria para dar vazão à agressividade, foi anunciada uma tourada, mas teve que ser cancelada pelo protesto firme da Liga da Decência, que tinha representantes das duas facções.

Ao amanhecer, foi suspenso o toque de recolher na Favela, reabrindo-se também o tráfego entre Subúrbia e o Centro.

Após alguns momentos de inquietação, logo ficou evidente que o status quo fora restaurado.

Smythe-de Winter entrou com o seu reluzente carro preto na Favela. Um grosso parafuso de aço, com arruelas de aço nas duas extremidades, tapava o buraco que a bala da velhinha abrira no pára-brisa.

Um tijolo caiu do telhado e balas ricochetearam nas janelas laterais.

Smythe-de Winter passou um lenço no pescoço, por dentro do colarinho, e sorriu.

A um quarteirão dali uma porção de crianças corria pela rua, vaiando o carro e fazendo sinal com os polegares para baixo para os ocupantes do carro. Atrás de uma criança seguia mancando um cachorro gordo, com uma coleira cheia de pontas aguçadas.

Smythe acelerou o carro. Não conseguiu pegar nenhuma das crianças, mas liquidou com o cachorro.

Uma luz que se acendeu no painel indicou que o pneu dianteiro da direita estava perdendo pressão. Fora provavelmente furado pelas pontas da coleira. Apertou o botão correspondente para o ar de emergência e a luz se apagou.

Virou-se para Witherspoon-Hobbs e comentou com uma expressão pensativa e feliz:

— Gosto de um mundo normal e ajustado, onde a gente sempre alcança um pouco de sucesso, mas nunca em excesso que dê para subir à cabeça. Um mundo onde de vez em quando tenhamos também pequenos fracassos, para que possamos permanecer humildes.

Witherspoon-Hobbs estava olhando para a rua seguinte. No meio da pista havia um trecho onde se podia ver nitidamente marcas de pneus.

— Foi aqui que você acertou aquela velhinha. Uma coisa devo admitir a respeito dela: tinha sangue-frio.

— É sim, foi aqui mesmo que a peguei.

Lembrou-se, saudoso, do rosto de feiticeira ficando cada vez maior, os ombros cobertos pela bombazina preta sacudindo-se, os olhos furiosos com o branco ao redor das pupilas. E de repente começou a achar que aquele novo dia estava sendo bastante insípido.

AS DUAS SOLTEIRONAS

E. Phillips Oppenheim

Erneston Grant era sem dúvida um detetive de primeira classe, mas como viajante nas estradas secundárias de Devonshire com apenas um mapa e uma bússola para orientar-se era, de fato, um completo fracasso. Até mesmo seu cachorrinho gordo e branco, Flip, abrigado embaixo de duas mantas, depois de duas horas de jornada a esmo, em meio ao frio e à umidade, olhava-o com uma expressão de censura. Com uma exclamação que demonstrava o desespero que o dominava, Grant levou seu carro rateando ao topo de uma das colinas mais íngremes que um Ford já escalara em primeira, parando então para olhar a região ao redor.

Em todas as direções, a paisagem era a mesma. Por toda parte se viam colinas divididas por vales cobertos de vegetação, de uma profundidade incrível. Não havia o menor sinal de terra cultivada nem da presença de qualquer ser humano em muitos quilômetros ao redor. No caminho, nenhum carro passara por Grant. Não havia placas, não havia aldeias, não havia abrigos de qualquer espécie. A única coisa que abundava por ali era chuva — chuva e nevoeiro. As montanhas eram encimadas por grandes coroas de nuvens, fazendo-as parecer como meros fragmentos das próprias nuvens que haviam descido até encostar na terra. E o nevoeiro escondia o horizonte, impedia que se enxergasse qualquer esperança de sair dali à distância, formando um círculo envolvente e opres-

sivo de semi-escuridão. E então, competindo em umidade com o nevoeiro, começou a chover — no início da tarde a chuva até parecera bonita, derramando-se pelas encostas das montanhas, mas agora perdera toda e qualquer pretensão de ser outra coisa além de terrivelmente desagradável e enregelante, miseravelmente úmida. Flip, que estava agora apenas com o nariz descoberto, fungou de insatisfação. Grant acendeu o cachimbo e disse um palavrão sonoro. Mas que país! Milhares de quilômetros de estradas secundárias sem uma única placa de orientação, grandes extensões de terra sem uma única aldeia ou casa. E o mapa? Grant amaldiçoou solenemente o homem que o fizera, o gráfico que o imprimira, a loja onde o comprara. Quando acabou, Flip arriscou um latido suave de aprovação.

— Em algum lugar por aí — murmurou Grant para si mesmo — deve estar a aldeia de Nidd. A última placa que vi nesta maldita região indicava que faltavam dez quilômetros para Nidd. Depois de encontrá-la, viajei mais de vinte quilômetros sem ver nenhum desvio à esquerda ou à direita, e Nidd simplesmente não apareceu.

Seus olhos tentaram penetrar na escuridão à sua frente. Quando as nuvens se ergueram um pouco, pareceu-lhe que seu campo de visão se estendia a muitos quilômetros de distância, mas em nenhuma parte havia sinal de aldeia ou habitação humana. Pensou na estrada pela qual viera e a idéia de percorrê-la outra vez fê-lo estremecer. Foi nesse momento, quando se inclinava para observar o vapor que saía do radiador fervendo, que viu uma luz fraca tremeluzindo à sua esquerda. Imediatamente saiu do carro e subiu no paredão de pedras que havia ao lado da estrada, olhando ansioso para a direção na qual vira a luz. Não havia a menor dúvida de que havia uma luz — e, se luz havia, uma casa também deveria haver. Seus olhos podiam até acompanhar o caminho áspero e irregular que levava até lá. Voltou ao carro e arrancou, andando uns cinqüenta metros até chegar a um portão. O caminho que havia do outro lado era péssimo, mas a estrada não era muito diferente. Abriu o portão e avançou, concentrando-se inteiramente em sua tarefa, com todos os seus sentidos em alerta.

Aparentemente o tráfego ali, se é que existia, consistia apenas na passagem ocasional de um pequeno caminhão da espécie que ele estava começando a conhecer no campo — sem molas, cheio de buracos na carroceria, conseguindo fazer as curvas só com a maior dificuldade. Mesmo assim foi em frente, margeando um vale profundo, passando, na maior alegria, por um campo semicultivado e

chegando a outro portão de onde partia uma estradinha serpeante em direção ao alto, até às nuvens. Mas, no final, descobriu a luz brilhando bem à sua frente. Atravessou um jardim abandonado e parou diante de um terceiro portão, de ferro, meio quebrado. Teve de sair do carro para abri-lo. Escrupulosamente fechou o portão depois que passou, percorreu alguns metros de um gramado ensopado e então alcançou a casa. Outrora deveria ter sido uma sede aceitável para uma fazenda, mas agora, apesar da luz que tremeluzia lá em cima, era uma das construções mais melancólicas que a mente humana podia conceber.

Sem ter a mínima idéia de como seria recebido, mas imensamente aliviado ao pensar no teto que encontrara, Grant desceu do carro e bateu na porta de carvalho. Ouviu quase que imediatamente o barulho de um fósforo sendo aceso lá dentro e a luz de uma vela mostrou seu brilho por entre as frestas de uma janela à sua esquerda. Ouviu passos no hall e a porta foi aberta. Grant viu-se então à frente de uma mulher que segurava a vela tão alto que suas feições estavam imersas nas sombras. Havia, porém, em sua atitude uma certa imponência que ele pôde sentir mesmo naqueles breves segundos que decorreram antes que ela perguntasse:

— O que deseja?

Tirando o chapéu, Grant imaginou que a resposta devia ser óbvia. A água escorria de todos os lugares do seu corpo envolto pela capa; o rosto estava enrugado de tanto frio.

— Sou um viajante que se perdeu. Há muitas horas que estou procurando uma aldeia, uma hospedaria onde possa ficar. Esta é a primeira casa que vejo em todo esse tempo. Pode dar-me abrigo por esta noite?

— Há mais alguém com você?

— Estou sozinho. E trago meu cachorrinho — acrescentou rapidamente, ao ouvir o latido esperançoso de Flip.

A mulher pensou por um momento e depois disse:

— Acho melhor deixar seu carro sob o telheiro que fica à esquerda. Depois, venha para dentro. Faremos o que for possível, embora não seja muito.

— Fico profundamente grato, minha senhora — declarou Grant com toda sinceridade.

Encontrou o telheiro, sob o qual havia duas velhas carroças de fazenda, inteiramente arruinadas. Depois soltou Flip e voltou para a porta da frente, que permanecera aberta. Orientado pelo som de achas estalando, seguiu até uma imensa cozinha de pe-

dra. Numa cadeira de encosto alto em frente ao fogo, sentada com as mãos no joelho, estava outra mulher. Ela olhava ansiosa para a porta como se aguardasse avidamente a sua chegada. Era alta também, aproximando-se da meia-idade, mas com um porte ainda impressionante e feições bastante delicadas. A mulher que fora recebê-lo estava inclinada sobre o fogo. Olhou para as duas, surpreso, pois eram exatamente iguais.

— É muita bondade das senhoras oferecer-nos abrigo...

De repente parou de falar, olhou para o, seu cachorro e gritou:

— Flip! Aqui, Flip! Comporte-se!

Um imenso pastor ocupava o espaço em frente ao fogo. Flip, sem hesitar, correra em sua direção, latindo ferozmente. O pastor, com uma expressão atônita, levantou-se e olhou para baixo, do que Flip se aproveitou para ocupar o lugar agora vago, estirando-se com um ar de satisfação e fechando os olhos.

— Devo pedir desculpas pelo meu cachorrinho — disse Grant. — Mas é que ele está com muito frio.

O pastor recuou alguns metros e sentou-se, parecendo meditar sobre o que acontecera. Enquanto isso, a mulher que abrira a porta tirou uma xícara e um prato de um armário, juntamente com um pedaço de pão e um naco de bacon do qual cortou algumas fatias.

— Puxe uma cadeira para junto do fogo — convidou ela. — Temos muito pouco para oferecer-lhe, mas mesmo assim vou preparar alguma coisa para comer.

— São realmente boas samaritanas — declarou Grant fervorosamente.

Sentou-se em frente à mulher na outra cadeira, que ainda não falara nem despregara os olhos dele. A semelhança entre as duas era notável, bem como o silêncio delas. Usavam roupas iguais — pareceram-lhe pesadas e volumosas — e os cabelos, castanhos e com algumas mechas grisalhas, estavam penteados do mesmo jeito. As roupas pertenciam a outra época, assim como a maneira de falar e as atitudes. Apesar disso, havia em ambas uma distinção de comportamento, curiosa mas inegável.

— Apenas por curiosidade — falou Grant — gostaria de saber se estou muito longe de Nidd.

— Não muito — respondeu a mulher que estava sentada imóvel à sua frente. — Para quem conhece o caminho, é até bastante perto. Mas, para os estranhos, é uma tolice aventurar-se por essas

estradas. Muitos já se perderam ao fazê-lo.

— Esta casa é bastante isolada — comentou ele.

— Nascemos aqui — explicou a mulher. — E eu e minha irmã não sentimos a menor vontade de viajar.

O bacon começou a chiar no fogo. Flip abriu um olho, lambeu a boca e sentou-se. Poucos minutos depois a refeição estava pronta. Na ponta de uma mesa havia uma cadeira de carvalho, de espaldar reto. E fôi lá que a mulher colocou uma xícara de chá, um prato de ovos com bacon, uma fatia grande de pão e um pouco de manteiga. Grant ocupou seu lugar.

— As senhoras já jantaram?

— Há muito tempo — respondeu a mulher que o servira. — Por gentileza, sirva-se.

Ela foi sentar-se numa cadeira ao lado da irmã. Com Flip ao seu lado, Grant começou a comer. Nenhum dos dois pusera qualquer alimento na boca há muitas horas e durante vários minutos concentraram-se na refeição, inteiramente alheios ao que os cercava. Mas, depois de algum tempo, ao servir-se de uma segunda xícara de chá, Grant olhou para as suas anfritriãs. Elas haviam afastado um pouco as cadeiras do fogo e contemplavam-no — sem curiosidade, mas com uma atenção enigmática. Ocorreu-lhe então, pela primeira vez, que as duas haviam conversado com ele, mas nenhuma dirigira a palavra à outra.

— Acho que não poderia expressar-lhes quão delicioso estava — disse Grant. — E peço desculpas se pareci muito faminto.

— É que deve estar há algum tempo sem comer — disse uma delas.

— Há mais de doze horas que não como nada.

— Sua viagem é de recreio?

— Era o que eu pensava até hoje — disse ele com um sorriso malicioso, para o qual não houve a menor reação.

A mulher que o recebera à porta aproximou a cadeira mais alguns centímetros da mesa onde ele estava. Grant notou que sua irmã tratou imediatamente de fazer o mesmo.

— Como se chama?

— Erneston Grant. Posso saber a quem devo agradecer por tanta hospitalidade?

— Meu nome é Mathilda Craske — anunciou a primeira.

— E o meu é Annabelle Craske — ecoou a outra.

— Vivem sozinhas aqui?

— Vivemos inteiramente sós — admitiu Mathilda. — É assim

que preferimos.

Grant estava mais do que intrigado. Elas falavam com o sotaque típico de Devonshire, de vez em quando engolindo as vogais, mas suas frases, a não ser por isso, eram surpreendentemente corretas para um interior perdido como aquele. E a idéia de que viviam sozinhas numa região desolada como aquela era realmente incrível.

— Provavelmente cultivam aqui alguma coisa — insistiu ele. — Deve haver casas para os lavradores por perto, não é?

Mathilda sacudiu a cabeça, negativamente.

— A casa mais próxima fica a uns cinco quilômetros de distância. E há muito tempo que deixamos de nos ocupar com a terra. Temos cinco vacas que não nos dão o menor trabalho e algumas galinhas.

— É uma vida solitária — murmurou ele.

— Não pensamos assim — declarou Annabelle com firmeza.

Grant virou a cadeira para ficar de frente para as duas. Flip, com um grunhido de satisfação, enroscou-se em seu colo.

— E como fazem compras?

— Todas as semanas vem um carro de Exford — informou Mathilda. — Ele chega aos sábados. Não precisamos de muitas coisas aqui.

O imenso cômodo, quase sem mobília, estava cheio de recantos escuros, não iluminados pelo único lampião de querosene que estava aceso. Mesmo as duas mulheres ele não conseguia discernir muito bem. Mas de vez em quando, ao aumentar a intensidade da chama, tinha uma visão mais nítida, surpreendendo-se com a semelhança entre elas. Eram tão parecidas que poderiam passar por gêmeas. Ele ficou imaginando qual seria a história de suas vidas, pois deviam ter sido outrora muito bonitas. Depois de uma pausa prolongada, Grant perguntou:

— Gostaria de saber se seria possível abusar mais ainda dessa maravilhosa hospitalidade, pedindo um sofá ou uma cama onde pudesse passar a noite. Qualquer lugar serve.

Mathilda levantou-se imediatamente. Pegou um lampião que estava na cornija da lareira e acendeu-o.

— Vou mostrar-lhe onde poderá dormir.

Por um instante Grant ficou aturdido. Olhara casualmente para Annabelle e descobrira em seu rosto uma expressão súbita e curiosa — uma expressão quase de malícia. Inclinou-se para observá-la melhor, incrédulo. Mas a expressão maliciosa, se é que a tivera, desaparecera por completo. Ela simplesmente o encarava

pacientemente, com uma expressão no rosto que ele não conseguiu entender.

— Se quiser acompanhar-me... — convidou Mathilda. Grant levantou-se. Flip deu um último latido de desafio para o pastor, que aceitara passivamente acomodar-se numa posição distante do fogo, e, como não recebeu uma resposta satisfatória, saiu trotando de rabo empinado atrás do seu dono. Passaram para um hall imenso, mas praticamente vazio, e subiram uma escada de carvalho de degraus largos. Junto à porta do quarto no qual Grant vira uma vela acesa, Mathilda parou por um breve instante.

— Estão com outro hóspede aqui?

— Annabelle tem um hóspede. O senhor é hóspede meu. Agora, siga-me, por gentileza.

Ela levou-o a um quarto onde havia uma cama imensa, de colunas, e quase mais nenhum móvel. Ela pôs o lampião em cima de uma mesinha e levantou a colcha que estava sobre a cama. Passou a mão pelos lençóis e sacudiu a cabeça em sinal de aprovação. Inconscientemente, Grant fez a mesma coisa. Para a sua surpresa, descobriu que a cama estava quente. Ela apontou para um aquecedor de bronze que estava a um canto do quarto e do qual saía um pouco de fumaça.

— Estavam esperando alguém esta noite? — indagou ele, curioso.

— É que estamos sempre preparadas.

Ela saiu do quarto, aparentemente esquecendo de desejar-lhe boa noite. Grant ainda a chamou, delicadamente, mas não obteve resposta. Ouviu seus passos descendo a escada. E então o silêncio voltou a reinar, um silêncio profundo que dominava toda a parte da casa onde ele estava. Flip, que estava cheirando todos os cantos do quarto, mostrava às vezes sinais de excitamento, outras vezes rosnava. Abrindo a janela, Grant acendeu um cigarro.

— Não creio que possa censurá-lo, Flip — murmurou ele. — É realmente um lugar estranho.

Lá fora nada havia para se ver e pouco para se ouvir, à exceção do barulho de um riacho que passava por perto e do tamborilar da chuva. Ele de repente lembrou-se de sua mala e, deixando a porta do quarto aberta, desceu a escada para buscá-la. Na grande cozinha de pedra, as duas mulheres estavam sentadas na mesma posição de antes da sua chegada e na qual haviam permanecido enquanto comera. Olharam para ele, mas nada disseram.

— Se não se importam — explicou Grant — gostaria de ir

buscar minha mala no carro.

Mathilda, a mulher que o recebera, fez um gesto de assentimento. Ele saiu da casa, foi tropeçando até o telheiro e tirou a mala do carro. Antes de voltar, porém, abriu o porta-luvas e tirou uma lanterna pequena, que guardou no bolso. Ao entrar novamente na casa, descobriu que as duas mulheres continuavam sentadas na cozinha, na mesma posição e em silêncio.

— Está fazendo uma noite horrível — observou ele. — Não sei como agradecer-lhes por me oferecerem abrigo de forma tão hospitaleira .

As duas olharam-no, mas continuaram caladas. Ao voltar para o seu quarto, tratou de fechar a porta, verificando desapontado que a única maneira de segurá-la era com o trinco. Mas logo riu de si mesmo. Ele, o homem famoso que conseguira prender Ned Bullivant, o vencedor de uma série de refregas com homens desesperados, estava sentindo-se nervoso naquela solitária casa de fazenda, habitada por duas mulheres bastante estranhas.

— Acho que está na hora de tirar umas férias bem compridas — murmurou para si mesmo. — Não sabemos há muito tempo o que é ficarmos nervosos, não é mesmo, Flip?

Flip abriu um olho e rosnou. Grant ficou espantado.

— Há algo que ele não gosta por aqui. Quem estará no quarto onde há uma vela acesa?

Ele abriu novamente a porta do seu quarto, suavemente, e ficou escutando. O silêncio era quase total. Lá embaixo, na cozinha, podia ouvir o crepitar da lenha. E, por baixo da porta, era perfeitamente nítido o brilho da vela acesa dentro do outro quarto. Atravessou o corredor e pôs-se à escuta junto à porta. O silêncio continuava absoluto e total — não podia ouvir nem mesmo a respiração profunda de uma pessoa dormindo. Voltou para o seu quarto, fechou a porta e tratou de despir-se. No fundo da sua mala havia uma automática. Pegou-a e por um momento a ficou olhando pensativo. Depois a jogou novamente na mala. A lanterna, porém, ficou ao seu lado na cama. Antes de deitar-se, foi mais uma vez à janela. O ruído do riacho parecia mais insistente e forte do que antes. Afora isso, não havia mais som algum. A chuva cessara, mas o céu continuava escuro e sem estrelas. Sentindo um calafrio, ele virou-se e foi deitar.

Não tinha a menor idéia da hora, pois a escuridão lá fora continuava tão intensa como antes, quando foi acordado por um rosnado baixinho de Flip. O cachorrinho se libertara das cobertas ao

pé da cama e estava de pé, os olhos vivos brilhando na escuridão. Grant ficou imóvel, ouvindo. Sabia que havia alguém no quarto, seu instinto lhe revelara, embora não pudesse ouvir o menor ruído. Vagarosamente passou a mão pelo lado da cama. Pegou então a lanterna e acendeu-a. Com um grito involuntário, recuou assustado. A pouca distância da cama estava Mathilda, ainda vestida com as roupas que usava quando ele chegou, apontando-lhe uma faca de aspecto brutal como ele jamais vira. Ele saiu da cama e, honesta e confessadamente amedrontado, continuou a apontar a lanterna em sua direção.

— O que deseja? — indagou, surpreso com a falta de firmeza em sua voz. — O que está querendo fazer com essa faca?

— Quero você, William — respondeu ela, deixando transparecer o desapontamento que sentia. — Por que se mantém tão longe de mim?

Ele acendeu o lampião. O dedo que apertara o gatilho da automática e assim mantivera Ned Bullivant com os braços levantados estava agora tremendo. Mas, com o quarto iluminado, Grant sentiu-se um pouco mais confiante.

— Jogue esta faca em cima da cama e diga-me o que pretendia fazer com ela.

Ela obedeceu e inclinou-se em sua direção.

— Eu ia matá-lo, William — confessou então.

— Por quê?

Ela sacudiu a cabeça, pesarosa.

— Porque é a única maneira...

— Antes de mais nada, precisa lembrar que meu nome não é William. E o que está querendo dizer com essa história de que é a única maneira?

Ela sorriu, triste e incrédula.

— Não devia negar seu nome. Você é mesmo William Foulsham. Reconheci-o imediatamente, embora já se tenha passado muito tempo desde que você se foi. Quando ele veio — e Mathilda apontou na direção do outro quarto — Annabelle pensou que fosse William. Deixei que ficasse com ele, pois sabia que não era. Tinha certeza de que, se esperasse, você acabaria voltando.

— Pondo de lado o problema da minha identidade — insistiu Grant — por que pretendia matar-me? O que estava querendo dizer ao afirmar que era a única maneira?

— É a única maneira de manter um homem ao nosso lado. Annabelle e eu descobrimos isso quando nos abandonou. Sabia

que nós duas o amávamos, William, e prometeu que nunca nos deixaria. Está-se lembrando? Por isso ficamos aqui, esperando que voltasse. Não dissemos uma para a outra, mas ambas sabíamos disso.

— Quer dizer que pretendia matar-me para que eu ficasse aqui?

Ela olhou para a faca, com uma expressão de ternura.

— Não se trata realmente de matá-lo. Será que não entende? Assim, você nunca poderia ir embora, ficaria aqui para sempre.

Ele começou a compreender e uma idéia pavorosa surgiu em sua mente.

— E o que aconteceu com o homem que Annabelle pensava que fosse William?

— Poderá vê-lo, se quiser — respondeu ela com uma ansiedade súbita. — Verá como ele dorme em paz e como é feliz. Talvez então se arrependa de ter acordado e permita que eu faça o que pretendia. Venha comigo.

Grant apoderou-se da faca e acompanhou-a pelo corredor afora. A luz da vela se escoava por baixo da porta. Era a mesma luz que lhe servira de farol quando estava perdido na estrada. Mathilda abriu a porta suavemente e ergueu o lampião. Estirado em cima da cama havia um homem de barba suja e desgrenhada. Seu rosto estava tão branco quanto o lençol e Grant teve certeza, ao primeiro olhar, de que estava irremediavelmente morto. Ao lado da cama, sentada numa cadeira de espaldar reto, estava Annabelle. Ela levou um dedo à boca e franziu a testa ao vê-los entrar. Olhou-os e sussurrou:

— Não façam barulho que William está dormindo.

Quando o primeiro raio da madrugada lançava um pouco de luz sobre as nuvens escuras, um homem desgrenhado e com aparência de maluco, seguido por um cachorrinho branco e gordo, entrou cambaleando na aldeia de Nidd. Suspirou aliviado ao ver a placa de bronze na porta de uma casa e tocou a campainha com todas as forças que lhe restavam. Daí a pouco se abriu uma janela e um homem despenteado pôs a cabeça para fora.

— Vamos com calma, você aí — gritou ele. — Afinal, qual é o seu problema?

Grant olhou-o e gritou também:

— Passei parte da noite numa fazenda a poucos quilômetros daqui. Existe lá um homem morto e duas velhas malucas. E meu

carro, ainda por cima, enguiçou.

— Um homem morto? — repetiu o médico.

— Eu o vi. Meu carro enguiçou na estrada, do contrário teria chegado antes.

— Descerei em cinco minutos — prometeu o médico.

Pouco depois, os dois estavam sentados no carro do médico, a caminho da fazenda. Estava mais claro agora e havia indícios de que o tempo ia mudar. Logo chegaram à fazenda. Ninguém atendeu ao baterem. O médico torceu então a maçaneta e abriu a porta. O fogo se apagara, mas as duas, Annabelle e Mathilda, continuavam sentadas em suas cadeiras, caladas, de olhos bem abertos. Ambas se viraram quando eles entraram. Annabelle fez um aceno de satisfação.

— Como estou contente que tenha vindo, Doutor! Já sabe, é claro, que William voltou. E voltou para mim. Está deitado lá em cima, mas não consigo acordá-lo. Sento ao seu lado, seguro a sua mão, falo com ele, mas simplesmente não responde. Dorme profundamente. Quer acordá-lo para mim, por favor? Vou mostrar onde ele está.

Ela subiu em direção ao quarto, acompanhada pelo médico. Mathilda ficou ouvindo seus passos, depois se virou para Grant com um estranho sorriso nos lábios:

— Annabelle e eu não nos falamos. Brigamos logo depois que você foi embora. Foi há tanto tempo que já nem me lembro mais. Gostaria, no entanto, de que alguém lhe dissesse que o homem que está lá em cima, não é William. É preciso que alguém lhe explique que você é que é William e que voltou para mim. Sente-se, William. Daqui a pouco, depois que o Doutor for embora, acenderei o fogo e farei um chá para você.

Grant sentou-se e sentiu que as mãos tremiam. A mulher olhou-o com ternura.

— Você se foi há bastante tempo, mas nunca me esqueceria do seu rosto. É estranho que Annabelle não o tenha reconhecido. Às vezes penso que vivemos juntas, sozinhas, há tanto tempo, neste lugar isolado, que ela até perdeu a memória. Fico satisfeita por ter ido buscar o Doutor, William. Assim, Annabelle poderá descobrir o erro que cometeu.

Ouviram o barulho dc passos descendo a escada. O médico entrou na cozinha e segurou Grant pelo braço, levando-o a um canto.

— Você estava certo — disse ele gravemente. — O homem lá

em cima é um pobre funileiro ambulante que estava desaparecido há uma semana. Creio que está morto há uns quatro dias. Um de nós deve ficar aqui, enquanto o outro vai buscar a polícia.

Nervosa e rapidamente, William pegou o chapéu e disse:

— Eu irei.

A FACA

Robert Arthur

Edward Dawes refreou sua curiosidade o mais que pôde, depois ajeitou seu corpo imenso na cadeira em frente a Herbert Smithers. Inclinando-se por cima da mesa, ficou observando-o limpar o objeto enferrujado que tinha nas mãos. Era uma faca — e quase mais nada se podia ver. Não entendia por que Smithers parecia tão preocupado com ela, no estado em que ela se encontrava. Edward Dawes acariciou seu copo e ficou esperando que o outro falasse.

Mas, como Smithers continuasse a ignorá-lo, deu o último gole e baixou o copo com força, deixando-o em cima da mesa.

— Esta faca não é lá muito bonita — observou desdenhosamente. — Diria que nem vale a pena limpá-la.

— Ham, ham...

Smithers, com este único comentário, continuou a limpar a faca cuidadosamente, raspando com uma lima a crosta de sujeira.

— O que é isso? — indagou Gladys, a empregada de seios exuberantes, do bar Três Carvalhos, que se aproximara para recolher os copos vazios.

— É uma faca — Smithers condescendeu em explicar. — Uma faca antiga e rara, que me pertence porque a achei.

Foi a vez de Dawes proferir uma exclamação, afirmando em voz alta para o bar inteiro, embora só os três estivessem presentes àquela hora:

— Ele pensa que é muito valiosa...

— Não me parece muito valiosa — disse Gladys com franqueza.

— Parece-me uma coisa feia e enferrujada que devia ser devolvida ao monte de ferro velho de onde veio.

O silêncio de Smithers foi mais eloqüente do que se tivesse dito alguma coisa. Umedeceu com saliva um lenço sujo que tirara do bolso e esfregou uma pequena mancha vermelha que havia perto da ponta, ainda coberta de sujeira. O pequeno ponto vermelho foi aumentando, emergindo da crosta de sujeira como uma pedra lapidada de um brilho vermelho muito grande.

— Mas é uma pedra! — exclamou Gladys com um súbito interesse. — E olhem como brilha! Talvez seja uma pedra preciosa de verdade!

— Outra dose — pediu Smithers incisivo.

Gladys afastou-se irritada, meneando os quadris como se não sentisse o menor interesse pela descoberta de Smithers. Mas logo olhou para trás, por cima do ombro, a negar a falta de interesse que os quadris queriam simular.

— Uma jóia!

O tom de desdém na voz de Dawes era agora um pouco diferente. Inclinou-se para a frente, para examinar melhor enquanto Smithers esfregava.

— Mas não é possível!

— E por que acha que não é possível?

Smithers soprou a pedra vermelha e poliu-a na manga da camisa, erguendo-a depois para admirá-la. Piscava e brilhava como um olho vermelho, parecendo absorver todos os reflexos do fogo que ardia na pequena lareira atrás da mesa em que estavam sentados.

— Provavelmente — observou então, com a tranqüila dignidade conveniente a um homem que acabara de tomar posse de uma fortuna — trata-se de um rubi.

— Um rubi! — repetiu Dawes, como que chocado com a palavra.

— E o que estaria fazendo, jogada na rua onde a encontrou, uma faca com um rubi no cabo?

— Não estava na rua — informou Smithers, indiferente.

Pegou a lima outra vez e começou a tirar sujeiras das fendas do cabo todo lavrado.

— Encontrei-a no meio da terra que estão retirando dos ralos

lá de Dorset Street. Provavelmente estava dentro do ralo há muitos anos.

Seu corpo magro encolheu-se dentro das roupas esfarrapadas que o cobriam, os lábios se apertaram.

— Olhe para a ferrugem e para a sujeira — disse em tom de desafio. — Isso prova que estava lá dentro há muito tempo. Ninguém poderá dizer que a perdeu durante a guerra.

Relutantemente, o Sr. Dawes concordou, observando:

— O aço é da melhor qualidade. Ainda conserva o fio, apesar de toda a ferrugem.

— Há apenas um minuto atrás — falou Smithers — declarou que nem valia a pena limpá-la.

Depois de remover uma boa parte da crosta de sujeira, o suficiente para deixar à mostra um cabo todo trabalhado e a lâmina comprida e afilada, ele segurou a faca na mão. O cabo ajustava-se perfeitamente à sua palma e simulou então alguns golpes.

— Parece que faz parte de mim — observou sonhador. — Só segurá-la provoca uma sensação das mais agradáveis. O braço fica comichando, como se tivesse levado um choque elétrico.

— Deixe-me tentar — sugeriu o Sr. Dawes, esquecendo o desdém anterior.

Smithers franziu o cenho e recuou a mão, dizendo com um tom truculento que antes nunca tivera:

— Ela é minha! O único que pode tocá-la sou eu!

Fez novamente o movimento de cravá-la e rasgar. A pedra vermelha no cabo cintilava como fogo. O rosto magro e bexiguento de Smithers estava afogueado, como que refletindo o brilho da pedra, e ele cambaleou como se de repente ficasse embriagado.

— Deve valer um bom dinheiro — comentou. — É uma faca estrangeira, muito antiga, e o rubi no cabo é verdadeiro. E fui eu que a achei.

Gladys trouxe dois copos e se esqueceu de acabar a limpeza mecânica da mesa, ficando por ali. Smithers levantou a faca a fim de descobrir a posição em que o rubi mais refulgia. Gladys olhou-a com uma expressão de cobiça.

— Talvez o rubi seja mesmo verdadeiro — observou ela. — Deixe-me dar uma olhada, benzinho.

Seus dedos úmidos e estendidos tocaram a mão de Smithers. Ele pôs-se de pé num salto repentino.

— Não! Não pode tocar nela! Ela é minha, entendeu?

— Apenas uma olhada — pediu Gladys ansiosa. — Eu devol-

vo, prometo.

Ela deu um passo em sua direção, insinuante. O vermelho no rosto bexiguento de Smithers acentuou-se.

— Já lhe disse que ela é minha! — gritou ele num tom agudo. — E nenhuma carinha bonita vai tirá-la de mim! Entendeu bem?

E foi então que todos os três, inclusive Gladys, fizeram um silêncio mortal. Contemplando aturdidos o brilhante olho vermelho que estava a menos de dez centímetros do coração da moça, os dedos de Smithers ainda segurando o cabo.

Os olhos de Gladys se arregalaram e ela disse bem devagar:

— Você me apunhalou... Você me apunhalou...

E então, apenas com o barulho de um gargarejo em sua garganta, ela caiu ao chão, pesadamente, com um estrondo que pareceu abalar a sala. Ficou estendida, imóvel. Um filete vermelho surgiu em seu peito e rapidamente se foi espalhando.

A posição dos dois homens, porém, não se alterou — Smithers de pé, a faca solta em sua mão com a súbita queda de Gladys, e Dawes meio erguido, as mãos apoiadas na mesa, a boca aberta.

A fala voltou primeiro ao pequeno gari.

— Não fui eu! — gritou ele em voz rouca. — Foi a faca que a apunhalou, juro que é verdade! E não consegui impedir!

Recuperando um pouco o controle, jogou a faca longe e, soluçando, saiu cambaleando do bar.

Edward Dawes finalmente se mexeu. Ofegante, como se acabasse de realizar uma corrida prolongada, levantou-se de todo. A faca estava aos seus pés. Ficou ouvindo. Não havia o menor ruído, nenhum grito. Abaixou-se. Ao levantar, segurava a faca cautelosamente na mão. Mecanicamente, com os olhos indo da porta para todos os cantos do bar, limpou a lâmina num pedaço do seu jornal. Depois enrolou a faca em outro pedaço e correu para a porta.

Seu plano, formulado praticamente sem um pensamento consciente, era simples. A hospedaria dirigida por sua esposa ficava do outro lado da rua. De lá, telefonaria para a polícia. Estava levando a faca como a prova que tinha de proteger. Quando a polícia chegasse, ele a devolveria, tirando antes, é claro, o rubi que havia no cabo. Se Smithers, ao ser apanhado, mencionasse o rubi, ele juraria que devia ter caído quando a faca fora jogada no chão.

Quem poderia provar o contrário?

Ainda ofegante, Edward Dawes tentou tirar o rubi com a ponta de um canivete. Estava na cozinha, perto de onde ficava o telefone. Tinha talvez uns três minutos, antes que a polícia chegasse em

resposta ao seu chamado. O suor escorria do seu rosto e o coração dava pulos no peito como se estivesse fazendo um exercício extremamente violento.

Tinha mais dois minutos. Os dentes que seguravam a pedra eram por demais resistentes. O canivete escorregou e cortou sua mão. Disse um palavrão e continuou a trabalhar. O sangue que escorria da mão tornou seus dedos escorregadios e logo depois a faca se desprendeu, caindo ao chão estrepitosamente, com a lâmina de aço retinindo.

Dawes abaixou-se, o corpo volumoso dificultando o movimento, e pegou a faca outra vez. Ela escapuliu e caiu a meio metro de distância. Agora só tinha um minuto. Foi pegá-la, sem nem se dar ao trabalho de dizer um palavrão. Segurava-a na mão quando a esposa apareceu, parando repentinamente na porta.

— Edward — disse ela estridentemente — acabei de ouvi-lo falando ao telefone. Que história absurda é esta de um assassinato no Três Carvalhos?

Quando ele se empertigou, ela viu a cena inteira — seu rosto vermelho e furioso, a faca na mão, o sangue escorrendo dos dedos. — Edward, não! Você matou alguém! Você matou alguém!

Ele deu um passo em sua direção. Seus ouvidos zumbiam e um calor repentino dominava seu braço. Uma névoa vermelha surgiu diante dos seus olhos, ocultando a esposa.

— Cale a boca, sua idiota!

Ela efetivamente ficou em silêncio com o seu berro, a não ser por um pedaço inchado em sua garganta através do qual as palavras pareciam estar tentando sair.

A névoa avermelhada se dissipou então e Edward Dawes viu que sua robusta esposa estava estendida no chão, com a faca cravada em sua garganta logo abaixo do queixo. O olho vermelho no cabo piscava e brilhava para ele, mantendo-o tão fascinado que nem ouviu a batida na porta da frente. Também não ouviu a porta abrindo-se e o ruído dos pés da lei arrastando-se até o lugar onde estava.

— Foi isto mesmo, senhor — disse o Sargento Tobins em tom respeitoso ao Inspetor que o interrogava. — Duas mulheres foram mortas, em menos de dez minutos, por dois homens diferentes. E ambos afirmam que não sabem por que o fizeram.

Ele sorriu, dando a entender que nunca se deixaria levar por tão tola afirmativa.

O homem alto e magro levantou a faca delicadamente com a

ponta dos dedos e observou:

— Trata-se de artesanato indiano, do século XVI ou XVII.

— Anotou, Srta. Mapes?

A mulher de meia-idade, sem maiores atrativos, que estava atrás do Inspetor, assentiu.

— Anotei sim, Sargento.

Rapidamente escreveu uns rabiscos em seu bloco.

— Limparam-na bem, Inspetor Frayne — disse o Sargento Tobins. — Não há impressões digitais. De qualquer forma, porém, ambos confessaram.

— E a pedra? — observou o homem alto dando uma pancadinha no cabo. — Será verdadeira?

É de fato um rubi — confirmou o Sargento. — Possui uma bolha de ar bem no meio, como se fosse uma gota de sangue.

Fez uma pausa, tossiu delicadamente e corrigiu-se:

— Isto é, como se fosse uma lágrima.

O Inspetor Frayne continuou examinando a faca. De lápis em punho, a Srta. Mapes esperava.

— É de fato uma raridade genuína — disse Frayne. —Foi ótimo ter pedido que eu desse uma olhada. Deve ter sido trazida para o nosso país por um soldado inglês, depois da rebelião Sepoy. Acho que sabe que saquearam toda a região, depois que a dominaram.

O lápis da Srta. Mapes deslocava-se com incrível velocidade.

— Diz que foi encontrada num ralo, não é? É evidente que estava lá dentro há muito tempo. Quem a encontrou, Smithers ou Dawes?

— Smithers, senhor. É engraçado, ele a tinha em seu poder há menos de uma hora e estava limpando-a, quando a usou na moça do bar. Dawes apanhou-a e dez minuos depois enfiou-a na garganta da esposa. E ambos disseram a mesma coisa, ao serem presos.

— E o que foi exatamente que eles disseram?

— Afirmaram que sentiram o braço quente e formigando, só de segurarem a faca. E de repente ficaram com raiva das mulheres. Não sabem direito explicar por que, apenas sentiram. Logo depois, as mulheres estavam mortas. Disseram — e o Sargento Tobins deu uma risada antes de prosseguir — que o que aconteceu não foi absolutamente culpa deles, que a faca se moveu sozinha, enquanto a seguravam .

— Disseram isto, e?... Meu Deus!

O homem alto olhou para a faca, com um interesse maior na

expressão, e acrescentou:

— Sargento, onde fica exatamente o ralo em que a faca foi encontrada?

— Em Dorset Street, senhor. Perto da esquina com Commercial Street.

— Dorset Street? — repetiu o Inspetor com voz aguda, os olhos brilhando, enquanto guardava a faca na caixa que estava em cima da mesa do Sargento. — Esta faca... Sabe o que aconteceu em Dorset Street muito tempo atrás?

O Sargento Tobins sacudiu a cabeça.

— Lembro-me de ter lido alguma coisa a respeito, mas não me recordo exatamente do que era.

— É um dos casos mais volumosos dos nossos arquivos. Em novembro de 1888 uma mulher foi brutalmente assassinada, com uma faca, em Millers Court, em Dorset Street. Seu nome era Maria Kelley.

O Sargento Tobins encarou-o boquiaberto.

— Agora me lembro —- balbuciou. — Jack, o Estripador!

— Exatamente. Achamos que este foi o seu último assassinato, numa série de doze. Todas as vítimas foram mulheres. Ele parecia sentir um ódio especial e maligno contra as mulheres. E eu estava imaginando um assassino que saía correndo pela rua, uma faca ensangüentada na mão. Quase que posso vê-lo jogando a faca dentro de um ralo, ao fugir. A faca ficou ali até que... Mas não adianta continuar, pois tudo isso é mera especulação.

O Sargento Tobins ficou observando-o sair e fechar a porta atrás de si.

— O Inspetor daria um grande escritor de novelas — comentou sorrindo. — Pelo menos conhece fatos bastantes para imaginar os enredos.

Pegou a faca, segurou-a com firmeza e armou uma pose de ataque, sorrindo alegremente.

— Tome cuidado, Srta. Mapes. Lembre-se de Jack, o Estripador!

A Srta. Mapes deu uma risada.

— Gostaria de dar uma olhada nesta faca, Sargento Tobins, se não se importa.

Os dedos dela tocaram a mão do Sargento, que a retirou bruscamente. Seu rosto ficou vermelho e foi dominado por uma raiva inesperada, não suportando o contato da mão da Srta. Mapes. Mas, ao olhar para o rosto inexpressivo, a raiva que sentia foi

suavizada por uma agradável dormência no braço que ia do pulso até o ombro. Ao dar um passo em sua direção, ouviu um zumbido estranho e suave em seus ouvidos, um ruído agudo e distante.

Será que não era o som de uma mulher gritando?

A ESTRADA PARA MICTLANTECUTLI

Adobe James

A faixa de asfalto, outrora preta mas agora cinzenta sob a ação incansável dos raios de sol por muitos e muitos anos, estendia-se para a frente como uma haste de flecha interminável. A distância, surgiam miragens, como se fossem sonhos, brilhando por um instante e logo se dissolvendo silenciosamente, à aproximação dos automóveis em alta velocidade.

O suor escorria pelo rosto de Hernandez, o motorista. No início do dia, quando estavam no que chamava de boas terras, mostrara-se comunicativo, alegre, até simpático. Agora dirigia rapidamente, apreensivo, quase com raiva, não querendo ser apanhado no meio das terras más quando o sol finalmente se deitasse.

— *Semejante los buitres no tienen gordo en este distrito execrable* — murmurou ele, apertando os olhos para se proteger do brilho intenso do sol da tarde.

Sentado ao seu lado, o homem chamado Morgan sorriu ao ouvir a observação de que até os abutres são magros nesta terra miserável. Hernandez tinha um grande senso de humor. E era por isso — e somente por isso — que Morgan lamentava ser necessário matá-lo. Mas Hernandez era um tira, da Polícia Federal mexicana, que o estava levando de volta à fronteira com os Estados Unidos, a fim de entregá-lo aos tribunais que acabariam por enforcá-lo, pendurando-o na ponta de uma comprida corda texana.

Não vai ser desta vez, pensou Morgan, sabendo que era a pura verdade, não vai ser desta vez que vão pendurar-me na ponta de uma corda. Da próxima vez, é possível, mas não agora. Hernandez era muito burro e seria apenas uma questão de tempo aguardar que cometesse algum erro. Inteiramente tranqüilo, Morgan cochilou, as mãos algemadas descansando docilmente no colo, esperando... esperando... esperando...

Eram quase cinco horas da tarde quando Morgan, com o instinto peculiar aos caçados, sentiu que o momento da sua liberdade poderia estar chegando. Hernandez não se sentia bem, provável resultado das duas garrafas de cerveja que tomara durante o almoço. Logo iria parar. E, quando isso acontecesse, Morgan faria a sua tentativa.

À direita, podiam-se ver algumas colinas que subiam suavemente da superfície antes plana do deserto, formando uma extensa cordilheira mais ao longe. Fingindo estar entediado, Morgan indagou:

— Há alguma coisa por lá?

Hernandez suspirou.

— *Quíen sabe*? Diz-se que o platô do outro lado da cordilheira é mais inóspito que este lado. *Es impossible!* Ninguém vive lá, à exceção de alguns poucos índios que falam uma língua que já era antiga quando os astecas aqui chegaram. É um lugar que não está no mapa, onde a civilização não chegou, completamente selvagem... governado por Mictlantecutli.

Agora, lentamente, à medida que as sombras se alongavam, a paisagem em torno deles começava a mudar. Pela primeira vez desde que haviam deixado Agua Lodoso, podiam ver alguns sinais de vegetação: várias espécies de arbustos, muitos cactos. Bem à frente, como uma guarita solitária de sentinela, erguia-se um gigantesco cacto Saguaro, de quase quinze metros de altura. Hernandez diminuiu a marcha e parou à sombra do cacto.

— Estique um pouco as pernas se quiser, amigo, pois esta é a última parada antes de Hermosillo.

Hernandez saltou, contornou o carro e abriu a porta para o seu prisioneiro. Morgan escorregou para fora e ergueu-se, espreguiçando-se como um gato. Enquanto o mexicano se aliviava junto ao cacto, Morgan foi examinar o que lhe parecera a princípio uma tosca cruz de madeira enterrada na areia. Ao examiná-la, verificou que se tratava apenas de uma placa — castigada pelas intempéries e toda marcada pelas garras dos abutres, que costumavam usá-la

como um bom lugar para se empoleirarem.

Hernandez acabou e foi para o seu lado. Olhou para a placa e apertou os lábios, sob o bigode preto, expressando a maior surpresa.

— Linaculan: 120 quilômetros. Não sabia que havia uma estrada aqui...

Fez então uma pausa e logo seu rosto se iluminou, acrescentando:

— Agora me lembro, esta deve ser a velha Real Militar, a estrada feita pelo Exército que dava acesso do interior à costa leste.

Aquilo era tudo o que Morgan precisava saber. Se Linaculan ficava na costa leste, então Linaculan significava a sua liberdade. Bocejou outra vez. Seu rosto impassível era uma máscara de indiferença.

— Pronto, amigo?

Morgan assentiu.

— Tão pronto quanto um homem que está prestes a ser enforcado.

O mexicano deu uma risada, tossiu um pouco e cuspiu na areia.

— Vamos então.

Saiu na frente e ficou junto à porta aberta, aguardando o prisioneiro. Morgan caminhou em passos trôpegos na sua direção, os braços levantados como que se protegendo do intenso calor. Quando atacou, foi com a rapidez de uma cobra que dá um bote numa vítima desavisada. Baixou as mãos algemadas, com toda a força, na cabeça de Hernandez. Ele gemeu e tombou ao chão. Morgan imediatamente caiu em cima dele, as mãos procurando e finalmente encontrando a arma que ele sabia estar na cintura do mexicano. Depois levantou-se e ficou quatro passos afastado do homem caído ao chão.

Meio tonto, Hernandez sacudiu a cabeça, piscou os olhos e começou a levantar-se. Conseguira ficar de joelhos quando a voz fria de Morgan paralisou-o:

— Adeus, Hernandez. Não me queira mal...

O mexicano levantou os olhos e viu a morte à sua frente.

— *Dios... Dios...* Não!

Foi tudo o que conseguiu dizer, pois uma bala de 44 acertou-o na altura do olho esquerdo e ele foi lançado três metros para trás com o impacto. Estremeceu uma vez, as pernas arrastando-se na areia, e logo ficou imóvel.

Morgan aproximou-se, sacudindo a cabeça pesaroso.

— Acho que cometi um erro. Não me parecia um covarde que iria implorar por sua vida.

Ele suspirou diante da falta de dignidade do morto, sentindo-se quase como se fora traído por um amigo de vontade fraca.

Agachou-se e começou a revistar o corpo. Pegou uma carteira contendo uma insígnia, quinhentos pesos e uma fotografia colorida onde aparecia uma volumosa mexicana, três meninas sorridentes e dois garotos com uma expressão mais sisuda. Morgan resmungou e continuou a revista.

Encontrou a chave das algemas presa com esparadrapo na sola do pé branca e cheia de calos do morto.

O anoitecer estava começando a colorir de bronze as montanhas mexicanas quando Morgan levou o corpo de Hernandez para a mala do carro. Voltou então à placa que lhe chamara a atenção. Depois da indicação da distância, havia mais duas palavras: "*Cuidado, Peligroso*". É a melhor piada que já ouvi, pensou ele. Pode haver algo mais perigoso que ser enforcado? Ou fazer o papel de uma raposa perseguida pelas polícias do mundo inteiro? Fora apanhado e sentenciado à morte por quatro vezes em sua vida. E, no entanto, continuava um homem livre. Não, não podia haver absolutamente nada à sua frente, naquela estradinha insignificante e poeirenta, que pudesse constituir um obstáculo à sua inteligência, às suas reações rápidas e à arma que carregava.

Ele sentou-se ao volante do carro e entrou na estrada de terra. Era mais acidentada do que parecera a princípio, mas mesmo assim ele percorreu os primeiros cinqüenta quilômetros em boa velocidade. Ia tão depressa que a poeira levantada ficava pairando atrás do carro, como a cauda marrom de um cometa iluminada pela luz do sol, que rapidamente diminuía.

O sol mergulhou atrás do horizonte, mas Morgan começou então a subir a montanha e logo voltou a vê-lo — parecia-se com o olho maligno e inflamado de um deus, irritado por ser acordado novamente.

Morgan chegou ao alto e passou então a descer em direção a um vale. A escuridão reinava ali embaixo. Ele parou o carro, junto a um barranco, e jogou o corpo de Hernandez lá embaixo. Observou-o caindo, rolando pela ribanceira, até que desapareceu por completo, atrás de uma moita espessa de arbustos, dezenas de metros abaixo.

Morgan voltou para o carro e continuou a viagem, acendendo

os faróis quando a noite se adensou ao seu redor.

Abruptamente, ao chegar ao fundo do vale, começou a dizer palavrões, pois a estrada deixara de ser uma estrada — transformando-se numa trilha acidentada e estreita que se perdia no meio do agreste.

Os próximos cinco quilômetros eqüivaleram a cinqüenta. Morgan foi obrigado a ir em primeira, caindo em buracos que arrebentaram o alinhamento da direção e o sistema de suspensão. Pedregulhos escondidos no meio da estrada arranhavam a parte inferior do carro, como se fossem mil garras de aço.

E poeira, poeira por toda parte... como se fosse uma nuvem escura e ameaçadora ao seu redor, pairando por cima dele, cobrindo o interior do carro como um manto de veludo. E entrava pelas narinas e pela garganta de Morgan, até tornar-se doloroso respirar ou engolir.

Minutos depois pôde sentir, acima do cheiro da poeira, o cheiro de vapor. De alguma forma, o sistema de resfriamento se rompera. Morgan compreendeu então que o carro nunca chegaria a Linaculan. Aproveitando a última claridade que ainda havia no horizonte, subiu uma elevação e olhou ao redor para ver se descobria algum sinal de vida humana... e viu apenas as grotescas silhuetas dos cactos e as moitas de arbustos raquíticos.

O velocímetro indicava que viajara setenta e cinco quilômetros quando a luz forte dos faróis iluminou um padre solitário que caminhava lentamente pela estrada. Morgan franziu a testa, analisando a possibilidade e a vantagem de oferecer uma carona. Seria uma estupidez, pensou ele, pois o homem poderia ser um bandoleiro que empunharia uma faca e a usaria com toda habilidade, quando mais concentrado ele, Morgan, estivesse na estrada à sua frente.

O padre foi aumentando de tamanho, iluminado pelos faróis. Não se virou para olhar o carro, parecendo estar totalmente inconsciente de sua aproximação.

Morgan passou por ele sem diminuir a marcha e o vulto do padre desapareceu imediatamente na nuvem de poeira e na escuridão da noite mexicana.

De repente, como se diversos relês automáticos entrassem em funcionamento dentro de seu cérebro, os instintos de Morgan começaram a lhe gritar advertências. Alguma coisa estava errada — terrivelmente errada. Caíra em alguma armadilha. O sentimento era familiar, pois já caíra em outras armadilhas antes. Sorriu

perversamente e sacou a arma, colocando-a ao seu lado no banco, preparando-se para o que pudesse acontecer.

Os seguintes cinco quilômetros pareceram-lhe intermináveis, na expectativa, quase ansiosa, de que a armadilha se fechasse. Mas nada aconteceu e ele ficou irritado, amaldiçoando sua imaginação. O cheiro de óleo queimado e vapor se tornara quase intolerável. O motor começou a ratear. Morgan olhou para o medidor de temperatura e viu que a agulha já passara bastante da zona vermelha de perigo.

Foi nesse momento, quando sua atenção estava distraída, que a roda dianteira esquerda raspou numa pedra afiada, rasgando toda a parte lateral do pneu. O carro começou a dar solavancos e balançar-se de um lado para o outro, como um animal selvagem, ferido e irritado. Morgan pisou no freio, embora soubesse que era tarde demais. O carro derrapou de lado na estradinha cheia de pedras, desviou-se para a direita, vacilou por um segundo à beira do barranco e depois — quase como se fosse um filme sendo projetado em câmara lenta — foi rolando lá para baixo.

A última coisa que Morgan viu foi um pedregulho imenso, apontando para o alto como um punho gigantesco de Deus feito de basalto.

Muito tempo depois de recobrar os sentidos, Morgan permaneceu de olhos fechados. Alguém, enxugou a sua testa e disse-lhe alguma coisa. Era um homem. O padre... talvez. Ficou ouvindo a respiração ofegante do homem. Estavam sozinhos, não havia mais ninguém por perto: aquele era o único som.

Morgan abriu os olhos. Estava escuro, mas não tanto como antes. Um luar fraco se escoava pelas nuvens altas. O sacerdote, de roupas pretas e rosto moreno, estava ao seu lado.

— Está bem, *señor*?

Morgan flexionou os músculos das pernas, moveu os tornozelos, os ombros e virou a cabeça para um lado e para o outro. Não sentia dor, ao contrário, sentia-se surpreendentemente bem. Mas não havia o menor sentido em dizê-lo ao padre. Que ele pensasse que machucara as costas e estava incapaz de fazer algum movimento rápido. Assim, quando precisasse agir com rapidez, o outro não estaria esperando .

— Minhas costas estão machucadas.

— Pode levantar-se?

— Acho que sim. .. Ajude-me, por favor.

O padre estendeu-lhe a mão. Morgan segurou-a e, gemendo

alto, ergueu-se.

— Teve sorte de eu passar por aqui logo depois do acidente.

— Sinto-me bastante grato por isso.

Morgan tateou o bolso. A carteira continuava ali, mas a arma desaparecera — ou será que não a estava carregando no bolso? Lembrou-se então de que a pusera no assento ao seu lado. Não havia a menor chance de encontrá-la no escuro... e poderia arrumar outras armas.

— Para onde estava indo? — perguntou o padre.

— Linaculan.

— É uma bela cidade...

O padre estava bem perto de Morgan, encarando-o fixamente. A lua aparecia e se escondia por entre as nuvens. Houve um momento breve em que a luz brilhou mais intensamente, o suficiente para que Morgan visse o padre com nitidez. Subitamente, pela primeira vez em muitos anos, ele ficou com medo... assustado com os olhos do padre, pretos demais, muito penetrantes e ardentes para pertencerem a um simples padre.

Morgan recuou tres passos — o bastante para que os olhos do padre se perdessem na escuridão.

— Não precisa ter medo de mim — disse o padre calmamente. Não posso prejudicá-lo, posso somente ajudá-lo.

Parecia sincero. O nervosismo de Morgan começou a diminuir. Mentalmente cheirou o ar: o cheiro da armadilha ainda estava por ali, mas não tão forte quanto antes. Momentos depois, recuperou um pouco da sua antiga insolência. Ficou pensando para onde deveria ir. Estava na metade do caminho para Linaculan, por isso o mais prudente seria continuar, a menos que... outro meio de transporte lhe surgisse à frente e o levasse a um lugar melhor.

— Linaculan é a cidade mais próxima, padre?

— É sim.

— É para lá que está indo?

— Não.

— Então tem uma igreja aqui por perto?

— Não tenho não, mas freqüentemente percorro esta estrada.

— Mas, pelo amor de Deus, por que anda por este lugar tão miserável?

— Exatamente pela razão que acabou de mencionar: pelo amor a Deus.

Morgan ficou completamente à vontade. O padre era inofensivo. Meio maluco, mas inofensivo. Quase que alegremente, disse

então:

— Bem, tenho uma longa caminhada pela frente. Vejo-o mais tarde.

Morgan viu que a expressão do padre suavizou-se ao ouvir suas palavras.

— Seguirei ao seu lado uma parte do caminho.

— Como lhe aprouver, padre. Meu nome é... Dan Morgan. Sou americano.

— Sim, eu sei.

A resposta deixou Morgan surpreso por um instante, depois sentiu novamente que era preciso ficar prevenido. Era óbvio que o padre examinara seus pertences enquanto estava inconsciente... e talvez tivesse sido assim que a arma desaparecera.

Começaram a caminhar, em silêncio. A lua, o globo alienígena de luz fria e branca, ganhou sua batalha com as nuvens e passou a brilhar intensamente, por trás delas. Sombras compridas corriam pela estrada, na frente dos dois homens. As pregas da batina do padre sussurravam a cada passo e suas sandálias faziam um estranho barulho na estrada poeirenta.

Num esforço para puxar conversa, Morgan perguntou:

— Linaculan fica muito longe daqui?

— A uma enorme distância...

— Mas pensei que fossem apenas cinqüenta quilômetros...

— As luzes de Linaculan brilham a exatamente cinqüenta e quatro quilômetros do local em que se acidentou.

Era bom sabê-lo, pensou Morgan. Com um pouco de sorte, poderia percorrer uns trinta quilômetros até a tarde do dia seguinte... se não conseguisse encontrar outro carro antes. Começou a aumentar o ritmo dos seus passos, o padre sempre ao seu lado.

De repente uma montanha mais alta ocultou a lua e fez com que as nuvens desaparecessem. A escuridão que os envolveu era tangível, quente, inquietante, pavorosa como o interior de um caixão. Morgan olhou para o relógio. Parara às 8:18 horas, aparentemente quebrado no acidente. Não sabia quanto tempo passara desmaiado, mas calculou que deviam estar andando há duas horas. Devia ser, portanto, cerca de meia-noite.

Eles agora andavam mais devagar, dois vultos escuros, quase simples sombras, percorrendo uma estrada desolada. Subiram uma colina e foram outra vez banhados pelo luar. Morgan sentiu-se feliz. A escuridão fora tão intensa que tivera a impressão de que lá atrás viviam coisas estranhas, irreais, nunca vistas.

Desceram a colina e a escuridão voltou a cercá-los.

— Será que não existe luz alguma neste maldito lugar esquecido de Deus? — perguntou Morgan, irritado.

O padre não respondeu. Morgan repetiu a pergunta, ameaçadoramente. Continuou sem resposta. Morgan desistiu e sacudiu os ombros, dizendo para si mesmo:

— Vá para o inferno, meu mal-humorado amigo católico. Deixe estar, mais tarde cuidarei de você direitinho.

A estrada se dirigia para o ponto mais distante da colina. A noite, a verdadeira noite opressiva dos que sofrem de claustrofobia, adensava-se cada vez mais, ameaçadora.

Estiveram mergulhados na escuridão total durante um longo tempo, até chegarem ao topo de outra colina. Desta vez não encontraram o luar a esperá-los, mas a luz difusa que escapava das nuvens era suficiente para mostrar uma bifurcação na estrada. Morgan hesitou e indagou:

— Qual é o caminho que vai para Linaculan?

O padre parou. Suas pupilas pretas se haviam alargado, de tal forma que parecia não haver mais branco ao redor delas. O padre estendeu os braços para ajeitar a batina. Naquele momento ficou parecido com um diabo veslido do preto, fazendo uma oração antes de lançar-se à sua vítima para devorá-la. Mesmo na semi-escuridão, Morgan pôde notar a presença da sombra alongada e quase indistinta de uma cruz.

Mas o seu instinto de matador encurralado voltou a dominá-lo e rosnou irritado.

— Vamos, responda à minha pergunta. Qual é o caminho certo?

— Tem tão pouca fé assim?

A voz de Morgan tremia, tamanha era a sua raiva.

— Olha aqui, seu filho da mãe nojento. Tem-se recusado a responder a minhas perguntas... nem ao menos quer conversar. O que tem a fé a ver com isso? Diga-me apenas a que distância estou de Linaculan e qual o caminho que devo seguir. É tudo o que quero de você. Não estou interessado em cantos de salmos nem em sermões. Não quero saber de nada disso, entende?

— Ainda tem que percorrer um longo caminho...

O padre hesitou por um momento e Morgan notou que sua atitude mudava inteiramente. Mas logo depois ouviu também... o ruído distante dos cascos de um cavalo.

A lua, como se sentisse curiosidade, abriu uma passagem

entre as nuvens pela última vez. A princípio Morgan viu apenas uma sombra distante deslocando-se, mas o cavalo logo se aproximou de onde estavam. Viu-o então com nitidez: a crina e o rabo negros ondulavam como bandeiras na adriça. de um navio. Era um magnífico animal, talvez o maior que já vira — preto como o carvão, como uma meia-noite sem luar, fogoso como o trovão.

Mas o que realmente fez Morgan conter a respiração, maravilhado, foi a garota que o montava. Cavalgava-o como se fosse parte integrante dele. O luar emprestava-lhe uma aparência majestosa, pois estava toda vestida de branco, das botas e culote à blusa justa de mangas compridas e ao chapéu de abas largas, estilo espanhol. Seus cabelos, no entanto, eram pretos — negros como a asa de um corvo, esparramando-se pelos ombros como uma nuvem de ébano.

Selvagemente, obrigou o cavalo a parar diante dos dois homens. O cavalo empinou. Assustado, Morgan deu um pulo para trás, mas o padre não saiu do lugar.

— E então, padre — disse ela sorrindo e batendo no culote com um chicote de montaria — vejo que tomou outro infeliz sob as suas asas protetoras.

Ela deu uma estranha ênfase à palavra infeliz. Morgan ficou sem saber se ficava com raiva ou embaraçado. Resolveu esperar, observando o confronto dramático entre os dois. Talvez tudo aquilo fosse uma encenação cuidadosamente elaborada, parte da armadilha para apanhá-lo. De qualquer forma, porém, não havia para ele nenhum perigo imediato. Assim, ficou quieto, limitando-se a contemplar o esplêndido corpo da moça.

De repente a jovem percebeu o olhar de Morgan, encarando-o da mesma forma insoiente e atrevida. Depois sacudiu a cabeça para trás e riu alegremente.

— Está em péssimas mãos, meu amigo americano. Este *hombre* aqui — e fez um gesto de desprezo para o padre — é conhecido como azarento pelo meu povo. Toda vez que ele se põe na estrada, ocorre um acidente. Teve algum problema esta noite, não?

Morgan assentiu, olhando então para o padre. Este, porém, não despregava os olhos da jovem. Ela sorriu de seu olhar e disse:

— Não faça esta cara de zangado, meu velho. Não consegue assustar-me. Por que não vai embora agora? Providenciarei para que o nosso amigo americano chegue ao seu destino.

O padre levantou a mão para Morgan.

— Não deve ir com ela, pois é o diabo encarnado. E por três vezes fez o sinal da cruz no ar.

Morgan não teve a menor dúvida sobre a decisão que deveria tomar. O padre dissera, que a moça era o diabo em pessoa, o que sempre constituía uma recomendação, saindo da boca de um sacerdote. Além disso, somente um idiota continuaria a caminhar por uma estrada escura quando havia possibilidade de ir a cavalo, quando havia a possibilidade de uma conversa agradável e de outras coisas mais, se interpretara corretamente a promessa que lera nos olhos da jovem. Hesitou, porém, como um animal selvagem e acossado receando alguma armadilha.

A jovem deu uma palmada suave no pescoço suado do cavalo.

— Para onde estava indo?

— Linaculan — respondeu Morgan.

— Não é muito longe daqui. Venha comigo que o levarei até o rancho de Mictlantecutli, e onde poderá pedir ajuda.

Seus lábios estavam entreabertos e aparentemente prendera a respiração à espera da sua resposta. Morgan virou-se para o padre e disse:

— Muito obrigado pela companhia, padre. Vejo-o qualquer dia desses.

O padre rapidamente deu dois passos na direção de Morgan e estendeu os braços, suplicante.

— Fique comigo. Já lhe disse que ela é o próprio diabo.

A jovem deu uma gargalhada.

— São dois contra um, padre. Aeho que perdeu outra vítima.

— Vítima? — repetiu Morgan, apertando os olhos.

Durante todo o tempo acertara em sua suposição a respeito do velho diabólico. Havia, porém, alguma coisa errada. Foi então que descobriu: se o padre era um ladrão e assassino, por que então não realizara o serviço quando ele estava desmaiado?

O padre olhou para trás, por cima do ombro, e viu que a lua logo desapareceria, devendo a escuridão retornar dentro de poucos segundos. Meteu a mão dentro da batina e tirou uma cruz de marfim, com uns trinta centímetros de comprimento.

— A escuridão está chegando. Agarre-se à cruz. Creia em mim e não vá a Mictlantecutli. Sou a última oportunidade que tem.

— Vamos, afaste-se dele, seu velho tolo — gritou a moça. — As autoridades deviam tomar providências quanto a idiotas como você, que molestam e assustam os viajantes que passam por esta estrada, impedindo-os de chegarem ao seu destino.

O padre não lhe deu a menor atenção, implorando mais uma vez a Morgan para que ficasse ao seu lado, no momento em que a

lua desaparecia atrás da colina.

— Ainda há tempo...

A jovem puxou as rédeas e cravou as esporas nos flancos do cavalo, que gritou de raiva e empinou, os cascos dianteiros apontando para o céu. Quando voltou a ficar apoiado nas quatro patas, estava entre Morgan e o padre. O rosto da jovem tinha um brilho suave quando sorriu e tirou um pé do estribo.

— Venha, meu amigo, coloque um pé aqui e suba na garupa. Inclinou-se e estendeu a mão para ajudar, a blusa entreabrindo-se ligeiramente. Morgan sorriu, segurou a mão que lhe era oferecida e montou no cavalo.

— Passe os braços ao meu redor e segure firme — ordenou ela.

Morgan cumpriu alegremente a ordem recebida. O corpo dela era macio, delicioso de segurar. Dos seus cabelos se desprendia o cheiro agradável de algum perfume exótico.

Morgan olhou para o padre, cuja expressão continuava inescrutável.

— Até logo, padre. E veja se não aceita de esmola pesos falsificados.

A jovem não esperou uma resposta. Enfiou as esporas nos flancos do cavalo, que saiu em disparada pela noite afora.

— Segure firme — gritou ela.

Cavalgaram a uma velocidade estonteante por quase dez minutos, quando ela então puxou as rédeas e obrigou o animal a andar. Com o cavalo a passo, Morgan sentiu outra vez o corpo da jovem e foi invadido por um desejo intenso. Já se passara tanto tempo e não havia ninguém por perto para impedi-lo... Além do mais, a jovem demonstrara uma malícia fogosa, o que o levava a acreditar que não repeliria os seus avanços. Ouvia-se apenas o som de suas respirações ofegantes e das pisadas do cavalo, juntamente com o rangido da sela. Devagar, Morgan foi levantando a mão. Ela não fez o menor protesto e ele então foi mais audacioso. Finalmente, sentiu a maciez do seu seio por baixo da blusa de seda.

Foi mais fácil do que Morgan julgara possível. Ela simplesmente puxou as rédeas, obrigando o cavalo a parar, e virou-se um pouco para dizer:

— Podemos parar aqui... se quiser.

A voz de Morgan era rouca e seu corpo tremia de desejo ao dizer:

— Quero sim.

Ela desmontou e Morgan rapidamente seguiu-lhe o exemplo. A jovem abraçou-o e seus lábios se encontraram, numa paródia brutal do amor. As unhas dela enterraram-se nos ombros de Morgan, quando suas mãos procuraram a intimidade maior daquele corpo de mulher. Ela gemeu quando Morgan desajeitadamente mexeu em sua roupa. E pouco depois, tendo por testemunhas apenas o cavalo desinteressado que pastava ali perto e os olhos tremeluzentes das estrelas, seus corpos se uniram num embate violento, dominados por uma luxúria imperiosa e implacável.

Morgan pôde sentir a lassidão de seu corpo ao despertar. Esta foi a sua primeira impressão. A segunda foi a de que ainda estava abraçando a jovem. E a terceira foi a sensação horrível e opressiva do cheiro de putrefação.

Abriu os olhos.

E gritou.

Foi um grito arrancado do fundo de sua alma, quase involuntário, pois ali, à luz fraca da madrugada que começava a despontar, podia ver que estava segurando em seus braços o cadáver putrefato de uma mulher, um corpo do qual a pele se despregava em grandes tiras, em que o sorriso da morte deixava à mostra dentes podres e escuros, no qual havia dois buracos no lugar dos olhos.

Morgan começou a soluçar e levantou-se de um pulo. Seu coração batia forte como se quisesse sair do corpo, uma máquina que parecia que a qualquer momento ia explodir em mil pedaços. Passou a respirar como um animal apavorado, em golfadas. É seus olhos pulavam de um lado para o outro, freneticamente, como os de um louco atormentado por fantasmas.

— Eu.,. eu... eu... — gaguejou ele.

Foi tudo quanto conseguiu dizer. Começou a correr pela estrada. Caiu duas vezes, ferindo as pernas e as mãos nas pedras que por ali havia.

— Eu... eu... eu...

E então, subitamente, as palavras que mais queria dizer saíram de sim boca.

— Socorro... Alguém... ajude-me...

Ouviu os cascos do cavalo correndo em sua direção. Era a jovem. Estava viva... e inteira, como antes. Ela sorriu, tranqüilizadora.

— Para onde está indo?

Fez uma pausa e depois voltou a sorrir, maliciosamente.

— Onde estão suas roupas?

— Eu... eu... eu...

Morgan não conseguia falar.

— Venha comigo — disse ela.

Morgan sacudiu a cabeça. Não podia pôr em ordem seus pensamentos, mas pelo menos quanto àquilo tinha absoluta certeza: não iria com a jovem de jeito nenhum.

— Venhal

Desta vez era uma ordem, imperiosa. A jovem já não se mostrava mais divertida com a sua nudez e incapacidade de falar claramente.

Morgan quis virar-se e correr, mas seu corpo não obedeceu às ordens que lhe dava. Em vez disso, como um zumbi sem vontade, montou no cavalo.

— Assim é melhor — disse a jovem em tom apaziguador. — É claro que deveria ter vestido suas roupas... mas não tem grande importância.

Ela olhou para leste e depois acrescentou:.

— A noite está quase acabando, temos que nos apressar. Há algo que quero que veja, antes de irmos para o rancho de Mictlantecutli.

Ela deu uma chicotada no cavalo, que saiu em disparada na direção da noite que fugia.

Atrás deles começava a clarear, a madrugada chegando ao deserto mexicano. À luz difusa do novo dia que se aproximava, Morgan viu uma paisagem familiar. E então, junto à estrada, no fundo de uma ravina, viu seu carro. Cuidadosamente, o cavalo desceu a encosta até chegarem ao carro destroçado.

Abutres horrendos e de pescoço vermelho gritaram e bateram as asas quando o cavalo se aproximou. Muitos estavam brigando pelo que pareciam ser pedaços de cordas brancas penduradas nas janelas do carro. Alguns saíram voando, mas a maioria, arrogantemente, limitou-se a afastar-se alguns passos, ficando à espera.

— Mas... mas o que eles estão fazendo aqui? — perguntou Morgan. — Eu era a única pessoa que estava no carro.

Sentiu o corpo da jovem sacudir-se numa risada silenciosa. Fechando um pouco os olhos, Morgan pôde ver um vulto espetado na ponta do volante. O terror que sentira antes voltou a dominá-lo. O corpo lhe parecia familiar... familiar demais! Morgan soluçou quando a jovem aproximou o garanhão do carro. Os abutres haviam devorado primeiro os olhos, como geralmente o fazem. As entranhas do morto estavam penduradas na janela e esta era a razão

pela qual os abutres tanto brigavam entre si.

Morgan viu as roupas. O morto vestia-se da mesma maneira que ele próprio estivera vestido. Usava um relógio de pulso igualzinho ao seu. Que terrível pesadelo seria aquele? Precisava despertar. Acorde... acorde... berrou mentalmente para si mesmo. Mas o pesadelo, mais real que a própria vida, persistia. O morto era de fato Morgan, não havia a menor dúvida.

A mente de Morgan viu-se encurralada com a constatação do fato, sua sanidade ficou abalada. Perdeu todo o controle de si mesmo e pôs-se a gritar com os urros de um demente furioso.

Ao ouvir seu grito, a jovem berrou também e chicoteou o garanhão, que rapidamente escalou a encosta da ravina. E lá em cima, no meio da estrada, estava o padre.

— Ajude-me, padre. Ajude-me, por favor... Deus, ajude-me... — murmurou Morgan, a saliva escorrendo lentamente pelos dois cantos de sua boca frouxa.

— Sinto muito, mas você fez sua escolha.

— Mas eu não sabia o que era Mictlantecutli.

— Mictlantecutli é conhecido também por muitos outros nomes: Diabo, Satã, Demônio, Lúcifer, Mefistófeles... O nome que lhe dão não é muito importante, porque as regras são as mesmas em todos os países. Você preferiu o diabo, fazendo assim a sua última opção terrena. Agora sou impotente para ajudá-lo. Adeus...

Morgan sentiu, antes de ouvir, a risada da jovem — era aguda, maníaca, satisfeita. O chicote bateu com força no pescoço do cavalo e as esporas arrancaram sangue de seus flancos. E saíram em disparada pela estrada, galopando sem parar atrás da noite. O cheiro fétido da morte voltara e pedaços da carne da jovem começaram a se desprender ao vento.

Ela virou-se desta vez lentamente, e Morgan viu a expressão aterrorizante de um esqueleto sorrindo.

Virou se na garupa do cavalo, incapaz de enfrentar aquela visão, e gritou mais uma vez pelo padre. Lá longe, bem distante, como se estivesse observando alguma coisa em outro mundo, Morgan pôde ver a figura solitária do padre no alto da colina, caminhando para o leste, em direção ao sol que se erguia, ao novo dia que começava.

Quando Morgan se virou novamente, consciente da futilidade de sua desesperada esperança, chegaram finalmente à margem da noite que se afastava... e a opressiva escuridão envolveu-os por completo.

O ESTUÁRIO

Margaret St. Clair

O melhor de tudo é que não se tratava realmente de roubo. Todo mundo sabia que estavam atracados no estuário porque abandoná-los ali saía mais barato do que desmontá-los para aproveitar a sucata. É evidente que sempre havia um guarda e à noite uma patrulha fazia ronda, mas de forma superficial e negligente. Escapar-lhes era tão fácil que fazia os furtos parecerem mais legítimos, o que não aconteceria se os navios estivessem inteiramente desprotegidos. Por isso não é de se admirar que Pickard pensasse em suas expedições como se fossem uma espécie de louvável operação de resgate.

Noite após noite ele se introduzia nas entranhas daqueles navios cargueiros construídos durante a II Guerra Mundial e emergia com pedaços de metal, peças de instrumentos e muitos canos de bronze e cobre. Possuía um amigo no ramo da construção naval que comprava a maior parte do que trazia, pagando preços que eram apenas uma sombra do valor real. De vez em quando, Pickard deixava-se perturbar pela imaginação do que lhe fariam se fosse apanhado, achando que os navios eram propriedade do Governo e que a pena seria correspondente. Mas os imbecis da patrulha faziam tanto barulho em suas rondas que era preciso ser cego, surdo e mudo para se deixar apanhar.

Era um bom negócio. Depois de três meses, Pickard achou

que era oportuno contratar um ajudante, escolhendo um jovem alto e magro chamado Gene. Ele aceitou, sem a menor dificuldade, a crença de Pickard de que sua ocupação era, na pior das hipóteses, uma das pequenas irregularidades necessárias para manter bem lubrificadas e em perfeito funcionamento as engrenagens da economia americana.

Era um rapaz esperto em muitas outras coisas, também. Depois de trabalhar três dias para Pick, sugeriu uma série de melhorias na técnica de resgate. Eram todas inteligentes e, naquela primeira semana em que as aplicaram, a receita de Pickard foi cento e vinte por cento superior à da semana anterior. Uma modesta prosperidade surgiu em sua casa. Estelle passou a cozinhar com manteiga em vez de margarina e começou a ler anúncios de casacos de pele, com sobrancelhas franzidas e olhar crítico.

Umas três semanas depois de Estelle efetuar o pagamento do sinal de um casaco de cordeiro persa de preço médio, Gene perguntou, hesitante:

— Já ouviu alguma coisa num desses barcos durante a noite? Algo diferente, estranho?

Pick olhou-o zombeteiramente. O céu estava encoberto e, à luz difusa da noite, podia discernir, embora um pouco vagamente, os contornos do rosto de Gene, ali na lancha

— Não seja pé frio, a patrulha não nos vai incomodar. Aqueles imbecis filhos da mãe não saberiam reconhecer um monte de esterco, mesmo que caíssem dentro dele.

Gene sacudiu a cabeça. Ainda era muito jovem...

—- Não me estou referindo à patrulha. Estou falando em alguma coisa esquisita, estranha mesmo, dentro dos navios, como se alguém me estivesse seguindo.

Pickard riu.

— Você tem imaginação demais, garoto. Aquilo lá não passa de uma porção de velhos navios enferrujados. Você ainda é muito jovem e cheio de...

— Está certo, não precisa dizer mais nada.

— Veja se consegue arrumar mais um pouco de canos de cobre — pediu Pick ao se separarem. — Bert disse que fica com tudo quanto levarmos.

— Está bem.

Artisticamente falando, Gene deveria ter desaparecido naquela noite. Mas foi somente na sexta-feira que ele deixou de aparecer na lancha com o seu carregamento de refugos.

Pick ficou esperando-o, a princípio impaciente e depois preocupado. O que teria acontecido com o garoto? Talvez se tivesse metido em confusão com a patrulha, mas Pick não ouvira nenhum tumulto — mesmo que fosse longe de onde estava, teria escutado alguma coisa, pois o som se propaga muito bem pela água. A patrulha sempre fazia a sua ronda com lanternas e estrepitosamente, fazendo uma barulheira dos diabos. Mas, se Gene não se deparara com a patrulha, o que acontecera então? Será que caíra ao subir em alguma ponte? Estaria desmaiado no fundo de um porão?

Antes que o céu clareando o obrigasse a voltar para casa, Pick procurou-o em diversos navios. Não encontrara o menor sinal do garoto. Voltou a procurar na noite seguinte e nas outras (sem esquecer, é claro, o seu objetivo básico, que era o de resgate de material), até ter revistado todos os cascos daquele imenso cemitério de navios. Não havia o menor sinal de Gene. A única coisa que encontrou, no terceiro casco que revistou na última noite, foi o boné de feltro do rapaz boiando, com a aba para cima, na água imunda que havia no fundo do porão.

Pickard ficou preocupado, muito mais do que gostaria de admitir. Se Gene fora surpreendido pela patrulha, isso significava que cedo ou tarde ele próprio acabaria tendo problemas. E se a patrulha não era responsável pelo seu desaparecimento, o que então lhe acontecera?

Estelle notou sua preocupação e interrogou-o, obrigando-o a contar tudo. Ao final do seu relato, ela riu e disse em tom confortador:

— Ora, Pick, ele era apenas um boboca. O que aconteceu foi que ficou com medo e fugiu, sentindo depois vergonha de voltar para lhe contar.

—- Está bem, mas o que foi que o assustou?

Pickard engoliu em seco e continuou a falar, nervosamente.

— Lembro-me agora de uma história que contaram a respeito de um soldador que, durante a construção de um daqueles navios, foi soldado por engano dentro de um compartimento e lá ficou. Lançaram o navio à água com ele lá dentro. E há também a história de um homem que estava no porão do navio quando ele pegou fogo e...

Sua esposa interrompeu-o.

— Contam sempre uma porção de histórias, Pick, tudo inventado. E você sabe disso. Nunca dei ouvidos a essas besteiras. Você tem medo da patrulha?

— Não.

— E então? Não sei o que está acontecendo com você, mas nunca pensei que pudesse perder a calma... Olha, mudando de assunto, Mabel contou-me que despediram Reese anteontem.

Pickard sabia que, no fundo, Estelle estava era pensando nos pagamentos do seu novo casaco de peles.

Ele dormia durante o dia e trabalhava durante a noite. Embora a vizinhança fosse sossegada, nunca conseguia dormir muito bem. Naquele dia, estava dormindo há três ou quatro horas — deviam ser, portanto, onze horas da manhã — quando teve o sonho.

Tudo começou suavemente. Estava procurando em um dos cascos por um material altamente vendável, quando sentiu que algo estava para acontecer. Começou a ter a sensação, fraca a princípio e depois cada vez mais intensa, de que algo bastante desagradável estava à espreita na periferia do seu campo de visão. Por duas ou três vezes virou-se bruscamente, esperando surpreendê-la, mas a coisa se movia mais depressa do que ele.

Continuou a procurar o material que desejava. Subiu e desceu escadas, rebuscou a casa de máquinas e os alojamentos dos tripulantes. Finalmente, na água ao fundo do terceiro porão, viu o objeto que procurava, meio submerso.

Ao vê-lo, esqueceu imediatamente que o procurava. Por uma estranha equivalência de sonhos, a água imunda e malcheirosa, sempre acumulada no fundo dos navios, é que se tornou o objeto do seu desejo. Ajoelhou-se, pegou-a com a mão em concha e, enojado, tremendo de repugnância de si mesmo, começou a bebê-la.

O coração de Pick batia acelerado quando acordou. Que sonho mais estúpido! O que significaria? Qual seria o seu sentido exato? Sua pulsação ainda era anormal quando deu o sinal de meio-dia.

Contratou outro ajudante. Fred não era tão bom quanto Gene, sendo até meio preguiçoso. Depois de cinco dias decidiu abandonar o emprego, alegando que não gostava dos barulhos que ouvia nos cascos durante a noite. Por tudo isso, podemos verificar que Pick tivera uma série de advertências, antes que acontecesse com ele próprio.

Foi uma semana depois, quando estava entre os dois tombadilhos do M. S. Blount, que Gene apareceu atrás dele e acenou-lhe com as mãos em estado de decomposição. Pick gritou desesperadamente e procurou desvencilhar-se quando Gene o agarrou, mas sem o menor sucesso. Não conseguia machucar Gene, pois ele já

estava morto. E logo Pick se estava espojando na água imunda, repugnante e fétida do porão, mas que era também maravilhosa, enquanto Gene pairava acima dele, os lábios gotejantes inchados e descarnados, enquanto o outro homem os espreitava lá do fundo.

Estelle nunca terminou de pagar seu casaco de peles. Depois de um tempo razoável, foi morar com um homem chamado Leon Socher, que há muito tempo a admirava. Os navios voltaram à sua antiga missão de apodrecerem no estuário, sem incomodar os contribuintes. E hoje em dia, se alguém for indiscreto o suficiente para bisbilhotar à noite por entre os cascos enferrujados, enquanto se balançam suavemente presos às suas âncoras, poderá descobrir que são habitados por um grupo pequeno mas selecionado, constituído por Pickard, Gene e o soldador, que é o habitante mais antigo.

CIDADE DIFÍCIL

William Sambrot

Ed Dillon hesitou diante do portão de ferro que barrava o caminho para a confortável casa que ficava mais além. Mudou a posição da mala gasta cheia de amostras ao ver o cartaz dizendo É PROIBIDA A ENTRADA DE VENDEDORES, pendurado perto do trinco. Ele estava muito cansado, como só um vendedor pode sentir-se ao fim de um dia com muitas portas batidas em sua cara. Aquela era uma cidade difícil, ruim mesmo.

Vira um guarda examinando-o assim que chegara. Afastara-se com uma expressão alegre, procurando parecer um turista bem nutrido que ia dar uma espiada na cidade no intervalo para a baldeação de ônibus. Mas o guarda não se deixara enganar, reparando nos sapatos cambaios, no terno brilhando pelo uso, na mala gasta de amostras. Fora realmente uma cidade difícil, conseguira fazer apenas duas vendas pequenas.

Olhou para o relógio e sacudiu os ombros. Tinha tempo apenas para fazer a sua oferta ali, depois correr para a estação, comer alguma coisa e pegar o ônibus de 5:15 horas para a próxima cidade.

Ele abriu o portão e deu dois passos quando o cachorro avançou, a boca aberta e vermelha, os dentes babando. Um cachorro estranho e horrível, que se emboscara silenciosamente atrás de uma moita e saltara selvagemente, rosnando baixinho. Com o ins-

tinto proveniente da longa prática, ele jogou a mala para a frente e os dentes do animal apenas esfolaram seus dedos. O cachorro então se afastou e ficou uivando, lugubremente, de longe.

Ed ficou vendo-o afastar-se, o coração aos pulos dentro do peito, chupando os dedos arranhados. Pelo canto dos olhos viu uma cortina sendo levantada numa janela e depois a porta da casa se abriu, dando passagem a um homem alto de cabelos brancos. O homem examinou-o rapidamente. As linhas firmes do seu rosto, os olhos semicerrados e penetrantes indicaram a Ed que não haveria a menor possibilidade de efetuar uma venda ali. Parou onde estava, pegou a mala e voltou-se, abrindo outra vez o portão e afastando-se apressadamente.

— Espere — gritou o homem de cabelos brancos. — Você aí, volte aqui!

Ed apertou o passo, sem olhar para trás. Conhecia bem esse tipo de cidade, de gente implacável, sempre querendo jogar um homem na cadeia, multá-lo por vender sem licença, arrancar-lhe seu último tostão e depois expulsá-lo da cidade como um vagabundo qualquer. Conhecia bem tudo aquilo, cada miserável cidadezinha coberta de fuligem, cada dona-de-casa descabelada que o ouvia com os olhos baixos e um sorriso de desprezo. O que havia de errado com essas pessoas? Por que o odiavam, zombavam dele, atiçavam seus cachorros contra ele? Não lhes fazia mal algum. Oferecia-lhes suas escovas, suas quinquilharias para cozinha e suas piadinhas — e pagavam com ameaças e insultos. O homem ainda gritava lá atrás quando ele virou a esquina e saiu quase correndo em direção à estação de ônibus, os dedos ardendo.

Tomando café, faltando ainda vinte minutos para o seu ônibus partir, Ed percebeu que havia muita agitação na rua. Com a cautela nascida da longa experiência, pegou o jornal e manteve-o diante do rosto, só depois, cautelosamente, olhando para ver de que se tratava. O homem alto de cabelos brancos conversava excitadamente com o guarda. Os dois subiram a rampa coberta fora da estação, examinando atentamente os desocupados que esperavam que o grande ônibus prateado fosse recolher os passageiros.

Ed levantou-se e, levando o jornal e a mala, saiu pela porta dos fundos do pequeno restaurante. Não tinha a menor dúvida de que o homem de cabelos brancos queria vê-lo preso por ignorar seu aviso contra os vendedores. Era provavelmente um comerciante legal, ofendido com a sua competição sem licença.

Os ombros curvados, sentia-se exausto e vazio ao olhar para

trás, da esquina, e ver os dois homens entrarem no restaurante. Isso significava que não pretendiam desistir facilmente.

Levantou outra vez a mala que deixara pousada no chão e olhou ao redor. No fim da rua havia uma pequena praça, triste, povoada por algumas árvores esparsas. No centro havia um coreto, coberto pelas folhagens e parecendo vazio.

Caminhou apressadamente. Tinha uma chance, não muito grande, de alcançar a estrada e fazer sinal para o ônibus, desde que conseguisse sair da cidade sem que o guarda o visse. Ele simplesmente não podia dar-se ao luxo de pagar uma multa nem passar trinta dias na cadeia — ou ambas as coisas. Mal tinha dinheiro para pagar a passagem de ônibus e o aluguel de um quarto por uma noite. E amanhã, se a cidade seguinte não fosse melhor...

Entrou no parque e percorreu um caminho que ninguém usava há bastante tempo, indo para o coreto. A distância, ouviu o barulho do ônibus chegando. Ele hesitou, mas já era tarde demais.

Examinou o coreto. O chão estava imundo, os bancos cobertos de poeira. Podia ficar ali, esperar que escurecesse e sair então para pegar o ônibus de 10 horas. Não era uma perspectiva das mais agradáveis, mas pelo menos era melhor do que correr o risco de ser agarrado pelo ansioso guarda.

Contemplou o parque, as casinhas aconchegantes que havia além, as ruas arborizadas, e foi invadido por uma indistinta sensação de tristeza. Era o eterno viajante, o vendedor ambulante, um homem cuja atividade já era antiga quando as pirâmides foram construídas.

Suspirou e ajeitou-se num banco. Cidade difícil aquela, habitada por gente áspera. Até os cães mordiam sem dar aviso. Seus dedos ainda doíam. Abriu o jornal e rapidamente leu as manchetes. DESAPARECE MOÇA DA CIDADE. O subtítulo dizia: "Judy Howell talvez seja vítima de um criminoso". Resmungou, piscando os olhos na semi-escuridão. Desistiu de ler o jornal e, estirando-se no banco, colocou-o em cima da cabeça, adormecendo imediatamente. Quando acordou, já era noite fechada.

A língua estava grossa, a cabeça latejava e os dedos ardiam como se estivessem queimados. Olhou o relógio. Mal tinha tempo de sair da cidade e fazer sinal na estrada para o ônibus de 10:15. Levantou-se e de repente tudo começou a girar. Sentiu uma zoeira grande nos ouvidos. Ficou esperando, um pouco assustado, que a cabeça clareasse. Já sentira fome e cansaço antes, mas nunca lhe acontecera algo parecido. Pegou a mala, estremecendo ao sentir

uma pontada de dor nos dedos, amaldiçoou novamente a cidade, o cachorro, o homem de cabelos brancos que o perseguira, até mesmo a soneca que tirara.

A menos que quisesse cortar caminho pelo meio dos campos, subindo ou passando por baixo de cercas de arame farpado, teria que atravessar um trecho bem iluminado da cidade para chegar à estrada. Hesitou por um momento, mas a sua mão latejando mostrou que não tinha opção. Não estava em condições de pular cercas.

De cabeça baixa, apertando o jornal enrolado, saiu em frente, tentando parecer um turista bem nutrido que fora ver a cidade no intervalo entre a baldeação de dois ônibus. Seus pés doíam terrivelmente e estranhos clarões iam e vinham em seus olhos. Já se passara muito tempo desde que almoçara, mas mesmo assim...

Retesou-se quando um homem se aproximou, olhando-o curiosamente como os moradores das cidades pequenas fazem com estranhos. O homem foi diminuindo os passos e finalmente parou, esperando abertamente que Ed se aproximasse. Com a habilidade nascida da longa prática, Ed avaliou-o. Não era um guarda, nenhuma autoridade local. Simplesmente um morador que saíra para dar um passeio e, no entanto, encarou-o como se o reconhecesse.

Ed baixou o chapéu de feltro e passou pelo homem, obrigando suas pernas doídas a se moverem rapidamente, a alça da mala de amostras toda úmida em sua mão.

Ed atravessou a rua depressa, olhando para trás. Viu que o homem ficara parado por um instante, irresoluto, correndo depois para bater na porta de uma casa.

De repente ficou molhado de suor. O homem agira como se o reconhecesse, como se a sua fotografia houvesse aparecido nos jornais ou estivesse afixada por toda parte. Pensamentos de um terrível pesadelo começaram a passar pela sua mente. Aquele homem de cabelos brancos... Devia ter falado, dito a toda a cidade a seu respeito, para que o pegassem.

Ridículo. Por que isso? Os moradores de uma cidade, até mesmo uma cidade dura como aquela, não iam preocupar-se com pequenas coisas como vender sem licença.

Desviou o rosto ao passar por um grupo de adolescentes risonhas, saído de uma confeitaria feericamente iluminada. Ouviu uma delas trautear um trecho de uma canção popular, com uma voz límpida e agradável. Mas outra garota subitamente ofegou, emitindo um som sufocado que fez sua mão apertar-se convulsiva-

mente na alça da mala de amostras.

— Viram aquele homem? Não é o que... É ele sim!

Ele titubeou. Aquilo era uma loucura, até mesmo as garotas...

— Terno cinza e chapéu marrom, levando uma mala...

— É isso mesmo! É isso mesmo!

Os gritinhos agudos das garotas perseguiram-no ao cruzar a rua novamente, dobrar uma esquina e ocultar-se sob um portal escuro. Ainda podia ver as garotas, reunidas na porta da confeitaria, falando nervosamente e apontando em sua direção. Um jovem alto, todo de branco, estava com elas. Um garotinho montou em sua bicicleta e saiu pedalando furiosamente, sem vê-lo ao passar por ali.

O farol fraco da bicicleta desapareceu no fim da rua escura e Ed sentiu um tremor no pescoço, início de uma convulsão incontrolável. Mas o espasmo logo passou e ele inclinou-se para olhar pela rua. O homem que vira batendo na porta havia aparecido com muitos outros. Vários carros convergiam para o local. A confusão diante da confeitaria aumentava cada vez mais, vozes excitadas que lhe chegavam aos ouvidos como um distante murmúrio. A multidão aumentou e o barulho ficou quase ensurdecedor. Os homens começaram então a atravessar a rua.

Ed afastou-se apressadamente, a cabeça pesada, a zoeira nos ouvidos voltando. A rua se prolongava interminavelmente, cada vez mais escura, parecendo estender-se até o infinito. Lá atrás, podia ouvir muitos passos de gente correndo, explicações apressadas quando novas pessoas se juntavam ao grupo.

Algo horrível acontecera com aquela cidade, dominando todos os seus moradores. O aviso a seu respeito se espalhara como um incêndio na floresta durante a seca e todos saíam às ruas em sua perseguição. Mas por quê? Ele não era um criminoso. O que fizera para provocá-los tanto assim? Mudou a mala de mão, tentando pensar direito. Lembrou-se então do jornal que lera. Meu Deus! Será que eles estavam pensando que...? A garota desaparecida. A suspeita de um atentado.

Correu. Compreendia agora o perigo que o ameaçava. Ele era O Estranho. O homem que viera de fora, que não pertencia ao círculo sagrado da comunidade.

Saiu numa carreira desabalada. Atravessou a rua, entrou por um terreno baldio, desceu um barranco e subiu pelo outro lado. Agora não podia mais se dar ao luxo de escolher. Tinha que atravessar os campos, correndo o mais depressa possível, a mala ba-

tendo contra as suas pernas, o jornal apertado no braço, enquanto os gritos lá atrás continuavam aumentando de intensidade. Tentou esconder-se atrás de um imenso carvalho, mas já era tarde demais, pois fora localizado. A perseguição transformou-se numa terrível confusão.

Correu, apavorado, sentindo em cima de si cada homem que o perseguia. A noite o envolvia, com gritos medonhos e lancinantes. Corria tremendo, como um homem em pleno pesadelo. A cidade estava atrás dele, ganindo, babando de ódio, os dentes aguçados. Não devia ter ignorado aquele cartaz proibindo a entrada de vendedores que agora queimava o seu cérebro.

Agora convergiam em sua direção de todos os lados, descobrindo-o por baixo de sua frágil camuflagem, vendo os sapatos cambaios, o terno lustroso, a mala gasta. Eles sabiam. Vendedor. Ambulante. Caia fora. Não gostamos de gente como você em nossa cidade

E de repente ele estava no chão e os perseguidores em cima dele, gritando, as mãos estendidas furiosamente.

— É elel O cara que o rádio descreveu...

— É ele que o xerife está procurando...

— Foi ele mesmo. Assassino! Estuprador!

Assassino. Estuprador. As palavras rugiram e golpearam-no de todos os lados, caindo em seu corpo como vergões dolorosos. Ouviu ao longe uma sirena aproximando-se, o gemido fraco sobrepondo-se ao murmúrio alto da multidão enfurecida. O guincho dos freios. Houve um breve tumulto e a multidão continuou a espancá-lo e a empurrá-lo alternadamente.

— ... ele não é procurado por causa da moça — gritou uma voz. — Soltem-no!

A voz foi abafada pelo murmúrio ensurdecedor da multidão.

— Ele foi mordido por um cão raivoso. Afastem-se! Em nome da lei, afastem-se ou eu atiro!

— Cão raivoso!

As palavras percorreram a multidão como uma onda agitada, indo e voltando.

— Ele é um cão raivoso!

Uma voz, uivando, medonha, ergueu-se acima das outras:

— Vocês ouviram o xerife. Ele é um cão raivoso e assassino. Sabem o que ele fez com Julie Howell. O que estão esperando?

Outra voz, distante, abafada, começou a dizer:

— Parem! Em nome da...

Houve tiros, a multidão gritou em uníssono, avançando então em sua direção como um único animal louco e enfurecido, com ânsia de matar. Ele foi agarrado. Muitas mãos avançaram e o agrediram, cravando-lhe as unhas. Rostos vermelhos e suados, olhos brilhando surgiam à sua frente. Os sons iam e vinham constantemente. Aquilo não podia ser verdade. Devia ser o delírio, resultante do veneno que o cão raivoso introduzira em seu sangue. Ele ouvira as palavras do xerife e finalmente compreendera tudo. Tudo terminaria bem. Aquilo era um acesso de febre. Logo o poriam debaixo de lençóis frios e enfermeiras atenciosas enxugariam seu rosto suado.

Tentou mexer a boca quebrada para dizer-lhes tudo isso. Ele julgara mal a cidade, seus habitantes. Não eram realmente duros. É que ele fora mordido por um cão raivoso e queriam encontrá-lo para ajudar. Não pretendiam fazer-lhe mal algum. O barulho, os golpes, os socos, a multidão — nada disso estava realmente acontecendo. Era apenas o delírio.

O brilho de faróis iluminou seu rosto. Abriu os olhos inchados, esforçando-se para enxergar direito, para não se ofuscar com a claridade. Viu então os contornos maciços de uma árvore gigantesca. Um carvalho. Algo se movia lá em cima. Depois veio descendo, sinuosamente, como uma cobra peluda e castanha.

Ficou balançando à sua frente e ele sorriu, quando a claridade diminuiu um pouco. Parecia uma corda, bem áspera, quando a passaram em volta do seu pescoço. Só que não podia ser uma corda. De jeito nenhum. A multidão gritava, um som estranhamente feminino. Sentiu que o levantavam, que o empurravam para o alto. O som agora era um guincho agudo, incrível. E então, subitamente, sentiu que estava caindo, caindo...

Mas era apenas parte do pesadelo. Não pretendiam fazer-lhe mal algum. Logo o poriam sob lençóis frios e enfermeiras aten...

O ENTE SOBRENATURAL

T. H. White

— Meu pai — disse o Sr. Marx — costumava dizer que uma experiência como a que vou relatar era bem capaz de abalar a fé de uma pessoa nas coisas materiais, no mundo objetivo. Naturalmente que não esperava que acreditassem nele e também não se preocupava muito com isso. Ele próprio não acreditava no sobrenatural, mas a história de fato ocorreu e se propôs então a contá-la com a maior objetividade. Seria uma estupidez de sua parte afirmar que o acontecimento abalou a sua fé no mundo material, pois tudo ocorreu da forma mais natural possível. Na verdade, o mais assustador foi justamente a atmosfera tangível, palpável, em que tudo aconteceu. Nada era indefinido. Se fosse menos natural, talvez não fosse tão assustador. Pois a estranha criatura parecia estar acima das leis da natureza, mas sem ser inteiramente imune a elas.

"Mas vamos à história. Meu pai era um pescador apaixonado e costumava ir a todas as partes do mundo para pescar. Em certa ocasião fez de Abisko, na Lapônia, a sua base, hospedando-se num confortável hotel ao final da estrada de ferro, cerca de duzentos e cinqüenta quilômetros dentro do Círculo Ártico. Atravessara toda a prodigiosa extensão da Suécia (acho que a distância entre o norte e o sul desse país é maior que a distância dele até o sul da Itália) num trem elétrico e chegou exausto. Foi deitar cedo, adormecendo imediatamente, embora lá fora fosse dia claro, como acontece

durante a noite nessa região, em determinadas épocas do ano. Por falar nisso, um dos fatos mais assustadores de sua história é que tudo ocorreu à luz do sol.

"Como disse antes, ele foi deitar cedo e logo começou a sonhar. Devo esclarecer de uma vez, para que fique bem definido como os contornos da estranha criatura que vive sob o sol ártico, que esta história não se transforma em sonho no último parágrafo. A fronteira entre o sono e o estar acordado é brusca, embora muitas vezes sejam semelhantes as sensações que sentimos em ambos. Estar acordado, porém, às vezes é muito mais terrível, porque não podemos atribuir os acontecimentos a um sonho. É por isso que, muitas vezes, meu pai preferiu que se tratasse apenas de sonho. Só que não foi.

"Ele contava sempre o sonho que teve aquela noite, pois parecia fazer parte integrante do que aconteceu a seguir. Achava que o sonho fora uma conseqüência da presença da estranha criatura no quarto ao lado. Foi com sangue que sonhou.

"A nitidez do sonho é que o impressionou, com os seus mínimos detalhes e a sua horrível realidade. O sangue começou a escorrer pelo buraco da fechadura da porta de intercomunicação, trancada evidentemente, com o quarto contíguo. Possivelmente os dois quartos haviam sido construídos como uma suíte, sendo depois separados. Mas voltemos à história. O sangue escorreu pela porta de madeira, viscoso e agitado, como se fosse artificial. Mas só que era espesso e cheirava. Escorrendo sem cessar, empapou o tapete e se alastrou até a cama, quente e pegajoso. Meu pai acordou com a impressão de que suas mãos estavam impregnadas, esfregando os dois dedos maiores da mão direita, para ver se se livrava da substância grudenta que os unia.

"Meu pai sabia exatamente o que devia fazer. Deixe-me esclarecer que nesse momento ele estava perfeitamente acordado, sabendo o que devia fazer sem ter mesmo raciocinado a respeito. Levantou-se da cama, levado por um impulso irresistível, e foi olhar pelo buraco da fechadura para o quarto ao lado.

"Acho que a melhor maneira de contar a história é simplesmente narrá-la, sem fazer o menor esforço para que acreditem nela. A estranha criatura não precisava de um ato de fé para se crer em sua presença. O que meu pai sentiu não foi uma sensação de horror, um calafrio nos ossos, a visão de um vulto de contornos indefinidos, coisas que realmente exigem fé para que possamos acreditar. A criatura era tão sólida quanto um armário, bem defi-

nida. A gente não precisa ter fé em armários para saber que eles existem em quase todos os quartos.

"O que meu pai viu no outro quarto, ao espiar pelo buraco da fechadura, foi um troll, o ente sobrenatural que habita as cavernas e abismos do norte da Escandinávia. E era incrivelmente sólido, com mais de dois metros de altura, vestido com peles enfeitadas e de cores berrantes. O rosto era azul, os olhos amarelos e na cabeça usava um boné vermelho de algodão. As feições eram tipicamente mongólicas. Seu corpo era comprido e forte, como o tronco de uma árvore. As pernas eram curtas e grossas, como os pés que se usam para certas mesas, imitando as patas de elefante. Os braços eram atrofiados, como as patas dianteiras do canguru. A cabeça e o pescoço eram grossos e maciços. No conjunto, assemelhava-se bastante a uma grotesca boneca de trapos.

"Talvez fosse exatamente por isso que a cena era horrenda. Imaginem uma boneca de trapos perfeitamente normal, de pé ao canto de um quarto, com mais de dois metros de altura. Parecia perfeitamente natural, estofado como uma boneca de trapos e todo irregular nas articulações. Só que podia mexer-se.

"No momento em que meu pai olhou, o troll estava comendo uma senhora. A pobre moça estava presa firmemente junto ao seu peito, enlaçada pelos braços atrofiados, com a cabeça ao nível da boca da estranha criatura. Ela usava um vestido longo, repuxado até a altura das axilas, constituindo assim uma oferenda nua e lamentável, como o quadro clássico de Andrômeda. Parecia, por um ato de misericórdia, estar desmaiada.

"Foi então que o troll abriu a boca e mordeu-lhe a cabeça, arrancando-a. Depois, segurando o pescoço entre os lábios azuis, sugou toda a carne fresca que parecia haver dentro do corpo da pobre moça. Ela murchou, como uma laranja espremida, e seus calcanhares bateram um no outro. A expressão da criatura era de êxtase. Quando a jovem pareceu ter perdido todo o seu sumo, foi erguida no ar e desapareceu na boca do monstro, em duas rápidas mordidas. O troll continuou encostado à parede, mastigando ruidosamente, olhando ao redor com uma expressão satisfeita. Abaixou-se então, curvando apenas a cintura, como um canivete, e abriu a boca para lamber o sangue que se esparramara pelo tapete. A boca era incandescente no interior, como uma fornalha, e o sangue se evaporava antes de a língua tocá-lo, como poeira sugada por um aspirador de pó. Depois ele se empertigou, com os bracinhos balançando-se à sua frente conscientes da quase inutilidade,

e fixou os olhos no buraco da fechadura.

"Meu pai voltou cambaleando para a cama, como uma raposa perseguida por quase trinta quilômetros. A primeira razão para fazê-lo foi o receio de que a criatura o houvesse visto espiando pelo buraco da fechadura. Este foi o impulso inicial, mas a razão mais forte foi a preocupação com a própria sanidade mental. Um homem pode atribuir as aparições noturnas à sua imaginação e finalmente se convencer de que não existem as criaturas das trevas. Mas aquela aparição surgira num quarto banhado pelo sol, com toda a nitidez de um armário, mas sem nenhuma alternativa para se julgar que se tratava de outra coisa. Ele passou os primeiros dez minutos assegurando-se de que estava acordado e o resto da noite clara tentando acreditar que estava adormecido. Se tal coisa não tinha acontecido, ele então enlouquecera.

"Não é nada agradável duvidar da própria sanidade mental. Não há nenhum teste satisfatório para provar que ainda a temos. Se queremos saber se estamos de fato acordados, basta que nos belisquemos. Mas, no outro caso, nada há que se possa fazer. Ele passou muito tempo abrindo e fechando os olhos, mas o quarto parecia normal e permanecia inalterado. Mergulhou também a cabeça numa bacia de água fria, sem o menor resultado. Deitou-se então de costas e durante muitas horas ficou observando os mosquitos no teto.

"Estava exausto quando o chamaram. Uma exuberante empregada escandinava abriu a janela para que o sol entrasse em seu quarto e disse-lhe que fazia um dia maravilhoso. Meu pai dirigiu-lhe a palavra várias vezes, observando-a atentamente, mas a jovem parecia não ter a menor dúvida quanto ao seu comportamento. Era evidente que ele não estava tão louco quanto imaginava. E até aquele momento havia pensado por tantas horas na horrenda cena, que ela lhe parecia vaga, indistinta. Tudo se tornara tão indefinido que resolveu tratar-se apenas de um sonho ou de uma ilusão momentânea. De qualquer forma, o que acontecera fora temporário e era melhor esquecer. De nada valia continuar pensando a respeito. Levantou-se, vestiu-se alegremente e desceu para tomar café.

"Estes pequenos hotéis são geralmente muito bem administrados. A proprietária está sempre à sua disposição, em seu pequeno escritório no corredor, pronta para responder a qualquer pergunta, falando todas as línguas possíveis, procurando fazer com que os hóspedes se sintam em casa. E a proprietária do hotelzinho de Abisko era tudo isso e, ainda por cima, uma mulher linda. Meu

pai costumava conversar bastante com ela. Soubera que, na Suécia, quando um hóspede vai tomar banho, às vezes mandam uma empregada para ensaboá-lo. Na verdade, isso pode acontecer, mas geralmente é uma empregada velha e da maior confiança. A gente tem que ficar metido embaixo da água, como se vestisse uma capa de invisibilidade. Se o joelho emerge à tona da água, ela fica chocada. Meu pai tinha a esperança vaga de que um dia a própria hospedeira iria dar-lhe banho... e pretendia deixá-la bastante chocada. Bom, mas isto não vem ao caso. Ao passar pelo corredor, um impulso repentino levou-o a perguntar sobre o quarto ao lado do seu. Alguém estava ocupando o quarto 23?

"— Mas claro — respondeu-lhe a hospedeira com um sorriso maravilhoso — o quarto 23 está ocupado por um professor de Upsala e sua esposa, um casal deveras encantador.

"Meu pai ficou pensando no que estaria fazendo o casal encantador enquanto o troll comia a moça de vestido longo. Decidiu, porém, não pensar mais no assunto. Aprumou-se e foi tomar café. O professor estava sentado no canto oposto (a hospedeira o apontara), com uma aparência suave e humilde. Meu pai chegou à conclusão de que devia escalar as montanhas, já que devia era estar precisando de um pouco de exercício.

"Passou um dia maravilhoso. O lago Torne resplandecia num azul intenso, lá embaixo, por toda a extensão dos seus cinqüenta quilômetros. A neve derretida armara uma filigrana de renda branca no cume de todas as montanhas que o cercavam. Ficou longe das bétulas raquíticas e dos brejos numerosos, escapando aos mosquitos que por lá havia. Vadeou o que devia ser um tributário temporário do Abiskojokk, tendo que tirar as calças e os sapatos para fazê-lo e suspender a camisa até o pescoço. Quase gritou, ao entrar na correnteza gelada, suas pernas embaralhando-se involuntariamente, as pedrinhas ao fundo revirando-se sob os seus pés. Inclinou o corpo dentro da água e a correnteza começou a bater rápida em seu estômago. Quando estava chegando à margem oposta, pisou de mau jeito numa pedra e escorregou, caindo na água. Levantou-se, gritando de alegria, e fez uma observação que desde então se tornou clássica em nossa família: Graças a Deus que havia enrolado as mangas da camisa! Ele torceu as roupas da melhor maneira que podia e vestiu-as molhadas mesmo, subindo depois a encosta do Niakatjavelk. Antes de andar um quilômetro, já estava seco e sentindo calor. Subiu mais trezentos metros e chegou à área em que havia neve. E ali, de gatinhas, deparou-se com

o que lhe parecia ser o máximo da ambição. Encontrou-se com um arminho. Como ambos estavam apoiados nas quatro patas, parecia haver uma igualdade total no encontro, com vantagem para o arminho que estava um pouco mais acima. Olharam um para o outro por um rápido instante, sem pronunciarem som algum. Mas o arminho logo desapareceu. Meu pai procurou-o em vão por toda parte, pois a neve não era espessa e contínua. Sentou-se depois numa pedra seca, para comer o seu lanche molhado de chocolate e pão de centeio.

"A vida só é um inferno indescritível porque de vez em quando nos oferece momentos de beleza excepcional. Se pudéssemos sofrer o tempo inteiro, não existiriam coisas como amor e beleza, fé e esperança. Bastava a gente ter certeza absoluta de que o nosso amor nunca seria retribuído. A vida, assim, seria muito mais fácil. Uma pessoa pode labutar nas minas de sal siberianas da existência sem nunca se perturbar pela idéia da felicidade. Mas, infelizmente, a felicidade está à sua espreita. Há sempre chance (a previsão matemática é de 850 contra 1) de que outro coração bata no mesmo ritmo que o nosso. É por isso que não conseguimos deixar de sentir esperança; mantemos a fé, amamos a beleza. Às vezes não levamos uma existência tão miserável quanto seria de se desejar. E meu pobre pai, sentado naquela pedra acima da neve, estava com a felicidade batendo à sua porta.

"Provavelmente ninguém jamais se sentara naquela pedra. Estava duzentos e cinqüenta quilômetros para dentro do Círculo Ártico, no alto de uma montanha de quase dois mil metros de altura, olhando para um lago aos seus pés. O lago era tão comprido que ele podia jurar que se encurvava na extremidade, provando a olho nu que a Terra era de fato redonda. A estrada de ferro e a meia dúzia de casas de Abisko estavam ocultas pelas árvores. O sol esquentava a pedra, arrancava reflexos azuis da neve. Seu corpo tiritava do banho que tomara e a boca apreciava imensamente o pedaço de chocolate que engolira.

"E, no entanto, após comer o chocolate, talvez porque pesasse em seu estômago, lembrou-se do troll. Meu pai ficou repentinamente sombrio e começou a pensar no sobrenatural. A Lapônia era linda no verão, o sol pairando no horizonte dia e noite, as folhas das árvores sempre cintilando. Não era o tipo de lugar em que podiam ocorrer coisas estranhas. Mas que dizer do inverno? Uma imagem da noite ártica surgiu em sua mente, o silêncio e a neve a tudo dominando . Era então que os legendários lobos e ursos ron-

davam os acampamentos distantes e os misteriosos espíritos do inverno percorriam seus caminhos sombrios. A Lapônia sempre fora associada à feitiçaria, inclusive por Shakespeare. Era nos limites do mundo que as coisas estranhas se reuniam, como os detritos de madeira nas praias do oceano. Se se deseja encontrar uma bruxa, o negócio é ir até as Hébridas; nas costas da Bretanha é que se rezavam as estranhas missas a St. Secaire. E que limite do mundo era a Lapônia! Era o limite não apenas da Europa como também da própria civilização. Não tinha fronteiras definidas. Os lapões seguiam as renas e a Lapônia se estendia por toda parte a que elas iam. Os lapões não eram cristãos. Deviam possuir uma imensa reserva de poder para resistirem à marcha inexorável do progresso do pensamento humano. Durante séculos resistiram a todos os missionários, apoiados numa força estranha que os sustentava, uma força que se erguia contra Cristo. Meu pai compreendeu então que estava vivendo ali a idade da rena, não muito distante da idade do mamute e dos fósseis.

"Chegou, porém, à conclusão de que não viera ali para pensar em coisas desse tipo. Fez um esforço para descartar-se desses pesadelos, levantou-se da pedra e voltou para o hotel. Era inteiramente impossível que um professor de Abisko pudesse transformar-se num troll.

"Quando meu pai ia jantar aquela noite, a hospedeira deteve-o no corredor.

"— Tivemos um dia muito triste — disse ela. — A esposa do nosso pobre professor desapareceu. Ninguém a vê desde a noite passada. O professor está inconsolável.

"Meu pai viu então que, de fato, perdera a razão. Nada respondeu e seguiu aturdido para a sala de jantar. Serviram uma sopa de creme amargo, para ser tomada fria com açúcar e pimenta. O professor continuava sentado a seu canto, um homem de cabelos cor de areia, usando óculos de lentes grossas e com uma expressão desolada. Estava olhando para o meu pai, que, com a colher suspensa na metade do caminho até a boca, retribuiu-lhe o olhar. Conhece esse tipo de olhar em que duas pessoas se reconhecem, cada uma escavando fundo na alma da outra? Geralmente acontece quando estamos para nos apaixonar. Estou-me referindo àquele reconhecimento suave e profundo que o poeta Donne tão bem descreveu. Os olhares se encontraram e se misturaram. Meu pai descobriu que o professor era um troll e o professor verificou que meu pai descobrira. Ambos sabiam que o professor devorara a esposa.

"Meu pai pousou a colher no prato e viu que o professor estava começando a crescer. Sua cabeça levantou-se e expandiu-se, como um pão assando no forno. Seu rosto ficou vermelho, depois violeta e finalmente azul. Todo o corpo começou a se agitar e a crescer, em direção ao teto. Meu pai olhou ao redor. Os outros hóspedes jantavam despreocupados. Ninguém mais estava vendo a estranha criatura e meu pai teve certeza então de que enlouquecera. Quando olhou novamente para o troll, este fez-lhe uma reverência, curvando todo o corpo acima da cintura, com um sorriso sedutor.

"Meu pai levantou-se e caminhou na direção do troll. Não lhe foi fácil dar aqueles poucos passos e aproxímar-se do troll, mas aquilo era fundamental para que não perdesse a razão. Se enlouquecera, tinha que sabê-lo. E a única maneira de certificar-se era enfrentar a criatura.

"Parou à sua frente como um garotinho e estendeu a mão, dizendo: — Boa noite.

"— Ho! Ho! Que anãozinho engraçado — disse o troll. — O que vamos ter no meu jantar esta noite?

"Estendeu então a sua pata peluda e murcha e segurou a mão do meu pai, que imediatamente saiu da sala, em busca de ar fresco. No caminho encontrou a hospedeira e mostrou-lhe a mão.

"— Acho que queimei a mão — disse ele. — Poderia fazer um curativo?

"A hospedeira disse que a queimadura era grave e que a mão estava cheia de bolhas, concordando logo em fazer o curativo. Meu pai explicou que se queimara numa lamparina de álcool. Mal conseguia esconder a sua satisfação. Agora tinha certeza, pois ninguém podia queimar-se daquele jeito num delírio de loucura.

"— Eu o vi conversando com o professor — disse a hospedeira ao colocar a atadura. — Não acha que é um cavalheiro extremamente simpático?

"O alívio ao descobrir que não estava louco logo deu lugar a outras preocupações. O troll devorara a esposa e queimara a sua mão, fazendo também uma desagradável observação sobre o seu jantar naquela noite: propusera-se a comer meu pai. Não são muitas as pessoas que já se viram na situação de saber o melhor a fazer depois que um troll revela que pretende transformá-las em sua próxima refeição. Antes de mais nada, embora o troll fosse tangível para ele e até queimara sua mão, era invisível para todos os outros hóspedes. Isso deixava meu pai numa posição difícil. Ele não podia, por exemplo, pedir proteção. Não podia chegar para a

hospedeira e dizer que o professor era uma espécie de lobisomem, que devorara sua esposa na noite anterior e agora pretendia fazer o mesmo com ele. Se o fizesse, tratariam imediatamente de metê-lo numa camisa-de-força. Além disso, era orgulhoso demais para fazê-lo e ainda se sentia em dúvida, um pouco confuso. Apesar da queimadura, não achava muito fácil acreditar em professores que se transformavam em trolls. Vivera num mundo normal e objetivo a sua vida inteira e na idade a que chegara já não era fácil aceitar novos conceitos. Para uma criança que ainda está tomando conhecimento do mundo, não haveria o menor problema em aceitar a existência do troll. Mas isso não acontecia com meu pai. Tentou imaginar uma versão para os acontecimentos que não perturbasse o equilíbrio do seu universo objetivo. Disse para si mesmo, repetidas vezes, que era ridículo imaginar que poderia ser devorado por um professor. Era como ter uma febre, como dizer aos outros que tudo aquilo não passava de um delírio, de algo efêmero.

"Era aquela sensação tão nossa conhecida de se ater às verdades do mundo apreendidas até aquele momento, de esforçar-se desesperadamente para que o mundo não caia aos pedaços, a recusa obstinada e corajosa de não querer parecer tolo.

"Por outro lado, contudo, havia também uma sensação de terror indescritível. Apesar da vontade de querer convencer-se de que tudo não passara de delírio ou de que fora apanhado numa armadilha passageira de espaço-tempo, a verdade é que estava dominado pelo pânico. Precisava sair urgentemente dali, afastar-se o mais possível daquele medonho troll. Infelizmente, porém, o último trem deixara Abisko há algum tempo e não havia nenhuma outra condução em que pudesse fugir.

"Evidentemente que, naquela ocasião, o raciocínio de meu pai não foi tão nítido assim. Para ele estava então tudo misturado, um turbilhão de emoções e reações. Homem orgulhoso e agnóstico, resolveu enfrentar a criatura com as suas próprias armas. Estava apavorado com o troll, mas finalmente se recusou a admitir sua existência. Todos os seus processos mentais pararam aí e ele foi conversar no terraço, quase em estado de suspensão animada, com um turista americano que fora a Abisko fotografar o sol da meia-noite.

"O americano disse a meu pai que a estrada de ferro para Abisko era a mais setentrional do mundo, que doze composições a cruzavam diariamente, indo de Upsala a Narvik, que a população de Abo era de doze mil pessoas em 1862 e que Gustavo Adolfo as-

cendera ao trono da Suécia em 1611. Forneceu também algumas informações sobre Greta Garbo.

"Meu pai contou-lhe que era necessário o cadáver de um bebê para se rezar a missa negra de St. Secaire, que um vácuo cósmico era uma espécie de boca no espaço a sugar e devorar todas as coisas que passavam por perto, que a mágica homeopática era praticada pelos aborígines da Austrália e que as mulheres da Lapônia tomavam todo cuidado para não terem laços ou nós em nenhuma parte da roupa que usavam durante o parto, pois senão este seria muito difícil.

"O americano, que há algum tempo estava olhando para meu pai com estranheza, encarou esta última informação como ofensa e resolveu ir embora. Meu pai, então, não teve outra alternativa a não ser ir deitar-se.

"Subiu a escada apenas por um esforço supremo de força de vontade, apoiando-se no corrimão. A impressão era de que todos os sentidos haviam encolhido e estavam confusos. Parecia que estava flutuando no ar, suspenso por um arame invisível preso no teto. Os argumentos que ele se apresentara pareciam ter perdido todo o significado e ele foi para o quarto impulsionado apenas pelo próprio orgulho, embora contra a vontade. Era o medo físico que separara os pensamentos do corpo, o mesmo medo que sentia quando garoto, ao atravessar um corredor para levar uma surra.

"Estranhamente, adormeceu quase que imediatamente. Passara o dia inteiro escalando montanhas e na noite anterior praticamente não dormira, o que explicava o sono imediato. Como um homem condenado que pela manhã seria enforcado, meu pai resolveu não pensar mais no assunto e foi dormir.

"Foi acordado exatamente à meia-noite. Ouviu o americano explicar, excitado, no terraço embaixo de sua janela, que nas duas noites anteriores, às 11:58, uma nuvem cobrira o sol, impedindo-o assim de bater a sua famosa fotografia do sol da meia-noite. Ouviu então o clique da câmara.

"Naquele instante teve a sensação de que desabara uma tempestade súbita de granizo e neve. O temporal rugiu pela janela e levantou as cortinas, que ficaram paralelas ao teto. O barulho do vento e do granizo batendo em sua janela aumentou de intensidade, dando a impressão de que a tempestade se dirigia diretamente para ele. Uma garra azul surgiu no peitoril.

"Meu pai virou de costas e enterrou a cabeça no travesseiro. Mesmo assim sentiu que uma cabeça assomava à janela e os olhos

se fixavam em sua nuca. Era uma sensação física, pois todo o resto do seu corpo comichava, à exceção da nuca. Sentiu que a estranha criatura passava o corpo pelo peitoril, brilhando como gelo, fazendo entrar a tempestade. O mosquiteiro que envolvia sua cama entreabriu-se, deixando-o exposto, indefeso. Estava tão aterrorizado que quase sentia prazer, um êxtase estranho e diferente. Era como uma criança que mergulha pela primeira vez na água gelada e fica incapaz de articular qualquer palavra. Tentou gritar, mas só conseguiu arrancar dos seus pulmões semiparalisados uma série de guinchos inarticulados, Ele tornara-se parte integrante da tempestade que rugia dentro do seu quarto. Sentiu que lhe arrancavam as cobertas e que o troll estendia a mão em sua direção.

"Meu pai era um agnóstico. Mas, como a maioria dos homens que dispõem de tempo, gostava de ter sempre alguma coisa com que implicar. E a sua implicância predileta era com a psicologia da Igreja Católica. Estava sempre disposto a dissertar durante horas seguidas a respeito da psicanálise e a confissão. Sua grande descoberta fora o rosário.

"Explicava que o único objetivo do rosário era servir de terapia ocupacional, dando uma ocupação às mãos e tranqüilizando assim os níveis inferiores do cérebro. Era um sedativo, como dar nós ou contar carneiros. A melhor cura para insônia era um rosário. Afirmava que há muitos anos abandonara as técnicas de respirar fundo e contar objetos. Quando estava sem sono, deitava de costas na cama e ia segurando as contas do rosário que sempre levava no paletó do pijama.

"O troll estendeu as mãos para pegar meu pai pela cintura. Ele estava completamente paralisado, até sem respirar. O troll tocou então nas contas do rosário.

"E as forças ocultas se encontraram, num choque tremendo acima do corpo inerte de meu pai. Ele disse que houve uma explosão, como se uma carga de eletricidade se gerasse naquele momento. Uma de energia positiva, outra de negativa. Houve um relâmpago, um clarão, como o que produz a antena do trem elétrico ao levantar uma faísca nos fios suspensos no ar.

"O troll soltou um grito agudo, como um caranguejo cozinhando em água fervendo, e começou a diminuir de tamanho. Largou meu pai e virou-se, correndo para a janela como se estivesse teirivelmente queimado. À medida que diminuía de tamanho, sua cor também se esmaecia. A criatura das trevas subiu no peitoril da janela, já reduzida ao tamanho de uma criancinha, e pulou.

“Meu pai levantou-se e foi à janela. Viu o troll cair no terraço como um sapo, levantar-se com dificuldade e sair cambaleando e guinchando como um morcego pelo vale de Abiskojokk.

“Meu pai então desmaiou.

“De manhã, a hospedeira informou que ocorrera uma tremenda tragédia. O pobre professor fora encontrado poucos momentos antes junto ao lago, morto. A preocupação com a esposa, certamente abalara sua mente.

“O americano fez uma coleta para comprarem uma coroa e meu pai deu também algum dinheiro. O corpo foi embarcado no dia seguinte, em um dos doze trens que diariamente fazem o percurso entre Upsala e Narvik.

A NOITE DA VINGANÇA

Robert Somerlott

Os olhos se arregalaram e as mãos grandes que seguravam a garrafa de sherry tremeram ligeiramente, fazendo com que uma gota castanha escorresse pela borda do cálice.

— Tem certeza, Eric?

— Tenho sim. Já vivi o suficiente para saber quando algo estranho está acontecendo.

— Conte-me exatamente o que aconteceu. Pode ser muito importante.

— Estava começando a escurecer quando saí do hotel. Estava sozinho, imaginando a delícia de comer o sauerbraten preparado por Frieda, depois de uma semana inteira na base de tortillas e chili. Não prestei muita atenção quando passei pelos dois na praça. Só três quarteirões mais adiante é que compreendi que me estavam seguindo.

As mãos de Henry Black já estavam firmes quando me ofereceu o cálice de sherry. Ele sentou-se calmamente na poltrona de couro à minha frente e seu rosto parecia tranqüilo, embora constantemente desviasse os olhos azuis, inquieto, para as janelas gradeadas da sala, cobertas por cortinas grossas. Esticou a cabeça, de cabelos cortados rente, como se ouvisse algum som estranho lá fora. A única coisa que eu podia ouvir era o tamborilar da chuva e o ganido de Inga, o mais nervoso dos dois dobermans que ele pos-

suía. Pensei nos dois incansáveis cachorros patrulhando o espaço entre a casa e o arame farpado que a cercava. Loki, o macho, era mais forte. Mas Inga era mais alerta, eternamente suspeitando de tudo e de todos. Meses atrás, nas primeiras noites em que visitara Henry Black, senti-me como um explorador cercado por canibais. Será que os cachorros se lançariam ao meu pescoço se pegasse um garfo? Eram inteiramente desacostumados a estranhos. Foram necessários dois meses e uma dúzia de visitas para que sentissem confiança suficiente em mim e permitissem que andasse livremente pela sala. Quando estavam dentro de casa, nunca saíam do lado de Henry. Agora estavam lá fora, patrulhando o jardim, procurando dentro da noite por um cheiro inesperado, pelo barulho abafado de um pé pulando o muro.

— Como eram esses homens? — perguntou Henry.

— Pareciam dois mexicanos embriagados. Quando percebi que me estavam seguindo, imaginei que pensavam assaltar um turista americano. Senti então, não sei por que, que eles simplesmente não andavam como mexicanos. Suponho que isto é ridículo, mas...

— Não é não, Eric.

Subitamente nervoso, Black levantou-se antes de continuar.

— Cada raça, cada povo caminha de modo diferente. São como os cachorros, cada espécie tem um porte diferente. Algumas pessoas são incapazes de notar a diferença mas gente como eu e você pode fazê-lo.

— Seja como for, achei que havia algo estranho neles. Resolvi então que era melhor defrontar-me com o problema na cidade do que numa estrada deserta. Por isso parei e fiquei esperando. Eles não passaram por mim, entrando antes num desses inúmeros pátios das vilas mexicanas. Teria esquecido toda a história, se não os tivesse visto depois perto da sua casa.

— E o que eles estavam fazendo?

— O carro preto de que lhe falei estava parado na estrada e eles conversavam com o motorista. Ficaram observando-me e, ao me verem tomar o caminho da sua casa, entraram no carro, que imediatamente se afastou na direção oposta à da cidade. Ah! Já ia esquecendo de contar que a placa do carro era dos Estados Unidos.

Henry bateu com o punho fechado na palma da outra mão.

— Foram embora para onde? No lado por que seguiram, a estrada termina junto a meia dúzia de cabanas de adobe e numa fazenda de criação de porcos, a cinco quilômetros daqui. Devia ter

contado a história toda imediatamente, Eric.

Ri, tentando diminuir a tensão que reinava na sala.

— Queria que eu estragasse o jantar de Frieda com uma história maluca de ser vigiado por dois estranhos misteriosos? Além disso, nada aconteceu. Eles apenas pareciam diferentes. E também não consigo imaginar como chegaram aqui antes de mim, pois não os vi na estrada. Ora, que diabo! Acho que eles queriam apenas arrancar-me alguns dólares americanos e depois mudaram de idéia.

— Talvez, talvez...

Frieda entrou na sala tão bruscamente que tive a impressão de que estivera ouvindo a conversa, encostada na porta.

— Castanhas — anunciou ela, estendendo uma bandeja de madeira — *und* queijos.

— E queijos — corrigiu Henry.

— *Ja*.

No rosto redondo e rechonchudo de Frieda havia um sorriso, mas em seus olhos se estampava a tensão que sentia. Seus dedos roliços, cheios de anéis de ouro, mostraram-se inquietos ao colocar a bandeja na mesinha entre nós. Havia ali outros pratos, repletos de petiscos para se comer após o jantar.

— Quando eu finalmente ceder e resolver casar-me (e que Deus me livre disso!), vai ser com uma moça alemã assim como Frieda.

— *Ja* — disse ela sorrindo — só que mais jovem.

— Ela é uma boa esposa — comentou Henry.

Os dois se olharam, com um meio sorriso de devoção e admiração — embora também com uma nota de tristeza.

— Você tem sido um bom marido — disse ela.

Em cada sílaba havia o peso da tragédia, fazendo suas palavras soarem como o último adeus sussurrado à beira de um túmulo. Henry acariciou-lhe a mão, tocando com os dedos o bracelete de ouro que a esposa usava com tanto orgulho. Frieda era uma mulher tão simples, tão doméstica, que a sua fascinação por adornos de ouro tinha alguma coisa de infantil. Ela adorava da mesma forma o bracelete de ouro e os brincos baratos de cigana que pendiam dos lóbulos de suas orelhas.

Lá fora, Inga latiu subitamente. Henry atravessou a sala em três passos largos. Abrindo as cortinas, encostou o rosto nas grades da janela. Já passara dos cinqüenta anos, mas movia-se como um tigre, forte e equilibrado a cada passo.

— O que foi? — perguntei.

O corpo tenso de Henry relaxou.

— Nada. É que ouvi Inga latir.

— Vou lá fora dar uma olhada.

Antes que eu desse o primeiro passo na direção da porta, ele deteve-me com uma ordem em tom quase militar:

— Não, Eric!

Encarei-o e falei francamente:

— Escute aqui, Henry. Durante toda a noite você se comportou como se esperasse que a qualquer momento jogassem uma bomba pela janela. E começou muito antes que eu contasse que fui seguido. No decorrer do jantar, estava nervoso como um gato. Você não é assim. Agora está achando que há alguma coisa lá fora. Muito bem, vou sair para dar uma olhada.

— Pode ir. É melhor saber logo de uma vez.

Quando abriu a porta, os cães correram em minha direção.

— Você é um bom cão, Loki — disse eu fazendo-lhe uma festinha na cabeça.

Em Inga, porém, não toquei. Circulamos a casa juntos, lentamente .

O lugar parecia-se com uma fortaleza. Talvez fosse melhor falar em campo de concentração: a cerca de arame farpado e uma faixa de terra inteiramente sem vegetação, separando a propriedade do mato que a cercava. A cerca, eletrificada, diariamente fazia a sua colheita de passarinhos mortos que pousavam em seus fios mortais. Mesmo naquele recanto perdido do México, em que os ricos normalmente fazem muros altos e põem em cima cacos de vidro, comprando também ferozes cães de guarda, aquelas precauções de Henry Black pareciam exageradas .

Eu conhecera Henry cinco meses antes, logo depois da minha chegada à cidadezinha de San Xavier. Era uma figura imponente percorrendo a praça com Inga ao seu lado e Hugo, o empregado de rosto quadrado, nos calcanhares. Parou por um segundo para olhar o quadro que eu estava tentando pintar. Com um aceno brusco, afastou-se logo, o porte tão militar quanto o revólver que carregava na cintura. Durante duas semanas passou por mim sem falar. Observava apenas. Finalmente, a fascinação que ele sentia pela pintura e o amor pelas flores, o tema constantemente repetido nos meus quadros, levaram-no a superar a indiferença com que me encarava.

Depois da nossa primeira conversa, que foi das mais curtas, a amizade entre nós floresceu rapidamente, inclusive porque ele

era um pintor amador. Jogávamos xadrez, sendo adversários à altura um do outro. Nossas experiências semelhantes superaram a diferença de vinte anos na idade. Eu já vira muita coisa neste mundo em meus trinta anos de existência. Henry e eu havíamos lutado em guerras, conhecíamos países exóticos e recordávamos certas ruas tortuosas de Barcelona e Cingapura.

— É um alívio encontrar novamente um homem inteligente — disse-me ele certo dia. — Como é que veio parar neste lugar esquecido por Deus?

— Não foi acaso nenhum. Durante três anos pesquisei entre os meus amigos e conhecidos no México até tomar uma decisão escolhendo este lugar. Para mim, é o ideal.

Não lhe perguntei pelos motivos que o haviam levado a escolher San Xavier como o local onde viver a sua aposentadoria. Havia algo em Henry que inibia qualquer pergunta sobre a sua vida. Conheci Frieda uma semana depois.

— Conheci-a na Alemanha — explicou Henry — quando ali estive numa missão militar. Devia tê-la conhecido há trinta anos, Eric.

Henry estava sempre em guarda. Mas nas últimas seis semanas a sua vigilância aumentara sensivelmente. Percebi manchas escuras por baixo dos seus olhos, uma tensão permanente em seu comportamento. Passou a olhar por cima do ombro, ao passear pelas ruas. Observei também que passara a alternar deliberadamente os horários em que ia ao correio.

Agora, quando eu e os cachorros dobramos a última esquina da casa e voltamos ao jardim da frente, senti que ele estava à beira de um colapso nervoso. Vi, pelas barras de ferro da janela, que me estava observando, procurando ver se havia alguma coisa na escuridão.

Ao passar em frente à janela parei subitamente, retesando os ombros. Loki latiu quando o toquei. Os cachorros sentiram a minha intranqüilidade e rosnaram, indo examinar o terreno o mais próximo que se atreviam da cerca eletrificada.

Voltei apressadamente para a casa.

— O que foi? — indagou-me Henry.

— Nada.

— Não, Eric, você viu alguma coisa. Observei-o pela janela. Surpreendeu-se com alguma coisa no mato lá fora.

— Foi um clarão rápido. Por um momento pensei que fosse algum sinal, mas provavelmente era algum mexicano carregando

um lampião que a chuva apagou. Está chovendo bastante.

Henry parecia em dúvida. Senti-me pouco à vontade quando ele me encarou sem nada dizer.

— O que está acontecendo? — indaguei, tirando a capa encharcada. — Por que Hugo foi procurar-me esta manhã e pediu que viesse aqui hoje, em vez de sexta-feira, como é a nossa praxe? Sei muito bem que não tem o hábito de mudar os seus planos assim de repente.

Ele continuou a encarar-me. O conflito interior estava patente em seu rosto.

— Sou seu amigo, Henry. Você e Frieda significaram muita coisa para mim ao longo dos últimos meses. E gostaria de demonstrar o meu reconhecimento. Se precisar de ajuda, conte comigo. Não me assusto com facilidade. Mas tenho que saber de que se trata.

— Sente-se, Eric.

Ele levou algum tempo acendendo um cigarro para si e outro para mim. Depois começou a falar:

— Jurei que não contaria esta história a ninguém. Mas agora preciso de ajuda. Tenho que proteger Frieda, a qualquer custo. Você jura por Deus, Eric, que não importa o que eu lhe diga, não importa o julgamento que possa fazer de mim, jura que a protegerá durante vinte e quatro horas, se eu não estiver por perto?

Hesitei e depois tomei uma decisão.

— Mas é claro que sim. Sabe muito bem que a protegeria, mesmo que não pedisse.

— Jura?

— Juro. Mas com uma condição: o que quer que vá contar-me, que seja a verdade. De outra forma, é melhor não contar.

— Sempre o mesmo jogador de xadrez... — comentou ele. — Está certo, concordo. É um juramento entre amigos. Mas primeiro gostaria de saber algumas coisas. O que descobriu a meu respeito?

— Vou dizer, mas não me queira mal se fiz alguma suposição errada. Para começo de conversa, você não é realmente americano. Seu sotaque é quase perfeito, mas dá para notar algumas falhas pequenas. Depois, há também a maneira como se senta à mesa, o jeito com que se inclina para mexer uma peça do xadrez. Estou certo até agora?

— Perfeito. Você é esperto e acho que em certas coisas é implacável. Talvez seja por isso que sinto tanta confiança.

— Tenho certeza de que se está escondendo de alguma coisa.

Esta casa está preparada para resistir a um sítio. Mas você não é um escroque e acho que nunca foi.

Neste momento Frieda apareceu na porta.

— Venha, *Liebchen* — disse Henry.

Ela ajoelhou-se junto à cadeira.

— Acertou em todas as suas suposições, Eric. Agora é a minha vez de falar.

— *Nein, nein* — sussurrou Frieda apavorada. — Ninguém...

— Precisamos de ajuda, Frieda.

Era o mesmo tom áspero que ele usava para dar ordens a Inga. Frieda reprimiu um soluço e ficou em silêncio.

— Meu nome é Heinrich Schwartz. Estou no México ilegalmente, passando por um americano aposentado, o que não é muito difícil para mim. Em criança, vivi durante oito anos na cidade de Milwaukee. Depois fui treinado para passar por americano numa escola militar alemã.

Lá fora, a chuva aumentara de intensidade. Pude ouvir o vento zunindo, enquanto Henry se levantava da cadeira e andava nervosamente de um lado para o outro, esfregando as mãos.

— Eu era major do Exército alemão. Ainda era muito jovem para as missões de que me encarregavam, mas é que descendia de uma excelente família. Não éramos nazistas. Não importa o que disseram, a verdade é que nunca fomos nazistas. Tínhamos, é fato, ligações no Partido. Frieda possuía contatos importantes. E quem não os tinha? Mas eu era apenas um militar, condecorado três vezes, uma na Polônia e duas na África.

Hugo entrou neste momento trazendo uma caixa de madeira onde imaginei que deveria haver uma arma. Henry, porém, não deu a menor atenção.

— Fui para uma escola na Baviera onde éramos ensinados a desempenhar o papel de americanos, a fim de criarmos confusão e podermos cometer atos de sabotagem. Mas o estilhaço de granada que me tirara da frente de combate na África voltou a produzir efeitos, dificultando meus movimentos. Tiraram-me do serviço ativo e designaram-me para tomar conta de um centro de transporte ferroviário perto da fronteira belga. Hugo era o meu ordenança... e continua a sê-lo até hoje.

O empregado inclinou-se um pouco, submissamente.

— Parte do meu trabalho era o transporte de judeus fugitivos apanhados na Holanda. Mas esta era apenas uma parte pequena. Providenciava guardas e os meios necessários para que fossem

transportados para o interior. Não eram muitos, menos de cem por semana. Era um estorvo, mas nunca dei maior importância. O trabalho que fazia ali era enfadonho, de rotina. Mas pelo menos tinha a vantagem de poder ter Frieda ao meu lado.

"E então tudo começou a ruir. Eu tinha quatorze prisioneiros nas mãos e os americanos estavam quase em cima de nós. Não havia mais transporte disponível.

Ele fez uma pausa e bateu com o punho fechado na mesinha, passando depois a falar mais alto.

— O que eu podia fazer? Deixar os prisioneiros soltos para que sabotassem o que restava do nosso Exército? Tinha ordens a cumprir. Eu era um soldado. E, assim, Hugo e eu cumprimos as ordens recebidas.

Seus olhos correram para a janela e comentou:

— Estava chovendo naquela noite. Exatamente como hoje.

Tentei imaginar as imagens que os três estavam vendo. Será que viam uma lamentável procissão de prisioneiros, os rostos famintos, praticamente só pele e osso? Imaginei Hugo e Henry junto a um vagão de carga, esperando que a fila de prisioneiros se formasse. Será que Frieda estava agora contando mentalmente os tiros espaçados e regulares da Luger? Ou estaria ouvindo os últimos soluços das vítimas? Não, ela estava ouvindo outra coisa, um perigo mais próximo, algo à espreita na noite lá fora.

— Fui julgado depois em Nuremberg — prosseguiu Henry monotonamente. — Nada conseguiram provar. Havia o rumor de que duas crianças do grupo haviam escapado, por isso me deixaram na cadeia durante meses, enquanto procuravam essas testemunhas imaginárias. Mas não as encontraram. Chegaram a meter a pobre Frieda no caso, acusando-a de roubar os cadáveres. *Mein Gott*! Foi horrível. Nada provaram, mas mesmo assim passei cinco anos na prisão de Landsberg.

"Voamos para cá uma semana depois de me soltarem. Sabíamos, porém, que, por mais longe que fôssemos, nos acabariam descobrindo e se vingariam. E agora, finalmente, fomos descobertos. Veja.

Metendo a mão no bobo, tirou um envelope com o carimbo postal da Cidade do México.

Lá dentro havia uma página de agenda, com a data daquele dia. O desenho era tosco, quase infantil. Mostrava três corpos, um deles de saia, grotescamente pendurados a uma árvore. E, embaixo, estava escrito em alemão: *Esta noite, Major*.

— Outras mensagens já vieram antes, começando seis semanas atrás. Primeiro veio um pacote com um bracelete de ouro igual ao que Frieda usa. Os demônios amarraram uma cobra de borracha ao seu redor. Nesta ocasião, o bilhete dizia: *Daqui a pouco, Major, mas não muito depressa.*

A respiração de Frieda era áspera, acelerada, ofegante.

— E depois veio o revólver de brinquedo — gritou ela — pintado de vermelho como se fosse sangue. Da outra vez foi um livro.

— Isso mesmo — falou Henry. — Era um livro sobre Adolf Eichmann. Escreveram dentro dele *Vai juntar-se a ele este mês.*

Olhei para os três alemães que estavam à minha frente, naquela sala bastante agradável.

— Foi por este motivo que me pediu para vir aqui esta noite. Pensa que não atacarão, se houver um estranho na casa.

— É possível, Eric. Eles não irão fazer-lhe mal algum. Você é americano e isso lhes causaria os maiores problemas. Eles são muito cuidadosos. Basta ler-se a história de Eichmann para verificá-lo.

Seu rosto franziu-se de intensa preocupação.

— Mas, no entanto, não é parecido com o caso de Eichmann. Os avisos tinham apenas o objetivo de torturar-nos, como se fosse algo pessoal. É diabólico!

Henry pôs a mão em meu ombro e concluiu:

— Hugo e eu podemos tomar conta de nós mesmos. Temos boas armas e muita munição. Mas tenho que levar Frieda para a Cidade do México. E você jurou que tomaria conta delal

Não pude encará-lo.

— Prometi de fato. E o farei. O que quer que tenha feito, não é culpa dela. E, se as coisas ficarem difíceis aqui esta noite, eu o ajudarei. Não importa o que possa pensar da sua história, não ficarei impassível enquanto vocês são alvejados por covardes que se escondem na escuridão.

— Obrigado, Eric.

A voz dele estava quase tremendo. Frieda aproximou-se de mim e, na ponta dos pés, beijou-me o rosto.

Quando o vento lançou a chuva outra vez de encontro às janelas, ouvimos um ra-ta-ta-ta, lá fora. Inga e Loki latiram selvagemente. O barulho era agudo, metálico. Pegamos armas na caixa de madeira que Hugo abrira. Verifiquei minha Luger e descobri que estava pronta para entrar em ação.

— Frieda!

Ela se pôs em posição de alerta para atender à ordem de Henry.

— As luzes! *Aus*!

Movendo-se com uma disciplina militar, resultante de um treinamento intensivo, Frieda assumiu seu posto ao lado dos interruptores. Puxou os dois primeiros botões, mergulhando a casa na escuridão e iluminando o pátio o mais possível. Ra-ta-ta-ta. Parecia mais perto agora.

— Fique junto à porta — ordenei a Henry. — Hugo e eu vamos dar a volta e surpreendê-los por trás.

— *Ja*.

O terror que se manifestava naquele monossílabo indicou-me que Henry estava tremendo, oculto pela escuridão. Saímos pela porta da cozinha, tendo Hugo ido para a esquerda a fim de desligar a corrente elétrica do portão dos fundos. Os cachorros logo nos encontraram, mas Hugo silenciou-os com uma ordem firme. Quando um pé de vento jogou a chuva em nossos rostos, ouvimos outra vez o barulho metálico.

A chuva forte e o emaranhado de bambus e bananeiras dificultavam os nossos movimentos, ao nos deslocarmos cautelosamente por cima de raízes e galhos caídos ao chão. Naquela estação, em San Xavier, quase todas as noites, à mesma hora, desabava um temporal violento. Era evidente que aquilo era parte do plano — atacar no mais intenso do temporal. Nada fora deixado ao acaso.

A cinqüenta metros da casa descobrimos a origem do barulho metálico — era um mecanismo simples, preso a uma árvore e acionado pelo vento, parecido com um reco-reco de criança. Um pedaço de madeira batendo numa frigideira de ferro. Com um palavrão, Hugo arrancou-o da árvore.

— Era um truque para nos trazer até aqui. Vamos voltar depressa — disse ele.

Encaminhamo-nos para a casa, mais cautelosos do que antes, sem sabermos exatamente o que podia haver à nossa frente.

Estávamos quase alcançando o portão dos fundos quando Hugo pareceu sentir alguma coisa diferente. Parou bruscamente. Compreendi então o que ele estava vendo.

— Hugo! — gritei.

Ele se jogou ao chão, mas já era tarde demais. Um tiro espocou na escuridão. Ele não soltou nenhum grito.

Agachando-me, corri para o portão, afastando os cães que latiam, agora quase freneticamente, depois do som do disparo.

Por um terrível segundo pensei que Inga fosse atacar-me, confusa como estava, mas terminou deixando-me passar.

Batendo a porta da cozinha, cambaleei em direção à escuridão reinante no interior da casa.

— Henry! — gritei. — Pegaram Hugo. Ele está morto.

— *Mein Gott*! Onde eles estão agora? Quantos eram?

— Acho que deram a volta para vir pela frente. Não sei dizer exatamente quantos são, talvez uns três ou quatro.

À luz fraca que entrava pela janela, vi que Frieda ainda estava em seu posto, junto aos interruptores. O revólver de Henry estava abaixado ao lado do seu corpo, enquanto ele procurava descobrir alguma coisa no pátio. Com um movimento rápido, arranquei-o de sua mão e empurrei Frieda para o lado, acendendo depois as luzes da sala.

— Há apenas um, Major. E não está lá fora. Está aqui dentro mesmo. Foi uma estupidez de sua parte deixar aquelas duas crianças escaparem.

O terror em seus rostos foi exatamente como eu sempre sonhara. Valera a pena esperar todos aqueles anos e depois atravessar pacientemente os últimos meses, após encontrá-los. Fiquei imóvel por um momento, apreciando a cena, deixando que todos os detalhes se gravassem em minha memória. Teria depois que descrever todas as expressões, cada olhar de súplica, para minha irmã, que estava esperando na Cidade do México.

— Está chovendo esta noite, Major — falei em alemão. — Exatamente como naquela outra noite.

Matei Frieda primeiro, para que ele pudesse vê-lo. Depois acertei Heinrich na cabeça, quando ele tentou pegar o revólver que estava caído no chão. As poucas coisas que tinha ainda a fazer na casa — pôr a arma que matara a todos na mão de Heinrich, recolher as outras armas e dar sumiço ao meu cálice de sherry — não levaram muito tempo. Além disso, ninguém sentiria falta dos três por alguns dias. E quando os descobrissem, minha irmã e eu já teríamos regressado em segurança a Nova York.

Antes de ir embora, tirei o bracelete de ouro do pulso de Frieda. Na parte de dentro descobri as iniciais de minha mãe — sabia que estavam lá. Lembrava-me claramente do bracelete. Fora a última riqueza que nos restara e achávamos que algum dia poderíamos trocá-lo por nossa sobrevivência. Recordava-me nitidamente do momento em que Frieda o arrancara do lugar em que estava escondido no corpo sem vida de minha mãe. Neste momento eu

estava estendido na lama, fingindo estar morto.

O tempo que levei para fazer essas coisas foi suficiente para que os cachorros se acalmassem. Quando me dirigi para o portão, mostraram-se quase cordiais. E eu lhes disse:

— *Shalom*, Loki. *Shalom*, Inga.

O FANTASMA DO ENFORCADO

William Wood

Não poderia ser melhor. No fundo do Clay Canyon deparamo-nos abruptamente com o lote com que sonhávamos, ao fazermos uma curva na estrada sinuosa. Havia uma placa de madeira com letras toscas pregada no tronco de uma árvore morta: LOTE À VENDA — 1.500 DÓLARES OU, A MELHOR OFERTA. E havia também o número de um telefone.

— Só 1.500 dólares... no Clay Canyon? Simplesmente não acredito — disse Ellen.

— Ou então a melhor oferta — observei.

— Ouvi dizer que não se pode dar um passo aqui sem esbarrar numa personalidade do cinema.

— Olhe que já percorremos quase cinco quilômetros e ainda não esbarramos em ninguém. Aliás, não vimos uma única alma.

— Mas veja que casas espetaculares — comentou Ellen, boquiaberta.

E havia de fato muitas casas — à esquerda e à direita, na frente e atrás. Eram casas de um só andar, ao estilo de casas de rancho, sem ostentação, simples até, que absolutamente não condiziam com a vida alegre e divertida que imaginávamos se levava lá dentro. Mas enquanto as casas desfilavam à nossa passagem e a estrada lentamente ia subindo, não havia uma única pessoa para se ver, em parte alguma. Os carros estavam parados junto ao meio-

fio, abandonados, com os metais cromados brilhando ao sol. Havia de tudo: Jaguar, Mercedes, Cadillac, Chrysler, só carro bom. Vi um pedaço de piscina e um trampolim branco, mas ninguém nadava na água azul. Saltamos do carro, a cabeça larga e de cabelos curtos de Ellen um pouco curvada para a frente, como se houvesse um peso qualquer em cima dela. A não ser pelo canto frívolo de uma cigarra, um silêncio profundo pairava no ar abafado. Nas árvores imóveis, nenhum passarinho se agitava.

— Alguma coisa deve estar errada — disse Ellen.

— Provavelmente já venderam o lote e não se deram ao trabalho de retirar a placa... Mas outrora havia aqui uma construção qualquer.

Minha certeza provinha dos pedaços de concreto que emergiam esparsos pelo terreno, como que arrancados das profundezas da terra.

— Acha que era uma casa?

— É difícil dizer. Mas, se era uma casa, foi demolida há bastante tempo.

— Ora, Ted, mas este lugar é perfeito. Olhe só que vista!

Ela apontou para o canyon que se estendia ao longo das colinas arredondadas e crestadas pelo sol. Vistas através do calor que se desprendia do asfalto, as colinas pareciam estar derretendo-se como cera.

— Isso é ótimo — declarei. — Não será necessário preparar o terreno, bastando apenas capiná-lo. O lote já foi devidamente preparado . Com isso, economizamos pelo menos mil dólares.

Ellen segurou minhas mãos. Os olhos brilhavam no rosto com uma expressão solene.

— O que você acha, Ted? Qual é a sua opinião?

Ellen e eu casáramos há quatro anos. Havíamos dado o passo decisivo relativamente tarde, ambos depois dos trinta anos, e desde então moráramos em dois lugares diferentes. Primeiro num apartamento em Santa Monica e depois, quando fui promovido a gerente do escritório, numa casa parcialmente mobiliada em Hollywood Hills. Mas a nossa idéia fixa sempre fora a de comprarmos ou construirmos uma casa grande, que fosse nossa, assim que o primeiro filho chegasse. Só que a criança não vinha. Era uma fonte de ansiedade e tristeza para ambos que pairava entre nós como uma desonra, pela qual assumíamos conjuntamente a culpa.

Ganhei então, inesperadamente, um bom dinheiro no mercado de ações e Ellen de repente começou a se agitar, gentilmente,

sonhando com a casa agora mesmo. Quando saíamos para fazer compras ou passear, ela ia insinuando:

— Não acha que esta casa seria muito pequena para nós? Se viéssemos morar aqui, teríamos que construir uma cerca.

Fez-me, assim, saber que a casa nova e própria se tornara uma espécie de talismã para ela. Concebera a idéia de que, se levássemos avante os nossos planos para ter acomodações apropriadas para uma criança, ela terminaria vindo. O pensamento encheu-a de felicidade. Os círculos pretos sob os seus olhos desapareceram, o rosto ficou cheio, a alegria voltou —- talvez fosse melhor falar em paz e tranqüilidade.

Quando Ellen segurou minhas mãos, hesitei por um momento. Estou convencido agora de que uma força qualquer me levara a hesitar — algo que eu sentia no estranho silêncio, um rápido vislumbre da extrema desolação do lugar

— É um lugar dos mais seguros — disse ela. — Quase não há trânsito por aqui.

Expliquei-lhe o motivo.

— É que a rua termina além, em algum lugar no meio dessas colinas.

Ela voltou a encarar-me, os olhos brilhantes, suplicantes. A felicidade que crescera dentro dela no decorrer dos meses em que procurávamos uma casa parecera chegar agora ao auge, um êxtase completo.

— Vamos telefonar, mas não alimente muitas esperanças. O terreno já deve ter sido vendido há muito tempo.

Voltamos lentamente para o carro. A maçaneta estava quase pegando fogo quando a toquei. Lá no fundo do canyon pude ver a traseira de um caminhão desaparecendo numa curva.

— Aposto que não — disse Ellen. — Tenho um pressentimento sobre este lugar. Acho que foi feito para nós.

E é claro que ela estava certa.

O Sr. Carswell Deeves, proprietário do terreno, limitou-se a receber o meu cheque de 1.500 dólares e entregar-nos o título de propriedade. Antes de encontrá-lo pessoalmente, já havíamos acertado tudo por telefone. O Sr. Deeves, como suspeitáramos pelo cartaz tosco colocado no terreno, não era um corretor profissional. Morava num bairro predominantemente mexicano de Santa Monica. Era um homem gordo, rosado, de idade indeterminada. Vestia calça e sapatos brancos, como se tivesse uma quadra de tênis escondida naquele bairro esquálido e miserável.

— Quer dizer que vão morar no Clay Canyon, hem? Soube que Rosalind Russell mora ou já morou por lá.

Descobríramos que Joel McCrea, Jimmy Stewart e Paula Raymond, além de um grupo grande de produtores, diretores e atores coadjuvantes, também moravam ali.

— É sim — confirmou o Sr. Deeves. — É um endereço perfeito num cartão de visitas.

Os olhos de Ellen voltaram a brilhar e ela apertou minha mão.

O Sr. Deeves pouco sabia a respeito do terreno, a não ser que outrora houvera ali uma casa que fora destruída num incêndio e que desde então a propriedade mudara de mãos várias vezes. Estávamos sentados na sala de sua casa, uma caixa escura e sem ventilação cheirando a cânfora e com as paredes cobertas de fotografias autografadas e já amareladas de estrelas de cinema.

— A maneira pela qual me tornei proprietário do terreno parece coisa de novela. Ganhei-o de um maquilador num jogo de cartas, no estúdio onde se filmava *Quo Vadis*. Talvez se lembrem de mim. Numa das cenas de multidão, apareci em close.

— O filme foi feito há alguns anos, Sr. Deeves. Está tentando vender o terreno desde então?

— Quase o vendi uma dúzia de vezes, mas sempre acontecia alguma coisa para atrapalhar.

— Que espécie de coisa?

— Os prêmios do seguro contra incêndio, por exemplo, assustaram muita gente. São bem altos e espero que já estejam preparados para isso...

— Já verifiquei isso.

— Ótimo. Não fazem idéia de como as pessoas só pensam nesses detalhes na última hora.

— Que mais aconteceu de errado?

Ellen tocou em meu braço para desencorajar-me a continuar perdendo tempo com perguntas tolas. O Sr. Deeves entregou-me o contrato de transferência da escritura, alisando-o com o antebraço.

— A maioria era pura bobagem. Um casal, por exemplo, encontrou pombos mortos no terreno...

— Pombos mortos? — repeti, devolvendo-lhe o contrato assinado.

Com a mão rosada, o Sr. Deeves apanhou-o e sacudiu-o levemente para secar a tinta.

— Se me lembro bem, eram cinco pombos. Para mim, pousa-

ram em algum fio e morreram eletrocutados. O marido não deu a menor importância, mas a esposa ficou tão histérica que tivemos de cancelar a transação.

Fiz um sinal ao Sr. Deeves para que parasse de falar sobre aquilo. Ellen adora animais, e pássaros em especial, com uma devoção que transforma a perda de um bichinho de estimação numa verdadeira tragédia. Por isso é que, depois da morte do nosso cocker spaniel, nunca mais tivemos outro animal de estimação. Mas Ellen parecia não ter ouvido. Olhava fixamente para o documento na mão do Sr. Deeves, como se receasse que pudesse desaparecer.

O Sr. Deeves levantou-se bruscamente e disse:

— Muito bem, são agora proprietários do terreno. Tenho certeza de que serão muito felizes lá.

Ellen corou de prazer e segurou a sua mão gorda entre as suas, afirmando:

— Seremos sim.

— Um endereço de prestígio... — declarou o Sr. Deeves da porta, ao nos afastarmos.

Ellen e eu somos gente moderna. Nossas conversas, à noite, versam geralmente sobre os problemas do mundo moderno. Ellen pinta um pouco e eu escrevo de vez em quando — principalmente sobre assuntos técnicos. A casa que construímos espelhava a nossa preocupação com a estética dos nossos dias. Trabalhamos em estreito contato com Jack Salmanson, arquiteto e nosso amigo, que projetara uma casa modulada em estrutura de aço, um andar apenas, compacta, preservando a nossa intimidade, perfeitamente ajustada às particularidades do nosso terreno e com aproveitamento do máximo de espaço. A decoração interior ficou a cargo de Ellen, que vasculhou todas as revistas para o lar e fez inúmeros projetos como se fôssemos decorar uma dúzia de casas.

Menciono tudo isso para esclarecer que eu e minha esposa nada temos de retrógrados. Somos gratos pelo nosso bom senso e pela nossa sensibilidade. Assim, ficamos orgulhosos de havermos conseguido um equilíbrio perfeito entre o funcional e o estético na casa que construímos. Suas linhas eram simples e bem proporcionadas. Não havia cantos escuros, apesar de estarmos cercados em três lados por outras casas, nenhuma delas com mais de oito anos de construção.

Desde o início, porém, houve sinais de mau agouro, que só agora, fazendo um retrospecto, pode-se ver com toda a nitidez. Tenho a impressão de que outras pessoas já suspeitavam, embora

nada quisessem dizer. Um deles foi o mexicano que cortou a árvore.

Como um favor a nós, para que pudéssemos economizar um pouco, Jack Salmanson concordou em supervisionar pessoalmente a construção, contratando empreiteiros pequenos e independentes, a maioria mexicanos ou negros com equipamentos arruinados que pareciam estar ainda em funcionamento graças a um milagre mecânico. O mexicano, um homem de aspecto triste e bigode eriçado, já gastara duas lâminas da serra e ainda não cortara metade da árvore. Era inexplicável. A árvore era a mesma em que eu e Ellen havíamos visto a placa de À VENDA. Era evidente que estava morta há anos, inclusive porque os galhos espalhados pelo chão estavam inteiramente carcomidos.

— Deve ter esbarrado com uma série de nódulos — disse Jack. — Tente novamente. Se a serra ficar muito quente, desista e então a derrubaremos com a escavadeira.

Como que atendendo ao chamado, a escavadeira virou-se nos fundos do terreno e veio lentamente em nossa direção, levantando uma nuvem de poeira, os ombros do maquinista preto brilhando ao sol.

O mexicano não precisou temer pela sorte de sua serra. Acabara de colocá-la em posição quando a árvore se inclinou, por sua própria vontade. Surpreso, ele recuou alguns passos. A árvore começara a cair na direção dos fundos do terreno, o mesmo lado para o qual a cortara, mas de repente pareceu ficar parada, os galhos nus agitando-se furiosamente. E então, com um barulho pavoroso, a árvore retorceu-se e passou a cair para o outro lado, ganhando velocidade e indo diretamente para cima da escavadeira. Minha voz ficou presa na garganta, mas Jack e o mexicano gritaram. O preto conseguiu pular no chão, no momento em que a árvore desabava em cima da escavadeira, espatifando o pára-brisa. A escavadeira então ficou descontrolada e veio em nossa direção, abrindo uma vala na terra e com o motor gemendo. Jack e eu pulamos para um lado, o mexicano foi para o outro. A escavadeira passou por nós, seguindo para a rua, o preto correndo atrás dela.

— O carro! — gritou Jack. — Olha o carro!

Estacionado em frente à casa no outro lado da rua estava um carro, novinho em folha. A escavadeira foi para cima dele, arrancando com a lâmina miríades de faíscas do asfalto. O mexicano sacudiu a serra por cima da cabeça e gritou alguma coisa em espanhol. Cobri os olhos com as mãos e ouvi Jack resmungar ao meu lado, um segundo antes da colisão.

As duas mulheres que estavam na varanda da casa abriram a boca surpresas. O carro partiu ao meio, rasgando-se o teto como se fosse de papel. A frente e a traseira do carro envolveram a escavadeira, como a abraçá-la. E, com um ruído sibilante, as duas máquinas foram subitamente envolvidas por uma chama azul.

— Que azar miserável! — exclamou Jack baixinho, correndo para a rua.

Pelo canto dos olhos, tive a curiosa visão do mexicano ajoelhado, a serra à sua frente, as mãos levantadas, rezando fervorosamente.

À noite, Ellen e eu fomos visitar os Sheffits, Sondra e Jeff, nossos vizinhos do outro lado da rua. Lá encontramos a proprietária do carro destruído, Joyce Castle, uma loura linda que usava calça cor de limão. O choque causado pelo acidente se dissipara com o passar do tempo e muitos coquetéis. Os três estavam tratando o acidente como se fosse uma grande piada.

A Sra. Castle era a que mais se divertia.

— Estou melhorando. O Alfa Romeo durou apenas dois dias. Este, eu já estava com ele há seis semanas. Já tinha até colocado as placas permanentes.

— Mas não deve ficar sem carro, Sra. Castle — disse Ellen com o tom sério com que sempre falava. — Teremos o maior prazer em emprestar-lhe o nosso Plymouth, até que possa...

— Ora, não precisa preocupar-se. Amanhã de tarde vão entregar-me um carro novo. É um Daimler, Jeff. Não pude resistir, depois que dei uma volta no seu. E o que aconteceu com o pobre homem que era dono da escavadeira? Ficou na miséria?

— Acho que vai sobreviver — declarei. — Ele tem mais duas máquinas inclusive.

— Neste caso — perguntou Jeff — não haverá maiores problemas para você, não é?

— Acho que não.

Sondra riu suavemente.

— Eu estava olhando naquela direção. Foi igualzinho a um cartoon de Rube Goldberg: uma reação em cadeia.

— E no final estava o meu pobre Cadillac — suspirou a Sra. Castle.

Suey, a cachorrinha da Sra. Castle, que estivera deitada no chão aos pés da dona olhando-nos sombriamente entre os seus cochilos, correu de repente para a porta da frente, latindo ferozmente, a crina vermelha eriçada.

— Suey! — gritou a Sra. Castle batendo nos joelhos. — Volte aqui, Suey!

A cachorrinha levantou as orelhas e olhou da dona para a porta novamente, como se analisasse a decisão que deveria tomar. Rosnou baixinho.

— É o fantasma — disse Sondra alegremente. — É ele que estava por trás do acidente.

Sondra encolheu-se a um dos cantos do sofá e inclinou a cabeça para o lado enquanto falava, com o jeito brejeiro de uma menininha esperta. Jeff riu sonoramente.

— Contam cada história...

Com um suspiro resignado, a Sra. Castle levantou-se e foi arrastar Suey pela coleira.

— Se eu não me sentisse tão constrangida, Jeff, acho que já a teria levado a um analista — disse ela. — Sente-se, Suey. Tome aqui uma castanha de caju para você.

— Aprecio bastante as histórias de fantasmas — afirmei sorrindo.

— Deixe para lá — falou Jeff, embaraçado.

— Conte logo — insistiu Sondra, olhando-o por cima dos óculos. — Eles vão gostar da história.

Jeff era um agente literário, um homem alto e pálido, com cabelos pretos oleosos que estavam sempre lhe caindo nos olhos. Ao falar, sorria de lado, como que a se prevenir da possibilidade de alguém levá-lo a sério.

— Sei apenas que, por volta do século XVII, os espanhóis costumavam realizar enforcamentos aqui. Afirma-se que as vítimas ainda flutuam por aqui à noite e fazem estranhos ruídos.

— Eram criminosos? — indaguei.

— Da pior espécie — respondeu Sondra. — Qual foi mesmo a história que Guy Relling lhe contou, Joyce?

Ela sorriu, deixando transparecer uma imensa satisfação interior que dava a entender que ela conhecia muito bem a história.

— Está falando de Guy Relling, o diretor? — perguntei.

— Exatamente — disse Jeff. — Ele é o dono daquela estrebaria que fica lá no fundo do canyon.

— Já passei por lá — comentou Ellen. — Os cavalos são lindos. Joyce Castle levantou seu copo vazio e disse:

— Jeff, querido, quer servir-me outro?

— Estamos afastando-nos do assunto — observou Sondra gentilmente. — Aproveite, Jeff querido, e me sirva outro também...

Desculpe, Joyce, não queria interrompê-la. Continue.

Ela fez um gesto em nossa direção, a audiência expectante. Ellen empertigou-se na poltrona.

— Parece que havia um *hombre* de imensa depravação. Esqueci o nome. Ele assassinou, roubou, violentou... Tinha um desses intermináveis nomes espanhóis, com um Luis no meio. Se bem me recordo, Guy contou que ele era nobre. Um sujeito encantador. Mas completamente louco e imprevisível. Enforcaram-no, finalmente, por causa de uma incursão devassa a um convento. Como podem verificar, estão-se mudando para um lugar rico em tradições.

Todos rimos.

— E os barulhos? — Ellen perguntou a Sondra. — Já ouviu alguma coisa?

— Mas é claro! — declarou Sondra, sacudindo a cabeça. Cada pedaço de sua pele era bronzeado das tardes que passava na piscina apanhando sol. O marido, bastante pálido, aparentemente não se entregava ao mesmo lazer.

— Em todos os lugares onde morei — disse ele, com um sorriso enviesado, como se fosse um pedido de desculpas — havia durante a noite certos barulhos inexplicáveis. Por aqui existe ainda uma porção de animais selvagens: raposas, guaxinins, gambás, até mesmo coiotes, lá no alto da colina. E, depois que o sol se põe, eles se tornam bastante ativos.

O sorriso de prazer de Ellen ao ouvir essa notícia transformou-se numa expressão de angústia quando Sondra informou, no seu jeito distraído:

— Certa manhã encontramos o nosso pobre gatinho todo esquartejado. Era uma massa sangrenta. E até hoje não descobrimos onde foi parar sua cabeça.

— Foi certamente uma raposa — observou Jeff rapidamente. Tudo o que ele dizia soava irreal, como se fosse um vapor que dele se desprendesse. Tenho a impressão de que era conseqüência da imensa tristeza que o dominava.

Sondra baixou os olhos para o colo, como que guardando um segredo para si mesma. Parecia estar muito satisfeita. Não sei por que, ocorreu-me que estava tentando assustar-nos. De certa forma, isso aliviou-me. Ela estava apreciando tanto a brincadeira, concluí, que também estava assustada.

Depois do incidente da árvore, tudo correu bem por algumas semanas. A casa começou a surgir do nada, rapidamente. Ellen e

eu visitávamos a construção com freqüência, imaginando a casa pronta. A lareira ficaria aqui, a geladeira ali, nosso quadro de Picasso naquela parede.

— Ted — disse Ellen timidamente —, por que não arrumamos o quarto extra como se fosse para uma criança?

Fiquei calado, esperando.

— Agora que vamos morar aqui, nossos amigos passarão a noite em nossa casa com mais freqüência. E muitos deles têm filhos pequenos. Seria uma delicadeza de nossa parte.

Passei o braço pelos seus ombros. Ela sabia que eu entendera. Era um assunto bem delicado. Ellen virou o rosto para mim e beijei-a entre os olhos. Senha e contra-senha, os pilares da nossa vida em comum — uma vida baseada na sensibilidade e no tato.

— Vocês dois aí! — chamou Sondra Sheffits do outro lado da rua. Ela estava na varanda da frente, de maiô vermelho, a pele bronzeada, os cabelos quase brancos.

— Que tal um banho de piscina?

— Mas não trouxemos roupas de banho...

— Isso não é problema. Tenho muitas aqui.

Ellen e eu discutimos o assunto com um olhar e tomamos a decisão com um aceno de assentimento.

Quando saí para a piscina com um dos calções de Jeff, Sondra disse-me:

— Ted, você é branco como um fantasma. Onde vocês moram não bate sol?

Ela estava estendida numa espreguiçadeira, com os olhos cobertos por imensos óculos escuros.

— É que passo a maior parte do tempo dentro de casa, escrevendo artigos técnicos — expliquei.

— Pois saiba que será sempre bem-vindo aqui, toda vez que o desejar — declarou ela com um sorriso em que exibiu os seus dentes pequenos e perfeitos.

Ellen apareceu então no seu maiô emprestado, vermelho, com uma prega. Ela semicerrou os olhos, pois o sol batia em cheio no seu rosto. Sondra chamou-a, como se pretendesse apresentar-me à minha própria esposa.

— Parece muito melhor neste maiô do que eu, Ellen.

Ellen sorriu timidamente. As duas eram da mesma altura, mas Ellen era mais estreita nos ombros e mais larga na cintura e nos quadris. Ao vê-las juntas, a impressão que tive foi de que era Ellen que eu não conhecia. Seu corpo tão familiar pareceu-me

estranho, um pouco desproporcional. Os cabelinhos do braço, que em Sondra eram invisíveis, a não ser quando refletiam a luz do sol e pareciam prateados, eram pretos e evidentes no braço pálido de Ellen.

Como se sentisse a distância súbita que surgira entre nós, Ellen segurou-me a mão e disse alegremente:

— Vamos pular juntos. Não vale ficar para trás!

Sondra continuou em sua espreguiçadeira, observando-nos, os olhos invisíveis por trás dos óculos escuros, a cabeça um pouco de lado.

Os incidentes recomeçaram e repetiram-se a intervalos regulares. Nunca cheguei a conhecer Guy Relling, mas seus pronunciamentos volta e meia me alcançavam, como se fossem mensagens partidas de um oráculo. Afirmava que a existência dos mortos-vivos era extremamente penosa, pois pairam entre dois estados de ser. Conservam a memória das paixões dos seres vivos, frescas e nítidas, mas só conseguem dar vazão a elas com um monstruoso dispêndio de vontade e energia que os deixa literalmente inertes durante meses e até mesmo anos. Por este motivo é que as materializações e outras formas de ação tangíveis são relativamente raras. Há, é claro, as exceções, ressaltou Sondra, a intérprete habitual das teorias de Relling, com a estranha alegria que acompanhava todas as suas observações sobre o assunto Estávamos em sua casa e ela explicou: alguns fantasmas são terrivelmente ativos, principalmente os de loucos. Eles ignoram as limitações da morte, assim como desconheceram as impossibilidadcs da vida, a tudo transcendendo com o dinamismo que é a característica fundamental da loucura. De um modo geral, porém, Relling achava que os fantasmas eram mais dignos de pena do que de medo. Sondra freqüentemente citava uma de suas afirmativas:

— A noção de casa mal-assombrada é erro semântico. Não é a casa que é mal-assombrada e sim a própria alma.

No sábado, 6 de agosto, um operário que soldava um cano ficou cego de uma vista, quando a tocha de acetileno escapuliu de sua mão.

Na quinta-feira, 1º de setembro, uma pedra que havia no morro atrás do terreno desprendeu-se e lançou quatro toneladas de terra e pedra na casa semiconstruída, paralisando as obras durante duas semanas.

No domingo, 9 de outubro, dia do meu aniversário, estava visitando a casa sozinho quando escorreguei num parafuso solto e

bati com a cabeça numa lata de tinta, abrindo um buraco onde tive que dar dez pontos. Corri para a casa dos Sheffits. Sondra abriu a porta de maio e com uma revista na mão.

— Ted?... Quase não o reconheci, com todo este sangue no rosto. Entre que vou chamar um médico. Mas tome cuidado para não sujar de sangue a mobília.

Falei ao médico do parafuso em que escorregara e da lata de tinta. Não lhe disse, porém, que escorregara apenas por ter virado muito depressa, ao sentir a sensação de que havia alguém atrás de mim, perto o bastante para tocar-me. Era fétido e úmido, frio e quase palpável em sua proximidade. Lembro-me de que tremia violentamente ao virar-me, como se o sol quente de verão tivesse sido substituído por uma misteriosa estrela sem calor. Esta história não contei ao médico — nem a ninguém.

Em novembro, Los Angeles é uma cidade abrasadora. Depois da longa seca do verão, toda a seiva da terra se recolhe às profundezas e as colinas crestadas anseiam ofegantes por uma libertação do tormento, através da vida ou da morte — da chuva ou do fogo. Invariavelmente o fogo chega primeiro, espalhando-se pelos limites da região como uma epidemia, até que o céu fica sem estrelas durante a noite e coberto pela fumaça parda dos incêndios durante o dia.

Havia um grande incêndio em Tujunga, ao norte do canyon, no dia em que nos mudamos para a nossa casa nova — linda, austera, agressivamente nova na colina seca. O céu estava abafado, da cor da terra, o sol manchado pela fumaça. Sondra e Jeff foram ajudar-nos e à noite Joyce Castle apareceu, trazendo Suey e uma garrafa grande de champanha.

Ellen bateu palmas.

— Mas que surpresa maravilhosa!

— Espero que esteja bastante gelada. Desde quatro horas que está na geladeira. Sejam bem-vindos ao canyon. Vocês são boa gente, fazem-me lembrar de meus pais. Meu Deus, como está quente! Passei o dia inteiro chorando, por causa da fumaça. Suponho que têm ar refrigerado aqui?

Jeff estava estendido numa poltrona, as duas pernas esticadas, como um aleijado que acabasse de livrar-se das muletas.

— Você é um anjo, Joyce. Desculpe se não me levanto, mas é que estou em recuperação.

— Mas é claro que está desculpado.

— Ted — pediu Ellen suavemente —, por que não vai provi-

denciar os cálices para tomarmos o champanha?

Jeff recolheu as pernas.

— Quer ajuda?

— Continue sentado aí, Jeff.

Ele suspirou.

— Eu não fazia a menor idéia de como estou fora de forma.

Ele parecia mais cadavérico do que nunca, depois de passar a tarde inteira carregando e arrastando móveis. O suor grudara nas depressões escuras que havia sob os seus olhos.

— Quer que eu lhe mostre a casa, Joyce, enquanto Ted está na cozinha?

— Adoraria, Ellen. Mostre-me tudo.

Sondra seguiu-me até a cozinha. Recostou-se na parede e ficou fumando, o cotovelo apoiado na palma da outra mão, sem dizer uma palavra. Pela porta da cozinha eu podia ver as pernas estendidas de Jeff, do joelho para baixo.

— Obrigado pela ajuda de hoje — disse a Sondra com uma voz surpreendentemente baixa, quase um sussurro.

Podia ouvir Joyce e Ellen deslocando-se de um cômodo para o outro, suas vozes aumentando e diminuindo.

— É tudo de aço? Tudo mesmo? Inclusive as paredes? Vocês não têm medo de um raio?

— Não há problema, a casa foi construída com todas as medidas de segurança.

Jeff bocejou ruidosamente na sala. Em silêncio, Sondra pôs uma bandeja em cima da mesa da cozinha, enquanto eu rebuscava uma das caixas que ainda não fora aberta em busca dos cálices. Ela me olhava fixamente, como se esperasse que a distraísse. Eu queria dizer alguma coisa para quebrar o silêncio, que já se estava tornando pouco natural e opressivo. Os sons ao nosso redor pareciam apenas isolar-nos mais ainda num círculo de intimidade. Com a cabeça um pouco de lado, Sondra sorriu-me. Podia ouvir a sua respiração ofegante.

— O que é isto? Um quarto de bebê? Mas é maravilhoso, Ellen!

— Não se trata disso. É apenas para os filhos dos nossos amigos.

Os olhos de Sondra eram azuis, da cor de águas pouco profundas. Ela parecia estar ligeiramente divertida, como se partilhássemos uma conspiração — uma conspiração que eu estava ansioso por repudiar, fazendo alguma observação trivial em voz alta, para

que todos ouvissem. Uma espécie de dor, porém, parecia ter invadido meu peito, represando todas as palavras lá dentro. E continuei calado, sorrindo tolamente. A cada minuto que passava, mais difícil ficava romper o silêncio e mais atraído eu me sentia para a intriga da qual certamente era culpado, embora a ignorasse por completo. Sem que nos tocássemos, ela fizera com que nos tornássemos amantes.

Ellen surgiu à porta e virou-se um pouco, como se o seu primeiro impulso fora correr. Parecia estar inteiramente absorvida em seus pensamentos, olhando para a maçaneta de aço.

Sondra começou a falar com Ellen, na sua voz seca e sarcástica. Era uma conversa trivial, mas que estava destruindo tudo o que eu queria destruir — ou seja, a noção absurda de que havia alguma coisa entre nós. Ellen ficou extremamente confusa. Bebia cada palavra de Sondra, contemplando seus lábios atentamente, como se aquela mulher elegante e bronzeada, fumando calmamente um cigarro e falando de coisas sem maior importância, fosse a sua salvadora.

Quanto a mim, sentia que perdera por completo a capacidade de falar. Se participasse da conversa cuidadosamente inocente de Sondra, estaria apenas ajudando o embuste contra a minha esposa. Se proclamasse a verdade e esclarecesse tudo... mas que verdade? O que havia realmente para esclarecer? O que acontecera? Uma sensação qualquer no ar? Uma insinuação? É claro que não havia resposta, que nada existira. Eu nem mesmo gostava muito de Sondra. Havia nela algo frio e desagradável. Nada havia para esclarecer, porque nada acontecera.

— Onde está Joyce? — perguntei finalmente, a boca seca. — Será que ela não quer conhecer a cozinha?

Ellen virou-se lentamente para mim, como se aquilo lhe custasse um grande esforço.

— Ela já está vindo — disse-me então, com uma voz indiferente.

Só então ouvi as vozes de Jeff e Joyce na sala, Ellen examinou meu rosto, as pupilas estranhamente dilatadas sob a rosada luz fluorescente da cozinha, como se tentasse chegar ao fundo do segredo misterioso que jazia por trás da minha observação, casual, seria alguma espécie de código, um sinal de que eu logo esclareceria tudo? O que significava realmente? Sorri para ela e fui retribuído. Mas o sorriso de Ellen era como o de uma pessoa que encontra um rosto familiar mas não consegue recordar-se do nome a que

pertence. Joyce entrou na cozinha neste momento.

— Detesto cozinhas. Nunca entro na da minha casa. Fez uma pausa e olhou-nos, curiosa, acrescentando:

— Estou interrompendo alguma coisa?

Às duas horas da madrugada sentei-me na cama, repentinamente despertado. O quarto estava banhado pelo difuso clarão vermelho do incêndio, que ficara mais próximo de nós durante a noite. Uma pequena cortina de fumaça o envolvia. Ellen estava deitada de lado, dormindo, a mão em concha no travesseiro ao lado do rosto, com se estivesse esperando que alguém ali pusesse alguma coisa. Não tinha a menor idéia de por que acordara de repente, mas levantei-me e fui à janela observar o incêndio. Não podia ver as chamas, mas as colinas se delineavam escuras contra um céu túrgido que parecia inchar e diminuir a cada pé de vento.

Foi então que ouvi o som.

Sou um homem que procura sempre descrever as coisas com palavras precisas — nos artigos técnicos que costumo escrever, isso é indispensável. Mas não consigo pensar em nenhuma palavra que descreva com exatidão o som que ouvi. O máximo a que consigo chegar é uma palavra que eu próprio inventei: *vlump*. Era um som estranho, nem estridente nem suave. Talvez possa dizer que era difuso, dando a impressão de que provinha de todos os cantos. Havia algo de vago e sussurrante nele, não se podia dizer que fosse um som *sólido*. De tempos em tempos começava como se fosse a sugestão de um suspiro — uma simples insinuação pelo ar, que parecia tomar forma e morrer no mesmo instante. Não consigo, em suma, defini-lo com exatidão. Parecia negligente, sem vontade expressa nem razão manifesta. Mas era também implacável. Como não consegui encontrar-lhe uma explicação imediata, resolvi ver de que se tratava.

Passei para o corredor e acendi a luz, apertando o interruptor silencioso. A luz brilhou do globo embutido no teto e espalhou-se pelo papel de arroz japonês, parecido com plástico, das paredes. As paredes indestrutíveis me cercavam; e nada mais. Através da diáfana cortina de fumaça, podia sentir o cheiro de novo, suave e metálico — mais como um carro do que como uma casa. Mas o som continuava. Parecia provir do quarto na extremidade do corredor, o quarto destinado aos filhos dos nossos amigos. A porta estava aberta e eu podia ver nitidamente uma mancha cinza no chão do corredor, da claridade que entrava pela janela a oeste. Vlump... vlump... vlump...

Olhando para a mancha cinza, atravessei o corredor, as pernas pesadas como chumbo. E ia dizendo para mim mesmo que aquele barulho nada significava, que todas as casas novas se acomodam em suas estruturas e fazem assim estranhos ruídos. Estava tão lúcido que cheguei a pensar que não sentia medo. Estava andando pelo corredor da minha casa nova de aço para verificar se a acomodação nas estruturas não estava provocando algum desnível. Ou então para descobrir se algum animal estava perturbando o silêncio — haviam-me dito que os gambás freqüentemente reviram as latas de lixo. Podia haver alguma coisa errada com os encanamentos ou com o sistema de calefação. E, como um responsável proprietário de casa, conseguira localizar a origem do ruído e ia responsavelmente verificar de que se tratava. Mais um ou dois segundos e eu saberia. Vlump... vlump... O retângulo da janela do quarto no chão era róseo quando me aproximei, mostrando os contornos da colina que havia ao longe. O preto ao redor eram os arbustos que ali existiam antes e o retângulo rosa era o buraco que o trator escavara na terra antes de se descontrolar. Eu vira o acidente daquele ponto exato em que me encontrava agora. Pude ver os contornos do buraco onde a árvore estivera no chão pré-fabricado do quarto, cuja escuridão ia agora erradicar, apertando o interruptor ao lado da porta.

— Ted?

O sangue se esbateu violentamente em meus ouvidos. Tive a impressão de que meu coração explodia. Encostei-me à parede, em busca de apoio. Mas é claro que eu sabia que era a voz de Ellen. Respondi calmamente.

— Que é?

— O que aconteceu? — perguntou ela. Ouvi nitidamente as cobertas sendo erguidas.

— Não se levante. Já estou voltando para o quarto.

O barulho cessou, podia ouvir agora apenas o zunido quase inaudível da geladeira, o vento soprando lá fora. Ellen estava sentada na cama.

— Estava dando uma olhada no incêndio -— expliquei.

Ela pôs a mão na parte da cama ao seu lado e vi-a sorrir no instante em que apaguei a luz do corredor.

— Estava sonhando com você — disse ela.

Meti-me embaixo das cobertas e ela se achegou a mim.

— Mas o que aconteceu? Você está tremendo...

— Devia ter vestido o roupão...

— Em um minuto você vai sentir-se aquecido.

Seu corpo cheiroso encostou-se ao meu, mas fiquei duro como pedra, frio, distante, olhando para o teto, sem conseguir formular um único pensamento.

— Ted?

Era o seu sinal, sempre hesitante, sempre trêmulo, de que desejava que eu a tomasse nos braços. Como se não houvesse entendido, falei:

— O que é?

Por alguns segundos senti que Ellen procurava vencer sua timidez, a fim de me dar outro sinal que acabasse com a minha distração e me fizesse compreender que ela queria ser amada. Mas era demais para ela — algo estranho que nunca lhe acontecera antes: minha frieza criara um vácuo e ela não possuía experiência suficiente para preenchê-lo. Era uma frieza súbita e inexplicável, a menos que...

Ela afastou-se lentamente e puxou as cobertas até o queixo, perguntando depois:

— Está acontecendo alguma coisa que eu deva saber, Ted?

Estava-se lembrando de Sondra e da cena curiosa que ocorrera na cozinha. Eu sabia que Ellen se armara de muita coragem para fazer a pergunta, embora devesse conhecer a minha resposta de antemão .

— É que estou muito cansado. Tivemos um dia dos mais atarefados. Boa noite, querida.

Beijei-a no rosto e senti seus olhos, à luz difusa do incêndio, procurando os meus, fazendo as perguntas que não conseguia formular em voz alta. Virei-me para o lado, envergonhado, porque não poderia dar a resposta que ela queria. Simplesmente porque não havia resposta alguma.

O incêndio foi dominado depois de queimar oitocentos acres e diversas casas. As chuvas chegaram três semanas depois. Jack Salmanson foi visitar-nos um domingo. Examinou as fundações, o telhado e todas as intersecções, garantindo que estava tudo perfeito. Sentamo-nos na sala, contemplando tristemente o jardim lá fora pelas portas de vidro — a chuva fizera surgir a lama, que ameaçava cobrir as poucas lajes que eu colocara. Ellen estava no quarto, deitada, pois adquirira o hábito de tirar um cochilo depois do almoço, embora fosse eu e não ela quem ficava acordado noite após noite, procurando a explicação para sons que se tornavam cada vez mais inexplicáveis. O som abafado que às vezes acompanhava o vlump

e o barulho freqüente de escapamento de ar eram certamente provocados por algum defeito nos encanamentos de água. Os passos que se aproximavam lentamente pelo corredor e paravam diante da porta fechada do nosso quarto, afastando-se em seguida depois de uma risadinha, era apenas o frio da noite contraindo a nossa casa de metal, depois do calor do dia. Enquanto isso acontecia, Ellen dormia profundamente. Ela parecia estar viciada em dormir. Ia para a cama às nove horas da noite e levantava-se às dez horas da manhã seguinte. Cochilava à tarde e movia-se letargicamente o resto do tempo, com um xale mexicano nos ombros, queixando-se do frio. O médico examinou-a para verificar se estava com mononucleose, mas nada descobriu. Disse que talvez fosse uma depressão nervosa e que era aconselhável descansar o quanto desejasse.

Depois de um silêncio prolongado, Jack pôs o copo em cima de uma mesinha e levantou-se.

— Bom, acho que já vou indo...

— Vou dizer a Ellen.

— Mas para que vai incomodá-la? Deixe-a dormir. Diga-lhe que desejo suas melhoras.

Virou-se para contemplar a sala da casa que projetara e construíra, franzindo a testa e indagando subitamente:

— Estão sendo felizes aqui?

— Como assim? É claro que somos felizes. Adoramos a casa. Durante a noite ela é um pouco barulhenta, mas isso é tudo.

Gaguejei essas palavras como a insinuação de que pretendia fazer-lhe uma confissão monstruosa, mas Jack pareceu não prestar atenção. Sacudiu a mão distraído e disse:

— É natural, a casa está-se acomodando.

Ele percorreu a sala com os olhos mais uma vez e acrescentou:

— Não sei, mas há algo estranho aqui... Alguma coisa não está certa... Mas talvez seja apenas esse tempo miserável... Só que acho que a casa podia ser mais aconchegante, entende? Parece-me triste, sem vida...

Encarei-o cheio de esperança, como se pudesse milagrosamente compreender meu terror — fazendo por mim o que eu não conseguia fazer e permitindo que o assunto fosse calmamente debatido por dois homens de temperamento controlado. Mas Jack não estava pensando na causa da tristeza e sim na cura possível.

— Por que vocês não experimentam colocar um tapete laranja nesta sala?

Olhei para o chão como se o tapete laranja pudesse trazer um encanto infalível à casa.

— Talvez seja uma boa idéia...

Ellen apareceu neste momento, ajeitando os cabelos, o rosto um pouco inchado por ter acabado de acordar.

— Olhe, Jack, assim que o tempo melhorar e eu me estiver sentindo mais bem disposta, você, Anne e as crianças podiam vir passar uma noite aqui.

— Será ótimo, mas depois que os barulhos acabarem — disse ele, lançando-me um olhar zombeteiro.

— Que barulhos?

Ellen olhou-me com uma expressão de surpresa no rosto. Já a vira outras vezes, desde que nos mudáramos, mas só que agora tomava uma forma definida. Ela estava prevenida, pois achava que eu lhe ocultava alguma coisa.

— São barulhos que ouço à noite, resultantes da acomodação da casa. Você está dormindo e não pode ouvi-los.

Quando Jack se foi, Ellen sentou-se na poltrona em que ele estivera, olhando para o jardim lamacento. O xale púrpura caía até os joelhos, fazendo parecer que ela não tinha braços. A impressão é de que não havia a menor explicação para as duas mãos brancas que seguravam a xícara de chá em seu colo.

— É bem triste — comentou ela. — Não posso deixar de sentir pena de Sondra.

— Por quê? — indaguei, na defensiva.

— Joyce esteve ontem aqui. Contou-me que ela e Jeff têm um caso que termina e recomeça há mais de seis anos.

Ela encarou-me para ver como eu reagia à notícia.

— Isso explica a maneira como Sondra e Joyce se comportam uma com a outra — falei, olhando firme para Ellen.

Mas tudo o que encontrei em seus olhos foi o reflexo das portas de vidro, até mesmo as gotas de chuva que escorriam de cima para baixo. A sensação é de que havia descoberto a verdade, que Ellen chorava intensamente, em segredo, nas profundezas da sua alma, a qual eu não mais conseguia atingir. Era evidente que não acreditava em minha inocência. Eu próprio começava a duvidar e acho que o mesmo aconteceu com Jeff e Joyce. Quanto a Sondra, era impossível saber o que ela pensava. Comportava-se como se a nossa infidelidade fosse um fato consumado. De certa forma era um desempenho genial de sua parte, porque nunca me tocara, a não ser acidentalmente e de modo impessoal. Mesmo os seus olha-

res, as fundações sobre as quais erguera o mito da nossa ligação, nada tinham de suave. Eram inquisitivos e dissimulados, sempre acompanhados por um sorriso furtivo, como se partilhássemos alguma piada particular. Havia, porém, na maneira como ela o expressava — pelo menos talvez fosse essa a impressão dos outros — a insinuação de que a piada era à custa dos demais presentes. Além disso, passara também a chamar-me de "querido".

— Sondra e Jeff têm um filho retardado, internado num sanatório — informou Ellen. — Aparentemente foi o que os fez entrar em atrito.

— Foi Joyce que lhe contou tudo isso?

— Ela apenas mencionou o caso, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Pensava que já sabíamos... Mas não gosto de saber coisas desse tipo dos meus amigos.

— Acho que o meio artístico é assim mesmo. No fundo, eu e você ainda somos provincianos.

— Sondra deve ser uma moça muito infeliz.

— Em se tratando dela, não é muito fácil saber.

— Fico imaginando o que ela pensa em fazer de sua vida, se pretende procurar alguma coisa... fora de casa.

Fiquei calado, esperando.

— Provavelmente não — disse Ellen, respondendo à sua própria indagação. — Ela me parece muito controlada, quase fria...

Não me agradava o espetáculo de minha esposa lutando contra si mesma para protelar um ferimento que estava convencida ser inexorável. Recusava-se a acreditar em minha infidelidade. Talvez pudesse confortá-la com mentiras. Poderia contar que Sondra e eu nos encontrávamos num bar no centro da cidade e nos amávamos em hotéis de segunda classe à noite, quando eu telefonava para casa informando que ia fazer serão. A ferida então seria aberta e poderia ser limpa e curada. Seria doloroso, é claro, mas eu voltaria a ter confiança nela e poderíamos recuperar o equilíbrio da nossa vida em comum. Observando Ellen torturar-se com a dúvida, fui tentado a contar-lhe todas essas mentiras. A verdade nunca me tentara: admitir que eu sabia o que ela estava pensando eqüivaleria ao reconhecimento da minha culpa. Como eu poderia suspeitar de uma coisa assim, a menos que fosse verdade? E como eu poderia explicar-lhe a minha frieza, aterrorizando-a com histórias vagas de barulhos indescritíveis que ela simplesmente não podia ouvir?

E assim continuamos sentados, sentindo frio e com cara de tolos, em nossa casa molhada pela chuva, até que o dia começou a

sumir. Foi então que fui dominado por uma alegria selvagem. E se o meu terror fosse tão infundado quanto o de Ellen? E se os meus fantasmas, como os dela, fossem apenas criação da imaginação, precisando só de um pouco de bom senso para afastá-los? Se eu conseguisse livrar-me dos meus fantasmas, Ellen logo me seguiria, pois o segredo que nos separava teria acabado. Era uma revelação, uma vitória da razão.

— O que é aquilo lá em cima? — perguntou Ellen, apontando para um objeto que parecia ser uma folha, no alto da porta de vidro. — Acho que é uma cauda, Ted. Deve haver algum animal no telhado.

Apenas a ponta cabeluda estava visível. Aproximei-me para ver melhor e verifiquei que havia gotas de chuva suspensas em cada cabelo, numa disposição geométrica perfeita.

— Parece a cauda de um guaxinim — comentei. — Mas o que estaria um bicho desses fazendo por aqui tão cedo?

Pus a capa e saí. A cauda pendia solta na beira do telhado, raiada de branco e balançando-se fleumaticamente ao vento. O corpo do animal estava oculto, atrás do parapeito baixo. Fui para os fundos e subi pela escada presa à parede que lá havia, a fim de ver o animal.

A mente humana, assim como as outras partes da sua anatomia, é um órgão condicionado. Suas faculdades são limitadas pelas experiências precedentes, pensando sempre o que está acostumada a pensar. Confrontada com um fenômeno além do seu alcance, ela se rebela, rejeita-o, às vezes desmorona. Minha mente, que por semanas se recusara firmemente a aceitar a evidência dos meus sentidos de que havia *algo mais* na casa além de Ellen e eu, alguma coisa sobrenatural e diabólica, era agora forçada a continuar na negativa, repetindo, como Jeff, que devia ter sido uma "raposa". Mas isso era ridículo. As chances de uma raposa vencer uma luta com um guaxinim não são das maiores — muito menos as de deixá-lo num estado como aquele. O corpo estava na frente, no outro lado do telhado. Não vi a cabeça até tropeçar nela, fazendo-a rolar pelo telhado e parar de encontro ao parapeito, o rosto mascarado me encarando.

Somente porque minha mente estava bloqueada, repetindo insistentemente que Ellen nada deveria saber, é que consegui pegar as partes desmembradas do guaxinim e jogá-las com toda a força no morro atrás da casa.

— O que foi, Ted?

— Deve ter sido um guaxinim, mas já fugiu.

Consegui manter a voz calma e só vomitei quando voltei para a parte de trás do telhado.

Lembrei a alusão de Sondra ao gato mutilado e telefonei para o escritório de Jeff.

— Vamos almoçar juntos e discutir o assunto — disse para mim mesmo.

Tinha uma grande necessidade de falar a respeito, o que seria impossível em casa, onde o silêncio se adensava a cada dia e se tornava mais insuportável. De vez em quando Ellen me perguntava se havia algum problema, mas eu sempre respondia que não era nada. Nossas conversas sempre terminavam nesse ponto. Os olhos de Ellen manifestavam o que sentia: eu não era mais o homem com quem se casara, estava frio, cheio de segredos. O quarto das crianças, com cama beliche e papel de parede com desenhos de brinquedos, erguia-se entre nós como uma censura muda. Ellen quase sempre o mantinha fechado, mas surpreendi-a algumas vezes, ao cair da tarde, entrando lá sem nenhum objetivo aparente, tocando em tudo como se estivesse surpresa de que ainda resistisse, depois de tão longos meses estéreis. Uma esperança se desvanecera dentro dela. Nossos amigos também nunca traziam os filhos para dormirem em nossa casa, simplesmente porque não os convidávamos. O silêncio trouxera consigo uma inércia profunda e debilitante. O rosto de Ellen parecia estar perpetuamente inchado, as feições enevoadas e amorfas, os olhos perdidos na distância. Todo o seu corpo parecia intumescido, como se alguma fonte de dor intensa houvesse brotado dentro dela. Andávamos pela casa em órbitas separadas, como dois sonâmbulos, fazendo as nossas tarefas movidos unicamente pela força do hábito. A princípio os nossos amigos nos procuravam, aturdidos, um pouco magoados, mas pouco a pouco se foram afastando, deixando-nos entregues a nós mesmos. De vez em quando nos encontrávamos com os Sheffits. Jeff parecia cada vez mais deprimido, contava anedotas pesadas, bebia demais e mostrava-se sempre pouco à vontade. Sondra é que falava quase o tempo inteiro sobre assuntos que não tinham a menor importância, frívolos mesmo, dando sempre a entender, com um gesto, uma palavra ou um olhar, que o nosso segredo continuava a florescer.

Jeff e eu almoçamos no Brow Derby, em Vine Street, sob caricaturas a lápis de artistas. Numa mesa próxima, um agente elogiava um ator em voz rouca, com um entusiasmo simulado, para um homem grande e de rosto vermelho que dedicava toda a sua

atenção a uma terrina de *vichyssoise*.

— É um negócio de louco — disse-me Jeff. — Dê-se por feliz por não estar metido nele.

— Compreendo o que está querendo dizer, Jeff.

Ele não tinha a menor idéia dos motivos que me haviam levado a convidá-lo para almoçar nem lhe dei a menor pista. Estávamos, naquele momento, "quebrando o gelo", como se diz. Jeff sorriu-me com aquele seu jeito engraçado de torcer a boca e eu retribuí. A mensagem que aqueles sorrisos continham era a de que podíamos considerar-nos como amigos. Mas seria ele de fato meu amigo? E eu seria mesmo amigo dele? Ele morava em frente a mim, encontrávamo-nos pelo menos uma vez por semana, contávamos piadas, sentávamos sempre na mesma poltrona na casa um do outro. Suponho que muitas amizades já se basearam em menos fatores. E, no entanto, ele tinha um filho retardado internado em algum sanatório e uma esposa que se comprazia em sugerir que lhe era infiel. Eu tinha um demônio à solta em minha casa e uma esposa que se consumia na suspeita, tornando-se cada vez mais distante e envelhecida. Resolvi encarar Jeff e ir direto ao assunto.

— Lembra que certa vez conversamos a respeito de um fantasma?

Meu tom era de brincadeira, talvez eu tencionasse dar à história toda uma imagem de piada.

— Lembro sim.

— Sondra mencionou um gato de vocês que apareceu morto.

— Isso mesmo, o que foi apanhado por uma raposa.

— Foi o que você disse. Sondra afirmou que não era nenhuma raposa.

Jeff sacudiu os ombros, indiferente.

— E daí?

— Encontrei um guaxinim morto em nosso telhado.

— No seu telhado?

— E estava num estado pavoroso.

Jeff ficou brincando com o garfo. Todo o tom divertido que poderia haver na história desaparecera.

— Sem cabeça?

— Muito pior.

Por alguns momentos ele ficou em silêncio. Percebi que estava procurando determinar se devia ou não dizer-me alguma coisa.

— Talvez fosse melhor vocês se mudarem, Ted.

Eu sabia que ele estava querendo ajudar. Com uma única

frase, tentara superar a reserva que havia entre nós. Era meu amigo, estava estendendo-me a mão. E acho que eu devia ter entendido logo a sua sugestão. Mas não podia aceitá-la, não era o que estava querendo ouvir.

— Mas não posso mudar-me, Jeff — disse-lhe com um tom tolerante, como se ele não houvesse compreendido minhas palavras. — Estamos morando lá há apenas cinco meses. Aquela casa custou-me 22 mil dólares. Nos termos do empréstimo, teremos que habitá-la pelo menos durante um ano.

— Bom, você deve saber o que faz... Seu sorriso envolveu-me.

— Eu queria apenas contar-lhe — declarei, irritado com a facilidade com que ele desistira de convencer-me. — Preciso saber o que você sabe a respeito desta história de fantasma.

— Não muito. Sondra é que sabe de tudo.

— Duvido que me aconselharia a mudar de uma casa que acabei de construir sem ter uma razão muito forte.

— Parece que há um espírito qualquer na casa, nada mais. Se é um fantasma, não sei.

Agora ele é que parecia estar aborrecido, com o rumo que a conversa estava tomando.

— O que acha Ellen de tudo isso?

— Ela não sabe de nada.

— Sobre o guaxinim?

— Sobre nenhuma das coisas.

— Quer dizer que há mais coisas?

— Também há os barulhos, à noite...

— Se fosse você, iria conversar com Sondra. Ela se aprofundou nesse assunto muito mais do que eu. Logo depois que nos mudamos, ela costumava ir muitas vezes ao seu terreno... passando bastante tempo a examinar tudo, principalmente depois que o gato foi morto.

Ele parecia estar encontrando alguma dificuldade para escolher as palavras certas. Fiquei surpreso, pois a conversa parecia estar-lhe sendo dolorosa. Ele exibia os dentes num sorriso meio sem jeito. Pondo um braço nas costas da cadeira, dava a impressão de que a qualquer momento ia cair ao chão. O nome da esposa parecia soar como uma barreira entre nós. Respirando fundo, eu disse:

— Escute, Jeff, a respeito de Sondra... Ele interrompeu-me com um gesto.

— Não se preocupe com isso, pois conheço Sondra muito

bem.

— Sabe então que nada existe entre nós?

— É apenas uma das maneiras que ela tem de se divertir. Faz a mesma coisa comigo. Vive flertando, apesar de não dormimos juntos.

Ele pegou a colher e levantou-a à altura dos olhos, mas absolutamente não a estava vendo.

— Tudo começou quando ela ficou grávida. Depois disso, acabou tudo o que havia entre nós. Sabia que tínhamos um filho? Está internado num sanatório.

— E não pode fazer alguma coisa?

— Claro que faço. Meu recurso é Joyce Castle. Não sei o que teria acontecido comigo se não fosse ela.

— Estou-me referindo ao divórcio.

— Sondra não pretende divorciar-se de mim. E também não posso pedir o divórcio, pois não tenho nenhuma base.

Ele sacudiu os ombros, como se tudo aquilo não tivesse a menor importância.

— O que eu poderia dizer? Quero divorciar-me de minha esposa por causa da maneira como ela olha para os outros homens? Ela é escrupulosamente fiel.

— Fiel a quem, Jeff? A você? A quem?

— Não sei, talvez a si mesma...

Talvez ele continuasse a falar se o encorajasse, mas o fato é que o interrompi. Senti que aquela observação enigmática era a pista que me oferecia. Se a aceitasse, ele me teria contado o que eu viera descobrir no almoço — e de repente fiquei aterrorizado, não queria mais ouvi-lo, não queria saber de nada. Por isso sorri e tratei de esconder no fundo da minha mente todas as impossibilidades dos últimos meses — os passos, os barulhos noturnos, o guaxinim mutilado. Se as admitisse, era sinal de que havia enlouquecido.

Jeff encarou-me fixo subitamente, o rosto vermelho, os dentes cerrados.

— Você pode ficar com a tarde livre, Ted? Tenho que ir ao sanatório assinar alguns papéis. Vão transferir o garoto. Ele passou a ter acessos de violência e anda fazendo coisas pavorosas. Não é mais possível controlá-lo.

— E Sondra?

— Ela já assinou o que era preciso. Gosta de visitá-lo sozinha, talvez para ter a impressão de que lhe pertence com exclusividade. Eu ficaria agradecido, Ted... o apoio moral, entende? Pode ficar

esperando no carro. Fica a cinqüenta quilômetros daqui. Estará de volta na hora do jantar.

A voz lhe tremia, haviam surgido lágrimas em seus olhos. Parecia um homem doente, com febre. O pescoço estava torto, como se apertado pelo colarinho, as têmporas estavam fundas. Segurou-me o braço, a mão como uma garra.

— Está certo, Jeff, irei com você. Telefonarei para o escritório. Eles podem muito bem passar sem mim uma única tarde.

Ele imediatamente se controlou.

— Agradeço muito, Ted. Prometo que não será uma tarde inteiramente perdida.

O sanatório ficava no Vale de San Fernando, um conjunto de prédios de estuque recentemente construídos. Por toda parte havia cartazes pedindo: POR FAVOR, MANTENHAM-SE A DISTÂNCIA. Pequenas mudas de árvores estavam colocadas dentro de círculos de terra abertos nas calçadas de cimento, em ângulo reto com a grama verde mais além. Era por estas calçadas que os doentes andavam, indo de uma a outra sob a orientação dos enfermeiros, estacionados em cada esquina, sobressaindo entre todos com os seus uniformes brancos.

Depois de algum tempo ficou insuportavelmente quente dentro do carro e resolvi saltar. A menos que quisesse ficar passeando no estacionamento por entre os carros, a única alternativa era juntar-me aos internados e seus visitantes na caminhada pelas calçadas. Escolhi uma calçada quase vazia e caminhei lentamente na direção de um edifício que tinha um pátio lateral, cercado de arame farpado. Pelo escorrega e outros brinquedos, julguei que devia ser para crianças. Foi então que vi Jeff entrando ali. Ao seu lado vinha uma enfermeira, puxando uma espécie de carrinho, desses que se usam para ensinar crianças a andar. E dentro dele estava "o menino".

Acho que ele era humano, pois tinha todos os atributos de um ser humano. Mas tenho certeza de que, se não fosse o carrinho, estaria arrastando-se no chão como um crocodilo. Tinha também os olhos de crocodilo — sonolentos, frios, impiedosos — pregados num rosto escuro, meio marrom, que parecia estar em posição horizontal em vez de vertical, como um ovo deitado de lado. Nas feições não havia o menor vestígio de inteligência. A boca estava aberta e a saliva escorria pelo queixo. Enquanto Jeff e a enfermeira conversavam, ele sentou-se ao sol, inerte e repulsivo.

Saí dali às pressas, sentindo que era um intruso numa enor-

me desgraça. Tivera uma visão de um universo doentio cuja mera existência constituía uma ameaça à minha vida. A visão daquele garoto monstruoso, com seus olhos frios e bestiais, fazia-me sentir como se partilhasse a vergonha de Jeff, pelo simples fato de tê-la descoberto. Achei que o melhor que podia fazer por ele era fingir que nada vira, que não sabia de nada, sem obrigá-lo a falar sobre um assunto que obviamente lhe era penoso.

Ele voltou para o carro pálido e abalado, querendo beber alguma coisa. Paramos primeiro num lugar chamado Joey's, no caminho para Hollywood. Depois paramos no Cherry Lane, em Vine Street, onde duas jovens nos convidaram para sair, indo acabar no Brown Derby, em cuja porta eu deixara meu carro. Jeff engoliu a bebida como se não sentisse o menor prazer, falando-me, em tom confidencial, sobre um livro que acabara de vender ao estúdio da Warner Brothers, por uma soma exorbitante. Era uma droga, é claro, mas tudo agora era assim, como os parasitas gostavam de fazê-lo. Tinha certeza de que em breve os bons escritores acabariam.

— E então haverá apenas plagiadores competentes e plagiadores incompetentes.

Aquela era provavelmente a terceira vez que conversávamos sobre o mesmo assunto. Jeff repetia-o mais uma vez, mecanicamente, olhando para a mesa, fixamente, onde tinha à sua frente um copo de um coquetel vermelho.

Quando saímos do restaurante o sol já desaparecera e o frio da noite no deserto, no qual a cidade fora construída, estava começando a se manifestar. No alto dos edifícios ainda restava um pouco do vermelho dos últimos raios do sol, caído além do horizonte. Jeff respirou fundo e teve um acesso de tosse ao fazê-lo.

— Maldita poluição — disse ele. — Cidade miserável. Não consigo imaginar uma única boa razão para continuar morando aqui.

Encaminhou-se para o seu Daimler, um pouco trôpego.

— Por que não volta para casa comigo? — sugeri. — Pode vir buscar seu carro amanhã.

Ele entrou em seu carro e abriu o porta-luvas, tirando um maço de cigarros. Meteu um na boca e deixou-o pendurado ali, sem acendê-lo.

— Esta noite não vou para casa, amigo Ted. Se quiser deixar-me lá no Cherry Lane, ser-lhe-ei grato pelo resto da vida.

— Tem certeza de que é o que quer? Então não há problema, eu posso até ir com você.

Jeff sacudiu o dedo na minha direção, maliciosamente.

— Ted, você é um homem bem educado e inteligente. Siga o meu conselho e vá para casa tomar conta da sua mulher. Estou falando sério: tome conta dela, Ted. Quanto a mim, o melhor que tenho a fazer é enfurnar-me num bar.

Eu estava caminhando para o meu carro quando Jeff me chamou mais uma vez:

— Queria apenas dizer-lhe, amigo Ted, que minha mulher foi um dia tão maravilhosa quanto a sua...

Eu percorrera menos de dois quilômetros quando o último raio de sol deixou o céu e a noite caiu bruscamente como uma janela que se fechasse. O céu acima dos anúncios luminosos de Sunset Boulevard ficou negro e uma meia-lua ascendeu, imediatamente obscurecida pela fumaça espessa da poluição atmosférica. Quando entrei no Clay Canyon, a nuvem de poluição começou a deixar as suas marcas no meu pára-brisa, manchando-o todo.

A casa estava às escuras e pensei que Ellen tivesse saído, mas logo vi o nosso velho Plymouth e de repente fui dominado por um medo irracional, que me apertava o coração. Os acontecimentos daquele dia pareciam pairar em minha cabeça como um nevoeiro espesso. Ao ver o carro, a escuridão e o silêncio da casa, corri para a porta em pânico. Empurrei-a com o ombro, como se receasse que estivesse trancada, mas abriu com facilidade. A sala estava às escuras, assim como o resto da casa. O único som que se ouvia era o da minha própria respiração.

— Ellen! — gritei, em voz alta e lamurienta que mal pude reconhecer como minha. — Ellen!

Tive a impressão de que estava perdendo o controle, a cabeça girava. Era como se a escuridão e o silêncio fossem a última gota, como se não mais pudesse conter a torrente de horrores em minha mente. A porta abriu-se de repente, deixando escapar uma luz enevoada que trazia o cheiro da podridão. Vi então o palco da minha tragédia, o túmulo das minhas esperanças: o quarto das crianças. Os ratos se aninhavam na cama beliche, o mofo se espalhava pelo papel de parede vermelho e um nobre espanhol demente estava pendurado pelo pescoço de uma árvore morta, os calcanhares batendo na parede e fazendo um ruído que soava assim: vlump... vlump... Suas roupas afetadas revolviam-se lentamente, enquanto ele balançava de um lado para o outro, como que impelido por uma corrente de ar. Quando o corpo se virou na direção de onde eu estava, os olhos familiares de réptil se abriram e me encararam com

repugnância e desprezo.

Reconheci finalmente. Aquilo existia e era uma força do mal e eu deixara minha esposa em casa na sua companhia. E agora ela fora sugada para a eternidade, onde as sombras do mal armazenam o plasma necessário para se manifestarem de século em século. Às vezes basta uma única palavra, um grito, um suspiro, um gemido saídos de uma garganta paralisada pelo terror, uma simples sílaba resumindo toda uma vida de eloqüência, para satisfazer a sede insaciável dos mortos que se recusam a morrer.

Neste momento se acendeu uma luz no teto e vi que estava no corredor, em frente ao quarto das crianças. Ellen estava de camisola, sorrindo para mim.

— Ted? O que está fazendo aqui no corredor, na escuridão? Acabei de tirar um cochilo. Quer comer alguma coisa? Por que está tão calado? Você está bem?

Ela aproximou-se de mim. Estava linda. Seus olhos azuis, um pouco mais intensos que os de Sondra, pareciam quase violeta. Parecia que voltara a ser jovem e esbelta, que a antiga serenidade voltara a brilhar, como uma bóia luminosa subitamente recuperada.

— Eu estou bem — respondi, a voz rouca. — E você?

— Mas é claro que estou — afirmou ela sorrindo. — Por que não deveria estar? Estou-me sentindo muito melhor...

Ela pegou minha mão e beijou-a alegremente. — Vou pôr alguma roupa e depois irei providenciar o nosso jantar.

Ela virou-se e seguiu pelo corredor, para o nosso quarto. Olhei pela porta do quarto das crianças. Embora estivesse apagado, pude vê-lo perfeitamente, verificando que as cobertas da cama de baixo estavam revolvidas, como se alguém houvesse dormido ali.

— Ellen! — gritei. — Você andou dormindo no quarto das crianças?

— Dormi sim — respondeu-me, ela, por entre o farfalhar do vestido que tirava do armário. — Estava lá dentro, esperando que você chegasse. Fiquei com sono e deitei-me. Por falar nisso, o que você estava fazendo? Trabalhando até tarde?

— E nada aconteceu?

— Por quê? Deveria ter acontecido alguma coisa?

Não pude responder. Minha cabeça estalava de alegria. Estava terminado — o que quer que fosse, finalmente acabara. Alheia a tudo, Ellen enfrentara a força do mal em seu próprio covil e dormira como uma criança. E voltara a ser ela mesma, sem estar atingi-

da pelo conhecimento do que derrotara. Protegera-a com o meu silêncio, com a recusa obstinada em partilhar meu terror com aquela mulher a quem eu amava profundamente. Acendi a luz do quarto. Lá estava o papel de parede vermelho, com os desenhos de muitos brinquedos, as cortinas vermelhas e brancas, as colchas vermelhas e azuis. Era um bom quarto, um quarto alegre e apropriado para crianças.

Ellen saiu do nosso quarto de combinação.

— Há alguma coisa errada, Ted? Você parece tão nervoso. Está tudo certo no escritório?

— Está sim. Estive com Jeff Sheffits. Fomos ver seu filho no sanatório. Pobre Jeff, leva uma vida miserável.

Contei a Ellen tudo o que acontecera naquela tarde, falando livremente em minha casa pela primeira vez, desde que nos mudáramos. Ellen ouviu-me atentamente como sempre fazia. Quando terminei, ela quis saber como era o garoto.

— Como um crocodilo — expliquei, enojado. — É igualzinho a um crocodilo.

O rosto de Ellen assumiu uma expressão alegre e inesperada. Parecia estar olhando para alguma coisa atrás de mim, para dentro do quarto das crianças, como se lá estivesse a fonte da sua alegria. No mesmo instante estremeci e um calafrio percorreu meu corpo, a mesma sensação de advertência que sentira no dia do meu aniversário e que deveria ter feito com que compreendesse tudo, se fosse um homem diferente. Senti-me subitamente desidratado, como se todo o sangue houvesse abandonado meu corpo. Era como se eu estivesse murchando. Quando falei, a voz parecia sair áspera e rouca do fundo de uma garganta seca que há muito tempo não era usada:

— Será que é tão engraçado assim?

E minha esposa respondeu:

— Engraçado? Não, não, é só que me sinto muito melhor. Acho que estou grávida, Ted.

Ela inclinou um pouco a cabeça para o lado e sorriu-me.

JORNADA PARA A MORTE

Donald E. Westlake

Embora as viagens marítimas não sejam novidade para mim, jamais consegui acostumar-me ao balanço dos navios, principalmente durante a noite. Por esse motivo é que durmo muito pouco quando atravesso o Atlântico, só fechando os olhos quando chego a um ponto tal de exaustão que não mais me é possível mantê-los abertos. Como os meus negócios exigem com freqüência que vá aos Estados Unidos, minha esposa insiste em que, de vez em quando, eu vá de avião, mas devo confessar que sou covarde demais para isso. O balanço de um navio em alto mar leva o mal-estar ao meu estômago e à minha mente, mas o simples pensamento de viajar pelo ar aterroriza-me profundamente. Assim, a viagem marítima é entre dois males o menor — e enfrento a insônia, depois de tantos anos, com a tranqüilidade da resignação.

É-me impossível ficar deitado o tempo inteiro, de olhos abertos a contemplar o teto, nas longas noites da viagem de Dover a Nova York. A leitura a princípio é uma boa distração, mas cansa depois de algum tempo. Assim, em muitas viagens, passei as noites passeando pelo convés, admirando os milhões de luas refletidos nas ondas ao meu redor.

Fiquei, portanto, deliciado ao descobrir, na minha última e derradeira travessia, na terceira noite de viagem, um companheiro de infortúnio, uma vítima de insônia como eu, um homem chama-

do Cowley. Ele era americano, um homem de negócios, mais moço do que eu, talvez com quarenta e cinco ou cinqüenta anos. Achei-o franco e sensível e apreciava a sua companhia, alta madrugada, quando todos os outros passageiros dormiam e estávamos sozinhos a contemplar o mar vazio e silencioso. Não lhe encontrei o menor defeito, a não ser umas tiradas ocasionais de humor negro e de mau gosto, como algumas referências aos corpos putrefatos guardados no baú de Davy Jones, o diabo dos mares que os marinheiros tanto receiam.

Passávamos as noites conversando, em passeios pelo convés, ou então jogando bilhar, um jogo que ambos adorávamos mas no qual nenhum dos dois era mestre. Sendo igual a incompetência no esporte, passávamos alegremente muitas horas no salão de bilhar, localizado no mesmo tombadilho que a minha cabina.

Passamos a oitava noite da viagem neste salão, fumando satisfeitos os nossos charutos, jogando com a nossa habitual falta de habilidade, esperando pacientemente pela madrugada. Era uma noite fria e agitada. Um vento úmido corria pelas águas, como um fantasma solitário à procura de uma praia. Fecháramos todas as portas e janelas do salão, preferindo uma atmosfera poluída pela fumaça dos nossos charutos ao frio que nos enregelaria até os ossos.

Haviam decorrido apenas quinze minutos depois que nos trancáramos no salão quando a catástrofe se abateu sobre o navio. Não sei exatamente qual foi a causa, talvez uma explosão nas caldeiras imensas e misteriosas nas entranhas do navio, talvez o contato inesperado com alguma mina não recuperada da II Guerra Mundial. Mas o fato é que o silêncio da noite foi subitamente rompido por um tremendo estrondo, um rugido indomado, um estrépito indescritível que abalou nossos sentidos e paralisou nossos corpos. E o navio inteiro, o Aragon, estremeceu como que acometido de um violento espasmo. Cowlev e eu fomos jogados ao chão. Em todas as mesas, as bolas de bilhar se chocaram e saíram rolando, como se possuídas da nossa histeria e do nosso medo.

O navio então pareceu estabilizar-se, parar, manter-se imóvel, enquanto o tempo corria como um relâmpago. Esforcei-me por levantar, ouvindo o zumbido do silêncio absoluto de um mundo que se rompera, subitamente sem tempo nem espaço.

Virei-me para a porta principal do salão, que dava para o convés, e vi o rosto aterrorizado de uma mulher, ainda de camisola, olhando para nós com a boca escancarada e gritando. Fui em sua

direção, olhando-a pelo vidro da porta, quando o tempo recomeçou. O navio balançou, inclinou-se. Tentei manter o equilíbrio e vi-a então ser arrastada para longe, para o vazio. E ondas furiosas se esbateram contra as vigias das janelas.

Era como um elevador que enlouquecera, despencando do último andar. A água fervia e fumegava do lado de fora das janelas. Agarrei-me à parede do salão, passando mal, aterrorizado, sabendo que estávamos afundando irremediavelmente, que em poucos segundos eu seria um homem morto.

Um último solavanco e todo o movimento parou. O navio estava um pouco inclinado e imóvel — havíamos parado no fundo do mar.

Uma parte da minha mente limitou-se a gemer de horror e medo, mas outra parte permaneceu calma, como se estivesse fora de mim, separada de mim, um cérebro que não depende daquele corpo frágil e condenado. Esta parte da minha mente, que eu nunca conhecera antes, foi que pensou, conjecturou, raciocinou. O navio estava no fundo do mar, isto era mais do que evidente. Mas quantos metros teria afundado, qual seria a distância até à superfície? Não devia ser muito grande, era claro, pois do contrário a pressão teria arrebentado os vidros das janelas. Estaria a superfície suficientemente próxima para que me arriscasse a deixar o navio, a sair daquele salão, abandonar o bolsão de ar que ali se formara? Conseguiria chegar à superfície antes que meus pulmões explodissem, antes que a ânsia por ar me obrigasse a abrir a boca e permitir a entrada da água que me mataria?

Não podia correr o risco. Caíramos durante um tempo razoável e eu já não era mais moço. Simplesmente não podia correr o risco.

Um gemido fez-me lembrar de Cowley. Virei-me o vi-o estendido no chão, junto a uma parede, para onde aparentemente rolara quando o navio afundara. Estava-se mexendo agora, debilmente, levando a mão à cabeça.

Corri para ajudá-lo a levantar-se. Ele não tinha a menor idéia do que acontecera. Ouvira a explosão e caíra, batendo com a cabeça na quina da mesa de bilhar. E era tudo o que sabia. Contei-lhe o que acontecera e ele olhou-me aturdido, incrédulo.

— Debaixo da água?

O choque deixou-o pálido e duro como argila seca. Ele virou-se e correu para a janela mais próxima. A luz fraca da nossa prisão mal conseguia iluminar as águas que turbilhonavam lá fora, ao

redor do navio. Cowley voltou-se outra vez na minha direção.

— As luzes... Sacudi os ombros.

— Provavelmente há outros compartimentos em que a água também não penetrou.

No momento em que acabei de falar, as lâmpadas do salão piscaram e diminuíram de intensidade.

Esperei que Cowley entrasse em pânico, assim como eu, mas ele limitou-se a sorrir e comentar sardonicamente:

— Mas que maneira de morrer...

— Talvez não morramos — disse-lhe então. — Se houve sobreviventes ...

— Sobreviventes? E daí? Não estamos entre eles.

— Eles serão salvos — declarei cheio de esperança. — Sabem exatamente onde o navio afundou. E os mergulhadores virão até aqui.

— Mergulhadores? Mas por quê?

— É o que sempre acontece, imediatamente. Para salvarem o que for possível, para determinarem as causas do naufrágio. Enviarão mergulhadores, tenho certeza. Ainda temos uma chance de sermos salvos.

— Isso se houve sobreviventes — disse Cowley. — E se não houve?

Sentei-me, desconsolado.

— Neste caso, podemos considerar-nos como homens mortos.

— Sugere então que devemos esperar? — E que mais podemos fazer?

— Podemos acabar logo com isso, abrindo a porta. Encarei-o, aturdido. Ele parecia calmo, um sorriso débil dançava nos seus lábios.

— Vai desistir com tanta facilidade?

O sorriso se alargou.

— É, acho que não...

As luzes piscaram outra vez, ficando mais fracas. Logo depois piscaram um terceira vez e se apagaram de todo. Estávamos no escuro, a escuridão total, perdidos e isolados no fundo do mar.

— Acho que tem razão — disse Cowley de repente, em plena escuridão. — Nada temos a perder, a não ser a sanidade mental. Vamos esperar.

Não respondi. Estava imerso em meus pensamentos, recordando-me da minha esposa, de meus filhos e das famílias deles,

dos amigos nos dois continentes, na terra, no ar, na vida. Ficamos em silêncio. Incapazes de vermos um ao outro, incapazes de vermos qualquer coisa, era absolutamente impossível conversar.

Não sei quanto tempo ficamos sentados ali, em silêncio profundo, mas de repente verifiquei que não era mais tão escuro. Podia discernir vagamente alguns contornos no salão, podia ver o vulto de Cowley sentado em outra cadeira. Ele espreguiçou-se.

— Deve ser a luz do dia. Lá na superfície deve estar fazendo um sol maravilhoso.

— Quanto tempo... — indaguei, com a voz trêmula — quanto tempo acha que o ar vai durar?

— Não sei, mas o salão é grande e somos apenas dois... Deve durar o suficiente para que morramos de fome antes.

— Fome?

Só então percebi que estava faminto. Era um perigo em que eu não pensara. Pensara em impedir a entrada da água, no ar que ainda nos restava. Mas não me ocorrera, até aquele instante, que estávamos completamente sem alimentos.

Cowley levantou-se e começou a passear pelo salão. E como se a conversa anterior não tivesse cessado, como se a escuridão não nos houvesse imposto o silêncio, ele voltou ao tema inicial:

— Aceitando a possibilidade de haver sobreviventes, que serão encontrados e farão com que os mergulhadores venham até aqui, quanto tempo acha que vai demorar? Talvez os sobreviventes sejam salvos hoje. Neste caso, quando virão os mergulhadores? Amanhã? Na próxima semana? Daqui a dois meses?

— Não sei.

Cowley deu uma gargalhada que soou áspera e aguda no salão fechado, fazendo-me ver que ele não estava tão calmo quanto aparentava .

— Se esta fosse uma história de ficção — disse ele — os mergulhadores apareceriam no último momento para nos salvar. A ficção, desse jeito, é maravilhosa. É sempre repleta de últimos minutos. Mas na vida real só existe um único último minuto... aquele que antecede a nossa morte.

— Vamos falar de outras coisas — sugeri.

— Acho melhor nem conversarmos.

Cowley parou junto a uma das mesas e pegou uma bola. Na semi-escuridão vi-o jogar a bola para cima e apará-la, repetindo o gesto outra vez.

— Eu poderia resolver o nosso problema com a maior facili-

dade. Bastava jogar esta bola na janela.

Levantei-me com um pulo, furioso.

— Largue-a! Se não se importa com a sua vida, lembre-se ao menos de que eu quero viver!

Ele sorriu outra vez, largando a bola em cima da mesa. Andou de um lado para o outro por mais algum tempo, afundando depois numa poltrona.

— Estou bastante cansado. O navio agora está imóvel. Acho que poderei dormir um pouco.

Mas eu estava com medo de dormir, receando que, se o fizesse, Cowley poderia abrir a porta do salão ou jogar a bola de bilhar na janela. Sentei-me e fiquei a observá-lo. Mas depois de algum tempo, apesar dos meus esforços, as pálpebras se acabaram fechando de tão pesadas e adormeci.

Quando acordei, estava novamente escuro, a escuridão de uma noite cerrada, a escuridão da cegueira. Levantei nervoso, estiquei as pernas com cãibras e só então me acalmei. Podia ouvir a respiração regular de Cowley: ele estava dormindo.

Cowley acordou quando a luz voltava outra vez, quando a escuridão absoluta se dissolvia com um brilho cinza e obscuro, o lusco-fusco do fim da tarde, que obriga os olhos a se estreitarem para ver os objetos, descobrindo-se então, com angústia, que a única coisa a existir são formas vagas e contornos indefinidos.

Cowley resmungou, mexeu-se e recuperou lentamente a consciência. Levantou-se e fez um movimento em arco com os braços.

— Estou com fome — murmurou ele. — E com a impressão de que as paredes vão cair em cima de mim.

— Talvez eles venham hoje.

— E talvez nunca venham.

Ele voltou a andar de um lado para o outro do salão. Finalmente parou e disse;

— Li certa vez que a fome é sempre maior logo depois que se perde a primeira refeição. A partir daí, a dor da fome não é tão grande.

— Acho que está certo. Não sinto tanta fome hoje como senti ontem.

— Pois eu sinto — declarou ele de forma petulante, como se aquilo fosse minha culpa. — Estou com duas vezes mais fome. Meu estômago está doído de cólicas e ainda por cima estou com uma tremenda sede.

Ele parou junto à janela, olhando para fora.

— Estou com muita sede. Por que não abro a janela e deixo entrar um pouco de água?

— Afaste-se daí!

Atravessei o salão correndo e empurrei-o para longe da janela.

— Cowley, pelo amor de Deus, controle-se! Se ficarmos calmos, se tivermos paciência, a confiança e a força de vontade necessárias para esperarmos, talvez ainda possamos ser salvos. Será que não quer viver?

— Viver? — disse ele rindo. — Mas morri anteontem.

Afastou-se de mim e foi sentar-se em sua cadeira.

— Sou um homem morto, Martin, e meu estômago não sabe disso. É uma dor terrível. Posso suportar qualquer coisa, ser calmo e sólido como uma rocha, só que não agüento essas dores terríveis no estômago. Tenho que comer, Martin. Se não puser alguma coisa na boca rapidamente, acho que vou enlouquecer. Tenho certeza de que será inevitável.

Continuei em pé, a observá-lo, sem saber o que dizer ou fazer.

Seu comportamento mudou bruscamente, sem nenhuma razão. Voltou a dar gargalhadas, o mesmo som estridente e áspero que já me dera calafrios antes, que me era mais terrível do que toda a água lá fora.

— Olha, Martin, já li a respeito de homens isolados em algum lugar, sem comida, que terminam adotando a última solução para o problema da fome.

Simplesmente não o compreendi e pedi que explicasse.

— Comem-se uns aos outros.

Encarei-o, dominado pelo terror, que se prendeu em minha garganta e secou-a por completo. Tentei falar claramente, mas saiu apenas um sussurro rouco, quase inaudível:

— Canibalismo? Meu Deus, Cowley, não pode estar...

Ele riu outra vez.

— Não se preocupe, Martin. Acho que não conseguiria. Se ao menos pudesse cozinhá-lo, encararia a possibilidade. Mas cru? Acho que nunca chegarei a sentir tanta fome assim.

Mudou novamente de atitude e começou a dizer palavrões, acrescentando depois:

— Mas daqui a pouco estarei comendo os tapetes, minhas roupas, tudo o que encontrar.

Ele mergulhou no silêncio e sentei-me o mais distante possí-

vel. Pretendia permanecer acordado, não importava quanto tempo decorresse, não importava o que acontecesse. Aquele homem enlouquecera, era capaz de qualquer coisa. Não me atrevia a dormir e fiquei esperando que as trevas da noite caíssem com um pavor mortal.

O silêncio era interrompido apenas por murmúrios ocasionais de Cowley, no outro lado do salão, resmungando para si mesmo sobre horrores que eu nem tentava imaginar. A escuridão voltou e fiquei na defensiva, atento ao menor ruído, esperando ouvir Cowley mover-se para o ataque que sabia ser inevitável. Sua respiração era regular e lenta, parecia estar adormecido, mas não podia absolutamente confiar nele. Estava aprisionado junto com um louco e minha única esperança de sobreviver era ficar acordado, vigiando-o em cada segundo, até que os nossos salvadores chegassem. E os salvadores deviam chegar. Era impossível que eu tivesse suportado tudo aquilo por nada. Eles deviam chegar, eles tinham que chegar.

O terror e a necessidade mantiveram-me acordado durante toda a noite e o dia seguinte. Cowley dormiu a maior parte do tempo. Quando estava acordado, contentava-se em murmurar desatinos para si mesmo ou mergulhava num silêncio furioso.

Mas eu sabia que não poderia ficar acordado eternamente. Quando a escuridão voltou mais uma vez, no terceiro dia sem que os salvadores surgissem, uma névoa espessa pareceu envolver-me. Embora tentasse dissipá-la. desesperadamente, embora sentisse o terror aumentando, a névoa terminou por vencer-me e dormi.

Acordei abruptamente. Era dia novamente e não conseguia respirar. Cowley estava em cima de mim, as mãos no meu pescoço, apertando, impedindo a entrada de ar nos meus pulmões, dando-me a impressão de que a cabeça ia estourar. Meus olhos se esbugalharam e a boca abriu e fechou inutilmente. O rosto de Cowley, meio vago, contornos indefinidos, brilhava com a loucura que o assaltara, os olhos fixos em mim, a boca aberta numa horrenda gargalhada.

Tentei afastar suas mãos, mas seguravam-me com firmeza. Não podia deslocá-las, não conseguia respirar. Estendi as mãos para o seu rosto, sentindo o coração em disparada enquanto lutava. Meus dedos tocaram seu rosto suado, foram subindo, em direção aos olhos. Um dedo enterrou-se em seu olho e ele gritou, largando-me. Ele caiu para trás, as mãos no rosto, e senti a substância gelatinosa do seu olho no meu dedo.

Levantei-me da cadeira, procurando desesperado um lugar

para onde escapar. Mas o salão estava completamente fechado, estávamos prisioneiros juntos. Saí correndo e a respiração arranhou minha garganta, o ar entrando com força. Ofegando, soluçando, afastei-me dele, os braços estendidos à frente na semi-escuridão, até cair em cima de uma das mesas de bilhar. Minhas mãos seguraram um taco. Peguei-o, virei-me e acertei em Cowley com ele. Ele caiu de costas, uivando como um animal, mas atacou-me outra vez. Berrando, enfiei o taco em sua boca aberta.

O taco quebrou-se em dois, um pedaço nas minhas mãos e o outro cravado em sua garganta. Ele deu um grito que terminou num gemido horrível, de gargarejo. Caiu então de cara no chão, fazendo com que o pedaço de taco saísse pela nuca.

Virei-me e desabei em cima de uma mesa. Sentia-me extremamente mal, o estômago aos pulos, a garganta latejando e com ânsias de vômito. Mas se passara tanto tempo desde que comera pela última vez que nada pude vomitar. E fiquei estendido ali, tossindo e tremendo, terrivelmente nauseado e cansado.

Isso aconteceu três dias atrás e eles ainda não vieram. Devem chegar a qualquer momento. O ar aqui dentro está ficando viciado, mal consigo respirar direito. Ando conversando comigo mesmo e de vez em quando pego uma bola de bilhar e olho ansiosamente para a janela. Estou desejando a morte e sei que isto é o princípio da loucura, que não deve tardar.

E o pior de tudo é a fome. Cowley agora se foi, tudo se foi. Estou com fome novamente e nada mais há para comer.

A AMEAÇA DO FUNDO DO MAR

John Wyndham

FASE 1

Sou uma testemunha digna de crédito, você é uma testemunha digna de crédito, todos os filhos de Deus são praticamente testemunhas dignas de crédito, na avaliação de cada um — por isso é que se torna engraçado surgirem tantas idéias diferentes sobre um mesmo caso. Acho que as únicas pessoas que concordam plenamente nos detalhes do que viram na noite de 15 de julho somos Phyllis e eu. E como Phyllis é minha esposa, as pessoas dizem, à sua maneira bondosa de falar pelas costas, que eu a "convenci", um pensamento que só poderia passar pela cabeça de quem não conhece Phyllis.

Mas vamos aos fatos. O tempo: 11:15 horas da noite. O local: latitude trinta e cinco graus, cerca de vinte e quatro graus a oeste de Greenwich. O navio: o Guinevere. A ocasião: nossa lua-de-mel. Estes fatos ninguém contesta. O cruzeiro levara-nos a diversos lugares, Madeira, Canárias, Ilhas de Cabo Verde, virando depois para o norte, a fim de que visitássemos os Açores na volta para casa. Phyllis e eu estávamos inclinados na amurada, respirando um pouco de ar marinho. Do salão vinha o som de uma orquestra de danças e a voz melosa de um cantor suspirando por alguém. O

mar se estendia à nossa frente como uma planície sedosa ao luar. O navio navegava tão suavemente como se estivéssemos num rio. Em silêncio, contemplávamos a imensidão do mar e do céu. E o cantor insistia em seu lamento.

— Fico satisfeita por não me sentir como ele — comentou Phyllis. — Deve ser terrível. Por que será que se continuam a produzir em massa esses gemidos lúgubres?

Não tinha uma resposta pronta, mas foi-me poupado o trabalho de tentar encontrar uma, pois a atenção de Phyllis foi desviada para outra coisa.

— Não acha que Marte está parecendo um pouco zangado esta noite? Só espero que não seja mau presságio.

Olhei, surpreso, para o ponto vermelho que ela apontava e que se destacava entre miríades de pontos brancos. É claro que Marte sempre teve um aspecto avermelhado, mas nunca o vira tão vermelho quanto naquele momento. Por outro lado, é forçoso reconhecer, as estrelas, vistas da cidade, não eram tão brilhantes como ali. Talvez a causa fosse o fato de estarmos, praticamente, nos trópicos.

— Está mesmo um pouco inflamado — admiti.

Ficamos olhando para o ponto vermelho e foi Phyllis quem rompeu o silêncio:

— É engraçado. Parece que está aumentando de tamanho.

Expliquei que se tratava certamente de uma distorção ótica causada pelo fato de estarmos olhando fixamente para aquele ponto. Continuamos a olhar e Marte foi ficando cada vez maior, não sendo mais possível atribuir o fenômeno a uma ilusão de ótica. E o mistério não era só esse, pois Phyllis logo observou:

— Há outro ponto vermelho ao lado. E é fora de dúvida que só existe um planeta Marte.

E havia mesmo um ponto vermelho menor, um pouco acima e à direita do primeiro.

— E há mais outro. Ali à esquerda, está vendo?

Phyllis estava certa outra vez. Quando observou o terceiro objeto vermelho, o primeiro já brilhava tanto que se tornara a coisa mais visível em todo o firmamento, sobressaindo-se entre tudo mais.

— Devemos estar vendo os rastros luminosos de alguns jatos — sugeri.

Ficamos observando os três objetos, cada vez mais brilhantes e baixando no firmamento, até pairarem no horizonte quase parale-

los ao mar, projetando uma trilha avermelhada em nossa direção.

— São cinco agora — disse Phyllis.

Muitas vezes, desde então, pediram-nos que descrevêssemos os objetos, mas acho que não somos dotados da mesma precisão de vista que outras pessoas. O que dissemos na ocasião e em que ainda continuamos a insistir é que os objetos não possuíam uma forma visível. O centro era bem vermelho e ao redor havia uma espécie de felpa em tons mais claros. A melhor comparação que consigo fazer é a seguinte: em meio a um espesso nevoeiro, uma lanterna vermelha bem forte acesa, o halo difuso ao seu redor. O efeito era mais ou menos este.

Outros passageiros estavam agora debruçados na amurada e devo dizer, para fazer justiça, que muitos viram objetos em forma de charutos, cilíndricos, ovais e, como era inevitável, de discos. Nós não vimos nada disso. E o que é mais, não vimos oito, nove ou dez objetos: vimos exatamente cinco.

Talvez os pontos vermelhos brilhantes fossem os rastros de aviões a jato. Se fossem, porém, não deviam estar em grande velocidade, pois cresciam muito lentamente ao se aproximarem do navio. Tanto é assim que vários passageiros tiveram tempo de ir chamar os amigos no salão e logo a amurada ficou toda ocupada, as pessoas contemplando o misterioso fenômeno e fazendo suposições.

Sem termos noção da escala, não podíamos julgar o tamanho e a distância. Tudo o que podíamos ver é que desciam lentamente, descrevendo um arco longo que iria levá-los a um ponto qualquer na esteira do nosso navio.

Quando o primeiro objeto bateu no mar, uma grande coluna de água elevou-se ao céu, num vermelho forte. Imediatamente surgiu em seu lugar uma cortina de vapor que perdera a coloração vermelha, pairando como uma nuvem branca ao luar. Estava começando a se dissipar quando o silvo agudo nos alcançou. No local do impacto a água borbulhou, ferveu, ficou cheia de espuma. Quando a nuvem de vapor finalmente se dissolveu, nada havia para se ver além de uma mancha de turbulência rapidamente diminuindo.

E então o segundo objeto caiu no mar, do mesmo jeito, quase no mesmo lugar. Um a um os outros objetos foram caindo no mar, espalhando água e levantando uma cortina de vapor. E quando o vapor finalmente se dispersou, só restavam no mar alguns pontos de águas agitadas.

A bordo do Guinevere a atividade era intensa: os sinos tocavam, as máquinas roncavam na súbita mudança de curso, a tripu-

lação ia encaminhando os passageiros para os escaleres, distribuíam-se cintos salva-vidas.

Por quatro vezes navegamos lentamente de um lado para o outro na área em que os objetos haviam caído, procurando alguma coisa. Não havia vestígio de nada. Em nossa esteira o mar estava tranqüilo, banhado pelo luar, vazio, sem nada a perturbá-lo...

Na manhã seguinte enviei meu cartão ao comandante do navio. Naquela ocasião eu trabalhava na E.B.C. e informei que gostaria de entrevistá-lo a respeito do incidente da noite anterior. O comandante deu a resposta usual:

— Como? B.B.C.?

A E.B.C. era então relativamente nova. As pessoas, acostumadas ao longo monopólio do ar inglês pela B.B.C., acham difícil aceitar a idéia de uma rede eletrônica de comunicação concorrente. Talvez as coisas fossem mais simples, se no início das nossas atividades um gênio qualquer não tivesse pensado em estabelecer propositadamente a confusão, batizando-nos com o nome de "English Broadcasting Corporation". À medida que o tempo passa é mais difícil desfazer um erro inicial e por isso sempre tenho que explicar, como fiz aquele dia ao comandante, que a nossa rede não é a do governo e sim particular, a maior, por sinal, que havia no país.

— A grande preocupação da nossa rede — declarei após as explicações iniciais — é a precisão nas notícias. Como cada passageiro possui uma versão diferente do acontecimento de ontem, gostaria de cotejar a minha versão pessoal com a que o senhor apresentará oficialmente.

— Muito bem, comece contando a sua versão dos acontecimentos.

Quando acabei, ele mostrou-me o registro que fizera no diário de bordo. Concordávamos em quase tudo, no número de objetos (cinco) e na impossibilidade de atribuir-lhes uma forma definida. Os cálculos que fizera sobre o tamanho, velocidade e posição eram altamente técnicos, além do meu alcance. Observei que os objetos haviam sido assinalados pelas telas de radar e eram descritos, a título precário, como aeronaves de um tipo desconhecido.

— E qual a sua opinião pessoal? Já tinha visto antes algo semelhante?

— Não, esta foi a primeira vez.

O comandante pareceu hesitar e fiquei esperando. Ele então acrescentou:

— Mas em caráter não oficial posso informar que ouvi falar

em duas ocorrências praticamente iguais no ano passado. Na primeira eram três os objetos e caíram à noite. Da outra vez eram seis e caíram de dia. Apesar da luz do sol, a descrição foi a mesma, uma espécie de clarão vermelho. As duas aconteceram no outro lado do mundo, no Pacífico.

— Mas por que é uma informação não oficial?

— Porque nos dois casos havia apenas duas ou três testemunhas. Conhece muito bem a fama dos homens do mar e não seria bom para a minha reputação falar de coisas estranhas que não tenham confirmação plena. Por isso essas histórias são divulgadas apenas entre nós, pois não somos tão céticos quanto as pessoas que vivem em terra. Aqui, em alto mar, de vez em quando ainda acontecem coisas bem estranhas.

— Poderia sugerir alguma explicação?

— Preferiria não fazê-lo, atendo-me exclusivamente ao registro no diário de bordo. Desta vez não há problema algum em informar a ocorrência do incidente, porque houve mais de cem testemunhas.

— Acha que vale a pena fazer uma busca mais intensa? O local em que os objetos caíram está devidamente registrado e os mergulhadores poderiam investigar...

— A profundidade aqui é muito grande, mais de quatro mil metros.

— Nos outros casos também não houve o menor vestígio de destroços?

— Não. Bastariam algumas evidências para que se procedesse a uma investigação, mas infelizmente não houve nenhuma.

Conversamos mais um pouco, mas não consegui fazer com que formulasse nenhuma teoria. Finalmente me retirei e escrevi a reportagem, entrando depois em contato com Londres e ditando-a para um gravador da E.B.C. Foi transmitida na mesma noite, à falta de outra notícia mais importante, apenas como um fato singular. Não se esperava que pudesse despertar a atenção maior de ninguém.

Foi assim, por mero acaso, que me tornei testemunha dos acontecimentos desde o início — apesar de todas as minhas investigações, não encontrei outros fenômenos idênticos anteriores, a não ser os dois a que o comandante aludira. Mesmo hoje, anos depois, embora tenha certeza absoluta de que este foi o começo de tudo, não posso apresentar provas concretas de que aquele aconte-

cimento estivesse relacionado com os outros semelhantes e com o que aconteceu a seguir. Prefiro não pensar muito sobre o desenlace final. Não gosto nem de sonhar a respeito, embora os sonhos estejam fora do meu controle.

Mas tudo começou de forma irreconhecível. Teria sido diferente se as coisas fossem mais óbvias — e mesmo assim é difícil imaginar o que poderíamos efetivamente ter feito se reconhecêssemos o perigo imediatamente. O reconhecimento do perigo e sua prevenção nem sempre caminham juntos. Reconhecemos imediatamente o perigo potencial da fissão atômica — e pouco pudemos fazer a respeito.

Se tivéssemos atacado imediatamente, talvez as coisas pudessem ser diferentes. Mas até que o perigo fosse identificado, não tínhamos meios de saber que devíamos atacar logo de uma vez. E, quando o fizemos, já era tarde demais.

Não adianta, porém, chorar as oportunidades perdidas. Meu objetivo, aqui, é fazer um breve relato dos acontecimentos que levaram à situação atual. Os fatos iniciais foram esparsos, fragmentados...

No prazo esperado, o Guinevere atracou em Southampton, sem que seus passageiros assistissem a outros fenômenos estranhos. O incidente fora memorável. Era como se, algum dia, pudéssemos contar aos nossos netos que víramos uma serpente marinha em nossa viagem de lua-de-mel. Sob todos os pontos de vista, fora uma lua-de-mel maravilhosa, como eu nunca pudera imaginar. Contemplávamos o burburinho no cais, debruçados na amurada, quando Phyllis expressou a mesma opinião, acrescentando porém:

— Só que não vejo razão para não termos de vez em quando outra lua-de-mel igual.

Desembarcamos e fomos direto para a nossa casa em Chelsea. Na segunda-feira de manhã apresentei-me nos escritórios da E.B.C. e descobri que, in absentia, fora rebatizado com o nome de Watson "Bola-de-Fogo", por causa da reportagem que enviara de bordo do navio. Entregaram-me um envelope cheio de cartas — como eu as provocara com a minha notícia, o assunto era todo meu. Uma das cartas aludia a um incidente nas Filipinas, que identifiquei como sendo um dos que o comandante do Guinevere me contara. Mais umas duas pareciam merecer uma investigação — especialmente a carta bastante cautelosa em que o autor me convidava a encontrá-lo no La Plume d'Or, onde pelo menos valeria a pena pelo almoço excelente que servem.

Compareci ao encontro uma semana depois. Ele era apenas dois ou três anos mais velho do que eu e confessou logo de saída que escrevera a carta sob um nome falso, pois na verdade era Tenente-Aviador da R.A.F.

— Devo admitir que minha atitude não é inteiramente desprendida. No momento consideram que sofri espécie de alucinação, mas, se surgirem provas suficientes que indiquem que os pontos vermelhos que vi não se tratam de alucinação, é quase certo que passarão a tratar de tudo como um segredo oficial. Reconheço que os caminhos oficiais são complicados, mas é assim que são e nada se pode fazer.

Concordei em que não havia outro jeito de escapar ao emaranhado do pensamento oficial e ele continuou:

— Independente disso, porém, a coisa me preocupa bastante. E, se está reunindo provas a respeito do mistério, gostaria de fornecer-lhe as informações que tenho... embora não para uso oficial, pois não gostaria de que meu nome entrasse em cena.

Aceitei a condição e ele começou a contar-me o incidente de que fora protagonista:

— Aconteceu há cerca de três meses. Eu estava realizando uma das nossas patrulhas aéreas regulares a cerca de trezentos quilômetros a leste de Formosa...

— Não sabia que nós...

— Há muitas coisas que não são divulgadas, embora não sejam particularmente secretas. Mas deixe-me continuar. Durante o vôo, o radar registrou a presença desses estranhos objetos, quando ainda estavam longe do meu campo de visão, mas aproximando-se rapidamente a oeste.

Ele resolveu investigar e subiu para interceptar os objetos. O radar continuou a registrar a presença de objetos voadores, num curso em linha reta atrás e acima dele. Ele tentou entrar em contato pelo rádio, mas não obteve resposta alguma. Quando chegou à altitude máxima que o avião comportava, os objetos finalmente surgiram à sua frente. Eram três pontos vermelhos, bastante brilhantes até mesmo à luz do dia, em alta velocidade, que pôde medir porque seu avião se deslocava a quase oitocentos quilômetros por hora. Tentou novamente entrar em contato pelo rádio, outra vez sem sucesso. Os objetos continuaram em seu caminho, alcançando-o em pouco tempo.

— Ora, eu estava ali para patrulhar. Disse à base que eram aparelhos de um tipo inteiramente desconhecido (se é que eram

mesmo aparelhos) e que achava que devia atacá-los, já que não haviam respondido às minhas comunicações pelo rádio. Ou assim agia ou os deixava ir embora. Neste caso tinha que perguntar que tipo de patrulha era aquela. A base concordou com a minha sugestão, embora me aconselhando a que fosse cauteloso.

"Tentei outro contato pelo rádio, mas eles não deram a menor atenção, parecendo também que não se interessavam pelo meu avião. Quando se aproximaram mais, fiquei em dúvida se eram de fato aparelhos: eram exatamente como você os descreveu, uma mancha vermelha redonda, com um ponto mais intenso ao centro. Pelo que eu podia ver, poderiam perfeitamente passar por sóis em miniatura. De qualquer maneira, quanto mais os via, mais ficava preocupado, por isso liguei as armas ao controle do radar e fiquei esperando.

"Os tais objetos deviam estar a uma velocidade superior a mil e duzentos quilômetros horários quando passaram por mim. Um segundo ou dois depois o radar fixou o que vinha à frente e as armas dispararam.

"O objeto pareceu explodir quase no mesmo instante do disparo. Foi uma tremenda, explosão. O ponto vermelho ficou de tamanho descomunal, a cor mudando para rosa e logo depois para branco, embora ainda restassem alguns pequenos pontos vermelhos. Foi então que meu avião se chocou com a área de concussão, provavelmente sendo atingido também por alguns fragmentos do estranho objeto. Perdi a noção das coisas por alguns segundos. Tive muita sorte. Ao recuperar-me, descobri que estava perdendo altitude rapidamente. Alguma coisa arrancara três quartos da minha asa de estibordo e danificara a ponta da outra. Concluí que estava na hora de acionar o ejetor, o qual, para a minha surpresa, funcionou perfeitamente .

Ele fez uma pausa, pensativo.

— Não sei se a minha história lhe traz alguma informação adicional, além de confirmar os outros relatos. Dois pontos, porém, podem ser destacados: os objetos podem viajar muito mais depressa do que aqueles que você viu e, o que quer que sejam, são altamente vulneráveis .

Foram estas exatamente as informações adicionais que ele me prestou. Ao analisarmos o acontecimento em detalhes, ele declarou também que o objeto não se desintegrava em fragmentos. Explodia completamente ao ser atingido. Esse último detalhe deveria ter dado em que pensar na ocasião, mas ninguém deu a impor-

tância que merecia.

Nas semanas seguintes chegaram diversas outras cartas relatando muitas ocorrências do fenômeno. Mas, à medida que o tempo passava, o caso parecia transformar-se numa repetição enfadonha do Monstro do Lago Ness. Todas as informações que chegavam eram encaminhadas a mim, porque na E.B.C. consideravam que histórias de bolas de fogo eram a minha especialidade. Diversos observatórios confirmaram terem visto pequenos corpos vermelhos viajando em alta velocidade, fenômeno que não conseguiam explicar e que os deixava surpresos. Eram, porém, muito reservados em suas declarações, cautelosos em excesso. Nenhum jornal tocava no assunto, achando o caso suspeito como o dos discos voadores, convencidos também de que os leitores preferiam outras novidades. Não obstante, informações e incidentes foram lentamente se acumulando — embora se passassem dois anos antes que despertassem a atenção e merecessem uma ampla divulgação.

A primeira notícia de destaque foi sobre um vôo de treze objetos. Uma estação de radar ao norte da Finlândia foi a primeira a registrá-los, calculando a velocidade em dois mil e quinhentos quilômetros por hora. Seguiam na direção sudoeste. Ao transmitirem a informação, os finlandeses disseram tratar-se de "objetos aéreos não identificados". Os suecos também captaram sua passagem pelo país, localizando-os visualmente e descrevendo-os como pequenos pontos vermelhos. A Noruega confirmou a passagem, mas informou que a velocidade era inferior a dois mil e duzentos quilômetros por hora. Uma estação escocesa disse que a velocidade baixara para mil e seiscentos e que eram visíveis a olho nu. Duas estações na Irlanda também viram os objetos, a velocidade reduzida a mil e duzentos quilômetros por hora, na direção sudoeste, bem nítidos no céu. Um navio meteorológico, navegando pelo norte, forneceu uma descrição detalhada dos objetos que combinava com as das bolas de fogo anteriores, calculando que estavam a uma velocidade de oitocentos quilômetros por hora. Depois disso, não foram mais vistos.

Começou então um verdadeiro dilúvio de informações sobre as misteriosas bolas de fogo. As notícias eram muitas, vindas de toda parte, não havendo possibilidade de analisar detidamente cada uma. Assim, as que demonstravam excesso de imaginação eram postas de lado e eu examinava apenas as mais sérias. Notei que muitas revelações sobre a queda das bolas de fogo eram iguaizinhas à minha primeira reportagem, que talvez tivesse infla-

mado a imaginação de gente que nada vira. Era um emaranhado tão grande de suposições, impressões, invenções e ouvi-dizer que, no conjunto, pouca coisa mais pude acrescentar ao que já sabia. Um fato, no entanto, surpreendeu-me: nenhum dos observadores vira uma bola de fogo descendo em terra. E há mais: nenhuma fora avistada, ao cair no mar, de uma praia; os observadores estavam sempre em navios em alto mar ou a bordo de aviões.

Por duas semanas continuaram incessantemente os relatos sobre a queda dos misteriosos objetos, sempre em grupos, grandes ou pequenos. Os céticos começaram a mudar de opinião e somente os mais obstinados continuavam a insistir em que se tratava de alucinação coletiva. Mas não se conseguia descobrir mais nenhum fato a respeito, nada de novo, nem ao menos uma fotografia. Era como as coisas que nos acontecem quando estamos desarmados. Mas veio o dia em que um bando de bolas de fogo deparou com um camarada armado — e fortemente.

O camarada, neste caso, era o porta-aviões norte-americano Tuskegee. O navio estava ao largo de San Juan de Porto Rico quando recebeu uma mensagem de Curaçao informando que oito bolas de fogo estavam indo em sua direção. O comandante ficou esperando que os misteriosos objetos cometessem uma violação do espaço aéreo do seu país e preparou-se devidamente. As bolas de fogo, mantendo o padrão habitual, vinham numa trajetória reta que as faria passar por cima da ilha e cair quase em cima do porta-aviões. O comandante observou a aproximação pelo radar, na maior satisfação. Esperou até o último momento, quando era indiscutível a violação do espaço aéreo. Determinou então que fossem disparados seis mísseis teleguiados, a intervalos de três segundos. Foi para a ponte e ficou observando o céu escuro.

Pelo binóculo, viu quando seis pontos vermelhos mudaram de cor ao explodirem, um depois do outro, transformando-se em bolas de fumaça branca.

— Pronto, está acabado — comentou o comandante tranqüilamente. — Agora só quero ver quem vai espernear.

Enquanto falava, os dois pontos vermelhos restantes desapareciam rapidamente em direção ao norte.

Mas os dias se passaram e ninguém esperneou. E também não houve uma diminuição na queda das bolas de fogo.

Muitas pessoas começaram a achar que esta política de silêncio apontava única e exclusivamente para um lado — e por dedução concluíram que era o responsável por tudo.

Na semana seguinte, duas bolas de fogo descuidadas o bastante para passarem ao alcance da estação experimental de Woomera pagaram caro por sua temeridade. Outra bola de fogo foi explodida pelo canhão de um navio que navegava ao largo de Kodiak. A bola havia acabado de sobrevoar o Alasca.

Washngton enviou uma nota de protesto a Moscou sobre as repetidas violações do seu espaço aéreo. A nota terminava lamentando as medidas drásticas adotadas em alguns casos, manifestando o pesar pela dor causada às famílias dos tripulantes. Afirmava, porém, que a responsabilidade não era dos que eliminavam os aparelhos invasores e sim daqueles que os enviaram em suas missões, transgredindo os acordos internacionais.

Depois de alguns dias de preparação, o Kremlin emitiu uma nota de rejeição ao protesto. Afirmava que não estava impressionado com a tática de atribuir a outro os próprios crimes e declarava que as novas armas desenvolvidas pelos cientistas russos para a defesa da paz haviam destruído mais de vinte aparelhos sobre o território soviético. E concluiu que, sem a menor hesitação, daria o mesmo tratamento a qualquer outro aparelho surpreendido em sua tarefa de espionagem...

A situação continuou sem uma solução. O mundo não soviético estava dividido, de um modo geral, em duas classes: os que acreditavam em todos os pronunciamentos russos e os que não acreditavam em nenhum. Os primeiros não tiveram a menor dúvida, nada questionaram, pois possuíam uma fé inquebrantável. Para os segundos, no entanto, a interpretação não era tão fácil. Devia-se supor que o pronunciamento inteiro era uma mentira? Ou simplesmente acreditar que os russos estavam exagerando, pois na verdade só tinham destruído cinco ou seis aparelhos em vez dos vinte que declaravam?

Durante meses se arrastou essa situação nervosa, marcada por uma constante troca de notas. Não havia a menor dúvida de que as bolas de fogo eram agora mais numerosas, embora não se pudesse afirmar com certeza em que proporção. De vez em quando chegavam notícias de mais destruição de aparelhos, em diversas partes do mundo. O Kremlin volta e meia anunciava a destruição das bolas de fogo capitalistas, que haviam recebido as penalidades que esperavam todos os que realizavam missões de espionagem no território da única e verdadeira Democracia Popular.

O interesse público precisa ser constantemente alimentado com fatos novos para se manter vivo. E, à medida que o tempo

passava e nenhuma novidade surgia, o público passou a desinteressar-se das bolas de fogo.

Não obstante, no Almirantado e no quartel-general da Força Aérea, de quase todos os países do mundo, as notas, os relatórios e as informações foram reunidos e examinados. Todas as trajetórias conhecidas foram traçadas nos mapas e aos poucos foi surgindo um padrão definido.

Na E.B.C, eu continuava a ser considerado como o depósito natural de todas as informações a respeito das bolas de fogo. Embora o assunto não fosse mais notícia, eu mantinha os arquivos em dia, para o caso de reviver imprevistamente. E, sempre que recebia alguma informação que julgava de interesse, passava-a para as autoridades.

Um dia fui convidado para ir ao Almirantado e conhecer as conclusões a que as autoridades já tinham chegado.

Fui recebido pelo Capitão Winters, que me explicou inicialmente que os fatos e conclusões que me seriam apresentados não constituíam a rigor um segredo oficial, embora fosse preferível que não as divulgasse. Quando concordei com a premissa, ele começou a mostrar-me uma série de mapas e gráficos.

O prmeiro foi um mapa-múndi riscado de linhas finas, todas numeradas e datadas. Ao primeiro olhar dava impressão de uma teia de aranha aplicada em cima do mapa, havendo alguns pontos em que a concentração de linhas era grande, assemelhando-se ao covil da aranha que tecera a rede.

O Capitão Winters pegou uma lente de aumento e colocou-a em cima da área a sudeste dos Açores.

— Aqui está a sua primeira contribuição.

Pude então ver um ponto vermelho com o número 5 em cima e o dia e a hora em que eu e Phyllis, debruçados na amurada do Guinevere, vimos as bolas de fogo desaparecerem numa nuvem de fumaça. Havia outros pontos vermelhos na mesma área, todos datados e numerados, muitos mais aparecendo na direção nordeste.

— Cada um desses pontos representa a queda de uma bola de fogo, Capitão?

— De uma ou mais. As linhas, é claro, representam a trajetória somente daquelas cujo curso conseguimos determinar. O que acha disso?

— A minha primeira impressão é que já caíram muito mais bolas de fogo do que eu imaginava. A segunda é verificar que elas parecem concentrar-se em determinadas áreas.

— Agora dê um passo para trás e cerre um poucos os olhos. 0 que está vendo?

— Parece que existem algumas áreas de grande concentração...

— Exatamente. São cinco áreas principais: a sudoeste de Cuba, a mil quilômetros das Ilhas Cocos, no Oceano Indico, ao largo das Filipinas, do Japão e das Ilhas Aleutas. Talvez haja outras áreas de grande concentração como estas, mas não se pode ter certeza. Observe, por exemplo, que várias trajetórias vão acabar numa área a nordeste das Falklands, onde existem apenas três pontos vermelhos. É provável que isso tenha ocorrido apenas por haver poucas pessoas naquela região que pudessem observar a queda das bolas de fogo. Mas não há nada mais que o surpreenda?

Sacudi a cabeça, sem perceber o que ele estava querendo mostrar-me. Ele pegou então uma carta batométrica e colocou ao lado do mapa-múndi.

— Todas as concentrações são em áreas de grande profundidade?

— Exatamente. Quase não há descidas em áreas com profundidade inferior a seis mil metros e não houve absolutamente nenhuma onde a profundidade fosse menos de quatro mil metros.

Fiquei pensando nesta informação, sem chegar a nenhuma conclusão.

— Mas... e daí?

— É o que queremos saber. E daí?

Ficamos durante algum tempo calados, como a ver se descobríamos a resposta. Depois o Capitão Winters fez outra observação:

— Só há registros da queda dos objetos, nenhuma notícia de algum que tenha emergido à tona d'água.

Ele mostrou-me depois os mapas em escala maior das cinco áreas principais de concentração. Examinamo-los lentamente e depois indaguei:

— Já têm alguma idéia do que significa tudo isso, ou será que ainda não pode revelar?

— Quanto à primeira parte da pergunta, confesso que já formulamos uma série de teorias, todas insatisfatórias. Assim, a segunda parte não vem ao caso.

— E os russos têm alguma coisa a ver com isso?

— Absolutamente. Estão até mais preocupados do que nós, pois suspeitam, como sempre, que os capitalistas estão por trás de tudo, mas simplesmente não conseguem entender qual possa ser a

jogada. Mas tanto eles como nós estamos convencidos de que não se trata de um fenômeno natural e que não há a menor possibilidade de os objetos estarem caindo ao acaso.

— E não há a possibilidade de um outro país qualquer estar lançando os objetos?

— Nenhuma. Quanto a isso, não há a menor dúvida. Ficamos contemplando os mapas em silêncio, até que falei:

— A pergunta que surge então é sobre o que pretendem os objetos .

— Isso mesmo.

— Quer dizer então que não há a menor pista?

— Eles caem, talvez depois vão embora. Mas só temos certeza de que eles caem. E nada mais.

Olhei novamente para os mapas, para as linhas que se entrecruzavam e as áreas pontilhadas de vermelho.

— E estão tomando alguma providência para investigar o assunto mais detidamente? Ou será que isto é segredo?

— É exatamente por isso que está aqui. Eu já ia chegar lá. Vamos tentar efetuar uma investigação mais ampla. Neste momento não é uma notícia para ser divulgada oficialmente nem extraoficialmente, mas alguém deve acompanhar a expedição a fim de fazer um relato completo, que será útil inclusive para nós. Assim se a E.B.C. estiver interessada em enviá-lo como seu representante, com o equipamento necessário...

— E aonde iríamos, Capitão?

Ele apontou para uma das cinco áreas principais.

— Isso é ótimo. Minha esposa sempre foi apaixonada pelo sol tropical, principalmente o das Antilhas.

— Não me havia esquecido — observou o Capitão — que sua esposa costuma escrever excelentes roteiros para documentários.

— E tenho a impressão de que esta é a espécie de reportagem que a E.B.C. lamentaria profundamente perder — concluí entusiasmado.

Somente depois que o navio estava em alto mar é que nos permitiram ver o imenso aparelho guardado numa armação especial na popa. A retirada da lona que o cobria, ordenada pelo oficial no comando das operações técnicas de investigação, foi quase uma cerimônia solene. Mas o mistério revelado era quase como um anti-clímax: o aparelho era apenas uma esfera de metal, com cerca de três metros de diâmetro. Possuía diversas aberturas circulares,

cobertas de vidro, como se fossem vigias. Na parte superior havia uma grande protuberância. Depois de contemplar o aparelho por alguns segundos, em silêncio, como uma mãe orgulhosa, o oficial começou a falar-nos como se estivesse dando uma aula.

— Este aparelho que estão vendo agora é o que chamamos de batiscópio.

Fez uma pausa para que todos pudessem admirar o aparelho.

— Mas não foi Beebe... ? — sussurrei para Phyllis.

— Não, o dele era a batisfera.

— Ahn!

— Foi construído — continuou o oficial — para resistir a pressões de uma tonelada por dois centímetros quadrados e meio, o que nos permite mergulhar, teoricamente, a dois mil e setecentos metros de profundidade. Não pretendemos, porém, ir além de dois mil e duzentos metros o que nos garante uma margem razoável de segurança. Mas mesmo esta profundidade leva-nos a superar amplamente o feito do Dr. Beebe, que chegou a novecentos metros, e o de Barton, que desceu a mil e quatrocentos metros...

Ele prosseguiu durante algum tempo batendo na mesma tecla. Enquanto isso, sem conseguir compreender plenamente os detalhes técnicos que ele descrevia, comentei com Phyllis as profundezas enormes que o aparelho poderia alcançar e, olhando para o batiscópio, fiz uma ressalva:

— Só não estou entendendo uma coisa: o camarada lá do Almirantado, o Capitão Winters, disse-me que os objetos haviam caído em áreas com profundidades superiores a quatro mil metros.

Interrompi então a dissertação do oficial e perguntei:

— Qual a profundidade da área que é o nosso objetivo?

— Estamos indo para um lugar conhecido como a Fossa Cayman, entre a Jamaica e Cuba. Em alguns pontos chega a ter seis mil metros de profundidade. Este é o nosso limite atual para efetuar observações visuais diretas. No entanto...

Ele fez uma pausa e acenou para um grupo de marinheiros, como se participasse de uma conjuração, aguardando que eles removessem a lona de cima de outra esfera semelhante à primeira, mas menor, antes de continuar:

— ... aqui está um novo instrumento com o qual esperamos poder realizar observações a uma profundidade duas vezes superior à que é atingida pelo batiscópio, talvez até mais. É um instrumento inteiramente automático que registra as pressões, as cor-

rentes, temperatura e outros dados técnicos, transmitindo-os para a superfície. Está também equipado com cinco câmaras de televisão, quatro na horizontal em relação à superfície e uma focalizando tudo o que está acima da esfera.

Outra pausa. Com voz empostada, alguém imitou o oficial e disse em tom de brincadeira:

— Este instrumento que estão vendo tem o nome de telebanheira.

A brincadeira não poderia fazer com que um homem controlado como o oficial perdesse a calma, por isso ele continuou imperturbável em sua dissertação. O fato, porém, é que o instrumento fora batizado e aquele passou a ser o nome com que todos o chamavam.

Os três dias depois da nossa chegada ao objetivo predeterminado foram usados para testes e ajustamentos dos dois aparelhos. Phyllis e eu demos um mergulho de cem metros no batiscópio, apenas para que pudéssemos "ter a sensação". O resultado foi concluirmos que nada havia para se invejar nas pessoas que fossem efetuar um mergulho mais profundo. Realizados todos os testes, anunciou-se a descida real para a manhã do quarto dia.

Pouco depois do amanhecer, reunimo-nos em torno do batiscópio. Os dois técnicos que iam tripulá-lo na descida, Wiseman e Trant, entraram no aparelho pelo buraco estreito que servia de porta. As roupas que precisavam usar para se protegerem do frio nas profundezas foram entregues depois, pois não poderiam espremer-se pelo buraco se as tivessem vestido antes. Passaram depois, pela abertura, os pacotes de alimentos e as garrafas térmicas com bebidas quentes de que iriam precisar. Eles realizaram os testes finais no aparelho e informaram que estava tudo em perfeitas condições. Encaixaram então o gancho do guindaste na protuberância que havia na parte superior do batiscópio, torcendo depois para que não houvesse a menor possibilidade de desprender-se. O guindaste foi acionado e o batiscópio lentamente levantado. Depois o guindaste se virou e o aparelho ficou suspenso sobre o mar, balançando suavemente. Um dos homens em seu interior ligou a câmara de televisão manual e aparecemos na tela, vistos do interior da esfera.

— Muito bem — disse uma voz pelo alto-falante — podem iniciar a descida.

O guindaste começou a rodar e o batiscópio foi descendo lentamente, levantando um pouco de água ao bater na superfície e em poucos segundos desaparecendo da nossa vista.

A descida foi lenta e não pretendo descrevê-la em detalhes. Vista pela tela de televisão a bordo do navio, era um espetáculo dos mais enfadonhos para um não iniciado. A vida no mar parece ter camadas bem definidas de existência. O nível mais profusamente habitado está repleto de plâncton, que parece uma permanente tempestade de areia, impedindo que se veja qualquer coisa, à exceção das criaturas submarinas que se aproximam bastante das câmaras. Nos outros níveis não há plâncton — e, como existe menos alimento, portanto, existem também menos peixes. A visão da paisagem limitada pela escuridão e o fato de a câmara estar continuamente se movendo, provocando as conseqüentes distorções da imagem, provocavam uma sensação de quase vertigem. Assim, Phyllis e eu passamos quase todo o tempo da descida de olhos fechados, confiando em que o alto-falante nos informaria quando houvesse alguma coisa interessante para olhar. De vez em quando subíamos ao convés, para fumar um cigarro .

Não podia ter havido um dia melhor para a descida. O sol batia forte na coberta do navio, sobre a qual se jogava ocasionalmente um pouco de água, para que não ficasse excessivamente quente. A bandeira no mastro principal estava caída, sem a menor brisa para enfuná-la. O mar se estendia perfeitamente calmo até o horizonte, encontrando-se com um céu claro onde só algumas nuvens surgiam ao longe, ao norte, provavelmente sobre Cuba. O silêncio era quase total, interrompido apenas pelo som abafado das vozes dos tripulantes do batiscópio no alto-falante instalado na sala de reuniões do navio, o zunido do guindaste e um marinheiro que ia lendo os registros de profundidade, a intervalos regulares.

Os homens na sala de reuniões quase não falavam, limitando-se a ouvir o que diziam Wiseman e Trant.

Volta e meia o comandante indagava:

— Está tudo bem aí embaixo?

As duas vozes respondiam ao mesmo tempo: — Está sim, senhor.

Alguém perguntou:

— Beebe, ao descer, possuía uma roupa térmica?

Ninguém parecia saber.

— É frio aqui embaixo — disse um dos homens. — Se não tinha, é preciso então que lhe tiremos o chapéu.

O comandante olhava para a tela e ao mesmo tempo examinava os painéis de controle.

— Estamos chegando a oitocentos metros de profundidade.

Verifiquem.

— Pois não, senhor. Estamos quase lá... setecentos e sessenta... setecentos e setenta... setecentos e noventa... oitocentos metros, senhor.

O guindaste continuou a baixar o batiscópio. Não havia muita coisa para se ver. De vez em quando alguns peixes passavam em frente às câmaras, desaparecendo na escuridão. Um dos homens queixou-se:

— Assim que elevo a câmara para uma janela, um peixe enorme aparece na outra.

— Estão passando agora a marca de Beebe, descendo além dos novecentos metros — informou o comandante.

— Adeus, Beebe — disse um dos tripulantes do batiscópio. — Mas continua tudo igual, não houve a menor alteração.

Logo depois a mesma voz acrescentou:

— Olhem, há mais peixes por aqui. Uma porção de lulas, grandes e pequenas. Não as devem, provavelmente, estar vendo. Mas há outra coisa mais além, um pouco depois do ponto mais distante em que os nossos projetores alcançam. É bem grande. Não sei o que é, talvez uma lula gigante. Não, essa não! Não pode ser uma baleia, a esta profundidade!

— É improvável, mas não impossível — disse o comandante.

— A coisa agora sumiu. Fico impressionado como nós, mamíferos, somos capazes de ir a toda parte.

Algum tempo depois o comandante anunciou:

— Estão passando agora a marca alcançada por Barton. Daqui em diante é tudo com vocês, rapazes. Têm certeza de que está tudo bem aí? Se não estiver, basta avisarem.

— Estamos muito bem, senhor. Tudo funciona perfeitamente. Vamos continuar.

Lá em cima, na coberta, o guindaste continuava a funcionar com um zunido firme e constante.

— Estão chegando agora a mil e seiscentos metros — anunciou o comandante.

Depois de atingirem o novo recorde, o comandante voltou a indagar:

— E agora, o que acham?

— Como está o tempo aí em cima?

— Ótimo. Mar calmo, quase nenhuma onda.

Os dois homens no batiscópio conferenciaram por alguns instantes.

— Vamos continuar, senhor. Podem passar-se semanas antes que surjam condições tão boas quanto hoje.

— Está certo, se é realmente o que desejam.

— É sim, senhor.

— Perfeito. Então vão descer mais oitocentos metros.

Houve um longo intervalo de silêncio e depois um dos homens lá embaixo observou:

— Nada há por aqui. Uma escuridão total e absolutamente vida alguma. Nada há para ser visto. É engraçado como as camadas do mar são bem distintas umas das outras. Mas agora já estão recomeçando a aparecer algumas formas de vida lá embaixo... Acho que são lulas, outra vez... peixes luminosos... Estão vendo os pequenos cardumes mais adiante? E ali... Meu Deus! Que bicho horrível!

Ele parou de falar e um peixe horrendo, um verdadeiro pesadelo, olhou para nós pela tela de televisão.

— Um dos momentos de descuido da natureza — comentou o tripulante do batiscópio.

Ele continuou a falar e a câmara seguiu mostrando algumas monstruosidades inacreditáveis, grandes e pequenas.

Pouco depois o comandante anunciou:

— Está na hora de parar. Chegaram a dois mil e quatrocentos metros.

Pegou o telefone e ligou para a coberta. O guindaste foi diminuindo a velocidade, até cessar de todo.

— Muito bem, rapazes, acabou.

— É, comandante — disse a voz lá de baixo — mas terminamos não encontrando o que viemos procurar.

O comandante não demonstrou a menor emoção. Não sei se esperava algum resultado tangível, imagino que não. A dizer a verdade, nenhum de nós esperava. Afinal, os misteriosos objetos tinham caído nas profundezas do oceano e a razão nos dizia que só encontraríamos alguma coisa em lá chegando. Com o sonar informando que o fundo do mar ainda distava cerca de cinco quilômetros do ponto em que Wiseman e Trant estavam suspensos, era de se esperar mesmo que nada descobrissem.

— Vocês aí no batiscópio — disse o comandante. — Vamos começar a puxá-los agora. Estão prontos?

— Tudo pronto, senhor.

O comandante pegou o telefone e ordenou aos homens na coberta que começassem a içar o batiscópio. Logo voltamos a ouvir

o zunido suave do guindaste.

— Já estão subindo. Está tudo bem?

— Tudo, senhor.

Durante dez minutos ninguém falou. E foi então que uma voz disse:

— Há alguma coisa lá fora. É bem grande e não consigo vê-la direito. Está um pouco além do raio de alcance dos nossos refletores. Não deve ser outra vez aquela baleia... não a esta profundidade. Vou tentar mostrar o que é.

A imagem na tela de televisão era indistinta mais depois se foi firmando. Podíamos ver os raios de luz cortando a escuridão do fundo do mar e mostrando pequenos organismos brilhando. Além do raio da luz havia uma sombra escura, embora não se pudesse estar muito certo de que se tratava mesmo de alguma coisa.

— Parece que nos está circulando. Estamos também balançando um pouco. Vou tentar pegar uma imagem melhor da coisa. Estão vendo agora? Decididamente não é uma baleia.

Desta vez conseguimos ver uma imagem melhor da coisa. Dava a impressão de ser oval, embora os seus contornos fossem indefinidos. Era impossível calcular as dimensões, pois não havia nenhum ponto de referência.

— Não há dúvida de que deve ser uma espécie desconhecida. Talvez pertença à família das tartarugas. O bicho é de um tamanho monstruoso. Está-nos circulando mais perto agora, mas não consigo observar nenhum detalhe. Sobe junto conosco, estão vendo?

A câmara mostrou outra vez a imagem da coisa ao passar por uma das vigias do batiscópio, mas não fomos capazes também de chegar a nenhuma conclusão, pois os contornos eram por demais indefinidos.

— Está subindo agora, mais depressa do que a gente. Está saindo do nosso ângulo de visão. Devia haver uma portinhola no alto deste batiscópio... Sumiu agora. Foi para algum lugar acima de nós. Talvez tenha...

A voz calou-se de súbito. Ao mesmo tempo houve um clarão na tela de televisão, cujas imagens desapareceram também de vez. O zunido do guindaste lá fora alterou-se um pouco, a velocidade repentinamente aumentando.

Ficamos sentados por algum tempo, olhando um para o outro, sem nada dizermos. A mão de Phyllis procurou a minha e apertou-a com força.

O comandante estendeu a mão em direção ao telefone, mu-

dou de idéia no meio do caminho e preferiu deixar a sala, em silêncio. A velocidade do guindaste era cada vez maior.

Leva algum tempo para se enrolar quase dois quilômetros de um cabo grosso. O grupo na sala de reuniões do navio dispersou-se constrangido. Phyllis e eu fomos para a proa e lá ficamos esperando, em silêncio.

Depois do que nos pareceu uma longa espera, a velocidade do guindaste diminuiu e, num acordo tácito, fomos juntos para a popa.

Finalmente a ponta do cabo emergiu. Eu esperava vê-la desfiada, parecida com uma escova, tendo arrebentado depois de submetida a uma tremenda tensão.

Mas não fora isso o que acontecera. A extremidade do cabo se derretera, submetida a um calor intenso, o mesmo tendo acontecido com a cabo mais fino do sistema de comunicações, formando uma bola de metal fundido.

Ficamos olhando para aquilo, em silêncio, aturdidos.

No fim da tarde o comandante leu a oração de funeral e três salvas foram disparadas no local.

O tempo continuava firme e o mar era um espelho. No dia seguinte, ao meio-dia, o comandante convocou uma reunião. Parecia doente, exausto. Em poucas palavras, anunciou incisivamente:

— Tenho ordens para continuar as investigações, usando os nossos instrumentos automáticos. Se conseguirmos providenciar tudo e os testes forem concluídos a tempo, se as condições climáticas continuarem favoráveis, realizaremos a operação amanhã pela manhã, começando assim que clarear.

Na manhã seguinte, na sala de reuniões, o esquema era diferente do dia anterior. Sentamo-nos diante de cinco telas de televisão, quatro para as câmaras fixadas paralelas ao horizonte e a quinta fixando tudo o que acontecia acima do aparelho. Havia também, na sala, uma câmara de cinema, filmando simultaneamente as cinco telas de televisão, para o registro necessário dos acontecimentos.

Ficamos observando a descida através das diversas camadas do oceano. Desta vez não recebíamos os comentários de tripulantes, chegando até nós uma série de grunhidos ásperos e estridentes, captados por microfones instalados na parte externa do aparelho. O mar profundo, em sua camada mais habitada, aparen-

temente está cheio de sons horripilantes. Assim, foi de certa forma um alívio quando os alto-falantes silenciaram na profundidade de quatrocentos metros. Alguém comentou:

—- E diziam que esses microfones eram capazes de resistir a qualquer pressão...

O espetáculo continuou. As lulas desfilavam diante das câmaras, cardumes afastavam-se nervosamente, outros se aproximavam movidos pela curiosidade — eram bichos monstruosos, grotescos, criaturas horrendas de contornos indefinidos. E o aparelho descendo cada vez mais: mil e quinhentos metros, dois mil metros, três mil metros, quatro mil metros. Surgiu então uma coisa estranha nas telas, de forma oval, que circulou o aparelho, quase indistinta por se manter além do raio de alcance dos refletores. Durante três ou quatro minutos circulou o aparelho, atraindo todas as atenções em cada uma das telas em que aparecia, ficando sempre longe, de tal forma que não se podia ter certeza nem quanto à sua forma oval. Depois, gradativamente, as telas mostraram a coisa subindo, até desaparecer por completo.

Meio minuto depois as telas de televisão ficaram completamente às escuras...

Por que não devemos elogiar a própria esposa? Phyllis escreveu uma excelente reportagem sobre os acontecimentos, uma das melhores que já fez em sua vida. Só lamento é que não tenha tido a acolhida imediata que merecia.

Enviamo-la para o Almirantado a fim de receber a devida aprovação. Uma semana depois fomos convocados para uma reunião. Foi o Capitão Winters quem nos recebeu. Cumprimentou Phyllis pela reportagem — e creio que estava sendo sincero, mesmo sendo evidente em seu rosto a admiração súbita pela minha esposa. Depois que nos ajeitamos em nossas cadeiras, ele sacudiu a cabeça pesarosamente .

— Mas receio que terão que guardá-la, sem divulgar, por algum tempo.

Phyllis mostrou-se bastante desapontada, o que era compreensível. Esforçara-se ao máximo na reportagem. Não por causa do dinheiro, mas porque desejava que fosse um tributo aos dois homens, Wiseman e Trant, que haviam desaparecido no batiscópio. Ela olhou para as unhas, desolada.

— Sinto muito, mas eu já tinha avisado a seu marido que talvez a reportagem não pudesse ser divulgada imediatamente.

Phyllis encarou-o então:

— Por quê?

Eu também estava querendo saber dos motivos. Minhas reportagens sobre os preparativos e a breve descida do batiscópio também haviam sido censuradas.

— Vou tentar explicar até onde posso. Acho que merecem pelo menos uma explicação.

O Capitão Winters apoiou os cotovelos nos joelhos e entrelaçou os dedos, inclinando-se em nossa direção.

— O ponto crucial do problema, e acho que há muito já sabem disso, são os cabos derretidos. A imaginação hesita e se assusta diante de uma criatura capaz de cortar um cabo grosso de aço com uma mordida, embora possamos até admitir a possibilidade. Mas a imaginação simples recua ante a possibilidade de uma criatura capaz de cortar um cabo de aço com o que parece ser uma chama de acetileno. Neste momento, não só recua como rejeita a possibilidade.

"Os dois viram o que aconteceu com aqueles cabos de aço e acho que devem concondar que o estado em que ficaram abre uma perspectiva inteiramente nova no caso. Um acidente desses não pode decorrer exclusivamante dos riscos de um mergulho a grande profundidade. Por isso é que, antes de permitirmos a divulgação de qualquer noticia à respeito, queremos conhecer mais fatos.

Conversamos mais um pouco sobre o assunto. O capitão mostrou-se compreensivo mas firme — recebera ordens expressas.

— Capitão Winters, tem alguma idéia sobre a causa provável do rompimento daqueles cabos de aço? Pode falar francamente, pois nada publicaremos.

Ele sacudiu a cabeça, solenemente.

— Oficial ou extra-oficialmente, Sra. Watson, devo confessar que não tenho a menor idéia... e acredito que em toda a Marinha não existe ninguém que possa aventar uma hipótese aceitável.

E assim, com a publicação das histórias proibida até permissão especial, fomos embora.

A proibição, no entanto, foi por um período mais curto do que imaginávamos. Uma semana depois estávamos jantando quando o Capitão Winters telefonou. Foi Phyllis quem atendeu.

— Olá, Sra. Watson. Tenho boas notícias. Acabei de falar com a E.B.C. e dei a permissão, no que nos diz respeito, para divulgar as reportagens que fizeram.

Phyllis agradeceu a deferência e perguntou:

— Mas o que aconteceu?

— O segredo oficial a respeito das investigações foi rompido. Poderão ouvir as notícias no jornal falado desta noite ou ler as histórias amanhã nos jornais. Diante dessas circunstâncias, os Almirantes acharam que vocês deviam receber permissão imediata para divulgarem suas histórias. O desejo deles é até que sejam divulgadas o mais breve possível. Foi isso o que aconteceu é agora lhes desejo boa sorte.

Phyllis agradeceu e desligou, intrigada com quem poderia ter rompido o segredo oficial e como o fez. Tivemos que esperar até nove horas da noite para descobrir. A notícia não tinha maiores detalhes, mas para Phyllis e para mim era suficientemente esclarecedora. Um navio americano, efetuando pesquisas submarinas ao largo das Filipinas, sofrera a perda de uma câmara de profundidade com dois tripulantes.

Logo depois a E.B.C. transmitiu a notícia que nós preparáramos, realizando uma ampla reportagem sobre o assunto, depois de alterar toda a sua programação.

As pesquisas indicaram posteriormente que o programa alcançou excelente índice de audiência. Logo depois de divulgada a notícia sobre a perda dos americanos, a nossa história alcançou o maior interesse do público. Os Almirantes também ficaram satisfeitos. Tinham assim a oportunidade de provarem publicamente que nem sempre estavam atrás dos americanos — embora eu achasse que deveriam ter-se antecipado na divulgação da notícia. De qualquer forma, porém, tendo em vista o que aconteceu depois, acho que isso não tem a menor importância.

Phyllis reescreveu uma parte da sua história, dando mais destaque aos cabos de aço fundidos. Recebemos um dilúvio de correspondência depois da divulgação, apresentando diversas teorias para o acontecimento. Mas, depois de examinar as mais interessantes, continuamos a saber tanto quanto antes — isto é, nada.

Mas era o que deveríamos esperar que acontecesse. Os espectadores não haviam visto os mapas e, naquele momento, não ocorreu a ninguém que pudesse haver uma ligação entre as catástrofes das câmaras submarinas e a história já quase esquecida das bolas de fogo.

A Marinha Real parecia estar disposta simplesmente a ficar de braços cruzados, analisando a perda em termos teóricos. Mas esta não era a disposição da Marinha dos Estados Unidos. Soube-

mos que os americanos se preparavam para enviar uma segunda expedição ao local em que haviam perdido a primeira câmara submarina. Imediatamente solicitamos que nos incluíssem entre os observadores, mas fomos recusados. Eles receberam tantos pedidos de jornalistas querendo acompanhar a expedição que decidiram enviar um segundo navio para levá-los. Também neste não encontramos um lugar. Todo o espaço disponível era reservado para jornalistas americanos que fariam a cobertura do acontecimento inclusive para a Europa.

Afinal de contas, nada havia que discutir. O espetáculo era deles, estavam pagando por ele. De qualquer forma, porém, sentimos bastante não poder ir. E, embora achássemos que iam perder outra vez os aparelhos de mergulho a grandes profundidades, nunca nos passou pela cabeça que perderiam também o navio.

Cerca de uma semana depois apareceu em Londres um dos repórteres da N.B.C. que fizera a cobertura da viagem. Conseguimos levá-lo a almoçar, para uma conversa particular.

— Nunca vi nada igual. Parecia um raio que saía do fundo do mar. Por um segundo saíram faíscas do navio inteiro, que logo depois explodiu — contou-nos o repórter.

— Jamais tinha ouvido falar em algo assim — disse Phyllis.

— Talvez não tenha sido registrado antes, mas já deve ter acontecido.

— Não concordo muito com isso — disse Phyllis.

— Como vocês dois participaram da expedição inglesa onde se perdeu também um aparelho, acho que sabem o que estávamos investigando.

— Desconfiamos — informei sorrindo.

— Muito bem, neste caso posso falar com um pouco mais de liberdade. Disseram-me que é inteiramente impossível induzir uma corrente de alguns milhões de volts por um cabo de aço isolado mergulhado no mar. Devo aceitar a afirmação, pois não é a minha especialidade. Acho, no entanto, que, se fosse possível, o efeito seria mais ou menos igual ao que vimos.

— Devia haver diversos cabos com isolantes... das câmaras, microfones, termômetros e outros instrumentos — disse Phyllis.

— Havia sim. E havia também um cabo ligando o equipamento de televisão ao nosso navio. Mas a carga elétrica não o atravessou, o que foi uma tremenda sorte para nós. Tenho a impressão de que a carga se concentrou apenas no cabo principal. Se assim não

foi, os cientistas que estudam o caso estão inteiramente perdidos.

— Eles não formularam nenhuma outra hipótese?

— Muitas, algumas até bem convincentes... para um sujeito que não tenha presenciado a explosão.

— Se você está certo, então a história toda é estranhíssima — comentou Phyllis, pensativa.

— É uma declaração digna do equilíbrio britânico — comentou o homem da N.B.C. — Mas é tudo muito estranho, mesmo sem a minha informação. Ainda que consigam explicar como os cabos foram cortados, os cientistas mesmo assim continuarão aturdidos, porque têm certeza de que não foi acidental.

— Por outro lado — comentou Phyllis — a gente tem que ficar impressionada por haver alguma coisa lá embaixo, a tamanha profundidade, uma pressão quase insuportável...

— Não gosto de fazer adivinhações, suposições sem base. Gostaria de ter mais informações... e talvez as tenhamos não demora muito.

Nós o olhamos, surpresos, e ele confidenciou em voz baixa:

— Vocês estão metidos nisso também, assim não há mal nenhum em contar. Mas lembrem-se de que é absolutamente confidencial. Eles estão realizando mais duas expedições de investigação. Só que desta vez não levam repórter algum, pois a experiência anterior não foi nada agradável.

— Onde? — perguntamos quase que simultaneamente.

— Uma é perto das Ilhas Aleutas e a outra num local bem profundo na costa da Guatemala. E os ingleses, o que estão fazendo?

— Não temos a menor idéia — confessei.

— É engraçado como os ingleses são sempre discretos — comentou o americano em tom de simpatia.

E discretas permaneceram as nossas autoridades navais, pois nada conseguimos saber nas semanas que se seguiram, apesar de todas as nossas tentativas. Só soubemos do resultado das duas investigações a que o americano se referira quando ele passou outra vez por Londres. Procuramos entrar em contato com ele e descobrir o que acontecera. Ele franziu o cenho, com uma expressão preocupada, e informou:

— Na que foi realizada perto da Guatemala nada conseguiram descobrir. O navio que estava ao sul das Aleutas transmitia pelo rádio, para terra, todo o desenrolar do mergulho. As comunicações foram interrompidas subitamente. A declaração oficial é de

que o navio se perdeu, com toda a tripulação.

O reconhecimento oficial a esses acontecimentos permaneceu subterrâneo — se é que se pode usar esse termo para investigações de ocorrências submarinas. De vez em quando ouvíamos rumores a indicarem que não decrescera o interesse das autoridades. Alguns fatos isolados, quando reunidos, indicavam que alguma coisa continuava a acontecer. Nossos contatos na Marinha tratavam-nos cordialmente, mas mostravam-se evasivos. Os nossos colegas jornalistas do outro lado do Atlântico também não conseguiam descobrir muitas coisas. Se eles estivessem sabendo de algo certamente que já teríamos ouvido falar. Assim, consolava-nos o pensamento de que os americanos também não estavam sabendo de nada.

O interesse público pelas bolas de fogo praticamente desaparecera e poucas pessoas se davam ao trabalho de informar a queda de outras recentes. Continuei a manter os meus arquivos atualizados, mas, como o interesse decrescera, não podia saber se a baixa incidência do fenômeno era verdadeira.

Pelo que eu podia verificar, os dois fenômenos não haviam sido publicamente relacionados e logo foram esquecidos, sem explicação, como meros acontecimentos estranhos de uma época sem grandes notícias.

Nos três anos que se seguiram eu e Phyllis também perdemos quase que inteiramente o interesse pelo assunto. Outras coisas, mais importantes para nós então, ocuparam-nos por completo: o principal foi o nascimento do nosso filho, William, e sua morte, dezoito meses depois. Para tirar Phyllis de sua conseqüente prostração, arrumei um lugar de correspondente itinerante, vendemos a casa e saímos em viagem pelo mundo.

Em tese, o trabalho era exclusivamente meu, mas na verdade era Phyllis quem fazia a redação final das minhas reportagens, que agradavam imensamente à direção da E.B.C. Quando não estava trabalhando nas minhas matérias, Phyllis escrevia algumas reportagens suas. Assim, quando voltamos à Inglaterra, gozávamos de grande prestígio. Ainda tínhamos muito material para escrever diversas reportagens e estávamos certos de que as nossas carreiras iam entrar agora numa fase de plena ascensão.

Foi pouco depois do nosso regresso que os americanos perderam um cruzador ao largo das Ilhas Marianas.

As informações a respeito eram escassas, como se fosse um acontecimento exclusivamente local. Mas senti que havia alguma

coisa diferente no acidente. Ao ler a notícia nos jornais, Phyllis teve também uma sensação estranha. Pegou um atlas e localizou as Ilhas Marianas.

— O oceano é bem profundo em torno delas — comentou Phyllis.

— A notícia é um pouco estranha — admiti. — Não sei exatamente por que me dá esta sensação, mas tenho certeza de que alguma coisa está errada.

— Vamos conversar com os nossos informantes para ver se descobrimos alguma coisa.

Foi o que fizemos, mas sem resultado algum. Não que as nossas fontes estivessem escondendo o que sabiam, mas é que em alguma parte parecia haver um bloqueio total às informações. Tudo o que soubemos foi mesmo a versão oficial: o cruzador Keweenaw, apesar de estar fazendo bom tempo, afundara repentinamente. Vinte tripulantes haviam sido recolhidos. Seria realizado um inquérito oficial.

E possivelmente foi. Só que nunca soubemos as conclusões a que se chegou. E, de certa forma, o incidente foi ofuscado pelo inexplicável afundamento de um navio russo, que estava realizando uma missão não especificada a leste das Ilhas Kurilas, um arquipélago ao sul de Kamchatka. Como era um axioma russo atribuir todos os infortúnios aos chacais capitalistas ou às hienas reacionárias fascistas, o acontecimento assumiu uma importância que eclipsou por completo a perda americana. E durante algum tempo se sucederam as insinuações irritadas. Em meio à confusão, passou quase despercebido o desaparecimento do navio oceanográfico Utskarpen, que só foi lamentado em seu país de origem, a Noruega.

Vários outros navios afundaram misteriosamente, mas não tenho mais os meus arquivos para fazer um relato completo. Tenho a impressão de que cerca de meia dúzia de navios, todos empenhados em pesquisas oceanográficas de alguma espécie, afundaram misteriosamente, antes que os americanos sofressem outra perda ao largo das Filipinas. Desta vez foi um destróier e com ele os americanos perderam também a paciência.

A ingênua declaração de que as águas ao redor de Biquíni eram pouco profundas para a realização de testes atômicos a grande profundidade, obrigando à realização das experiências a alguns milhares de quilômetros a oeste, pode ter enganado o grande público. Os meios jornalísticos, porém, não se deixaram embair e choveram pedidos para se enviar representantes especiais à zona

dos testes.

Phyllis e eu éramos agora jornalistas com prestígio e não nos foi difícil arrumar uma indicação para a cobertura das experiências. Alguns dias depois estávamos a bordo de um dos numerosos navios situados a uma distância respeitável do local em que afundara o Keweenaw, perto das Filipinas.

Não posso dizer como são as bombas atômicas de profundidade, pois não chegamos a vê-las. Tudo o que nos mostraram foi uma espécie de balsa, em cima da qual havia algo parecido com uma cabana de metal semi-esférica. Disseram-nos que a bomba em si era quase igual às bombas atômicas comuns, diferenciando-se apenas por possuir um invólucro de metal capaz de resistir a pressões de até oito mil metros de profundidade, se fosse necessário.

Quando amanheceu o dia marcado para a experiência, um rebocador afastou-se do comboio puxando a balsa e desapareceu no horizonte. A partir daí, acompanhamos os acontecimentos através da transmissão de câmaras de televisão automáticas, montadas em bóias ao longo do caminho. Vimos o rebocador deixar a balsa no meio do oceano e afastar-se a toda velocidade. Esperamos durante algum tempo, até que o rebocador se afastasse da zona de perigo e as correntes marítimas impelissem a balsa até o ponto exato em que afundara o Keweenaw. O intervalo durou quase três horas. A impressão que tínhamos era de que a balsa estava imóvel em pleno oceano. Uma voz anunciou então, pelos alto-falantes, que a experiência seria concretizada dentro de trinta minutos aproximadamente. De tempos em tempos a mesma voz voltava a anunciar que o tempo era cada vez mais curto, a contagem regressiva prosseguindo inexoravelmente. Ficamos em silêncio quase total quando a voz gritou:

— Três... dois... um... JÁ!

Neste momento um foguete foi disparado da balsa, deixando uma trilha de fumaça vermelha ao subir.

— A bomba foi acionada — declarou a voz que saía dos alto-falantes.

Ficamos esperando.

Durante um longo tempo tudo pareceu imóvel. Agrupados em torno das telas de televisão, os jornalistas permaneciam calados. Em todas as telas havia apenas a imagem da balsa, flutuando tranqüilamente nas águas azuis e banhadas pelo sol. Não havia o menor indício de que alguma coisa acontecera ali, a não ser a nuvem

de fumaça vermelha que se ia dissipando lentamente. Para os olhos e os ouvidos a sensação era de extrema tranqüilidade; para a mente, a impressão era de que o mundo inteiro prendera a respiração.

E então ocorreu a explosão. A plácida superfície do mar ergueu-se subitamente numa imensa nuvem branca. A água se espalhou por toda parte e ferveu ao subir aos céus. O navio em que estávamos estremeceu.

Saímos do lado das telas e corremos para a amurada do navio. A nuvem já se erguera acima do horizonte. Contorcia-se toda na subida em direção ao céu, de uma maneira que julguei ser quase indecente. Só então o barulho chegou até nós, um rugido ensurdecedor. Muito tempo depois, com um atraso surpreendente, é que vimos a linha escura da primeira onda de turbulência correndo em nossa direção.

Naquela noite, ao jantar, partilhamos a mesa com Mallarby, do Tidings, e Bennell, do Senate. O espetáculo era de Phyllis e ela conduziu-o habilmente, dominando por completo os dois jornalistas logo depois da entrada, antes da chegada do prato principal. Eles deram algumas informações que já nos eram familiares, mas daí a pouco começaram a falar em Bocker, cada vez com mais freqüência e mais acrimônia. O tal de Bocker aparentemente formulara uma teoria sobre as perturbações nas profundezas do oceano da qual nunca tínhamos ouvido falar. Nenhum dos dois jornalistas parecia levá-lo muito a sério.

Phyllis lançou-se àquela informação como um gavião. Do jeito que ela falou, ninguém podia imaginar que estava inteiramente alheia à teoria em questão.

— E acham que a teoria de Bocker pode ser descartada assim de cara?

O expediente funcionou. Em pouco tempo os dois nos explicaram a teoria de Bocker, sem sequer imaginarem que nós a desconhecíamos por completo até aquele momento.

O nome de Alastair Bocker não nos era, é claro, inteiramente desconhecido: era um eminente geógrafo, com uma porção de títulos conquistados. Mas a informação que Phyllis conseguiu arrancar a seu respeito era-nos inteiramente nova. Quase um ano antes, Bocker apresentara um memorando ao Almirantado, em Londres Porque era um homem bastante conhecido, o memorando chegara aos escalões superiores, embora ninguém levasse a sério as idéias expostas no documento. Afirmava ele que os cabos fundidos e a

eletrificação de alguns navios eram provas incontestáveis de seres inteligentes em plena atividade nas partes mais profundas do oceano.

As condições existentes nestas regiões, de pressão excessiva, temperatura, escuridão permanente e outras, tornavam inconcebível a possibilidade de se ter desenvolvido no fundo do mar alguma espécie de vida inteligente — declaração que ele apoiava com diversos outros argumentos bastante convincentes.

Era evidente também que nenhuma nação era capaz de construir mecanismos que pudessem operar nas profundidades indicadas pelas provas existentes, não possuindo também o menor interesse em fazê-lo.

Mas, se a inteligência em atividade no fundo do mar não se desenvolvera lá mesmo, devia então ser originária de algum outro lugar. Era óbvio que devia estar encarnada em alguma forma capaz de suportar uma pressão de uma tonelada por dois e meio centímetros quadrados — talvez até mais, cinco ou seis toneladas, a julgar pelos indícios de que estava em atividade nas partes mais profundas do oceano. Onde uma forma móvel poderia encontrar na superfície da Terra estas condições de pressão para se desenvolver? Em parte alguma. Quanto a isso não havia a menor dúvida.

Se não se desenvolvera na Terra, devia então ter-se desenvolvido em outra parte — num planeta bem grande, por exemplo, onde as pressões fossem normalmente altas. Se assim fosse, haviam cruzado o espaço para chegarem à Terra.

Bocker chamou então a atenção das autoridades para as bolas de fogo, que haviam despertado tanta atenção alguns anos antes e que ainda eram vistas ocasionalmente. Nenhuma delas, ao que se sabia, caíra em terra. Pelo contrário, haviam sempre caído nas partes mais profundas do oceano. Além disso, as que tinham sido atingidas por mísseis haviam explodido com extrema violência, o que parecia indicar uma pressão muito alta em sua constituição.

E mais: era significativo também o fato de as bolas de fogo procurarem invariavelmente as únicas regiões da Terra em que as condições de alta pressão eram compatíveis com uma relativa liberdade de movimento.

De tudo isso, Bocker deduzia que estávamos sofrendo o processo, sem o sabermos, de uma espécie de imigração interplanetária. Se lhe perguntassem qual seria a origem, ele apontaria Júpiter como sendo o planeta conhecido com as prováveis condições de pressão.

O memorando concluía com a observação de que tal incursão não precisava necessariamente ser encarada como hostil. Parecia-lhe que os interesses de um tipo de criação que existe a uma pressão de cinco quilos por dois e meio centímetros quadrados, como a nossa, em nada se podia confundir e entrelaçar com os de uma forma de vida que exige várias toneladas de pressão. Defendia a tese de que deviam ser envidados todos os esforços para se desenvolver um meio de comunicação com os novos moradores das profundezas do oceano, a fim de se efetuar um intercâmbio de conhecimentos científicos, no sentido mais alto da palavra.

As opiniões dos Almirantes não foram registradas, mas sabe-se que pouco depois Bocker recolheu o memorando que enviara e o apresentou à consideração pessoal do editor do Tidings. Ao devolvê-lo, o Tidings manifestou-se a respeito com o seu tato habitual. Foi pensando na irmandade profissional dos jornalistas que o editor declarou categoricamente:

— Este jornal existe há mais de cem anos e nunca publicou uma novela cômica. Não vejo motivos para quebrar esta longa tradição agora.

Algum tempo depois, o memorando apareceu na mesa do editor do Senate, que pediu que lhe fizessem uma sinopse. Leu-a e depois ditou uma recusa polida.

Bocker não mais insistiu e as suas teorias ficaram conhecidas apenas de um círculo restrito.

— Mas o fato — disse Mallarby — é que a teoria de Bocker possui mais elementos que qualquer outra. Talvez por isso mesmo nos pareça tão fantástica. Podemos achá-la ridícula, mas não podemos negar que é uma explicação, aliás a única que existe.

— Lá isso é verdade — comentou Bennell. — E, seja o que for que as nossas autoridades navais pensem de Bocker, é bastante claro que já chegaram também à conclusão de que deve haver alguma espécie de vida inteligente lá no fundo do mar. Não é em cinco minutos que se projeta uma bomba atômica especial como a que foi lançada hoje. De qualquer forma, mesmo que a teoria de Bocker seja acertada, está inteiramente perdida a sua proposição básica. Esta bomba positivamente não era a tentativa de entrar em contato cordial com os seres de outro planeta que ele defendia.

Mallarby fez uma pausa e sacudiu a cabeça pesaroso.

— Encontrei-me com Bocker por diversas vezes. Ele é um homem culto e de visão ampla, com o defeito inerente aos que são assim: o de achar que todos os homens são iguais a si próprio. Pos-

sui uma inteligência curiosa e inquisitiva. Nunca lhe passou pela cabeça que o homem comum fica assustado ao deparar com uma coisa estranha e nova, pensando então em esmagá-la ou suprimi-la rapidamente. Hoje tivemos mais uma demonstração da mente do homem comum em funcionamento.

— Mas se se acredita oficialmente que lá embaixo existem criaturas inteligentes, responsáveis pelo afundamento de diversos navios, então devemos ficar assustados com razão e considerar a ação de hoje como uma mera retaliação — ponderou Bennell.

— Não é bem assim — argumentou Mallarby. — Suponhamos que algo desça dos céus em nossa direção, balançando-se na ponta de uma corda. Suponhamos que esta coisa emita sinais num comprimento de onda que seja terrivelmente incômodo para nós e até mesmo nos cause dor física. O que deveríamos fazer? A primeira providência seria cortar a corda e pôr a coisa fora de ação. Depois iríamos examinar o objeto e descobrir o que fosse possível a seu respeito. E, se mais objetos aparecessem, tomaríamos as medidas necessárias para desencorajar os que os enviavam. É uma atitude que pode ser considerada simplesmente como a eliminação de um tremendo incômodo. Mas pode ser também encarada como ato de animosidade, a exigir retaliação. Vendo as coisas por este ângulo, a quem devemos responsabilizar por toda esta confusão: nós ou os seres que estão lá no fundo do mar?

— É difícil imaginar qualquer espécie de ser inteligente que não fique revoltado com o que acabamos de fazer. Se este fosse o único lugar em que se registraram problemas, então não haveria mais nenhum ser inteligente para se ressentir com a nossa atitude. Mas sabem muito bem que não é. Assim, creio que podemos esperar alguma espécie de revide.

— Acha então que eles vão mesmo reagir? — indagou Phyllis.

— Aproveitemos outra vez a minha analogia: se um agente destruidor descesse dos céus e se abatesse sobre uma das nossas cidades, o que iríamos fazer?

— Acho que o melhor seria perguntar o que poderíamos fazer — comentou Phyllis com bom senso.

— Poderíamos entregar o caso aos cuidados dos Generais. E se as coisas continuassem a acontecer, se os ataques não cessassem, dar-lhes-íamos prioridade absoluta.

Mallarby fez uma pausa, desanimado, e concluiu:

— Tenho a impressão de que, desde o início, a proposta de Bocker para um contato amigável teve a mesma chance de uma

pulga, numa fornalha.

A opinião de Mallarby talvez fosse improvável, mas o fato é que, quando voltamos para a Inglaterra, já não havia mais qualquer possibilidade de um contato amigável com os seres das profundezas. De alguma forma, da noite para o dia, o público finalmente ligara os fatos. A tentativa de justificar a bomba como uma experiência numa série de testes atômicos não surtiu resultado. O fatalismo quase indiferente com que fora recebida a perda do Keweenaw e de outros navios foi substituído por um sentimento de ultraje irresistível, passando o público a achar que o primeiro ato da vingança fora cumprido e exigindo mais.

A atmosfera era semelhante à que antecede a declaração de uma guerra. Os fleumáticos e céticos de ontem tornaram-se subitamente pregadores fervorosos de uma cruzada contra... bem, contra o que quer que tivesse incorrido na temeridade de interferir na liberdade dos mares. Todos concordavam com isso, quase que unanimemente. Mas a partir desta especulação central muitas outras questões se levantaram, de tal forma que não apenas as bolas de fogo como também todos os fenômenos inexplicados ocorridos nos últimos anos foram atribuídos também aos seres misteriosos existentes nas profundezas do oceano.

A agitação em escala mundial alcançou-nos quando paramos em Karachi, no retorno para a Inglaterra. A cidade fervilhava com histórias de serpentes marinhas e visitantes de outros planetas. Era claro que, apesar das restrições à divulgação das teorias de Bocker, milhões de outras pessoas no mundo inteiro haviam chegado, por outros caminhos, às mesmas conclusões que ele. Isso deu-me a idéia de telefonar para Londres e ver se a E.B.C. conseguia convencer Bocker a conceder uma entrevista.

Informaram-me que outros haviam tido a mesma idéia e que Bocker daria uma entrevista coletiva na sexta-feira. Prometeram que fariam tudo para que fôssemos também admitidos na entrevista, que seria restrita a poucos órgãos de divulgação. Conseguiram assegurar a nossa presença e chegamos a Londres poucas horas antes da entrevista .

Alastair Bocker era facilmente reconhecível pelas fotografias, só que elas absolutamente não lhe faziam justiça. Haviam reproduzido suas feições com exatidão, o rosto cheio de homem de meia-idade com uma característica meio infantil, as sobrancelhas grossas, os cabelos grisalhos revoltos, os contornos da boca e do nariz.

Mas as câmaras haviam sido incapazes de transmitir a vivacidade dos olhos, a mobilidade da boca e do rosto inteiro, seus movimentos precisos e rápidos, deturpando assim a sua imagem.

— Trata-se de um adulto inquieto e com características ainda infantis — comentou Phyllis antes de a entrevista começar.

Por alguns minutos continuaram a chegar jornalistas. Quando a sala ficou cheia, Bocker dirigiu-se à mesa que havia à nossa frente. Pelo seu comportamento, era evidente que não tinha a menor idéia de ser conciliador. Quando os murmúrios cessaram, olhou-nos por alguns segundos, calmamente, antes de começar a falar, de improviso, sem recorrer a nenhuma anotação:

— Não acredito em que esta entrevista venha a ter alguma utilidade. Mas não fui eu que a convoquei e portanto não vou preocupar-me se serei ou não um bom assunto para os jornais de amanhã.

"Há alguns anos eu teria agradecido profundamente a oportunidade de conceder uma entrevista coletiva como esta. Há um ano tentei convocar uma, embora já nesta ocasião julgasse quase inexistente a possibilidade de alterar o curso dos acontecimentos. Acho, portanto, irônico que me tenham honrado com o pedido de uma entrevista coletiva no momento em que já não existe mais qualquer possibilidade de mudar o atual estado de coisas.

"Acho que todos vocês já devem conhecer uma versão, provavelmente deturpada, das minhas opiniões. De qualquer forma, porém, vou novamente resumi-las, para que saibamos todos sobre o que estamos conversando.

O que ele disse pouco diferia do que Mallarby e Bennell nos haviam contado. Quando acabou, Bocker fez uma pausa è acrescentou:

— Muito bem, agora estou à disposição dos senhores para as perguntas que desejem fazer.

Passado tanto tempo, já não recordo mais quem fez qual pergunta. Lembro-me, no entanto, perfeitamente, de que as primeiras perguntas foram um pouco tolas e respondidas sem maior perda de tempo. Foi então que alguém perguntou:

— Dr. Bocker, se bem me recordo, o senhor anteriormente havia falado em "imigração", mas agora já se está expressando em termos de " invasão". Mudou a sua maneira de pensar?

— Mudaram para mim. Por tudo que posso imaginar, a intenção inicial devia ser certamente uma imigração pacífica. Mas tudo indica que agora não é mais questão disso.

— Está querendo dizer — interpelou alguém — que o nosso velho pavor, a guerra interplanetária, finalmente começou?

— Talvez possa ser considerado assim... pelos tolos. Mas trata-se realmente de uma invasão, originária de um algum planeta que não sabemos qual é. E me admira também que, num mundo ávido de sensações como o nosso, tenha passado despercebida por tanto tempo. Somente agora, muitos anos depois que começou, é que passaram a levá-la a sério.

— O que quer que seja — observou alguém — não me parece tratar-se de uma guerra interplanetária.

— Isso podemos atribuir a duas causas principais: a obtusidade mental e a influência do falecido H. G. Wells.

"Um dos problemas decorrentes de se escrever um clássico é que se consegue fixar um padrão de pensamento. Como todo mundo leu o livro de Wells, acha então que sabe exatamente como ocorrerá uma invasão interplanetária. Se um cilindro misterioso aterrissasse perto de Londres ou Washington amanhã, todos nós saberíamos identificar no acontecimento um motivo para alarme. Parece que todo mundo esqueceu que Wells utilizou em seu livro apenas os expedientes necessários para fazer uma obra de ficção, que nunca pretendeu fixar normas para o desenvolvimento de guerras interplanetárias. Mas acontece que o processo que ele escolheu permanece na mente da maioria como o protótipo de uma invasão do espaço exterior. Este é o maior cumprimento que se pode fazer à sua habilidade como escritor, embora não seja muito elogioso para a inteligência dos que o aceitam como verdade única e incontestável.

"Pode haver muitas invasões nas quais de nada adiantará convocar uma carga heróica de cavalaria. E esta com a qual nos estamos defrontando é muito mais difícil de enfrentar que a dos marcianos imaginada por Wells. Não nos esqueçamos de que ainda não sabemos se as armas que vão atacar-nos serão mais eficientes que aquelas que ele imaginou.

Alguém interrompeu-o então e perguntou:

— Está certo. Suponhamos, apenas como base para o debate, que se trata realmente de uma invasão. Qual seria então a causa provável para esta invasão?

Bocker encarou-o pensativo por um longo tempo.

— Imagino que o desejo de saber a causa sempre foi o último e desesperado grito de todos os povos invadidos no decorrer da nossa história.

— Mas deve haver alguma razão — insistiu o jornalista.

— Deve haver? Num sentido amplo, creio que realmente existe. Mas daí a pressupor que possamos compreendê-la, mesmo que a conheçamos, há uma grande distância. Acho que os índios americanos nunca chegaram a compreender muito bem por que estavam sendo invadidos pelos espanhóis... O que me está pedindo é que tente explicar os motivos que levaram à ação uma forma estranha de inteligência. Com toda modéstia, devo declinar, pois não gosto de bancar o tolo. A maneira de descobri-lo, talvez até de compreender, seria entrar em contato com os seres que estão nas profundezas do oceano. Mas tenho a impressão de que não há mais nenhuma oportunidade de consegui-lo, depois do que fizemos.

O jornalista não estava satisfeito com a resposta e continuou a bater na mesma tecla.

— Mas, se não conseguimos determinar a causa, então a história toda assemelha-se a um desastre da natureza... algo assim como um ciclone ou um terremoto. É isso?

— Exatamente. E por que não? Imagino que deva ser assim que o inseto considera o pássaro que o ataca. Os homens comuns envolvidos numa grande guerra também não conseguem dissociá-la muito claramente de um desastre natural. Sei muito bem que ensinaram seus leitores a esperar explicações simplistas de todas as coisas, inclusive de Deus. Vocês gostam de resumir tudo a palavras de uma única sílaba, como se as coisas tivessem sempre a maior simplicidade. Podem fazê-lo, mas garanto que vou processá-los se atribuírem a mim as suas explicações simplistas.

"O máximo que posso dizer é o seguinte: imagino que, em termos humanos, possam existir apenas duas causas para a migração em massa pelo espaço, se tal fosse possível. A primeira seria simplesmente a expansão e o alargamento das fronteiras; a outra, a fuga a condições intoleráveis no planeta natal. Mas os seres que estão nas profundezas não são certamente humanos. Portanto, suas razões e motivos podem ser e podem não ser semelhantes aos nossos, dos seres humanos.

Ele fez uma pausa e contemplou-nos pensativo.

— Mas acho que este problema de descobrir as razões é uma pura perda de tempo. Se fôssemos para outro planeta e os seres que lá encontrássemos começassem a jogar bombas em cima de nós, os motivos de nossa ida até lá não fariam a menor diferença. Simplesmente acharíamos que acabaríamos sendo exterminados, se não tomássemos medidas drásticas para detê-los. E aí está algu-

ma coisa que devemos ter em comum com os seres que estão nas profundezas do oceano: a força vital, qualquer que seja a forma em que esteja encarnada, deve ter, coletiva ou individualmente, a vontade de sobreviver, pois do contrário logo deixará de existir.

— Então a sua opinião final é a de que se trata de uma invasão hostil? — indagou alguém.

Bocker olhou, um pouco irritado.

— Acho que precisa repassar suas lições depois que a aula terminar. O que acabei de dizer é que é uma invasão, que agora é hostil mas que talvez não o tenha sido em sua intenção inicial.

"O que lhes peço agora, ao concluir, é que convençam seus leitores de que isto não é sensacionalismo, pelo contrário, é um assunto dos mais graves e que deve ser encarado com toda a seriedade. Sei, porém, que a maioria não poderá fazê-lo, pois ficará em completo desacordo com a orientação dos proprietários dos jornais em que trabalha.

Na verdade, a maioria dos jornais apresentou Bocker como um maluco, deixando implícito o comentário de que tudo o que ele dissera eram coisas que os malucos gostam de pensar, embora pessoas sensíveis como os leitores não fossem acreditar naquelas baboseiras.

Havia indícios de que não se tratava de uma atitude acidental. O público estava com a disposição de aceitar tudo o que lhe empurrassem, mas Bocker apontara a negligência das autoridades em aproveitar o momento devido. Além disso, era excelente a oportunidade para se aproveitar a situação. Como nenhum fato novo ocorresse, lentamente começaram a trabalhar a opinião pública.

Pouco a pouco se espalhou a idéia de que uma invasão interplanetária nunca ocorreria daquele jeito. Assim, era bem provável que não fosse mesmo uma guerra interplanetária. A partir daí era preciso dar um passo muito curto para concluir que era coisa dos russos.

Os russos sempre haviam encorajado o povo a suspeitar dos provocadores de guerras capitalistas. Quando as notícias sobre a possível invasão interplanetária chegaram além da cortina de ferro, eles imeditamente apresentaram ao povo as seguintes afirmativas: a) era tudo mentira, uma cortina de fumaça verbal para cobrir os preparativos dos provocadores de guerras capitalistas; b) era verdade, e os capitalistas, ao seu estilo, haviam imediatamente atacado os seres estranhos com bombas atômicas; c) verdade ou não, a

União Soviética lutaria incansavelmente pela paz, utilizando todas as armas que possuía, à exceção dos germes.

A reviravolta na opinião pública, do lado de cá, foi quase completa. Muita gente comentava:

— Esta história de invasão interplanetária? Não tenho vergonha de confessar que quase acreditei nela. Mas quando a gente começa realmente a analisar os fatos... Qual será a jogada dos russos? Deve ser alguma coisa muito grande, porque senão não teriam usado bombas atômicas.

E assim, em pouco tempo, foi restaurado o *status quo ante bellum hypotheticum* e voltamos à teoria compreensível e familiar da suspeita internacional. O único resultado mais duradouro foi o aumento dos prêmios de seguro naval.

Duas semanas depois recebemos o Capitão Winters para jantar em nossa casa. Ele sentou-se à direita de Phyllis e conversaram animadamente o tempo inteiro. Terminado o jantar, já no quarto, perguntei à minha esposa:

— Se não está com muito sono, poderia contar-me o que conversaram? O Capitão lhe disse alguma coisa importante?

— Ele falou coisas muito bonitas. Acho que tem sangue irlandês...

— E sobre os assuntos de menor importância mas que possuem um interesse mais amplo para o grande público, ele contou alguma coisa? — insisti pacientemente.

— Ele não quis falar muito, mas o pouco que disse não foi nada animador, pelo contrário.

— Conte-me então.

— A situação na superfície permanece praticamente inalterada, mas eles estão muito preocupados com o que está acontecendo no fundo do mar. Não chegou a afirmar que houve algum progresso nas investigações, mas deixou implícito que sim, que surgiram fatos novos.

"Disse, por exemplo, que no momento não se pensa mais em lançar bombas atômicas. Podem ser usadas apenas em locais isolados e mesmo assim a radiotividade se espalha com a maior rapidez. Os técnicos em pesca dos dois lados do Atlântico estão protestando violentamente, afirmando que foram as bombas atômicas que impediram que determinados cardumes chegassem a certos lugares, na ocasião devida. Responsabilizam as bombas pela alteração da ecologia, o que quer que seja isso, e pela mudança dos hábitos migratórios dos peixes. Alguns, no entanto, dizem que não há dados

suficientes para afirmar que essas mudanças são decorrência das bombas. Mas é certo que alguma coisa afetou a ecologia, podendo advir conseqüências graves no abastecimento de alimentos. Mas como não se sabe exatamente quais os efeitos das bombas, além de matar e assustar os peixes, resolveram deixar de utilizá-las, pelo menos por enquanto .

Phyllis fez uma pausa, teatral, e acrescentou:

— Mas não é só isso: duas das bombas que despacharam não chegaram a explodir.

— O que eles deduzem disso?

— Não sei. Mas o fato deixou-os muito preocupados, muito mesmo. As bombas são engatilhadas para explodirem a determinada pressão. É um método simples e bastante preciso.

— Quer dizer então que não alcançaram a camada certa de pressão, que ficaram suspensas a meio caminho do fundo do mar?

Phyllis assentiu.

— E isso os está deixando extremamente nervosos.

— É compreensível. Eu próprio não me sentiria muito satisfeito em pensar que deixei duas bombas atômicas armadas flutuando no mar. E que mais ele contou?

— Três navios utilizados pelas equipes de manutenção dos cabos submarinos desaparecerem inexplicavelmente. Um deles foi interrompido no meio de uma mensagem pelo rádio.

— Quando foi isso?

— O primeiro desapareceu há cerca de seis meses, um outro há três semanas e o último na semana passada.

— Talvez não tenham nada a ver com a história —- Talvez não... mas todos têm certeza quase absoluta de que sim.

— Não houve sobreviventes para contar o que aconteceu?

— Não.

— Ele não disse mais nada?

— Falou ainda que estão aperfeiçoando uma nova espécie de míssil teleguiado para explodir no fundo do oceano. É altamente explosivo, embora não seja atômico. Ainda não o testaram.

Encarei-a então, com uma expressão de admiração.

— Isso é ótimo, querida. Você possui realmente a classe de uma Mata Hari.

Phyllis ignorou a observação e acrescentou:

— Porém o mais importante é que o Capitão vai arrumar uma apresentação minha ao Dr. Matet, o oceanógrafo.

— Mas, querida, a Sociedade Oceanográfica ameaçou lite-

ralmente excomungar qualquer dos seus membros que converse conosco, depois de nossas últimas reportagens. Isso faz parte da linha anti-Bocker que adotaram.

— Eu sei, mas o Dr. Matet é amigo pessoal do Capitão. Ele viu os mapas de incidência das bolas de fogo e está quase convertido. Além do mais, não somos apóstolos convictos de Bocker, não é mesmo?

— O que pensamos não precisa ser necessariamente o que as outras pessoas imaginam que pensamos. Mas se ele quer conversar conosco... Quando poderemos vê-lo?

— Devo encontrar-me com ele daqui a alguns dias, querido.

— Acha então que não devo...

— Não é isto, mas seria melhor que eu fosse sozinha. Confie em mim.

— Mas...

— Não se preocupe. Agora, está na hora de dormirmos — disse Phyllis firmemente, encerrando a conversa.

Phyllis contou-me depois que o início da entrevista obedeceu ao mesmo padrão imutável:

— E.B.C? — disse o Dr. Matet erguendo as sobrancelhas. — Mas pensei que o Capitão Winters tivesse falado em B.B.C.

Era um homem alto e corpulento, a cabeça não muito grande, dando assim a idéia de que o corpo era maior ainda. A testa era bronzeada e se prolongava até o meio da cabeça, dando a impressão de que estava suspensa no ar.

Phyllis suspirou resignada, e apresentou a justificativa de rotina sobre a existência da E.B.C, fazendo com que ele julgasse, finalmente, tratar-se de gente esforçada e corajosa procurando superar a desvantagem de a emissora ser considerada um oráculo de segunda classe. Quando Phyllis informou que a fonte de suas declarações não seria revelada, ele abriu-se um pouco.

O problema, segundo ela, é que o Dr. Matet expôs suas observações em estilo acadêmico, com tantas palavras e comparações estranhas, que era quase impossível a um leigo interpretá-las corretamente. Mas, em resumo, o que ele disse foi o seguinte: cerca de um ano antes haviam começado a surgir informações sobre a coloração de determinadas correntes oceânicas. A primeira observação fora feita na corrente Kuroshio, no Pacífico Norte — uma corrente turva que fluía para o nordeste e que se tornara cada vez mais discernível, até ser mais perceptível a olho nu.

— Algumas amostras foram recolhidas para exame e o que

acha que descobrimos? — disse o Dr. Matet.

Phyllis fez a expressão correta, de expectativa.

— Eram partículas radioativas, mas com uma grande porcentagem de diatomáceas.

— Mas isso é incrível! — comentou Phyllis, sem se arriscar. — E o que acha que poderia ter produzido este efeito?

— Este é o problema. Alguma coisa está acontecendo, em escala bem grande. Mesmo em amostras recolhidas no outro lado do oceano, ao largo da costa da Califórnia, encontramos uma considerável impregnação de partículas radioativas e de diatomáceas.

Ele continuou a dissertar sobre os detalhes técnicos, até que Phyllis conseguiu finalmente interrompê-lo.

— Quer dizer então que alguma coisa está acontecendo no fundo do mar?

— Exatamente.

E foi neste momento que o Dr. Matet voltou a falar numa linguagem compreensiva e concluiu a entrevista:

— Mas, falando francamente, só Deus sabe o que é.

— Ele falou demais em geografia, oceanografia e batografia — comentou Phyllis mais tarde. — Nunca vi tanta ografia assim na vida! E foi uma sorte que não tivesse entrado também na ictiologia.

— Mas conte-me o que ele disse.

Foi o que ela fez, recorrendo às suas anotações.

— Mas quero ver alguém transformar esse monte de dados técnicos numa reportagem compreensível para o público. Talvez um ógrafo qualquer pudesse dar a estes dados uma forma inteligível, mas, mesmo assim, qual a conclusão que se poderia tirar?

— Este é justamente o ponto-chave em cada ocorrência. Mas pouco a pouco as partes do quebra-cabeça vão-se juntando. Acho que este é outro pedaço. De qualquer forma, acho que você não estava esperando obter uma grande reportagem. Ele chegou a sugerir a possível ligação desta alteração nas correntes marinhas com os outros acontecimentos?

— Não. Cheguei a comentar que era engraçado como deram para acontecer coisas estranhas no fundo do mar, mas ele nem pestanejou. É bastante cauteloso. Acho que preferia não ter concordado em receber-me. Assim, se deteve nos fatos verificáveis. Fez tudo para não se comprometer. Admitiu mesmo, veladamente, que não queria perder a sua reputação como aconteceu com Bocker.

— Por falar nisso, acho que Bocker deve ter tomado conhe-

cimento desles fatos e de uma porção de outros. Creio que valeria a pena saber qual a sua opinião a respeito. A entrevista coletiva a que comparecemos foi apenas uma apresentação sumária das suas teorias.

— Mas Bocker se tem mostrado muito reservado depois da entrevista — comentou Phyllis em tom de dúvida. — O que, aliás, não é de surpreender, pela maneira como o criticaram publicamente. Nós não o fizemos, é verdade. Fomos até bastante objetivos.

— Vamos tirar a sorte para ver quem liga para ele.

— Pode deixar que eu ligo.

Assim, recostei-me na poltrona e fiquei ouvindo-a, ao telefone, enunciando as palavras formais de abertura, esclarecendo que pertencíamos à E.B.C.

Devo declarar, a favor de Bocker, que depois de formular a sua teoria, não recuou ao descobrir que era extremamente impopular. Mas ao mesmo tempo não queria mais envolver-se em nenhuma controversa, com receio de voltar a ser atacado violentamente e ter seu nome arrastado da lama toda vez que um navio afundasse. Deixou isso bem claro logo no início da entrevista. Olhou-nos com uma expressão grave, uma mecha de cabelos grisalhos caída na testa, as mãos entrelaçadas.

— Querem que eu formule uma teoria, porque nada do que podem imaginar é capaz de explicar o fenômeno. Está certo, direi o que penso. Não creio que a aceitem, mas quero deixar bem claro que o meu nome não deve ser usado. Quando o público voltar a aceitar a minha teoria, estarei pronto a expor todas as conclusões a que cheguei. Mas até lá não quero ser acusado de manter o meu nome nas manchetes através de declarações sensacionalistas. Não há dúvida quanto a isso?

Concordamos imediatamente. Já estávamos ficando acostumados ao desejo geral de anonimato.

— O que estamos tentando fazer — explicou Phyllis — é juntar os diversos pedaços de um quebra-cabeça. Se puder mostrar-nos onde um deles se encaixa, ficaremos muito gratos. Se não quiser o crédito por isso, o problema é seu.

— Perfeito. Bem, como já conhecem minha teoria a respeito dos seres inteligentes que estão nas profundezas do oceano, não preciso repeti-la. Examinemos então as suas condições atuais. Presumo que, em síntese, sejam as seguintes: depois de se estabelecerem no meio ambiente que lhes era mais apropriado, as

criaturas pensaram em seguida em adaptá-lo ao que consideram uma condição civilizada, conveniente e organizada. Eles são... bem, podemos compará-los a pioneiros, colonos. Depois de alcançarem o seu destino em segurança, tratam agora de melhorar o meio ambiente e explorar o novo território ocupado. E tudo isso que está acontecendo é exatamente o resultado das atividades que estão desenvolvendo.

— Mas afinal o que eles estão fazendo? — indaguei.

— Como eu poderia saber? A julgar pela maneira como os recebemos, devem estar preocupados basicamente em armar uma defesa eficiente contra nós. Para isso, devem precisar de metais. Se pudéssemos ir ao fundo do mar, na fossa de Mindanao e também ao largo das Ilhas Cocos-Keeling, tenho quase certeza de que encontraríamos intensas atividades de mineração.

Compreendi então o seu desejo de anonimato.

— Mas como se poderia trabalhar em metais no fundo do mar?

— Como seria a tecnologia que eles desenvolveram? Nós próprios possuímos uma série de técnicas que à primeira vista pareceriam impossíveis numa pressão atmosférica de cinco quilos por dois e meio centímetros quadrados. Existem também muitas coisas improváveis que podemos fazer debaixo da água.

— Mas com uma pressão de várias toneladas e numa escuridão permanente...

Phyllis interrompeu-me com a firmeza com que sempre me avisa que devo parar de argumentar e esperar.

— Dr. Bocker — disse ela — mencionou expressamente duas fossas submarinas. Por quê?

— Porque me parece ser a única explicação razoável no que diz respeito a essas duas concentrações. Talvez seja, como o Sr. Holmes disse certa vez ao ilustre homônimo do seu marido, um erro capital teorizar antes de se ter os dados do problema, mas acho também que não podemos fugir das informações que possuímos. Não conheço nada nem posso imaginar nada que seja capaz de produzir os efeitos descritos pelo Dr. Matet a não ser uma máquina incrivelmente potente para a ejeção contínua de partículas não aproveitadas.

Cansado de ser perseguido pelo fantasma do assistente de Sherlock Holmes, objetei firmemente:

-— Mas se a coloração das correntes está sendo causada por atividades de mineração, como sugeriu, por que os elementos en-

contrados são provenientes do limo e não de grãos de rocha?

— Primeiro porque seria necessário remover uma grande camada de limo antes de se chegar à rocha, onde devem existir ricos depósitos de minérios. Depois porque o limo é mais leve e subiria à superfície, enquanto os grãos de rocha, sendo mais pesados, tenderiam a cair muito antes de chegar à superfície, por menores que fossem.

Antes que eu pudesse insistir, Phyllis interrompeu-me outra vez.

— E as outras áreas de concentração, Doutor? Por que mencionou apenas estas duas?

— Não estou querendo dizer que nas outras não estejam ocorrendo também atividades de mineração. Mas suspeito que, pela localização destas duas, o trabalho ali desenvolvido deve ter outros objetivos.

— Como...? — estimulou-o Phyllis, com uma expressão bem feminina.

— Comunicações, por exemplo. Um dos momentos em que a coloração das correntes atlânticas começa a se manifestar é próximo à Fossa Romanche. Trata-se de uma garganta entre as montanhas submersas da Cordilheira Atlântica. Mas, se verificarmos que constitui a única ligação profunda entre as bacias submersas do norte e do sul do Atlântico, não mais podemos estranhar os sinais de atividades ali verificados. Na verdade, a impressão que tenho é que os seres nas profundezas não se mostram satisfeitos com as condições encontradas no local. Provavelmente a garganta está bloqueada em diversos pontos pela queda de rochas, em alguns trechos deve ser estreita e de difícil acesso. Se se pretende aproveitá-la, é claro que uma das primeiras providências seria remover todo o limo e as pedras caídas, até chegar a uma camada mais sólida. É evidente que não sei o que está acontecendo nessa fossa estratégica, faço apenas suposições. Mas me parece fora de dúvida que os seres alienígenas devem estar preocupados em melhorar as condições do meio ambiente no fundo do mar... exatamente como nós fizemos na superfície da terra.

Ficamos em silêncio durante algum tempo, pensando no significado da teoria e suas implicações. Phyllis foi a primeira a se recuperar:

— E as duas outras áreas de concentração das bolas de fogo nas Antilhas e a oeste da Guatemala?

O Dr. Bocker ofereceu-nos cigarros e acendeu um para si.

— Nunca haviam pensado que, para os seres das profundezas, um túnel ligando os dois oceanos ofereceria as mesmas vantagens que obtemos com o Canal do Panamá?

As pessoas podem dizer o que quiserem sobre Bocker, mas ninguém pode afirmar que suas idéias eram mesquinhas e frívolas. E um fato permanece inalterado: até agora ninguém conseguiu desmenti-las. Acho que seu grande problema sempre foi apresentar suas teorias de forma tão grandiosa que as pessoas sentiam a maior dificuldade em digeri-las. Até comigo isso ocorreu naquele momento, embora já estivesse acostumado a aceitar teorias de grande porte. Mas esta foi uma reflexão que fiz depois. No auge da entrevista, minha preocupação era convencer-me de que ele realmente acreditava em tudo o que dizia. E a única coisa que encontrei para negar foi a minha própria resistência em aceitar.

Antes de irmos embora, ele forneceu-nos mais uma informação em que pensarmos.

— Como estão acompanhando de perto os acontecimentos, creio que já ouviram falar nas duas bombas atômicas perdidas?

Confirmamos que sim, que sabíamos do caso.

— E já sabiam que ocorreu ontem uma explosão atômica não patrocinada por nenhum país?

— Não sabíamos não. Foi uma das bombas atômicas perdidas? — indagou Phyllis.

— Gostaria de ter certeza de que era, porque não me agradaria pensar ao contrário. Mas o que é estranho é que uma das bombas se perdeu perto das Ilhas Aleutas e a outra na fossa de Mindanao... e a explosão ocorreu não muito longe de Guam, a cerca de dois mil quilômetros de Mindanao.

FASE 2

Saímos de casa bem cedo na manhã seguinte. O carro já estava pronto e estacionado diante da porta, por isso saímos pouco depois de cinco horas, tencionando percorrer a maior distância possível das estradas do sul da Inglaterra antes que o tráfego se tornasse mais intenso. Eram quatrocentos e vinte e oito quilômetros até a porta do chalé que Phyllis comprara com o pequeno legado que recebera de sua tia Helen.

Eu era favorável a um chalé a pouca distância de Londres, num raio de menos de sessenta quilômetros, mas era a tia de

Phyllis que íamos homenagear e com o dinheiro de Phyllis. Assim, tornamo-nos proprietários do Chalé Rosa, em Penllyn, na Cornualha, telefone Navasgan 333. Era um chalé de pedra de cinco cômodos construído numa encosta cheia de urzes, com um telhado sem beiral, à maneira típica da Cornualha. À nossa frente corria o rio Helford e mais adiante o Lizard desaguava no mar. À noite podíamos ver o brilho do farol. À esquerda podíamos ver a costa escarpada a se estender do outro lado da baía de Falmouth. Se subíssemos uns cem metros pela encosta que protegia a nossa casa dos ventos de sudoeste, poderíamos ver as ilhas Scilly em mar aberto e o Atlântico se estendendo a perder de vista mais alem. Estávamos a dez quilômetros de Falmouth, doze de Ilelston e cento e cinqüenta metros acima do nível do mar.

Usávamos o chalé de uma forma quase migratória. Quando acumulávamos uma boa quantia de comissões e tínhamos idéias suficientes em estoque, íamos para a Cornualha passar algumas semanas como reclusos, escrevendo em paz e sossego tudo o que nos aprouvesse. Voltávamos depois para Londres, negociávamos os nossos artigos, renovávamos as relações profissionais, arrumávamos outras tarefas comissionadas e ficávamos aguardando o apelo e a necessidade de voltarmos à Cornualha. Às vezes simplesmente declarávamos um feriado e íamos para o nosso refúgio.

Naquela manhã consegui percorrer um bom caminho antes de tirar a cabeça de Phyllis do meu ombro, acordá-la e dizer que estava na hora do café. Ainda não eram oito horas. Paramos num bar à beira da estrada e, enquanto ela terminava de acordar para pedirmos o café, fui comprar os jornais. Quando voltei, Phyllis já despertara por completo e atacava um prato de cereais. Entregueilhe um dos jornais que comprara e comecei a ler o outro. A principal manchete de ambos era um desastre marítimo. Como o navio era japonês, a impressão que se tinha era de que quase nada acontecera no mundo no dia anterior.

Olhei para a notícia que havia embaixo da fotografia do navio. Movido apenas por um interesse humano, comecei a ler os fatos. O navio que afundara era um vapor de passageiros, o Yatsushiro, que ia de Nagasaki para Amboina, nas Molucas. Das setecentas pessoas que havia a bordo somente cinco tinham sobrevivido.

Antes que eu pudesse chegar ao fim da história, Phyllis interrompeu-me com uma exclamação abafada. Olhei-a. No seu jornal não havia fotografia do navio, substituída na primeira página por um mapa da área em que afundara. Phyllis examinava atentamen-

te o local marcado com um X.

— O que foi? — indaguei.

Ela pôs o dedo no mapa e disse:

— Se bem me recordo e partindo do princípio de que o sujeito que fez o mapa era consciencioso, o local do afundamento não fica perto da nossa velha amiga, a fossa de Mindanao?

Olhei para o mapa, procurando lembrar-me da configuração do relevo oceânico na área.

— Não pode ser muito longe — admiti finalmente.

Concentrei-me outra vez em meu jornal e li o relato com mais atenção. Dizia que as mulheres gritavam, que saíam em pânico de suas cabinas de camisola, que apavoradas se agarravam aos filhos, que a morte se abatera silenciosamente sobre o navio adormecido. Por baixo do jargão lacrimoso usado pelos redatores ingleses para descreverem um desastre marítimo, quase nada havia em termos de informação — tão pouco, aliás, que a princípio fiquei surpreso por dois jornais grandes terem estampado a notícia em manchete, ao invés de se limitarem a uma notícia de poucas linhas. Só então percebi o mistério que havia atrás daquelas frases melodramáticas: o Yatsushiro, sem nenhum aviso prévio e aparentemente sem razão alguma, afundara subitamente como uma pedra.

Obtive mais tarde uma cópia do telegrama enviado de Tóquio sobre o desastre. Em sua sobriedade, era muito mais aterrador e dramático que as frases chorosas sobre as mulheres abraçadas a seus filhos. Não houvera inclusive muito tempo para isso. Depois de fornecer as informações concernentes, sobre a hora, o local, etc., a mensagem concluía laconicamente: "Fazia bom tempo, não houve colisão, não houve explosão. A causa é desconhecida. O navio afundou menos de um minuto depois de soar o alarme. Os proprietários do navio disseram abre aspas é impossível fecha aspas."

Quase não houve, portanto, tempo para gritos desesperados. As infortunadas mulheres e homens japoneses tiveram tempo apenas de acordar e se indagarem, ainda tontos de sono, o que estava acontecendo . Logo depois a água veio sufocá-los. Não houve gritos, apenas algumas borbulhas enquanto afundavam rapidamente, prisioneiros daquele túmulo de dezenove mil toneladas de aço.

Quando acabei a leitura, voltei a olhar para Phyllis. Ela me encarava por cima da mesa, o queixo apoiado nas mãos cruzadas. Durante algum tempo ficamos assim, em silêncio. Foi ela quem o rompeu:

— Diz aqui no meu jornal que foi em uma das áreas mais

profundas do Oceano Pacífico. Será que já começou, Mike, tão cedo assim?

Hesitei.

— É difícil dizer. Muito do que dizem aqui é inventado. Não podemos ter certeza se o navio realmente levou apenas um minuto para afundar. Acho melhor aguardarmos antes de fazer qualquer julgamento. Vamos esperar para ler o Times amanhã e sabermos o que aconteceu de fato... se é que alguém sabe.

Continuamos a viagem, a uma velocidade agora menor nas estradas movimentadas, almoçando no mesmo hotelzinho de sempre em Dartmoor e chegando ao nosso chalé na Cornualha no fim da tarde. Estávamos com sono e com fome e, embora me lembre de ter telefonado para Londres e pedido que nos remetessem todos os recortes sobre o afundamento, o desastre do Yatsushiro parecia-nos tão remoto quanto o naufrágio do Titanic.

O Times noticiou o naufrágio na manhã seguinte de forma bem cautelosa, dando a impressão de que os seus redatores não tinham praticamente informação alguma e assim não queriam enganar os seus leitores. Mas os recortes que nos chegaram no dia seguinte não se mostravam tão comedidos assim. Dividimos o bolo de recortes e lemos tudo detidamente. Ainda havia poucas informações e os comentários apegavam-se também a poucos fatos.

— Agora os jornais estão falando muito pouco nas criancinhas — observei. — O que não é de surpreender, tendo em vista a possível reação dos anunciantes.

Phyllis interrompeu-me com frieza.

— Mike, o que aconteceu não foi nenhuma brincadeira. Afinal, um navio grande afundou e cerca de setecentas pessoas morreram afogadas. E isso é terrível. A noite passada sonhei que estava fechada dentro de uma das cabinas, subitamente invadida pelas águas...

— Ontem...

Parei de falar a tempo. Ia comentar que Phyllis despejara, no dia anterior, uma chaleira de água fervendo num formigueiro, matando assim muito mais do que setecentas formigas. Era melhor não estabelecer a comparação. E emendei:

— Ontem, uma porção de pessoas morreram em desastres rodoviários. E muitas outras vão morrer hoje.

— Não vejo o que uma coisa tem a ver com a outra.

Ela estava certa, a emenda saíra pior do que o soneto. De qualquer forma, porém, não era a ocasião para falar de uma ame-

aça que encarava a raça humana assim como nós encarávamos as formigas .

— Como raça — declarei — acostumamo-nos à idéia de que a maneira conveniente de morrer é na cama, na velhice. É uma completa ilusão. O fim normal de todas as criaturas surge repentinamente. O...

Mas esta também não era a observação adequada a fazer na ocasião. Phyllis retirou-se da sala, em seus passos firmes e curtos.

Fiquei sentido. Estava também preocupado, mas reagia de forma diferente.

Mais tarde fui encontrá-la na sala de estar, olhando perdida pela janela. Lá fora, o mar azul se estendia até o horizonte.

— Mike, sinto muito o que aconteceu hoje de manhã. O naufrágio deste navio japonês deixou-me profundamente abalada. Até agora era um mistério apenas, uma espécie de quebra-cabeça. É evidente que foi uma tragédia a perda do batiscópio com Wiseman e Trant, assim como a de todos os navios de guerra com seus tripulantes. Mas o que aconteceu agora faz as coisas ficarem totalmente diferentes. Afundaram um navio grande, de passageiros, repleto de homens, mulheres e crianças inofensivos, dormindo tranqüilamente, mortos em poucos segundos no meio da noite! As coisas agora mudaram, entende? Quando se trata de marinheiros, a coisa é diferente. São profissionais, assumindo o risco inerente ao seu trabalho. Mas os japoneses que morreram nada tinham a ver com o caso. Faz-me sentir que os seres que estão nas profundezas do oceano são terrivelmente reais, embora até agora os encarasse apenas como uma hipótese aceitável. Não gosto disso, Mike. De repente estou com medo, sem saber por quê.

Fui até à janela e abracei-a.

— Entendo muito bem o que está sentindo. Acho que faz parte do processo... e o que temos a fazer é impedir que nos domine.

Ela virou-se e indagou, aturdida:

— Como assim?

— O que você está sentindo é parte do processo que estamos sofrendo, de reação instintiva. A idéia de uma inteligência extraterrena em nosso planeta é intolerável, por isso temos que odiá-la e temê-la. E nada podemos fazer quanto a isso. Os nossos medos nunca são racionais.

— Está querendo dizer que não me sentiria assim se soubesse que o navio foi afundado pelos chineses ou outro povo qualquer?

— Responda você mesma.

— Não sei, não consigo pensar direito...

— Quanto a mim, posso dizer que estaria fervendo de indignação. Se eu soubesse quem foi o autor de golpe tão baixo, teria pelo menos a noção de como e por que, de gente definida em quem descarregar a minha raiva. Mas, do jeito que foi, tenho uma noção muito vaga de quem foi, não possuo a menor idéia de como foi e sinto um calafrio na espinha ao pensar no porquê.

Phyllis apertou minha mão com força.

— Fico satisfeita em ouvi-lo, Mike. Estava-me sentindo muito solitária esta manhã.

— Minha capa protetora, querida, não está aqui para deixá-la desamparada. Somente eu é que fico.

Phyllis encarou-me por alguns segundos e observou, com todo um sentido implícito que ainda não estou certo de ter compreendido plenamente:

— Não me esquecerei disso.

Seguiu-se um mês dos mais agradáveis, nós dois completamente absorvidos por nossas tarefas. Phyllis pesquisava para fazer um ensaio sobre fatos desconhecidos a respeito do escritor inglês William Beckford. Eu, de minha parte, entregava-me a tarefas menos literárias, procurando escrever uma série de histórias sobre os amores reais, com o título provisório de "O Coração dos Reis" ou então "Cupido Usa uma Coroa".

O mundo exterior não vinha perturbar-nos em nosso refúgio. Phyllis acabou o ensaio sobre Beckford, escreveu dois outros e depois retomou o trabalho em sua novela, que parecia interminável. Prossegui incansavelmente na tarefa de descrever os amores reais, sem contaminá-los com a política, escrevendo um ou dois artigos nos intervalos, para descontrair-me um pouco. Nos dias em que fazia um tempo tão bom que achávamos um crime desperdiçá-lo, íamos para a praia tomar banho de mar ou alugávamos um veleiro. Os jornais esqueceram por completo a tragédia do Yatsushiro. O mar profundo e as especulações a seu respeito pareciam muito distantes...

E foi então, numa quarta-feira à noite, no jornal de nove horas, que o locutor anunciou em tom solene que o Queen Anne naufragara em alto mar...

A notícia era breve. Apenas a informação sobre o naufrágio e depois um adendo:

— Ainda não existem mais detalhes a respeito, mas receia-se

que o número de vítimas seja bem elevado...

O locutor fez uma pausa de quinze segundos e depois recomeçou:

— O Queen Anne, atual detentor do recorde de travessia do Atlântico, era um navio que deslocava noventa mil toneladas. Foi construído...

Inclinei-me um pouco e desliguei. Olhei para Phyllis, em silêncio. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e ela passou a língua nos lábios secos.

— O Queen Anne? Não, meu Deus, não!

Ela pegou um lenço e levou-o aos olhos.

— Ó, Mike, aquele navio tão maravilhoso!

Sentei-me ao seu lado e abracei-a. Sabia que ela estava vendo o navio naquele instante como na última vez em que o visitara, ao sair de Southampton. Um navio que pode ser considerado uma obra de arte e uma criatura viva, animado e alegre, reluzindo ao sol, deslocando-se serenamente em direção ao alto mar, deixando atrás de si um rebanho de rebocadores a apitar. Eu sabia que dentro de poucos minutos minha esposa estaria, em sua imaginação, a bordo do Queen Anne, jantando em seu fabuloso restaurante, dançando no salão de festas, contemplando o mar da amurada, vendo-o de repente começar a afundar, sentindo o que os passageiros deviam ter sentido. Apertei-a fortemente, emocionado.

E naquele momento dei graças a Deus por não ter uma imaginação tão ativa, por ser mais simples, menos emotivo.

Meia hora depois o telefone tocou. Reconheci a voz com alguma surpresa.

— Olá, Freddy. O que aconteceu?

Nove e meia da noite, perdido e em férias num chalé na Cornualha, não era uma ocasião das mais propícias para se receber um telefonema do diretor de jornalismo da E.B.C.

— Estava com receio de que tivesse saído. Ouviu as notícias?

— Ouvi.

— Bem, o que queremos é que escreva alguma coisa, imediatamente, sobre esta ameaça das profundezas do oceano que tanto investigou. Vamos fazer um programa de meia hora.

— Mas a última coisa que me mandaram foi esquecer tudo isso...

— As coisas mudaram inteiramente, Mike. Agora tem que fazê-lo. Não queremos que seja sensacionalista, mas precisa ser convincente. Faça o público acreditar que existe realmente alguma

coisa no fundo do mar.

— Escute aqui, Freddy, se isto é alguma brincadeira...

— Não é não. É um serviço que lhe estamos entregando... e dos mais urgentes.

— Está certo. Mas gostaria de lembrar que há mais de um ano que me consideram um bobalhão que continua a dar ouvidos às teorias de um maluco. E agora você liga para mim a esta hora da noite, quando pode muito bem estar em alguma festa e fazendo uma pilhéria, e diz que...

— Não estou numa festa. Estou no escritório e vou passar aqui a noite inteira.

— Acho melhor explicar o que está acontecendo.

— Está certo. Correm rumores de que foram os russos que afundaram o Queen Anne. Alguém lançou o boato poucos minutos depois de recebermos a notícia. Por que eles fariam isso, ninguém sabe nem tem uma explicação razoável, mas acho que você compreende como as pessoas reagem quando estão emocionalmente tensas: engolem tudo sem a menor dificuldade. Tenho a impressão de que os rumores estão sendo espalhados pelo pessoal da demonstração de força para manter o respeito do inimigo, querendo agora aproveitar a oportunidade a qualquer custo. De qualquer forma, porém, precisamos fazer com que cessem. Caso contrário, farão pressão suficiente para obrigar o Governo a agir ou pelo menos a enviar um ultimato. Portanto, temos que impedir que a pressão aumente. E o jeito é recorrer à sua história da ameaça nas profundezas do oceano. Os jornais de amanhã vão dizer que foi isso, o Almirantado aceita participar da história, vários cientistas já se comprometeram a apoiar, o próximo jornal da B.B.C. e também o nosso vão insinuar que foi isso o que aconteceu. Os americanos também vão contribuir, anunciando que os seres das profundezas é que foram os responsáveis pelo naufrágio. Portanto, se você quer contribuir para que as bombas atômicas não despenquem sobre as nossas cabeças, comece a escrever sua história imediatamente.

Na manhã seguinte, de comum acordo, Phyllis e eu resolvemos voltar para Londres. A primeira coisa que fizemos, ao chegarmos ao nosso apartamento, foi ligar o rádio. Foi bem a tempo de ouvirmos a notícia do afundamento do porta-aviões Meritorious e do navio de passageiros Carib Princess.

O Meritorious afundou no meio do Atlântico, mil e trezentos quilômetros a sudoeste das Ilhas de Cabo Verde. O Carib Princess

afundou a menos de quarenta quilômetros de Santiago de Cuba. Ambos afundaram em dois ou três minutos, quase não havendo sobreviventes. É difícil dizer se foram os ingleses que ficaram mais chocados com a perda de sua nova unidade naval ou se os americanos com um dos melhores liners que já singrara os mares, com a sua carga habitual de gente rica e bonita. Os dois povos já haviam ficado atordoados com a perda do Queen Anne, pois havia um orgulho comum pelos feitos da poderosa comunidade do Atlântico Norte. Agora, a linguagem com que manifestavam seu ressentimento diferia, mas os dois pareciam com um homem que recebera um soco pelas costas no meio de uma multidão e agora, de punhos cerrados, procurava furiosamente o atacante.

A reação americana foi mais extrema e imediata. Apesar do violento nervosismo diante da possibilidade de haver o dedo dos russos no naufrágio, muitos americanos acharam a idéia da ameaça do fundo do mar mais aceitável que os ingleses. E logo surgiu nos Estados Unidos um clamor para uma ação drástica e urgente, provocando reação idêntica na Inglaterra. Os americanos decidiram agir, lançando bombas de profundidade na fossa de Cayman, perto do local em que naufragara o Carib Princess. Era evidente que não podiam esperar grandes resultados do bombardeio a esmo de uma fossa com oitenta quilômetros de largura e quase setecentos de comprimento.

A expedição de revide foi amplamente divulgada nos dois lados do Atlântico. Os cidadãos americanos sentirem-se orgulhosos por suas forças navais estarem na dianteira das medidas de represália. Os cidadãos ingleses, embora insatisfeitos por verem o seu governo inativo, sem tomar decisões rápidas apesar da perda de dois grandes navios, decidiram aplaudir calorosamente a expedição americana, inclusive para demonstrar a censura implícita aos seus líderes. A frota de dez navios destacada para a missão carregava diversas bombas de profundidade de alto poder explosivo, construídas especialmente para a ocasião, além de duas bombas atômicas. Partiu da Baía de Chesapeake em meio a uma aclamação tão delirante que abafou por completo os protestos de Cuba diante da perspectiva de bombas atômicas lançadas à sua porta.

Ninguém que tenha ouvido a transmissão feita diretamente de bordo de um dos navios da força-tarefa há de esquecer os acontecimentos. O locutor tranqüilamente descrevia a marcha dos navios, ao se aproximarem do alvo escolhido, quando parou de falar subitamente, no meio de uma frase. E logo depois disse nervo-

samente:

— Parece que alguma coisa está acontecendo... Meu Deus! Ele explodiu!

Ouviu-se então o estrondo da explosão. O locutor começou a gaguejar, de forma incoerente, ouvindo-se logo outra explosão. Um estrépito, o som de gente correndo e gritando, as sirenas gemendo desesperadamente, e o locutor voltou a falar, ofegante, com a voz trêmula, rápido.

— Aquela explosão que ouviram, a primeira, foi o destróier Cavort. Desapareceu por completo. A segunda foi a fragata Redwood. Também desapareceu. A fragata transportava uma das duas bombas atômicas da força-tarefa. A bomba afundou com ela. Foi construída para explodir sob pressão, a oito quilômetros de profundidade...

"Os outros navios da força-tarefa estão-se dispersando a toda velocidade, afastando-se da área de perigo. Teremos alguns minutos para escapar. Não sei dizer quantos, pois ninguém aqui sabe informar. Bem poucos, achamos todos. Cada navio está usando a força máxima de suas máquinas para afastar-se da área perigosa antes da explosão da bomba. O convés treme sob nossos pés. Estamos a toda velocidade... Todo mundo está olhando para o local em que a fragata Redwood afundou... Ei! Alguém aí sabe quanto tempo aquela bomba leva para afundar oito quilômetros?... Mas que diabo! Alguém deve saber... Estamo-nos afastando, indo para longe... Os outros navios também, todo mundo está-se afastando o mais depressa possível... Alguém sabe qual é o alcance do repuxo a ser feito pela explosão atômica?... Mas que inferno, será que ninguém sabe de nada por aqui? Continuamos a nos afastar, cada vez mais para longe... Talvez consigamos... Só gostaria de saber qual a distância do repuxo... Mas talvez... talvez... Vamos, andem mais depressa com este navio... Dêem o máximo que ele puder, pelo amor de Deus... Arrebentem com ele, mas façam-no andar mais depressa...

"Já se passaram cinco minutos depois que a fragata Redwood afundou... Quanto será que a bomba afundou em cinco minutos?... Pelo amor de Deus, será que ninguém vai dizer-me quanto tempo esta maldita bomba leva para afundar até o momento da explosão?

"Continuamos a nos afastar... cada vez mais... a toda velocidade para salvar nossas peles... já devemos estar agora além da área de repuxo... talvez tenhamos uma chance... continuamos a ir... a toda velocidade... todo mundo está olhando para a popa...

olhando e esperando... e continuamos a nos afastar, cada vez mais longe... como é que uma bomba pode levar tanto tempo assim para afundar?... Mas graças a Deus que está levando... já se passaram sete minutos agora... nada ainda... continuamos... os outros navios deixam atrás de si uma esteira branca... ainda nada... talvez a bomba fosse uma droga... ou quem sabe o mar aqui não tem oito quilômetros de profundidade?... Por que será que ninguém nos quer dizer quanto tempo leva?... Já devemos ter passado agora da zona de perigo. .. alguns dos outros navios são agora apenas pequenos pontos pretos a distância... continuamos a nos afastar... a toda velocidade... devemos ter uma chance agora... acho que realmente temos uma chance de escapar... todo mundo continua olhando para a popa... Não, meu Deus! O mar inteiro...

Neste momento a transmissão foi interrompida.

Mas o locutor sobreviveu. Seu navio e mais cinco, da força-tarefa de dez, conseguiram escapar, um pouco radioativos mas ilesos quanto ao resto. E ouvi dizer que, depois do tratamento a que foi submetido, foi asperamente censurado pela direção da emissora por ter-se utilizado de uma linguagem excessivamente coloquial que ofendera milhares de ouvintes, indignados com a quebra repetidas vezes do vocabulário tradicional dos locutores.

Foi neste dia que cessaram todas as discussões e não houve mais necessidade de nenhuma propaganda. Dois dos quatro navios perdidos na tragédia da fossa Cayman haviam naufragado em conseqüência dos efeitos da bomba atômica. Mas o fim dos outros dois fora inequívoco, amplamente divulgado, acabando de uma vez com os céticos e cautelosos. Não havia mais dúvida de que alguma coisa, altamente perigosa, se ocultava nas profundezas do oceano.

A onda de alarme espalhou-se rapidamente pelo mundo. Os próprios russos superaram a sua discrição nacional e admitiram que haviam perdido três navios: um cargueiro e um navio de guerra não especificado, ao largo das Ilhas Kurils, e um navio de pesquisa a leste de Kamchatka. Por isso, anunciaram que desejavam cooperar com as outras potências mundiais, a fim de acabarem com aquela ameaça à paz mundial.

No dia seguinte o governo britânico propôs que se realizasse em Londres uma Conferência Naval Internacional, a fim de serem examinadas as medidas práticas preliminares. A disposição de alguns países em discutir o local do encontro foi rapidamente sufocada pela opinião pública mundial. A conferência foi iniciada em Westminster, três dias depois da proposta oficial. No que di-

zia respeito à Inglaterra, a pressa era justificável. Nestes três dias haviam-se cancelado praticamente todas as passagens marítimas e os aviões estavam superlotados, exigindo inclusive vôos extras. O Governo imediatamente baixara severas restrições sobre a venda de gasolina e outros combustíveis, iniciando um sistema de racionamento para preservar o funcionamento dos serviços essenciais.

No dia anterior ao início da conferência Phyllis e eu fomos almoçar juntos.

— Devia ver o movimento nas lojas de Oxford Street — comentou ela. — É um verdadeiro pânico de compra! Principalmente de agasalhos. As pessoas estão pagando o dobro do preço e brigando desesperadamente por produtos que na semana passada não aceitariam nem de graça.

— Pelo que me contaram, o ambiente na Bolsa também está agitado. Quem quiser comprar o controle de uma companhia de navegação, precisa gastar apenas algumas libras. Mas uma única ação de uma empresa aérea está custando uma fortuna. Estão oferecendo ações dos setores de aço e de borracha a qualquer preço. Já o setor de plásticos está subindo. Parece que as únicas ações estáveis são as das cervejarias.

— Vi um casal carregando dois sacos, um de feijão e outro de café, para um Rolls-Royce, em Piccadilly. E vi também...

Phyllis parou de falar subitamente, como se só então tivesse entendido o que eu dissera, perguntando então, com a mesma expressão que usa para tratar do orçamento doméstico:

— Você se livrou daquelas ações de tia Mary daquela empresa agrícola da Jamaica?

— E já há algum tempo — tranqüilizei-a. — Por mais estranho que possa parecer, apliquei o dinheiro em empresas aéreas e no setor de plásticos.

Ela fez um gesto de aprovação, como se fosse autora das instruções a respeito. Depois se lembrou de outra coisa:

— E quanto às credenciais de imprensa para a conferência que começa amanhã?

— Nenhum jornalista será admitido na conferência propriamente dita. Eles farão uma declaração conjunta ao final do encontro.

— Não vão deixar ninguém entrar? Como querem então que façamos o nosso trabalho?

Quando Phyllis se referiu ao "nosso trabalho", as palavras já não possuíam mais o mesmo significado de uma semana antes.

Em verdade, a nossa tarefa mudara inteiramente. Já não se tratava mais de persuadir o público da existência de uma ameaça invisível. Tínhamos é que procurar manter alto o moral do povo, diante de uma ameaça que todos agora aceitavam até um ponto de quase pânico. A E.B.C. lançou um programa especial sobre o assunto, apresentando-nos como correspondentes especiais. Não sabíamos como isso acontecera, porque Phyllis nunca trabalhara na E.B.C. e eu largara a empresa, tecnicamente, dois anos antes. Mas ninguém parecia perceber isso, a não ser o departamento de contabilidade, que nos pagava por matéria em vez de um salário fixo mensal. De qualquer forma, contudo, não poderíamos apresentar nenhuma novidade, se ficássemos limitados como os outros jornalistas às notas oficiais, sem acesso direto às fontes de informações. Phyllis ainda meditava a respeito do assunto quando me retirei, voltando para o escritório que oficialmente não me pertencia na E.B.C.

Nos dias que se seguiram fizemos o melhor possível para apresentar ao público a imagem de homens segurando com firmeza o leme de comando e de cientistas, que haviam criado o radar e outras maravilhas, afirmando que logo encontrariam uma solução.

— Precisamos apenas de um pouco de tempo para pensar e inventaremos os equipamentos necessários para dar cabo à ameaça — diziam os homens da ciência.

Por toda parte reinava a sensação de que a confiança estava sendo restaurada.

Mas o principal fator de estabilização emocional do público derivou de uma divergência surgida em uma das comissões técnicas.

Todos haviam concordado em que uma das medidas urgentes era o aperfeiçoamento de uma arma com as mesmas características de um torpedo, com o objetivo de proporcionar escolta aos navios, já que se supunha que os ataques provinham de armas parecidas com minas submersas. Aprovou-se uma moção: todos os países deveriam prestar as informações necessárias para a construção deste tipo de arma.

Mas os delegados russos apresentaram uma série de objeções. Ressaltaram, é claro, que o controle remoto de mísseis era uma invenção russa. Afirmaram depois que os cientistas soviéticos, dedicados à luta pela paz mundial, haviam desenvolvido o controle remoto â um grau muito mais adiantado que a ciência capitalista do Ocidente. Em assim sendo, não se devia esperar que os russos revelassem suas descobertas aos provocadores de guerras

capitalistas.

O porta-voz ocidental declarou que respeitava o zelo na luta pela paz e o fervor com que esta era travada em todos os setores da ciência soviética (exceto, é claro, o de guerra bacteriológica), mas queria lembrar que aquela era uma conferência de todos os povos, face a um perigo comum que só podia ser enfrentado através da plena cooperação mundial.

O delegado russo respondeu francamente que duvidava muito de que o Ocidente partilhasse com o povo soviético o conhecimento do controle remoto de um míssil submerso, se a invenção fosse dos técnicos capitalistas em vez dos russos.

O porta-voz ocidental declarou então que, como o Ocidente convocara a reunião com o objetivo de promover a cooperação mundial diante da ameaça comum, não podia deixar de revelar que os seus cientistas já haviam aperfeiçoado também o sistema ao qual o delegado russo se referira.

Depois de consultas apressadas, o delegado russo afirmou que, a ser verdade a declaração capitalista, o processo só poderia ter sido obtido graças a um trabalho de espionagem. E como as duas coisas — uma afirmativa mentirosa ou a admissão de um trabalho de espionagem bem sucedido — demonstravam muito bem o desinteresse capitalista pelos altos objetivos da reunião, aos russos não restava outra alternativa que retirar-se da conferência.

Esta atitude, com a sua tranqüilizante nota de normalidade, exerceu uma influência decisiva na opinião pública, acalmando-a.

Mas, entre a satisfação geral e a confiança restaurada, uma voz se ergueu quase sozinha para discordar, a de Bocker. Era um pouco tarde, declarou ele, mas talvez não tarde demais, para se fazer uma tentativa de contato pacífico com os seres que se haviam estabelecido no fundo do mar. Eles já haviam demonstrado possuir uma tecnologia igual ou até mesmo superior à nossa. Num prazo bem curto, o que era alarmante, haviam conseguido fixar-se no fundo do mar e construir as armas necessárias à sua defesa. Diante disso, era justificável que se encarasse seu poderio com respeito e até mesmo com apreensão.

Afirmou que as características do meio ambiente em que se desenvolviam tornavam improváveis que os interesses humanos e os daquelas inteligências xenomarinhas viessem de fato a se opor. Antes que se criasse uma situação irreversível, deviam envidar-se todos os esforços para estabelecer contato, a fim de promover um compromisso que permitisse às duas raças conviverem pacifica-

mente, cada uma em sua esfera de ação distinta.

Era uma sugestão das mais sensíveis — embora fosse duvidoso que a tentativa alcançasse o resultado desejado. Entretanto, como não havia a menor disposição para se chegar a qualquer acordo, o apelo passou praticamente despercebido, a não ser pelo aproveitamento por parte dos jornais da expressão "xenomarinha".

— Acho que estão mais preocupados com o dicionário do que com a gravidade da situação — comentou Bocker, com alguma amargura. — Mas, se gostam de palavras gregas, posso oferecer muitas outras como sugestão... Cassandra, por exemplo.

Como a confirmar as palavras de Bocker, ocorreram dois fatos a que não se deu inicialmente a importância devida. O primeiro foi em Safira e o segundo na Ilha Abril.

Safira, uma pequena ilha brasileira do Atlântico, fica um pouco ao sul da linha do Equador e a cerca de seiscentos quilômetros a sudeste da ilha maior de Fernando de Noronha. Naquele local isolado, vivia uma população de aproximadamente cem pessoas, em condições primitivas, dependendo quase que totalmente dos seus próprios meios de subsistência, satisfeita com este estado de coisas e pouco interessada no resto do mundo. Dizia-se que os habitantes originais eram um pequeno grupo que ali chegara no século XVIII, quando naufragara o navio em que viajava, sendo obrigado então a permanecer na ilha, por força das circunstâncias. Quando finalmente foram descobertos, muito tempo depois, já se haviam fixado na ilha e não mais quiseram sair. Tempos depois, sem muito pensarem a respeito nem se preocuparem, deixaram de ser súditos de Portugal e tornaram-se tecnicamente cidadãos brasileiros. Mantiveram uma ligação simbólica com a pátria adotiva, que se resumia quase que exclusivamente a um navio que ali aportava de seis em seis meses para efetuar algum intercâmbio comercial.

Normalmente o navio visitante precisava apenas tocar o apito para que os habitantes da ilha saíssem correndo de suas cabanas, embarcando em seus poucos barcos de pesca para formarem um comitê de recepção, do qual só não participavam os enfermos e as crianças de colo. Mas daquela vez, no entanto, o lamento do apito ecoou em vão pela pequena baía e fez apenas espantar as aves marinhas. Nenhum safirense apareceu na porta de sua cabana. O navio apitou outra vez...

A costa de Safira é um pouco acidentada, mas mesmo assim o navio pôde aproximar-se o suficiente para que se enxergasse a

aldeia. Mas não havia o menor sinaldos habitantes. E, o que era mais terrível, das chaminés das cabanas não saía fumaça alguma.

O comandante do navio ordenou que se baixasse um escaler e alguns marinheiros remassem até a terra, com o imediato no comando do pequeno grupo. Eles remaram rapidamente e logo alcançaram o pequeno cais. Permaneceram juntos, um pouco assustados diante do silêncio reinante. O único som eram das aves marinhas e das ondas arrebentando-se no cais.

— Devem ter ido embora, todos eles, pois os botes desapareceram — disse um dos marinheiros, já nervoso.

O imediato nada disse, mas abriu a boca e desferiu um berro alto, como se tivesse mais confiança em seus pulmões que no apito do navio,

Ficaram aguardando uma resposta, mas o único som novo que ouviram foi o eco do berro do imediato no outro lado da baía.

— É melhor darmos uma olhada — sugeriu finalmente o imediato.

O nervosismo que dominara o grupo fez com que todos permanecessem juntos, seguindo atrás do imediato. Aproximaram-se de uma das cabanas de pedra em que os safirenses moravam. A porta estava entreaberta. Entraram.

O cheiro era terrível, em decorrência de algumas postas de peixe podre em diversos pratos colocados à mesa. Quanto ao mais, a cabana estava limpa e arrumada, pelos padrões locais. Não havia o menor indício de desordem nem de que haviam saído dali às pressas. Nos outros cômodos, as camas estavam prontas para se dormir. Os ocupantes deviam ter ido embora há poucas horas, a se julgar pelo peixe nos pratos e pelas cinzas ainda quentes da lareira.

Na segunda e na terceira cabanas havia a mesma impressão de ausência não premeditada. Na quarta encontraram um bebê morto em seu berço. Os marinheiros voltaram ao navio, aturdidos e amedrontados.

Entraram em contato, pelo rádio, com o Rio, que sugeriu então que examinassem minuciosamente a ilha inteira. A tripulação iniciou a tarefa com alguma relutância, os homens procurando manter-se agrupados. Mas, como nada encontrassem de pavoroso, aos poucos foram ganhando confiança.

No segundo dia descobriram um grupo de quatro mulheres e seis crianças escondido em duas cavernas numa colina. Estavam todos mortos há algumas semanas, aparentemente de fome. Ao fim do terceiro dia de busca, o comandante do navio convenceu-se

de que, se algum sobrevivente havia, se devia estar escondendo deliberadamente. Foi só então que, comparando-se as observações recolhidas na ilha, verificou-se que só restavam uma dúzia de ovelhas e duas ou três dúzias de cabras, dos rebanhos de muitas centenas que existiam antes.

Assim, a tripulação tratou de enterrar os corpos encontrados, enviou pelo rádio um relatório completo ao Rio e pôs-se ao mar, deixando Safira e os animais sobreviventes entregues aos cuidados das aves marinhas.

Algum tempo depois as agências noticiosas transmitiram um relato do acontecimento ao mundo inteiro. Alguns jornais publicaram a notícia em poucas linhas, mas ninguém deu a importância devida nem se preocupou em investigar o assunto mais a fundo.

O caso da Ilha Abril foi pouco diferente e talvez permanecesse ignorado por muito tempo, se não fosse a coincidência do interesse simultâneo das autoridades pelo lugar.

Um grupo de descontentes javaneses, descritos de várias maneiras, como contrabandistas, terroristas, comunistas, patriotas fanáticos, bandidos ou simplesmente rebeldes, há algum tempo vinha agindo no país, em grande escala. Há anos que as autoridades perseguiam os rebeldes, sem ter a menor idéia de onde se refugiavam. Foi então que um informante revelou que eles se haviam apoderado da Ilha Abril e lá estavam refugiados. O governo ordenou imediatamente uma expedição para capturá-los.

A fim de diminuir o risco de pessoas inocentes, mantidas como reféns, saírem feridas, decidiu-se que a expedição se aproximaria da ilha durante a noite. À luz das estrelas, a canhoneira foi atracar numa baía pouco usada, escondida da aldeia principal por um promontório. Um grupo bem armado, acompanhado pelo informante que servia como guia, desembarcou então, com a missão de tomar a aldeia de surpresa. A canhoneira afastou-se e ficou escondida na ponta do promontório, aguardando que o grupo que desembarcara a chamasse para dominar a situação.

Haviam calculado que o grupo levaria quarenta e cinco minutos para cruzar o istmo e depois mais uns dez ou quinze minutos para postar-se em torno da vila, em posições estratégicas. Assim, foi com preocupação e surpresa que os homens a bordo ouviram, menos de quarenta minutos depois do desembarque, os disparos insistentes de armas automáticas.

Perdido o elemento surpresa, o comandante ordenou que a canhoneira avançasse a toda velocidade. Neste momento o som

dos tiros foi abafado por uma explosão forte que ficou ecoando pela noite. A tripulação da canhoneira se entreolhou perplexa: o grupo que desembarcara carregava apenas rifles automáticos e granadas de mão, nada que pudesse provocar uma explosão como aquela. Houve silêncio durante alguns segundos, depois recomeçou o matraquear dos rifles automáticos. Desta vez continuou por mais tempo, em rajadas intermitentes, até silenciar definitivamente depois de outra explosão.

A canhoneira contornou o promontório. Na escuridão da noite era inteiramente impossível descobrir o que estava acontecendo na aldeia, a três quilômetros de distância. Viu-se então um brilho qualquer a distância, logo seguido de outro, voltando-se a ouvir o som de disparos. A canhoneira, prosseguindo em seu caminho a toda velocidade, acendeu os holofotes. A aldeia e as árvores ao seu redor subitamente adquiriram vida. Mas entre as casas não se via ninguém. O único sinal de movimento eram algumas borbulhas na água, a poucos metros da praia. Alguns tripulantes afirmaram depois que viram uma forma escura e ondulada desaparecer na água à direita da canhoneira.

Chegando o mais perto possível da praia, a canhoneira fez a reversão dos motores e ficou ali, à espreita. Os holofotes vasculharam as cabanas e as árvores ao redor da aldeia. Todas as coisas iluminadas pelo feixe de luz pareciam dotadas de um estranho brilho. No convés, os homens acompanhavam atentamente o feixe de luz com os dedos prontos no gatilho. Os holofotes deram mais algumas voltas pela aldeia e depois se detiveram, iluminando algumas submetralhadoras abandonadas na areia, bem perto da água.

Uma voz forte chamou os homens que haviam desembarcado menos de uma hora antes. Não houve resposta. Os holofotes recomeçaram a busca, intrometendo-se por entre as cabanas, tentando devassar o mato mais além. Mas nada se movia. Os holofotes voltaram a iluminar a praia e se detiveram em cima das armas abandonadas. O silêncio parecia adensar-se.

O comandante não permitiu que ninguém desembarcasse até o dia clarear. A canhoneira ancorou ali mesmo e ficou esperando. Durante o resto da noite os holofotes vasculharam a aldeia, que parecia um cenário preparado no qual os atores surgiriam a qualquer momento. Só que não apareceram.

De manhã, um grupo de cinco homens fortemente armados, sob o comando do primeiro-oficial remou cautelosamente até a praia, sob a cobertura dos canhões do navio. Desembarcaram per-

to das armas abandonadas e recolheram-nas para examiná-las. Todas elas pareciam cobertas por uma fina camada de limo. Os homens colocaram-nas no bote e lavaram as mãos para remover o limo.

Em quatro pontos a praia estava marcada por sulcos largos que iam da beira da água até as cabanas. Tinham cerca de dois metros e meio de largura e eram abaulados. A profundidade no meio do sulco era de cerca de quinze centímetros. Nas extremidades a areia estava um pouco acima do nível da praia. A julgar por aquela trilha, concluiu o primeiro-oficial, deviam ter puxado uma caldeira redonda pela praia. Examinando os sulcos mais atentamente, concluir que um deles indubitavelmente seguia na direção do mar, enquanto que os outros três indicavam claramente que os objetos que por ali haviam passado, o que quer que fossem, haviam emergido do oceano. Esta descoberta fez com que voltasse a examinar a aldeia, mais cautelosamente do que antes. Ao fazê-lo, viu que o brilho estranho observado à luz dos faróis continuava a existir à luz do sol. Ficou contemplando a aldeia e o mato ao redor, preocupado e cauteloso, durante alguns minutos. Depois sacudiu os ombros e resolveu avançar, ajeitando a coronha da submetralhadora no ombro. E lentamente, olhando para a esquerda e para a direita, à espreita do menor movimento, foi conduzindo seus homens em direção à aldeia.

A aldeia era formada por diversas cabanas, de tamanhos diversos, dispostas em semicírculo em torno de uma clareira. Quando chegaram mais perto, tornou-se evidente a razão do estranho brilho que haviam observado. O chão, as próprias cabanas e as árvores ao redor estavam cobertas por uma fina camada de limo, igual à que haviam encontrado nas armas.

O grupo prosseguiu lentamente, até chegar ao meio da clareira. E ali ficou parado, cada homem olhando para fora da aldeia, examinando atentamente cada palmo de terreno. Não havia o menor ruído, nenhum movimento, a não ser o farfalhar de algumas folhas de palmeiras agitadas suavemente pela brisa da manhã. Os homens começaram a respirar mais calmamente.

O primeiro-oficial afastou os olhos das cabanas e examinou o chão ao seu redor. Uma porção de fragmentos de metal estava espalhada pelo chão. Quase todos eram arredondados e, sem exceção, cobertos pela mesma camada de limo. Curioso, revirou um com a ponta da bota mas o fragmento nada significava para ele. Levantou os olhos outra vez para as cabanas e decidiu-se pela maior.

— Vamos revistar aquela.

Toda a parte da frente rebrilhava com o limo pegajoso. Empurrou a porta destrancada com um pontapé e foi o primeiro a entrar. Quase não havia sinais de violência, a exceção de dois bancos virados a indicar que os ocupantes haviam feito uma retirada às pressas. E lá dentro não havia ninguém, vivo ou morto.

Eles saíram. O primeiro-oficial olhou para a cabana ao lado, examinando-a atentamente como se visse logo diferente. Foi então examinar a parede lateral da cabana que haviam acabado de revistar. Ela estava seca e não havia o menor sinal de limo. Ele voltou a examinar as árvores ao redor da aldeia.

— Parece que alguma coisa, colocada bem no centro da aldeia, borrifou todas as coisas por aqui com limo.

Um exame mais detalhado confirmou a idéia mas não acrescentou mais nenhuma informação.

— Mas como? — murmurou o primeiro-oficial estarrecido. — E com quê? Por quê?

— Alguma coisa veio do fundo do mar — disse um dos seus homens, olhando nervosamente para a praia.

— Algumas... três, para ser exato — corrigiu o primeiro-oficial .

Retornaram ao centro do semicírculo. Era evidente que a aldeia estava deserta e não havia muito mais coisas a descobrir naquele momento.

— Peguem alguns desses fragmentos de metal — ordenou o primeiro-oficial. — Talvez signifiquem alguma coisa para alguém.

Ele próprio foi até uma cabana, encontrou uma garrafa vazia e encheu-a com resíduos do limo, tapando-a depois.

— Isto está começando a cheirar mal, agora que o sol está mais forte — disse ele ao voltar. — Vamos embora. Nada mais há que possamos fazer aqui.

De volta à canhoneira, sugeriu que se tirassem fotografias dos sulcos na praia e mostrou ao comandante os fragmentos de metal, já limpos do limo.

— É um metal estranho. Parece chumbo, mas é muito leve. Olhando-o assim, a impressão é de que se trata de alguma liga especial. Já tinha visto algo parecido, senhor?

O comandante sacudiu a cabeça em negativa, comentando que o mundo estava cheio de ligas de metal estranhíssimas. O homem que fora fotografar os sulcos voltou logo depois e o comandante decidiu:

— Vamos apitar mais algumas vezes. Se ninguém aparecer, iremos atracar em outro local para ver se descobrimos algum habitante que nos possa contar o que aconteceu.

Duas horas depois a canhoneira aproou para uma pequena baía na costa nordeste da ilha. Havia uma aldeia parecida com a primeira, embora menor, perto da margem, formando um semicírculo em torno de uma clareira. A semelhança era desagradavelmente acentuada pela ausência de sinal de vida e por quatro sulcos largos na praia.

Um exame mais detalhado mostrou que havia pelo menos uma diferença marcante: dos quatro sulcos, dois eram de objetos que haviam saído do mar e dois dos mesmos objetos voltando para o mar. E na aldeia deserta também não havia o menor vestígio de limo.

O comandante examinou o mapa da ilha e franziu a testa, preoocupado. Apontou para outra baía e disse:

— Muito bem, vamos tentar esta aqui.

Desta vez não encontraram sulcos na praia, mas a aldeia também estava deserta. A canhoneira apitou outra vez e insistiu. Com binóculos, examinaram as redondezas. O primeiro-oficial foi quem viu:

— Há um homem naquela colina lá atrás, senhor. Está acenando para nós com a camisa ou algo parecido.

O comandante também focalizou o seu binóculo na direção indicada.

— Há mais dois ou três homens à sua esquerda.

A canhoneira apitou mais duas vezes e aproximou-se da praia. Baixaram o bote.

— Espere até eles se aproximarem — determinou o comandante. — Descubra se houve alguma epidemia ou algo parecido antes de desembarcar.

Ficou observando a cena da ponte de comando. Depois de algum tempo, oito ou nove nativos apareceram por entre as árvores, uns cem metros a leste da aldeia. Saudaram os tripulantes do bote, que se aproximou de terra. Os homens dos dois lados gesticularam e gritaram até que o bote, finalmente, atracou em terra. O primeiro-oficial fez um gesto com o braço convidando os nativos a se aproximarem. Mas eles continuaram a alguma distância da praia, junto as árvores. Finalmente o primeiro-oficial desembarcou e caminhou até o lugar em que estavam os nativos. Discutiram animadamente por algum tempo. Era evidente que os nativos recusavam com fir-

meza um convite para subirem a bordo da canhoneira. O primeiro-oficial terminou voltando sozinho para o bote.

— Qual foi o problema? — indagou o comandante assim que ele retornou.

— Eles não virão até aqui, senhor.

— O que há com eles?

— Estão bem, senhor, mas dizem que o mar não oferece a menor segurança.

— Eles podem ver que conosco não correm o menor perigo. O que estão alegando?

— Dizem que várias aldeias da costa foram atacadas e que a deles poderá sê-lo também a qualquer momento.

— Atacadas? Mas por quem?

— Talvez fosse melhor o senhor ir a terra e conversar com eles...

— Enviei um bote para que fosse buscá-los para conversarem comigo. Isso deveria ser o suficiente.

— Receio que eles não virão de jeito nenhum, senhor, a não ser a força.

O comandante franziu o cenho, impressionado. — Estão com tanto medo assim? Afinal, quem os atacou? O primeiro-oficial umedeceu os lábios, seus olhos evitaram os do comandante.

— Eles dizem, senhor, que as aldeias foram atacadas por baleias ...

O comandante o encarou, atônito.

— Eles dizem o quê?

O primeiro-oficial parecia extremamente infeliz.

— Sei que é estranho, senhor, mas é o que eles insistem em dizer. Eram baleias e lulas gigantes. Mas acho que se o senhor conversasse com eles...

A notícia sobre o misterioso acontecimento da Ilha Abril não estourou como uma bomba, como se costuma dizer nos meios jornalísticos. Coisas estranhas que ocorriam num atol que nem ao menos figurava na maioria dos atlas não podiam constituir uma notícia de maior importância. As poucas linhas com que o acontecimento foi registrado pelas agências telegráficas não chamaram a atenção de ninguém. Possivelmente o assunto teria passado despercebido se um jornalista americano que passava por Djacarta não tivesse ouvido um relato e feito uma viagem à ilha, escrevendo então uma reportagem para uma revista semanal.

Outro jornalista, lendo-a, ligou os misteriosos acontecimentos na Ilha Abril ao mistério de Safira e anunciou a nova ameaça na edição dominical de um grande jornal. Sua reportagem antecedeu de um dia o sensacional comunicado da Comissão Permanente de Ação, que trouxe o mistério das profundezas do oceano de volta às manchetes. O comunicado anunciava que numerosos navios haviam naufragado no último mês, reconhecendo que as áreas em que os naufrágios haviam ocorrido eram muito mais amplas do que os limites de perigo que até então se imaginavam. Recomendava, em conseqüência, até a criação de novas e eficientes armas de defesa, que todos os navios deviam evitar a travessia de águas profundas, mantendo-se o mais possível sobre as plataformas continentais.

Era claro que a Comissão não desferiria um golpe tão profundo na confiança que ressurgia na navegação marítima, se não possuísse razões muito fortes. Apesar disso, os armadores reagiram violentamente, acusando os membros da Comissão de alarmistas inconseqüentes e até de possuírem interesses escusos nas empresas aéreas. Disseram que, a ser seguida a recomendação, os transatlânticos teriam que seguir pela Islândia e pela Groenlândia ou então pela Baía de Biscay e pela costa africana. O comércio no Pacífico tornar-se-ia impossível e a Austrália e a Nova Zelândia ficariam isoladas. A recomendação da Comissão era um erro chocante e lamentável, mostrando também uma ausência imperdoável de senso de responsabilidade. A Comissão não poderia emitir um comunicado desse tipo sem consultar todas as partes interessadas. E concluía dizendo que, se fossem adotadas aquelas medidas ditadas pelo pânico injustificado, todo o comércio marítimo mundial iria virtualmente cessar. Uma recomendação que não podia ser executada nunca deveria ter sido dada.

A Comissão procurou defender-se. Argumentou que não fizera nenhuma determinação, apenas recomendara. Os navios deveriam evitar atravessar trechos extensos em que a profundidade fosse superior a três mil e quinhentos metros, para não se exporem desnecessariamente ao perigo.

Os armadores retrucaram asperamente, declarando que era dizer a mesma coisa que antes, em outras palavras. Publicaram em quase todos os jornais a defesa dos seus argumentos, reproduzindo mapas oceanográficos completos.

Todavia antes que a Comissão pudesse manifestar-se novamente, toda e qualquer resposta tornou-se supérflua. Dois navios

de passageiros naufragaram no mesmo dia. um no meio do Atlântico e outro no Pacífico Sul: o italiano Sabina e o alemão Vorpommern.

A notícia desses naufrágios foi anunciada às oito horas de uma noite de sábado. Os jornais de domingo aproveitaram a oportunidade e pelo menos seis criticaram violentamente a incompetência oficial, fixando a orientação que o resto da imprensa adotaria.

Na quarta-feira telefonei para Phyllis.

De vez em quando lhe acontecia, quando éramos obrigados a passar uma temporada muito longa em Londres, cansar-se subitamente das lides com o mundo civilizado e precisar de um descanso imediato. Se eu também estava livre, saíamos juntos da cidade. Mas, se algum compromisso me prendia em Londres, ela ia sozinha comungar com a natureza. De um modo geral, Phyllis sempre voltava espiritualmente renovada, uma semana depois. Desta vez, porém, a comunhão com a natureza já durava quase quinze dias e eu ainda não recebera o cartão-postal que habitualmente precedia a sua chegada de um dia, quando não chegava no dia seguinte.

O telefone no chalé tocou insistentemente durante bastante tempo. Eu já estava a pique de desistir quando Phyllis atendeu.

— Olá, querido.

— Podia ser o açougueiro ou então o fiscal do imposto de renda — repreendi-a suavemente.

— Eles teriam desistido antes. Desculpe eu demorar a atender, mas estava muito ocupada lá fora.

— Estava escavando o jardim para ver se encontra algum tesouro?

— Não. Estava fazendo um muro.

— Como? A ligação não está muito boa, acho que não entendi direito.

— Repito então, querido, estava fazendo um muro.

— Essa não.

— É uma coisa fascinante. Sabia que existem várias espécies diferentes de tijolos? E além disso...

— O que está construindo, querida? Uma casinha para guardar ferramentas?

— Não, estou fazendo apenas um muro. Li em algum lugar que nos momentos de tensão Winston Churchill gostava de fazer um muro para se acalmar. E achei que bem valeria a pena tentar uma distração que conseguia tranqüilizar o velho Churchill.

— Espero que tenha acabado com a sua tensão.

— E como! Não imagina como é repousante ir ajeitando um tijolo em cima do outro e...

— Escute, querida, os minutos são preciosos. Telefonei para avisar que é muito importante a sua vinda urgente para Londres.

— Fico feliz em saber que sente a minha falta, mas não quero deixar um trabalho pela metade e...

— Não sou eu... isto é, não sou apenas eu quem está pedindo a sua volta a Londres. A E.B.C. quer falar urgente conosco.

— Sobre o quê?

— Não sei. Eles não querem dizer, mas estão insistindo.

— E quando, querem conversar conosco?

— Freddy sugeriu que jantássemos na sexta-feira. Pode chegar até lá?

— Posso sim. Darei um jeito. Deixe-me ver... Muito bem, espere-me no trem que chega em Paddington às seis horas.

— Ótimo. Estarei à sua espera. E há também outra razão para você voltar, Phyl.

— Qual é?

— Uma cama solitária, a poeira do tempo, o amargor da vida, o...

— Mike, querido, você está ensaiando.

— E o que mais eu tinha para fazer?

Chegamos apenas vinte minutos atrasados, mas Freddy Whittier devia estar com uma sede de muitos anos pela sofreguidão com que nos levou até o bar. Desapareceu no meio da multidão que cercava o bar com uma violência calculada e emergiu poucos minutos depois com uma bandeja com duas séries de sherries duplos e simples.

— Os duplos primeiro — disse ele.

Logo sua mente voltou ao normal. Parecia-se mais com ele próprio e passou até a perceber as coisas ao redor. Chegou mesmo a notar as mãos de Phyllis, os nós dos dedos esfolados e um esparadrapo grande nas costas da mão esquerda. Ele franziu a testa e tive a impressão de que ia dizer alguma coisa, mas calou-se a tempo. Surpreendi-o então a examinar discretamente o meu rosto e as minhas mãos.

— Minha esposa — expliquei — passou alguns dias no campo. E você devia saber que esta é a temporada em que as pessoas do interior apanham a famosa febre de construção de muros.

Ele pareceu aliviado, mas sem demonstrar o menor interesse

pelo assunto.

— Quer dizer então que o velho espírito de equipe continua inalterado?

Sacudimos a cabeça, resolutos.

— Ótimo, porque tenho uma missão para os dois.

Começou então a explicar-nos de que se tratava. Um dos mais antigos anunciantes da E.B.C. achava que já se devia ter uma descrição, senão fotografias, e provas concretas sobre a natureza dos seres que habitavam as profundezas do oceano.

— Trata-se de um homem de percepção — comentei. — Há cinco ou seis anos...

— Cale-se, Mike — ordenou minha querida esposa.

— Na opinião deste anunciante — continuou Freddy — as coisas chegaram a tal ponto, que é melhor ele gastar logo de uma vez uma boa parte do seu dinheiro enquanto ainda tem algum valor, sendo maravilhoso se com isso puder obter ao mesmo tempo algumas informações valiosas. E, se se descobrir alguma coisa, ele acha que não há motivo para não tirar o proveito que puder. Assim, ele se propõe a financiar uma expedição que possa descobrir alguma coisa. É claro que será assinado um contrato e ele terá o patrocínio exclusivo. Por falar nisso, o assunto é altamente confidencial, pois não queremos que a B.B.C. também faça a mesma coisa.

— Olha, Freddy, há muitos anos que todo mundo está tentando descobrir alguma coisa, inclusive a B.B.C. O que então...

— Expedição para onde? — indagou Phyllis com um espírito muito mais prático do que o meu.

— Esta, evidentemente, foi a nossa primeira pergunta. Mas ele não sabe. Diz que Bocker é que está cuidando de tudo.

— Bocker? Mas ele não tinha virado um pária intocável ou coisa assim?

—¦ Seu prestígio recuperou-se bastante. Foi inclusive o que nosso anunciante ressaltou. Disse que, se deixássemos de lado as histórias ridículas sobre seres do espaço exterior, Bocker era então o homem que mais acertara em suas suposições. Ele então foi procurar Bocker e perguntou onde achava que as criaturas aparecidas em Safira e na Ilha Abril iriam mostrar-se em seguida. Bocker nada lhe disse, é claro, mas conversaram durante algum tempo e o anunciante terminou concordando em financiar uma expedição a ser dirigida por Bocker, para um lugar que o próprio Bocker vai escolher. E tem mais: a seleção do pessoal também fica aos cuidados de Bocker. E vocês dois podem fazer parte da equipe, com a bênção

da E.B.C. e desde que concordem.

— Ele sempre foi o meu ógrafo preferido — disse Phyllis. — Quando começamos?

— Espere um pouco — interrompi. — Era uma vez um tempo em que as viagens marítimas eram recomendadas como tratamento de saúde. Hoje, no entanto, além de não serem nada saudáveis...

— Pelo ar — explicou Freddy. — Todo mundo irá de avião. Talvez indo de barco pudessem obter mais informações sobre os seres lá de baixo, só que preferimos que possam trazer de volta tudo o que descobrirem.

Durante a noite, a intervalos irregulares, Phyllis deixava transparecer no rosto alguma preocupação. Quando chegamos a casa, eu disse:

— Olhe, se preferir não aceitar a missão...

— Ora, mas é claro que vamos. Mas será que quando Freddy falou em financiamento total, isso significava inclusive que podemos comprar roupas e outras coisas necessárias à viagem?

— Gosto do ócio... quando posso esquentar-me ao sol — comentou Phyllis.

De onde estávamos sentados, a uma mesa coberta por um guarda-sol, em frente ao Grand Hotel Britannia y la Justicia, nome absolutamente misterioso em suas origens, podíamos contemplar, ociosamente, a tranqüilidade ou a atividade. A tranqüilidade ficava à direita: era o mar de um azul intenso que refulgia ao sol por muitos e muitos quilômetros, até desaparecer na linha do horizonte. A praia, encurvando-se como um arco, terminava num promontório coberto de palmeiras, tremendo como miragens no calor tropical. O cenário não devia ser muito diferente do tempo em que a ilha fazia parte das Antilhas espanholas.

À esquerda tínhamos uma amostra de atividade, na capital e única cidade da ilha Escondida.

O nome derivava provavelmente dos piratas que deviam outrora se refugiar ali; e, apesar de todos os contratempos que ocorrem nesta região, conseguira conservar o nome e também a sua característica de antiga colônia espanhola. As casas pareciam espanholas, o temperamento dos habitantes era espanhol, a língua era mais a espanhola que a inglesa. E do lugar onde estávamos sentados, conhecido por todos como a plaza, podíamos ver a igreja do outro lado, com os stands do mercado na frente, parecendo ter saído de um livro sobre o estilo arquitetônico espanhol. A popula-

ção, no entanto, não era tão espanhola assim, indo dos brancos queimados de sol aos pretos retintos como carvão. Somente uma caixa de correio pintada de vermelho preparava o turista desavisado para a surpresa de descobrir que a cidade se chamava Smithtown — mas o próprio nome possuía uma aura romântica, ao se verificar que o Smith homenageado fora um dos piratas mais prósperos da região.

Por trás de nós e do hotel, erguia-se uma das duas montanhas que fazia Escondida subir em direção ao céu. Era como se fosse um pico inteiramente nu, com um xale de vegetação nos ombros. Entre o sopé da montanha e o mar, estendia-se uma prateleira rochosa, com a cidade abrigando-se em sua extremidade mais larga.

E era ali também que estava abrigada, há cinco semanas, a Expedição Bocker.

Bocker criara um sistema de probabilidades próprio. Depois de efetuar todas as eliminações possíveis, chegara finalmente a uma lista de dez ilhas que reuniam as maiores possibilidades de serem as próximas a sofrerem um ataque. E o fato de quatro delas estarem nas Antilhas foi decisivo para fixar o rumo que iríamos seguir.

Isso fora o máximo a que ele se arriscara pelo simples estudo dos mapas. Assim, pegamos um avião e fomos parar em Kingston, na Jamaica. E ali ficamos uma semana, em companhia de Ted Jarvey, o cinegrafista, Leslie Bray, o encarregado do som, e Muriel Flynn, uma das assistentes técnicas, enquanto Bocker e dois assistentes homens tomavam um avião cedido pelas autoridades e consideravam as atrações rivais da Grande Cayman, da Pequena Cayman, da Cayman Torta e de Escondida. O raciocínio que o levou a escolher Escondida era perfeito, por isso é que foi uma pena que, dois dias depois de termos desembarcado em Smithtown com todo o nosso equipamento, uma aldeia na Grande Cayman tenha sido escolhida para sofrer o primeiro ataque dos seres das profundezas naquela parte do mundo.

Entretanto, se ficamos desapontados, ficamos também impressionados. Era evidente que Bocker não se limitara a um trabalho de adivinhação. A proximidade do ataque mostrou que realizara uma pesquisa a sério.

O avião levou quatro de nós até lá, assim que recebemos a notícia. Infelizmente pouco pudemos descobrir. Ainda havia a marca dos sulcos na praia, mas quase indistinta pela pisada de mui-

tos pés. Dos duzentos e cinqüenta habitantes da aldeia, a maioria escapara correndo no início do ataque. Os outros haviam simplesmente desaparecido. O ataque fora realizado à noite, por isso ninguém pudera ver muita coisa. E cada sobrevivente sentia-se na obrigação de contar aos visitantes uma história de acordo com o dinheiro que lhe dessem, fazendo assim com que o mistério rapidamente se transformasse em folclore.

Bocker declarou que ficaríamos onde estávamos. Não haveria a menor vantagem em ir de um lado para o outro, pois estarmos no lugar certo na hora certa seria meramente uma questão de sorte. E Escondida, além de todas as suas características propícias a um ataque, tinha a vantagem de ser uma ilha com uma só cidade. Assim quando o ataque viesse — e tinha certeza de que viria, mais cedo ou mais tarde — seria certamente desferido contra Smithtown.

Achávamos que ele sabia o que estava fazendo, mas nas duas semanas seguintes começamos a duvidar de sua acuidade. O rádio trouxe-nos as notícias de uma dúzia de ataques — todos, à exceção de uma pequena incursão nos Açores, haviam ocorrido no Pacífico. A conclusão a que chegamos, um pouco deprimidos, é que talvez estivéssemos no hemisfério errado.

Quando falo em nós, devo admitir que me estou referindo basicamente a mim. Os outros continuavam a analisar as informações recebidas e prosseguiam impassivos em seus preparativos. Um dos pontos fundamentais é que nenhum ataque fora realizado durante o dia. Seria, portanto, da maior importância que se garantisse à cidade uma boa iluminação. Depois que o conselho municipal se convenceu de que aquilo nada lhes custaria, houve uma intensa atividade, com a instalação de refletores nas árvores, nos postes, nas casas e principalmente nas proximidades da praia. Todos os refletores estavam ligados a interruptores no quarto de Ted, no interesse das suas câmaras.

Os habitantes acharam que estávamos preparando alguma *fiesta* e o conselho municipal concluiu que éramos vítimas de uma espécie suave e inofensiva de loucura. Mas, como estávamos pagando pelo consumo extra de energia, nada tinham que objetar. A maioria de nós estava-se tornando cética quanto a toda aquela história, quando o incidente da Ilha Gallows, nas Bahamas, deixou todo o Caribe extremamente nervoso e preocupado.

Port Anne, a cidade principal de Gallows, e três aldeias costeiras foram atacadas na mesma noite. Metade da população de

Port Anne e quase todos os habitantes das três aldeias desapareceram misteriosamente. Os que sobreviveram se haviam trancado em suas casas ou fugido. Mas desta vez muitas pessoas concordavam em que haviam visto coisas —- como se fossem tanques, só que maiores do que os comuns, emergindo da água e subindo suavemente pela praia. Devido à escuridão, à confusão e à rapidez com que os sobreviventes fugiram ou se esconderam, pouco se sabia sobre o que esses tanques haviam feito a seguir. As informações a respeito eram basicamente o produto da imaginação dos sobreviventes. Um fato, porém, era inegável: dos quatro lugares atacados, mais de mil pessoas haviam desaparecido durante a noite.

Imediatamente houve uma mudança de atitude. Os habitantes de cada ilha despiram-se de sua indiferença e senso de segurança, convencendo-se de que a sua aldeia seria o cenário do próximo ataque. Armas antigas e não muito seguras foram desencavadas do fundo dos baús e limpas com esmero. Organizaram-se patrulhas e os ilhéus, pela primeira vez na vida, prestaram um serviço quase militar, com uma basófia maravilhosa. Propôs-se inclusive a criação de um sistema aéreo de defesa das ilhas.

Mas na semana seguinte não ocorreu nenhum novo ataque na região e o entusiasmo inicial aos poucos se desvaneceu. Na verdade, durante aquela semana, houve uma pausa nas atividades submarinas no mundo inteiro. A única notícia de um ataque veio das ilhas Kurils. Mas, a se julgar pela mente eslava e pelo fato de não se informar a data precisa, era de se pressupor que os russos haviam estudado cuidadosamente todos os ângulos do problema antes de revelarem ao mundo o acontecimento.

No décimo dia depois do alarme, o espírito natural de Escondida de deixar tudo para *mañana* retomara o seu domínio sobre os habitantes. Durante a noite e a *siesta* a cidade adormecia, cochilando no resto do tempo. Nós fazíamos a mesma coisa. Era difícil acreditar que a situação não continuasse a decorrer assim, imutável, por muitos e muitos anos. E, pouco a pouco, fomo-nos integrando na paisagem. Muriel começou a explorar, na maior alegria, a flora da ilha. Johnny Talton, o piloto, ficava a maior parte do tempo acordado, freqüentando um café onde uma encantadora *señorita* fazia a gentileza de lhe ensinar o dialeto da ilha. Leslie também se integrara, comprando um violão e tocando-o com freqüência em seu quarto. Phyllis e eu de vez em quando comentávamos que poderíamos escrever roteiros excelentes, se tivéssemos a energia necessária para tanto. Somente Bocker e seus dois au-

xiliares diretos, Bill Weyman e Alfred Haig, mantinham o espírito resoluto que nos animara a todos no princípio. Se o anunciante nos tivesse visto naquela ocasião, creio que teria duvidado do bom uso do seu dinheiro.

Comecei a sentir que já era demais. Era uma sensação de que o espírito anglo-saxão se estava esvaindo de mim, sendo substituído pelo espírito latino. Embora a sensação não fosse a rigor desagradável, achava que ainda não chegara a ocasião de entregar-me daquele jeito à ociosidade.

— Esse estado de coisas não pode continuar indefinidamente — disse a Phyllis. — Sugiro que devemos dar a Bocker um limite para realizar o seu fenômeno... digamos, uma semana a partir de hoje.

— É, acho que você está certo — respondeu Phyllis, com alguma relutância.

— Mas é claro que estou certo, sem a menor sombra de dúvida. Acho até que, mesmo dando outra semana, o prazo fatal vai escoar-se sem que nada aconteça.

De forma não intencional, falei em fatalidade. E não podia imaginar como em breve ela nos atingiria.

— Querida, pare de admirar a lua e venha deitar-se.

— Você não tem alma, este é o seu problema. Às vezes me pergunto por que casei com você.

Assim, levantei-me e fui ficar ao seu lado na janela.

— Não é lindo? Um navio, uma ilha, a lua em foice... Tão frágil o espetáculo, mas tão eterno... Não é maravilhoso?

Contemplamos a praça deserta, as casas adormecidas, o mar prateado mais além.

— Este é um dos espetáculos que vou guardar na memória para sempre me recordar — comentou Phyllis.

Da praia distante vinha o som plangente de um violão.

— *El amor tonto... y dulce* — murmurou Phyllis.

E de repente o desconhecido jogou o violão no chão, com estrondo.

Na praia uma voz gritou alguma coisa, ininteligível, mas com um tom de alarme. E outras vozes começaram a falar apressadamente. Uma mulher gritou apavorada. Olhamos para as casas na proximidade do pequeno porto de Escondida.

— Mike, será que...?

Phyllis interrompeu sua frase ao ouvirmos o som de tiros.

— Deve ser, Mike! Eles devem estar atacando!,

À distância, aumentava cada vez mais o som de algazarra. As janelas das casas na praça estavam-se abrindo, os habitantes se interrogando, perplexos. Um homem saiu correndo de uma casa, virou a esquina e desapareceu na rua estreita que levava para a praia. Havia agora mais gente falando, mais pessoas berrando. Ouvi mais uns três ou quatro disparos. Saí da janela e fui bater na parede que nos separava do quarto contíguo.

— Ted! — gritei. — Acorde e acenda os refletores. Lá perto do porto, homem! Acenda os refletores!

Ele já devia estar de pé quando me respondeu, pois ao voltar para a janela vi os refletores acendendo-se por toda a cidade.

Mas nada havia de incomum para se ver, apenas alguns homens correndo pela praça em direção ao porto. Bruscamente, o som de vozes que estava num crescendo interrompeu-se. Ouvi a porta do quarto de Ted batendo. Seus passos ecoaram pelo corredor ao passar diante da porta do nosso quarto. Além das casas, as vozes e os gritos recomeçaram seu estardalhaço, mais alto do que antes, como que a recuperar o curto período em que haviam cessado por completo.

— Devo agora...

Parei de falar ao verificar que Phyllis não mais estava ao meu lado. Olhei pelo quarto e descobri que ela estava fechando a porta a chave. Retomei a frase.

— Devo agora descer. Preciso ver o que está...

— Não!

Ela virou-se e ficou de costas contra a porta. Parecia um anjo severo barrando o acesso a uma estrada — só que anjos usam camisolas de algodão e não de nylon.

— Mas, Phyl, é o meu trabalho! É por isso que estamos aqui!

— Não me importo. Vamos esperar um pouco para vermos o que acontece.

Ela ficou imóvel junto à porta, a expressão de anjo severo substituída pela de garotinha rebelde. Estendi a mão. — Phyl, dê-me esta chave.

— Não!

Ela jogou então a chave pela janela e ouvi o barulho que fez ao cair nos paralelepípedos lá embaixo. Olhei-a aturdido. Não era o tipo de coisa que se pudesse esperar que ela fizesse. Pela praça, agora intensamente iluminada, as pessoas estavam correndo em direção à rua que ficava no lado oposto.

— Phyl, por favor, afaste-se desta porta. Ela sacudiu a cabeça:

— Não seja tolo, Mike. Não se esqueça de que tem um trabalho a fazer.

— É exatamente por isso que...

— Mas será que não entende? As únicas informações que possuímos são das pessoas que não correram para ver o que estava acontecendo. Só quem pode prestar alguma informação foi quem fugiu ou se escondeu.

Estava irritado com ela, mas não o bastante para que não entendesse o sentido das suas palavras. Fiz uma pausa e ela se aproveitou para acrescentar:

— Foi o que Freddy inclusive acentuou... o sentido da nossa vinda foi podermos voltar para contar o que aconteceu de fato.

— Está tudo muito bem, mas...

— Olhe lá fora!

Voltei-me para a janela e vi que as pessoas continuavam a correr pela praça na direção da rua que levava ao porto, só que não mais estavam entrando nela. Uma sólida multidão ia-se empilhando na entrada da rua. E de repente a cena anterior começou a acontecer como se alguém houvesse apertado um botão de reversão: a multidão recuou, esparramando-se pela praça. Mais homens e mulheres vieram correndo pela rua, dispersando-se pela praça.

Aproximei-me da janela para observar melhor a cena. Phyllis saiu da porta e veio ficar ao meu lado.

Localizamos Ted, com a câmara na mão, recuando também.

— O que está acontecendo? — gritei-lhe.

— Não sei, não consigo chegar até lá. Há o maior pânico naquela rua. Todos dizem que alguma coisa está vindo nesta direção. Se assim for, vou filmar da minha janela. Não conseguirei nenhuma boa cena no meia desta multidão.

Ele olhou para a praça e depois desapareceu na entrada do hotel, embaixo de nossa janela.

As pessoas continuavam a sair da rua estreita para a praça, pondo-se em disparada ao chegarem a um ponto onde havia espaço para correrem. Não ouvi mais sons de tiros, mas volta e meia irrompiam gritos assustados da extremidade da rua que levava ao porto.

Entre os que se encaminharam diretamente para o hotel vi o Dr. Bocker e o piloto, Johnny Talton. Bocker parou na entrada e gritou. Várias cabeças apareceram nas janelas. Ele olhou-as e

depois perguntou:

— Onde está Alfred?

Ninguém parecia tê-lo visto.

— Se alguém o vir, chame-o para dentro — instruiu Bocker. — O resto de vocês fique onde está. Observem o que puderem, mas não se exponham até sabermos de que se trata. Ted, mantenha os refletores acesos. Leslie...

— Já estou a caminho com o gravador portátil.

— Volte para o seu quarto., Se quiser, ponha o microfone para fora da janela, mas mantenha-se protegido. E esta é uma recomendação para todos vocês.

— Mas, Dr. Bocker, afinal o que está acontecendo?

— Não sabemos. Por isso, o melhor é ficarmos em nossos quartos até descobrirmos o que está fazendo as pessoas gritarem assim apavoradas. Onde diabo se meteu a Srta. Flynn? Ah! Muito bem, está aí. Ótimo. Fique de olho aberto, Srta. Flynn.

Ele virou-se para Johnny e disse-lhe alguma coisa que não pude ouvir. O piloto assentiu e foi para os fundos do hotel. Bocker olhou novamente para a praça e entrou no hotel, trancando a porta.

Ainda havia pessoas correndo pela praça, mas ninguém mais saía da rua estreita que levava ao porto. Os que haviam chegado ao outro lado da praça por ali ficaram, olhando para trás, perto de algum beco ou de uma porta por onde pudessem escapar em caso de necessidade. Meia dúzia de homens, com espingardas e rifles, estavam agachados nos paralelepípedos, apontando para à boca da rua. Tudo agora estava mais tranqüilo. Exceto por alguns soluços, um silêncio tenso e expectante dominava a cena. E então, à distância, tornou-se nítido um som de alguma coisa arrastando-se, um som estranho, inquietante.

A porta de uma casinha ao lado da igreja foi aberta. O padre, de batina preta, saiu para a praça. Muitas pessoas ali por perto correram em sua direção e ajoelharam-se ao seu redor. Ele estendeu os braços, como que a abranger a todas num gesto de proteção.

O barulho que vinha da rua estreita parecia o de metal se arrastando na pedra.

Três ou quatro armas dispararam de repente, quase ao mesmo tempo. Do lugar onde estávamos não dava para ver em que estavam disparando, mas vimos que dispararam outras vezes. Os homens então se levantaram e correram para a outra extremidade da praça. Lá pararam e recarregaram as armas.

Da rua estreita veio o barulho de madeira estalando e vidros e tijolos sendo arrebentados.

Vimos então o "tanque-do-mar". Era um objeto de metal, curvo e cinzento, que derrubou a parede de uma casa na passagem.

Dispararam tiros contra ele de meia dúzia de direções. As balas batiam no metal sem fazerem o menor efeito. Lentamente, pesadamente, dando a impressão de uma marcha inexorável, o tanque foi avançando, chiando em cima dos paralelepípedos. Seguia um pouco para a direita, em direção à igreja, derrubando paredes à sua passagem. Os tijolos e vigas que lhe caíam em cima se esparramavam pelos lados, sem produzirem o menor efeito.

Os tiros ricocheteavam de encontro a ele, zunindo, mas o tanque continuava firme em sua marcha, avançando pela praça a menos de cinco quilômetros por hora, maciço, quase indestrutível. Logo pudemos vê-lo por inteiro.

Imaginem um ovo alongado que foi cortado pela metade, no sentido do comprimento, a parte chata repousando no chão e a ponta mais fina apontando para a frente. Tinha cerca de dez metros de comprimento e uma cor parda, embaçada, parecida com chumbo. Era assim o "tanque-anfíbio" que vimos entrar aquela noite na praça de Smithtown.

Não podíamos ver como era impulsionado. Talvez possuísse lagartas na parte de baixo, mas parecia — e soava — que simplesmente se arrastava sobre a barriga de metal, fazendo muito barulho mas sem o menor ruído que se pudesse atribuir a um motor. Não se movia aos arrancos, como um tanque, mas também não se comportava como um carro. Deslocava-se em diagonal, um pouco inclinado, mas sempre para a frente. Logo atrás vinha outro, exatamente igual, mas deslocando-se para a esquerda, em direção ao hotel, derrubando também a casa na outra esquina da rua estreita. Um terceiro tanque arrastou-se direto até o meio da praça e ali parou.

No outro lado da praça, a multidão que se ajoelhara ao redor do padre levantou-se e saiu correndo. Mas o padre ficou onde estava, barrando o caminho da estranha máquina. A mão esquerda empunhava um crucifixo e a direita se ergueu, com a palma para a frente, os dedos abertos, como a ordenar ao "tanque-anfíbio" que parasse. A coisa continuou a mover-se, nem mais depressa nem mais devagar, à mesma velocidade, como se o padre simplesmente não existisse. Seu flanco curvo atingiu-o de leve ao passar. B então, subitamente, parou.

Poucos segundos depois, o tanque que viera em direção ao hotel também parou, aparentemente tendo chegado à posição que lhe fora determinada.

— As tropas devem fixar-se em seus objetivos na mais perfeita ordem de combate — comentou Phyllis ao meu lado. — É evidente que não se trata de mero acaso. O que irá acontecer agora?

Por quase um minuto os tanques ficaram imóveis na praça, dando a impressão de que nada iria acontecer. Mais alguns tiros foram disparados, principalmente das janelas que se abriam para a praça, todas ocupadas por uma multidão que esperava, curiosa, para ver os acontecimentos. Nenhum dos tiros fez o menor efeito nos alvos, mas havia o perigo de alguém sair machucado nos ricochetes.

— Um deles está inchando! — gritou Phyllis de repente.

Apontou para o que estava mais perto de nós. A parte superior encurvada, antes lisa de um lado ao outro, estava agora desfigurada por uma protuberância surgida bem no topo, pequena e abobadada. Era um pouco mais clara que o metal por baixo, uma substância esbranquiçada, semi-opaca, que brilhava como se fosse pegajosa, sob a luz dos refletores. E lentamente ia aumentando.

— Está acontecendo a mesma coisa nos outros — observou Phyllis.

Houve mais um tiro. A excrescência no cimo de um dos aparelhos estremeceu, mas continuou a inchar, agora mais depressa. A forma não era mais abobadada e sim esférica, ligada ao metal por um gargalo estreito, inflando como um balão e balançando-se à medida que se distendia.

— Tenho certeza de que vai estourar — disse Phyllis, apreensiva.

— Outra bolha está surgindo na parte de trás. Não, são duas. A primeira bolha não estourou. Já tinha quase um metro de diâmetro e continuava a inflar rapidamente.

— Deve estourar a qualquer momento, Mike.

Mas não estourou. Continuou a inflar até ficar com quase dois metros de diâmetro. Parou então de crescer. Parecia uma bexiga intumescida e repugnante. Estremeceu de repente, dando a impressão de ser gelatinosa, e desprendeu-se subitamente do tanque, pairando no ar com a incerteza de uma bolha de sabão.

Com uma guinada brusca, subiu a três metros acima do solo. E lá ficou vacilante, assumindo uma forma esférica quase perfeita. E foi então que alguma coisa aconteceu. Não explodiu, inclusive

porque não fez o menor ruído. A impressão que deu foi de que se abriu, como um botão que subitamente desabrocha, lançando cílios brancos em todas as direções.

A reação instintiva foi dar um pulo para trás, saindo da janela. Foi o que nós fizemos.

Quatro ou cinco cílios, como se fossem longos cordéis de um chicote, entraram pela nossa janela e caíram no chão. E quase no mesmo instante em que tocaram o chão, começaram a se contrair e recuar. Phyllis gritou, apavorada. Olhei para ela. Nem todos os cílios haviam caído no chão, um deles fora bater em seu antebraço direito. Já se estava contraindo, puxando-a em direção à janela. Ela tentou recuar. Com a outra mão, procurou tirar o cílio do braço, mas os dedos ficaram presos também.

— Mike, socorro!

O cílio puxava com toda força, parecendo tenso como a corda de um arco. Phyllis já tinha sido arrastada uns dois passos na direção da janela quando mergulhei em sua direção, como se fosse um jogador de rúgbi detendo o atacante adversário. O impulso do meu salto jogou Phyllis para o fundo do quarto. O cílio não se desprendeu, mas agora não mais estava de frente para a janela, curvando-se para o canto do quarto. Mas continuou a tentar arrastar minha esposa para fora. Deitado no chão, enfiei um joelho na perna da cama para ter uma base de apoio melhor e segurei-me a ela com todas as minhas forças. Para arrastar Phyllis, o cílio teria também que arrastar a mim e à cama. Por um momento julguei que ele o conseguiria, mas Phyllis subitamente gritou e a tensão acabou.

Empurrei-a para o lado, fora do alcance de qualquer coisa que pudesse entrar pela janela. Ela estava quase desmaiada. Em seu braço, no lugar onde estivera o cílio, uma extensão de uns dez centímetros, a pele fora arrancada, o mesmo tendo acontecido com os dedos da mão esquerda. A carne assim exposta estava começando a sangrar.

Lá fora, na praça, havia um pandemônio de gritos. Arrisquei uma olhada pela janela. A bolha que explodira não mais estava suspensa no ar. Era agora um corpo redondo, com menos de meio metro de diâmetro e irradiando cílios para todos os lados. Estava agora recolhendo os cílios, com tudo que houvessem apanhado. A tensão fazia com que estivesse suspensa a alguns centímetros do solo. Algumas das pessoas que eram arrastadas pelos cílios gritavam e se debatiam desesperadamente, outras pareciam fardos inermes de roupa suja.

A pobre Múriel Flynn estava entre elas. Estava deitada de costas, sendo arrastada pelos paralelepípédos por um dos tentáculos que se prendera em seus cabelos vermelhos. Estava bastante machucada pela queda da janela e gritava aterrorizada. Leslie também estava sendo arrastado, quase ao seu lado, mas parecia que, para a sua felicidade, quebrara o pescoço ao cair.

No outro lado da praça, vi um homem correr e tentar desvencilhar uma mulher de um tentáculo que a arrastava. Porém, quando ele tocou o cílio, sua mão ficou presa e os dois foram arrastados juntos. Ao ver a cena, dei graças a Deus por ter segurado o braço de Phyllis e não o cílio que a puxava.

À medida que o globo se contraía, os cílios brancos iam aproximando-se uns dos outros. Às pessoas que se debatiam foram encostando-se umas às outras, cada vez mais emaranhadas e incapazes de se libertarem. Pareciam moscas debatendo-se num papel gomado. A contração dos cílios era inexorável, quase em câmara lenta, o espetáculo mais horripilante a que já assisti.

Percebi então que outra bolha balouçava no ar e saí apressadamente da janela antes que desabrochasse como a anterior.

Mais três cílios entraram pela janela. Por um momento ficaram imóveis no chão como cordas brancas e depois começaram a recuar, Quando desapareceram no peitoril, inclinei-me para olhar outra vez pela janela. De vários pontos da praça havia pessoas sendo arrastadas para o centro. A primeira bolha se contraíra inteiramente, unindo todas as pessoas que arrastara numa única bola, na qual ainda se viam algumas pernas e braços agitando-se desesperadamente. Foi então que a bola se inclinou suavemente e começou a rolar pela praça em direção à rua pela qual os tanques haviam chegado.

As máquinas, ou o que quer que fossem, continuavam paradas na praça, parecendo gigantescas lesmas cinzentas, todas empenhadas na produção das bolhas repugnantes, em diversos estágios de crescimento.

Recuei outra vez quando mais uma bolha se desprendeu, mas desta vez nenhum cílio entrou em nossa janela. Inclinei-me para fora por um momento para fechar a janela. Consegui-o bem a tempo, pois mais quatro cílios chocaram-se contra o vidro, com tal violência que uma das chapas se quebrou.

Pude então atender a Phyllis. Deitei-a na cama e enfaixei seu braço com uma tira do lençol.

Lá fora os gritos continuavam, o barulho era indescritível.

Ouvi também alguns disparos.

Depois de cuidar de Phyllis, voltei a olhar pela janela. Meia dúzia de objetos redondos, parecendo fardos de algodão, rolavam lentamente pela praça em direção à rua que ia dar no porto. Voltei para junto da cama e rasguei outra tira do lençol para enfaixar os dedos de Phyllis.

Quando o estava fazendo, ouvi um som diferente do burburinho que havia na praça. Corri de volta à janela e vi um avião dando um vôo rasante. Os canhões nas asas estavam disparando e recuei prontamente. Houve uma explosão violenta e as vidraças se arrebentaram, assim como as lâmpadas. Fragmentos de alguma coisa passaram zunindo por mim e caíram por todo o quarto.

Voltei à janela. As luzes externas no nosso lado da praça estavam apagadas, por isso era difícil verificar o que estava acontecendo. Mas no outro lado da praça vi que um dos tanques começara lentamente a se mover, recuando na mesma direção em que viera. Ouvi então o aparelho aproximando-se novamente e joguei-me no chão.

Houve outra explosão, mas agora um pouco distante do hotel. Ouvi nitidamente o barulho de alguma coisa se despedaçando.

— Mike? — disse Phyllis da cama, com a voz assustada.

— Está tudo bem, querida. Estou aqui.

A lua continuava a brilhar e agora eu podia ver a cena lá embaixo mais claramente.

— O que está acontecendo?

— Eles estão indo embora. Johnny está atacando-os de avião... pelo menos penso que deve ser Johnny. Está tudo bem agora.

— Mike, meus braços estão doendo muito.

— Chamarei um médico assim que for possível, querida.

— O que era, Mike? Pegou-me com toda força. Se não fosse você...

— Descanse, querida. Está tudo acabado...

— Eu...

Ela parou no início da frase. Ouvimos o barulho do avião descendo novamente e disparando, só que desta vez não houve explosão alguma.

— Mike, há alguma coisa pegajosa... É sangue? Você está ferido?

— Não, querida. E não é sangue. Não sei o que é, mas está espalhado por toda parte.

— Você está tremendo, Mike.

— Sinto muito, querida, mas não consigo controlar-me. Phyl, querida, foi terrível... Se você visse... Muriel e os outros... E quase que você...

— Calma, calma — disse ela como se eu tivesse seis anos de idade. — Não chore, Mike, tudo já acabou.

Ela levantou-se para vir em minha direção, mas não conseguiu.

— Meus braços estão doendo muito, Mike.

— Fique deitada, querida, que vou arrumar um médico. Arrebentei a porta quebrada com uma cadeira e a violência com que o fiz aliviou um pouco a tensão que sentia.

Na manhã seguinte os remanescentes da expedição se reuniram — Bocker, Ted Jarvey e nós dois. Estávamos todos profundamente deprimidos. Johnny decolara de madrugada, levando para Kingston os filmes, as gravações e um relato dos acontecimentos que eu escrevera às pressas.

O braço direito e a mão esquerda de Phyllis estavam envoltos em ataduras. Ela estava bastante pálida, mas resistira firmemente a todos os argumentos para que permanecesse deitada. Os olhos de Bocker haviam perdido a sua vivacidade habitual. A mecha de cabelos grisalhos pendia sobre um rosto mais enrugado e marcado do que o que víramos na tarde anterior. Coxeava um pouco e andava com o auxílio de uma bengala. Ted e eu estávamos ilesos. Ele olhou em dúvida para Bocker e disse:

— Se não está agüentando, senhor, acho que o melhor é carregá-lo para fora deste lugar fedorento.

— De jeito nenhum. Alguns arranhões nada significam em comparação com o que aconteceu aqui. Vamos logo ver o que podemos fazer. Quanto mais cedo, melhor.

Levantou-se e foi o primeiro a atravessar a porta do hotel.

Os paralelepípedos da praça, os fragmentos de metal que havia por toda parte, as casas, a igreja, tudo ao nosso redor estava coberto por uma fina camada de limo. Em quase todos os quartos que davam para a praça a mesma coisa acontecia. Na noite anterior era apenas um cheiro de peixe, forte é verdade, mas agora, à medida que o sol esquentava, o cheiro que se desprendia era fétido e em pouco tempo ficaria insuportável. Caminhamos cem metros e o cheiro diminuiu. Percorremos mais cem metros e nos livramos dele, ficando entre as palmeiras à beira da praia, do outro lado da

cidade, longe do porto. Poucas vezes senti com tanta satisfação o cheiro de uma brisa marinha.

Bocker sentou-se na areia, encostado a uma palmeira. Sentamo-nos também e ficamos esperando que ele falasse. Mas por um longo tempo ele nada disse, ficando imóvel, o olhar perdido no oceano. Finalmente suspirou e murmurou:

— Alfred, Bill, Muriel, Leslie. Eu os trouxe para cá. Demonstrei muito pouca imaginação e nenhuma consideração pela segurança de todos.

Phyllis inclinou-se em sua direção.

— Não deve pensar desse jeito, Dr. Bocker. Sabe muito bem que nenhum de nós foi obrigado a vir. Ofereceu-nos a oportunidade de vir e prontamente aceitamos. Se a mesma coisa tivesse acontecido comigo, sei que Mike não o consideraria culpado. Não é mesmo, querido?

— É claro que não.

Eu sabia perfeitamente a quem iria culpar — para todo o sempre, sem nunca perdoar.

— E eu também não. Estou certa de que os outros sentiriam a mesma coisa — acrescentou Phyllis, pousando delicadamente a mão direita no braço de Bocker.

Ele olhou-a, piscando um pouco. Fechou os olhos por um momento e depois os abriu, pegando a mão de Phyllis com as duas mãos. Contemplou as ataduras em seu braço e falou:

— Está sendo muito boa comigo, minha cara.

Acariciou a mão da minha esposa por alguns segundos e depois se endireitou, começando a falar com a voz mais firme:

— Temos agora alguns resultados. Não tão conclusivos quanto esperávamos, mas pelo menos provas tangíveis do que aconteceu. Graças a Ted, a Inglaterra poderá ver agora a ameaça que temos a enfrentar. E graças também a ele é que temos o primeiro espécime.

— Espécime? — disse Phyllis. — De quê?

— Um pedaço de um daqueles tentáculos — informou Ted.

— Mas como conseguiu?

— Por pura sorte. Quando a primeira bolha explodiu, nada entrou pela minha janela. Mas vi o que estava acontecendo no resto da praça e assim peguei meu facão, deixando-o de prontidão no peitoril para o caso de alguma coisa acontecer. Quando houve a explosão seguinte, um dos tentáculos entrou pela janela e prendeu-se ao meu ombro. Peguei o facão e cortei-o, no momento

em que começava a puxar-me. O pedaço que ficou tinha uns trinta centímetros de comprimento. Caiu no chão e estremeceu algumas vezes, enroscando-se depois. Nós o despachamos para ser examinado, junto com as outras coisas que Johnny levou.

— No futuro — observei — seria aconselhável então que todos nós estejamos sempre armados de facões.

— E é bom que sejam bem afiados, pois o tal tentáculo é um bocado duro — comentou Ted.

— Se puderem encontrar outro pedaço, gostaria de que me trouxessem para examiná-lo — disse Bocker. — Decidimos que seria melhor enviar aquele para os técnicos examinarem. Há alguma coisa muito estranha nestes tentáculos. O fundamental, porém, é óbvio: sempre se contraem, retornando ao corpo central, que parece ser alguma espécie de anêmona marinha. Mas se é natural ou foi construída artificialmente obedecendo a um padrão...

Ele sacudiu os ombros e deixou a frase por concluir.

— Há outros detalhes que me preocupam. Por exemplo: por que será que se agarram somente a seres vivos, mesmo quando têm roupas por cima, deixando de lado os objetos inanimados? Gostaria também de saber por que voltam para o mar exatamente pelo caminho por que vieram, em vez de tentar alcançá-lo por outro caminho mais curto.

"A primeira questão é a mais importante, pois significa um propósito deliberado. As coisas são usadas por alguem. Mas não como armas, no sentido comum da palavra, não apenas para destruir. É como se se jogasse um laço para pegar as pessoas e aprisioná-las.

Ficamos sentados em silêncio, por algum tempo, atônitos com a observação de Bocker.

— Mas por quê? — disse Phyllis.

Bocker franziu a testa.

— Por quê! Por que todo mundo está sempre querendo descobrir uma razão? Por que os seres do espaço exterior vieram para as profundezas dos nossos oceanos? Por que não ficaram em seu planeta? E agora por que nos atacam deste jeito e não de nenhum outro? Como poderemos descobrir as respostas, enquanto não descobrirmos mais coisas a seu respeito? Do ponto de vista humano, poderia haver dois motivos. Mas isso não quer dizer que os seres de outro mundo não possuam motivos inteiramente diferentes.

— Dois motivos? — estimulou-o Phyllis, humildemente.

— Exatamente. Podem estar tentando exterminar-nos. Pelo

que podemos saber, talvez eles estejam pensando que nós temos que viver junto ao mar e assim querem pouco a pouco acabar conosco.

É muito difícil saber ao certo, pois não temos a menor idéia do que eles sabem a nosso respeito. Mas não creio que seja este o objetivo, pois não se ajusta inteiramente à tática de levar as vítimas para o mar. Os celenterados poderiam perfeitamente esmagá-las e deixá-las em terra. Assim, o outro motivo parece ajustar-se mais ao quadro: eles simplesmente acham que nós, assim como outras criaturas que vivem em terra, a julgar pelas ovelhas e cabras de Safira, somos bons para comer. Talvez até os dois motivos conjugados: muitas tribos da antigüidade possuíam o hábito de comer os inimigos.

— Quer dizer então que talvez sejamos assim como... camarões, para eles? — perguntou Phyllis, nervosamente.

— Nós, criaturas que vivemos em terra, não jogamos redes no mar e comemos tudo o que recolhemos? Por que não o processo inverso para uma criatura inteligente que vive no mar? Mas, é claro, esta é apenas uma opinião do ponto de vista humano. É sempre assim que procuramos encontrar as explicações. O problema é que todos nós lemos muitas histórias em que os invasores do espaço se comportam e pensam como os seres humanos, qualquer que seja a forma que possuam. Dessa forma, não conseguimos libertar-nos da idéia de que o seu comportamento nos deve ser compreensível. Na verdade, não há nenhuma razão para que seja e muitas para que não seja.

— Camarões... — murmurou Phyllis pensativa. — Isso é terrível, mas é possível. ..

— Vamos deixar a busca das explicações para depois — declarou Bocker bruscamente. — Talvez possamos encontrá-las, talvez não. Agora, o importante é o como: como deter os invasores, como atacá-los.

Bocker fez uma pausa. Devo confessar que continuei a pensar no porquê. Se o propósito fosse realmente aquele, Phyllis bem que poderia ter encontrado uma analogia mais agradável e digna que a de camarões.

— Os tiros de rifle — continuou Bocker — parecem não afetar os tanques anfíbios e as estranhas coisas multibraquiais... a menos que possuam pontos vulneráveis que não foram descobertos. As bombas, no entanto, podem romper as couraças. A maneira pela qual se desintegram parece indicar que já estão a um ponto

quase máximo de tensão, próximo da ruptura. Podemos deduzir que o que aconteceu na Ilha Abril foi conseqüência de um tiro de sorte ou o lançamento de uma granada de mão. Outra coisa: o que vimos a noite passada explica perfeitamente a história dos nativos sobre baleias e lulas gigantes. Os tanques anfíbios podem perfeitamente, a distância, ser tomados por baleias. Quanto às lulas, acho que não erraram muito na conclusão... as coisas que vimos são certamente aparentadas com os celenterados.

"Quanto aos tanques, a impressão é que contêm apenas massas gelatinosas ali comprimidas sob incrível pressão, embora não seja possível acreditar que exista apenas isso. Além de qualquer outra consideração, deve haver algum mecanismo que impulsione aquelas imensas carcaças. Examinei as trilhas que deixaram esta manhã. Alguns dos paralelepípédos haviam afundado e outros estavam quebrados com o peso que haviam suportado, mas não encontrei nenhum indício de que os tanques se arrastavam sobre lagartas. Acho que, no momento, nada poderemos descobrir a respeito.

"Parece que as coisas que vimos possuem inteligência de alguma espécie, embora pareça não ser muito desenvolvida... ou pelo menos não muito coordenada. De qualquer forma, porém, foi suficiente para levá-las da praia até a praça, que era o melhor local para agirem.

— Já vi muitos tanques nossos derrubarem as paredes das casas como eles fizeram — observei.

— Este é exatamente um dos indícios de coordenação deficiente — declarou Bocker. — Agora, alguém tem alguma observação a acrescentar ao que acabei de dizer?

Olhou-nos um a um, mas ninguém disse nada.

— Ninguém tem mais nada a dizer? Viram se os tiros, de alguma forma, pareceram afetar os tentáculos?

— Pelo que pude ver — disse Ted — os tiros todos erraram o alvo ou atravessaram os tentáculos sem fazer o menor efeito.

Bocker ficou em silêncio, absorto em seus pensamentos. Ouvi Phyllis então murmurar alguma coisa. — O que foi? — indaguei.

— Estava apenas dizendo celenterados tentaculares multibraquiais.

— Ahn!

Ninguém fez mais nenhum comentário. Continuamos sentados ali por muito tempo, olhando para o mar azul e de aspecto inocente.

Entre os jornais que comprei ao desembarcar no aeroporto de Londres estava o Beholder. Embora reconheça que este jornal possui alguns méritos e é até bastante respeitado em vários círculos, sempre deu-me a sensação de estar mais interessado em divulgar seus preconceitos que análises profundas dos acontecimentos. Talvez fosse um jornal que só deveria ir para as bancas no dia seguinte. A descoberta, naquela edição que comprei, de um artigo intitulado O DR. BOCKER ATACA NOVAMENTE nada fez para alterar minha impressão. O texto dizia o seguinte:

"Nem a coragem do Dr. Alastair Bocker em ir ao encontro do dragão submarino nem a sua perspicácia em deduzir corretamente onde iria atacar podem ser questionadas. As cenas horríveis e fantasticamente repulsivas que a E.B.C. teve o mau gosto de nos apresentar, na noite de terça-feira, fazem com que nos admiremos de que tenha havido sobreviventes na expedição e que somente quatro pessoas tenham sucumbido. Devemos cumprimentar o Dr. Bocker por ter conseguido escapar somente com um tornozelo torcido, no momento em que a meia e o sapato lhe foram arrancados, bem como a outro membro da expedição, que escapou mais milagrosamente ainda.

Mas, por mais horrível que o espetáculo tenha sido e por mais valiosas que sejam algumas observações do Dr. Bocker a respeito das contramedidas necessárias, ele está muito equivocado se pensa que isto lhe concede uma licença ilimitada para reassumir o seu papel anterior de maior alarmista do mundo.

Nossa posição, diante da sua sugestão de nos prepararmos incontinenti para combater praticamente em toda a costa ocidental do Reino Unido, é de considerá-la mais como o efeito de uma experiência angustiante num temperamento sempre afeito ao sensacionalismo do que como o resultado da análise amadurecida de uma situação.

Analisemos friamente as causas desta recomendação que objetiva a disseminar o pânico. Algumas ilhotas, todas elas, à exceção de uma, situadas nos trópicos, foram atacadas por alguma espécie de monstro submarino sobre o qual quase nada sabemos. No decurso desses ataques, algumas centenas de pessoas — um total certamente não superior ao de pessoas feridas em desastres de automóvel nas estradas inglesas em três ou quatro dias — perderam suas vidas. Trata-se de um acontecimento triste e lamentável, mas de modo algum pode servir como base para que nós, a milhares

de quilômetros do local mais próximo em que ocorreu um desastre deste tipo, comecemos a esbanjar o dinheiro dos contribuintes, cercando a nossa costa com defesas de toda espécie e patrulhas permanentes. Esta linha de argumentação nos levaria, por exemplo, a construir em Londres edifícios à prova de abalos, só porque ocorrem terremotos em Tóquio ..."

E assim por diante. Pouco restava do pobre Dr. Bocker ao final do artigo. Não lhe mostrei o jornal. Ele próprio logo saberia, porque o Beholder procurava sempre refletir a opinião mais popular em voga no país.

Pouco depois o helicóptero nos deixava no terminal no centro de Londres. Enquanto desembarcávamos, Phyllis e eu vimos os jornalistas convergindo rapidamente para o Dr. Bocker.

Mas o Dr. Bocker longe dos nossos olhos não significava o Dr. Bocker longe dos nossos pensamentos. A imprensa se dividiu entre os que eram contra e os que eram a favor. Poucos minutos depois de chegarmos ao nosso apartamento, representantes dos dois lados começaram a telefonar insistentemente para que manifestássemos uma opinião que lhes fosse favorável. Depois da quinta chamada, aproveitei um breve intervalo e liguei para a E.B.C. Informei que íamos desligar nosso telefone e perguntei se não poderiam, por gentileza, anotar os nomes das pessoas que nos procurassem telefonando para lá ao pensarem que não estávamos em casa. Eles concordaram e na manhã seguinte entregaram-me uma relação extensa. Encontrei o nome do Capitão Winters, com um telefone do Almirantado ao lado

Phyllis falou com ele. Telefonara para pedir-nos depoimentos como testemunhas da tragédia e também para revelar o último relatório de Bocker. Ele insistira em sua teoria, que já ouvíramos antes, de que os tanques anfíbios não eram dotados de inteligência, sendo controlados a distância por algum meio de comunicação desconhecido, por inteligências que estavam nas profundezas do oceano. Mas a declaração que realmente causara uma péssima impressão foi a referência aos pseudocelenterados. Winters informou:

— Ele diz que não são de fato celenterados. Afirma que não são, no sentido que damos à expressão, seres vivos. Na sua opinião, devem ser construções orgânicas artificiais, fabricadas com um propósito determinado.

Leu então boa parte do relatório de Bocker, que dizia:

"É longe de ser inconcebível a idéia de que tecidos orgânicos possam ser fabricados artificialmente, de forma semelhante à que

os químicos utilizam para produzir plásticos com uma determinada estrutura molecular. Agindo-se assim e tornando-se o artefato daí resultante sensível a um estímulo químico ou físico, é possível, pelo menos temporariamente, produzir um comportamento que dará ao observador desavisado a impressão de tratar-se realmente de um organismo vivo.

Minhas observações levam-me a sugerir que foi exatamente isto o que se fez, escolhendo-se a forma do celenterado, entre muitas outras que poderiam servir ao mesmo objetivo, pela sua simplicidade de construção. Parece provável que os tanques anfíbios sejam apenas uma variação do mesmo invento. Em outras palavras, estamos sendo atacados por mecanismos orgânicos de controle remoto ou predeterminado. Quando consideramos esta explicação à luz do controle que somos capazes de exercer sobre materiais inorgânicos, o controle remoto no caso dos mísseis teleguiados ou o controle predeterminado no caso dos torpedos, para citar dois exemplos, ela não é tão surpreendente como parece à primeira vista. Na verdade, a partir do momento em que inventarmos um processo de produzir uma forma natural sinteticamente, tenho certeza de que o seu controle a distância apresentará menos problemas que os que resolvemos para controlar os nossos mecanismos inorgânicos."

— Essa não! — disse Phyllis ao Capitão Winters. — Tenho vontade de dar umas boas palmadas no Dr. Bocker. Ele prometeu-me que, por enquanto, nada diria a respeito de sua teoria sobre os pseudocelenterados. Ele é uma espécie de *enfant terrible* nato e as palmadas lhe fariam muito bem. Espere até que eu o pegue sozinho!

— É, acho que realmente esta declaração enfraquece a posição de Bocker — concordou o Capitão Winters.

— Tenho certeza de que alguém daqui a pouco vai passá-la para a imprensa. Os jornais vão considerá-la como mais um bockerismo, todas as suas opiniões serão apresentadas como mais um golpe sensacionalista. E, assim, todo mundo voltará a ficar contra as suas recomendações. E logo agora que estávamos finalmente começando a vencer todas as resistências...

Seguiu-se uma semana terrível. Os jornais que haviam adotado a mesma posição do Beholder sobre os preparativos de defesa da costa caíram vigorosamente em cima das sugestões pseudobióticas. Os editorialistas manifestaram todo o seu sarcasmo.

Os mesmos cientistas que já antes haviam criticado Bocker foram convocados para censurá-lo ainda mais. Todos os humoristas descobriram de repente por que os seus alvos políticos não pareciam humanos.

A parte da imprensa que advogava a defesa das costas deu asas à imaginação na questão das criaturas pseudovivas, aventando a possibilidade de muitas outras espécies serem construídas, passando a exigir defesas ainda mais efetivas na proteção às populações inglesas.

Foi então que o patrocinador da expedição informou à E.B.C. que os seus colegas de diretoria haviam chegado à conclusão de que a reputação do seu produto sofreria bastante, se continuasse associada à nova onda de notoriedade e controvérsia em torno do Dr. Bocker. Propôs o cancelamento de todos os contratos. A direção da E.B.C. começou a arrancar os cabelos. Os vendedores de espaço argumentaram que qualquer publicidade era boa publicidade. O patrocinador falou em dignidade e demonstrou o receio de que a compra do seu produto pudesse significar, na mente do público, um apoio tácito às teorias de Bocker. Achava também que haveria uma reação contra o produto entre as camadas de maior poder aquisitivo, que mais repeliam as teorias de Bocker. A E.B.C. argumentou que o nome do produto e o Dr. Bocker já estavam irremediavelmente ligados na mente do público. Não haveria a menor vantagem em abandonar o barco no meio do caminho e melhor era mesmo seguir em frente, tirando o máximo proveito da verba aplicada.

O patrocinador disse que sua empresa procurara fazer uma contribuição séria ao conhecimento comum e à segurança pública, promovendo uma expedição científica e não uma aventura sensacionalista. Na noite anterior, por exemplo, um dos comediantes da própria E.B.C. sugerira que a pseudovida podia muito bem explicar um antigo mistério sobre a sua sogra. Se continuassem a permitir esse tipo de coisas, etc., etc. A E.B.C. assegurou que, no futuro, seus programas não seriam contaminados por brincadeiras dessa espécie, que isso não mais se repetiria. Ressaltou também que, se a série de programas sobre a expedição fosse interrompida, os consumidores de todos os níveis certamente ficariam com a sensação de que o patrocinador não era digno de confiança...

O pessoal da B.B.C. aproveitava todas as ocasiões em que encontrava o pessoal da E.B.C. para manifestar a sua simpatia e apoio.

O telefone não parava de tocar, trazendo sugestões e bruscas mudanças de orientação. Fizemos o melhor possível. Escrevemos e reescrevemos os roteiros diversas vezes, procurando satisfazer a todos. Duas ou três entrevistas com Bocker terminaram de forma explosiva. Ele ameaçou várias vezes largar tudo, porque era óbvio que a E.B.C. não queria deixá-lo comparecer a um programa ao vivo, insistindo em que tudo fosse gravado com antecedência.

Finalmente, porém, concluímos todos os roteiros. Estávamos muito cansados, sem a menor disposição para discutir mais o que quer que fosse. Arrumamos nossas coisas apressadamente e partimos aliviados para a paz e o isolamento da Cornualha.

A primeira coisa visível ao nos aproximarmos do nosso chalé foi uma inovação.

— Essa não! — exclamei. — A nossa sala é muito boa. Se está pensando que vou ficar sentado ali fora só porque os seus amigos elegantes...

— Aquilo — interrompeu-me Phyllis friamente — é um caramanchão.

Examinei mais atentamente. A construção era bastante incomum, uma das paredes parecia estar inclinada.

— Mas por que haveríamos de querer um caramanchão?

— Ora, um de nós pode querer trabalhar no jardim num dia quente. E o caramanchão impede que o vento fique espalhando os papéis.

— Ahn! Estou entendendo...

Em tom defensivo, Phyllis acrescentou:

— E, além do mais, quando a gente se distrai fazendo um muro, ele tem que servir para alguma coisa.

Era um alívio estar de volta. Parecia difícil acreditar que um lugar como Escondida pudesse realmente existir. Era mais difícil ainda acreditar nos tanques anfíbios e nos celenterados gigantes, pseudos ou não. Apesar disso, não consegui relaxar como imaginara.

Na manhã seguinte à nossa chegada Phyllis desencavou os originais da sua novela inacabada e freqüentemente negligenciada, levando-os para o caramanchão com uma expressão de desafio. Fiquei perambulando pela casa, surpreso porque a sensação de paz não estava fluindo em mim como esperava. O mar da Cornualha continuava, como o fazia desde tempos imemoriais, a chocar-se contra os rochedos da costa. Era de fato difícil imaginar que as

nossas praias pudessem gerar coisas monstruosas como as que eu vira nas praias antilhanas de Escondida. A distância, Bocker parecia um espírito maligno com o poder de alucinar os outros. Longe dele, o mundo me parecia mais racional, mais equilibrado. Pelo menos era o que me parecia naquele momento. E somente à medida que os dias se passaram e emergi dos meus problemas particulares e preocupações íntimas para olhar o que estava acontecendo ao meu redor é que compreendi que o mundo mudara — e bastante.

O transporte aéreo funcionava a pleno vapor, mas restrito às necessidades primárias. Verificara-se que dois aviões cargueiros, voando com mercadorias na ida e na volta, podiam transportar apenas um pouco menos que a carga média dos navios cargueiros, no mesmo espaço de tempo, embora a um custo bem mais elevado. Assim, apesar de todas as medidas de racionamento, o custo de vida aumentara em cerca de duzentos por cento.

Com o comércio internacional restrito aos produtos essenciais, meia dúzia de conferências financeiras internacionais estavam em sessão permanente. Os ânimos mostravam-se exaltados e alguns países estavam dispostos a condicionar a entrega de bens de consumo de primeira necessidade à compra também dos produtos supérfluos que fabricavam em grande quantidade. As discussões a respeito eram às vezes acaloradas.

Alguns navios ainda se lançavam ao mar profundo, as tripulações pagas a peso de ouro. Mas os prêmios de seguro da carga eram tão elevados que só compensava transportar mercadorias das quais houvesse uma necessidade premente num país.

Alguém, em algum lugar, descobrira num momento de lucidez que todos os navios afundados eram a vapor ou de motor. Houve então um surto incrível na procura de barcos a vela, de todos os tipos e tamanhos. Alguém propôs também a produção em massa de grandes veleiros, mas todo mundo achava que a emergência não iria durar muito tempo e que o investimento não valia a pena.

Nos laboratórios de todos os países marítimos trabalhava-se desesperadamente. Todas as semanas novos engenhos eram experimentados e alguns mostravam-se bastante eficientes para serem postos na linha de produção — para logo depois serem retirados, por terem demonstrado alguma falha na prática ou pelos seres das profundezas terem surgido com outro engenho que os anulasse. Apesar disso, ninguém duvidava de que os cientistas terminariam encontrando a solução certa para os nossos problemas — e talvez

a descobrissem logo amanhã.

Pelo que pude descobrir, a fé do público nos cientistas era maior do que a fé dos cientistas em si mesmos. Estavam começando a ficar oprimidos pela sua incompetência em se tornarem de fato os salvadores. Não que lhes faltassem idéias para suas invenções e sim porque careciam de informações. Simplesmente precisavam de mais dados e não tinham como obtê-los. Um cientista disse-me:

— Se você for armar uma armadilha para fantasmas, como vai fazer, especialmente se não tiver nem um fantasminha pequeno para treinar?

Os cientistas estavam dispostos a se apegar a qualquer coisa — talvez tenha sido por isso que a teoria de Bocker sobre as formas pseudobióticas mereceu a acolhida de muitos deles.

Quanto aos tanques anfíbios, os jornais não se cansavam de falar a seu respeito e volta e meia os telejornais também se referiam ao assunto, mostrando-os incansavelmente. Cenas dos filmes que fizéramos em Escondida eram sempre incluídas em nossos programas para a E.B.C. Alguns pés de filme foram gentilmente cedidos à B. B. C., para que os mostrasse em seus telejornais, com o devido crédito. A tendência a exagerar a extensão dos acontecimentos, a ponto de alarmar o público, surpreendeu-me a princípio como um clima novo, até que descobri que estava sendo estimulada por determinados setores, procurando assim afastar a opinião pública dos graves problemas internos que se multiplicavam.

Os ataques, no entanto, eram cada vez mais sérios. Desde que deixáramos Escondida que haviam ocorrido mais dez ou onze ataques só na região das Antilhas, inclusive a uma cidade em Porto Rico. Outra cidade, esta inclusive um pouco distante do mar, só não sofrera os efeitos de um ataque em grande escala por causa da ação imediata da aviação americana sediada nas Bermudas. No outro lado do mundo, as coisas estavam piores ainda. Havia informações, aparentemente fundamentadas, de diversos ataques na costa leste do Japão. Grupos de mais de doze tanques haviam atacado Hokkaido e Honshu. As informações sobre o que estava acontecendo mais ao sul, na região do Mar de Coral, não eram tão precisas, mas sabia-se de inúmeros ataques. Mindanao deu a nota mais impressionante, ao revelar que quatro ou cinco cidades costeiras haviam sido atacadas simultaneamente, por um total aproximado de sessenta tanques anfíbios.

Para os habitantes da Indonésia e das Filipinas, espalhados por incontáveis ilhas cercadas pelo mar profundo, a perspectiva

era terrível. Para os ingleses a situação era muito diferente, pois estavam no meio de uma plataforma continental, o Mar do Norte bastante raso às suas costas, sem o menor indício de anormalidade no oceano próximo. Mas lá no outro lado do mundo os rumores se espalhavam como fogo em capim seco entre os ilhéus, aumentando a cada dia o número de pessoas que fugiam em pânico da costa e se dirigiam ao interior, em busca de refúgio. Uma tendência semelhante, embora ainda não em escala de pânico, se estava verificando nas Antilhas.

Comecei a perceber que a situação era muito mais grave do que jamais pudera imaginar. As informações falavam em centenas e talvez milhares de tanques anfíbios — e os números indicavam que não se tratava de alguns ataques isolados e sim de uma verdadeira campanha bélica.

— Deviam estabelecer defesas em toda parte ou pelo menos dar ao povo os meios para se defender — comentei com Phyllis. — Não se pode preservar a economia de um país em que todos têm medo de chegar perto da praia. É preciso proporcionar às pessoas a segurança necessária para trabalharem e viverem próximas à costa.

— Ninguém sabe onde eles vão atacar a seguir. E é preciso agir rapidamente quando atacam. A única solução seria entregar armas ao povo.

— Eles deveriam entregar armas ao povo logo. O Estado não pode privar os cidadãos dos meios de se protegerem.

— Mas não é exatamente o que acontece?

— Como assim, Phyllis?

— Nunca lhe passou pela cabeça que todos os governos que clamam em alto e bom som que exercem o poder pela vontade do povo preferem correr qualquer risco a entregarem armas a este mesmo povo que dizem representar? O único povo que conheço que merece a confiança do seu governo é o suíço. E, como estão cercados de terra por todos os lados, não têm que se preocupar com esta ameaça.

Fiquei surpreso. Era o tipo de observação que Phyllis normalmente nunca faria.

— Qual é o problema, Phyl?

Ela sacudiu os ombros, desanimada.

— Nada. Só que de vez em quando fico cansada de tantas imposturas e fraudes, de aceitar passivamente que as mentiras não são mentiras, de pretender que a propaganda não é propaganda.

Nunca desejou ter nascido simplesmente na Era da Razão, em vez de viver como atualmente na Era da Razão Ostensiva? Acho que os governos vão deixar que milhares de pessoas sejam mortas por essas coisas horríveis, preferindo não se arriscar a lhes entregar as armas potentes de que precisariam para se defenderem. E terão milhões de argumentos para provar que esta é a melhor política. Que importância podem ter alguns milhares ou milhões de pessoas? As mulheres trabalharão ativamente para compensarem as perdas... Mas os governos, estes são muito importantes, não se pode correr o risco de perdê-los...

— Querida. ..

— É claro que tomarão providências simbólicas. Talvez instalem pequenas guarnições em meia dúzia de lugares importantes. A aviação permanecerá em estado de alerta, para atender prontamente ao primeiro alarme... só que os aviões sempre chegarão depois que o pior tiver acontecido, depois que homens e mulheres estiverem reunidos numa massa informe por aquelas coisas horríveis e rolando em direção ao mar, depois que jovens como a pobre Muriel forem arrastadas pelos cabelos, depois que homens forem esquartejados, como aquele pobre coitado que vimos sendo arrastado por dois tentáculos diferentes. Só então os aviões irão chegar e as autoridades, como sempre, dirão que sentem muito ter ocorrido um pequeno atraso, mas são muitas as dificuldades técnicas para que tudo funcione a contento. Não é sempre assim que as coisas acontecem, não é sempre assim que os governos enganam o povo?

— Mas, Phyl, querida...

— Sei o que vai dizer, Mike, mas é que estou realmente apavorada. E não vejo ninguém tomando a menor providência. Não estão compreendendo nada, não fazem a menor tentativa para adotar medidas efetivas contra o perigo. Os navios não estão mais singrando as regiões mais profundas do oceano. Isso é ótimo, mas quantos tanques anfíbios mais terão que atacar cidades costeiras e arrastar pessoas para o fundo do mar para que os governos se decidam a fazer alguma coisa? Eles ficam pensando nos prejuízos do comércio mundial e conferenciam interminavelmente, como se as suas conversas pudessem acabar com a ameaça. E, quando alguém como Bocker sugere que se faça alguma coisa, eles o ridicularizam e chamam-no de sensacionalista e alarmista. Quantas pessoas terão que morrer para que cheguem à conclusão de que o perigo é realmente sério?

— Mas, Phyl, você sabe que eles estão tentando...

— Estarão mesmo? Acho que estão é pesando todos os fatores. Por exemplo: qual o custo mínimo para se manter o equilíbrio político nas atuais condições? Quantas perdas o povo poderá suportar antes de começar a ficar impaciente e perigoso? Será ou não adequado decretar a lei marcial e em que medida? E assim por diante, em vez de reconhecerem as proporções do perigo e começarem a trabalhar para enfrentá-lo. Eu podia...

Ela parou subitamente de falar e sua expressão mudou.

— Desculpe, Mike. Eu não devia ter perdido o controle desse jeito. Devo estar muito cansada, tensa demais.

E afastou-se, dando a entender que não queria que a acompanhasse.

Aquela explosão deixou-me profundamente preocupado. Nunca a vira assim antes, nem quando o bebê morrera.

Na manhã seguinte nada aconteceu que pudesse tranqüilizar-me. Saí cedindo do chalé e encontrei-a sentada no ridículo caramanchão. Os dois braços estavam em cima da mesa e a cabeça entre eles, os cabelos esparramados pelas páginas da novela interminável. Ela soluçava desesperadamente.

Ergui-lhe o queixo e beijei-a.

— O que houve, querida?

Ela encarou-me, as lágrimas escorrendo pelo rosto e disse com uma voz desconsolada:

— Não consigo, Mike. Simplesmente não consigo fazer nada. Ela olhou desanimada para as páginas que escrevera. Sentei-me ao seu lado e enlacei-a:

— Não se desespere, meu anjo. Daqui a pouco...

— Não adianta, Mike. Cada vez que tento, outros pensamentos surgem em minha cabeça. Estou realmente apavorada.

— Mas não há nada com que se assustar, querida.

Ela continuava a me encarar.

— Você não está com medo também?

— Acho que estamos ficando velhos. Envolvemo-nos demais com aqueles programas e isso nos desgastou emocionalmente. Mas vamos esquecer tudo isso e tomar um banho de mar, é o melhor que temos a fazer.

Ela enxugou os olhos e disse, suavemente como sempre:

— Está certo.

Precisávamos realmente relaxar, aliviar a pressão do medo que nos dominava depois das cenas pavorosas a que assistiríamos. E assim, nas seis semanas que se seguiram, descansamos

por completo: não mexemos em nenhum roteiro de programa, desligamos o telefone, não ouvimos rádio, ela nem mesmo pensou em sua novela.

Aquelas seis semanas haviam-me viciado neste tipo de vida e certamente poderia continuar a gozá-la indefinidamente, se uma sede repentina não me houvesse levado a trinta quilômetros de distância. Cheguei a uma taverna por volta de seis horas da tarde.

Eu estava na segunda dose quando o dono ligou o rádio, para ouvir o noticiário da nossa arqui-rival, a B.B.C. A primeira notícia logo derrubou a torre de marfim que eu estivera construindo tão cuidadosamente. O locutor anunciou:

— A relação dos desaparecidos no distrito de Oviedo-Santander ainda é incompleta e as autoridades espanholas acham que nunca será possível fazer o levantamento exato. Um porta-voz oficial admitiu que a estimativa de 3.200 vítimas, incluindo homens, mulheres e crianças, é realmente modesta devendo representar apenas quinze ou vinte por cento do total real.

"Na Câmara dos Deputados, o líder da Oposição, ao apoiar os sentimentos de pesar pelo povo espanhol manifestados pelo Governo, através do Primeiro-Ministro, ressaltou que as vítimas do terceiro desta série de ataques, o que foi dirigido contra Gijon, poderiam ser em quantidade bem maior, se o povo não tivesse tomado a defesa em suas próprias mãos. O povo, disse ele, tem o direito a defender-se. E uma das atribuições do Governo é proporcionar-lhe os meios para se defender. Se um governo negligencia esta obrigação, ninguém pode culpar um povo por tomar as medidas necessárias para a sua autoproteção. Seria bem melhor, no entanto, que o povo pudesse previamente organizar a sua defesa.

"O Primeiro-Ministro replicou que a natureza das medidas a serem adotadas, caso fossem necessárias, seria determinada pela emergência, se esta viesse a ocorrer. O mar é profundo na região dos ataques, disse ele, e não nos devemos esquecer de que as Ilhas Britânicas estão no meio de um trecho relativamente raso do oceano.

O dono da taverna desligou o aparelho.

— É a mesma coisa de sempre! — disse ele, visivelmente irritado. — Fico enojado. Tratam a gente como se fôssemos meninos. Na guerra foi a mesma coisa. Fizeram a tal Guarda Nacional e a gente ficava patrulhando à noite à espera dos pára-quedistas. Só que não nos entregavam a munição, a menos que acontecesse alguma coisa. Lembro do que meu velho disse um dia: "Que diabo de

povo eles pensam que somos?"

Ofereci-lhe um drinque, disse que há muitos dias não ouvia nenhuma notícia e perguntei o que havia ocorrido nas últimas semanas. Resumindo o seu palavreado e acrescentando as informações que recebi mais tarde, um fato se apresentava de forma evidente: os ataques não mais estavam limitados aos trópicos. Em Bunbury, cento e cinqüenta quilômetros ao sul de Fremantle, na Austrália Ocidental, um contingente de cinqüenta tanques anfíbios atacara a cidade sem que houvesse tempo para se dar o alarme. Poucas semanas depois a cidade de La Serena, no Chile, também fora tomada de surpresa. Na região da América Central os ataques não mais estavam circunscritos às ilhas, havendo notícias de várias incursões, pequenas e grandes, a cidades no Continente, tanto na costa do Pacífico como no Golfo do México. No Atlântico, as Ilhas de Cabo Verde haviam sofrido diversos ataques, o perigo deslocando-se para o norte, em direção à Madeira e às Canárias. Haviam ocorrido também alguns ataques, em pequena escala, na costa continental da África.

A Europa permanecia como espectadora interessada. Na opinião dos seus habitantes, era prova de que continuava a ser o centro da estabilidade. Os furacões, os maremotos, os terremotos eram extravagâncias que só ocorriam nas regiões mais exóticas e menos sensíveis do mundo. Os estragos que a Europa sofria seriam sempre causados única e exclusivamente pelo próprio homem, em seus frenesis periódicos. Não se devia, portanto, esperar que o perigo se aproximasse mais do que até a Ilha da Madeira — no máximo até Rabat ou Casablanca .

Assim, cinco noites antes, quando os tanques anfíbios começaram lentamente a avançar pela praia na direção de Santander, encontraram uma cidade que não apenas estava despreparada para o ataque como também muito pouco informada sobre a ameaça.

Alguém telefonou para o *cuartel* informando que submarinos estrangeiros estavam invadindo o porto. Outra pessoa telefonou avisando que os submarinos estavam desembarcando tanques. E um terceiro assegurou que os submarinos eram anfíbios. Embora as informações fossem contraditórias e confusas, era certo que alguma coisa estava errada, por isso os soldados saíram para investigar.

Os tanques anfíbios continuavam em seu vagaroso avanço. Os militares haviam sido obrigados a abrir caminho por entre a

multidão que rezava nas ruas. Em diversos pontos diferentes, várias patrulhas chegaram à mesma conclusão: se se tratava de uma invasão estrangeira, seu dever era repeli-la; se fossem as forças diabólicas, a mesma ação, embora ineficiente, faria com que ficassem do lado do Bem. E assim abriram fogo.

No comissariado de polícia, um alarme atrasado e deturpado deu a impressão de que estava ocorrendo uma revolta das tropas sediadas na cidade. Como esta versão podia apoiar-se nos disparos que se começava a ouvir por toda a cidade, os policiais saíram à rua dispostos a ensinarem uma lição aos soldados.

Depois disso foi o caos, policiais e soldados se alvejando, confusão, incompreensão, exorcismo. Os tanques anfíbios atingiram suas posições e libertaram seus odiosos celenterados. Somente quando o dia clareou e os tanques anfíbios se retiraram, é que foi possível esclarecer a situação. Mas aí já era tarde e mais de duas mil pessoas estavam desaparecidas.

— Como pode ter havido tantas mortes? — indaguei surpreso. — O povo ficou parado nas ruas, rezando?

O dono da taverna declarou que, segundo o relato dos jornais, o povo realmente não compreendera o que estava acontecendo. Não eram muito instruídos nem demonstravam grande interesse pelo mundo exterior e até o primeiro celenterado espalhar seus cílios, não suspeitavam do que podia ocorrer. Houve pânico então, os mais sortudos conseguindo fugir e os outros abrigando-se nas casas próximas.

— Lá dentro não corriam o menor risco — comentei.

Mas eu estava enganado. Depois do ataque a Escondida, os tanques anfíbios pareciam ter aprendido uma ou duas coisas novas. Uma delas era puxar a parte de baixo das casas, fazendo-as desabar e pegando assim as pessoas que fugiam apavoradas do seu interior. As pessoas no interior de uma casa assim ameaçada só tinham a alternativa de fazerem uma tentativa desesperada de fuga.

Na noite seguinte, observadores situados em cidadezinhas e aldeias a oeste de Santander viram os tanques anfíbios aproximando-se da praia. Houve tempo de dar o alarme e a maioria dos habitantes conseguiu escapar. Uma unidade da força aérea espanhola estava de prontidão e entrou em ação imediatamente, disparando seus canhões. Em San Vicente, na primeira arremetida, destruíram meia dúzia de tanques anfíbios, fazendo com que os restantes parassem. Outros foram destruídos no segundo ataque e os restan-

tes recuaram para o mar. Os caças liquidaram todos, destruindo o último quando já estava submerso alguns centímetros. Nos outros quatro lugares atacados, a defesa também foi eficiente. Somente três ou quatro celenterados chegaram a ser desprendidos e menos de uma dúzia de habitantes foi apanhada. Calculava-se que cerca de cinqüenta tanques anfíbios se haviam empenhado nos ataques e que apenas quatro ou cinco conseguiram escapar. Era uma vitória expressiva e o vinho correu livremente para celebrá-la.

Na noite seguinte havia vigias ao longo de toda a costa, prontos para darem o alarme assim que a primeira carcaça cinzenta surgisse à tona d'água. Mas as ondas rolaram pela praia a noite inteira e nenhuma forma estranha apareceu. Pela manhã tornou-se evidente que os tanques anfíbios — ou os seres que os controlavam — haviam aprendido uma dolorosa lição. Os poucos que haviam escapado do ataque anterior deviam ter alertado para que procurassem costas mais desavisadas.

Durante o dia o vento começou a soprar, trazendo um nevoeiro à tarde. Quando a noite caiu, o nevoeiro era espesso, a visibilidade reduzida a poucos metros. Por volta de dez e meia os tanques anfíbios emergiram silenciosamente das águas diante de Gijon, só começando a fazer barulho quando as barrigas de metal se arrastaram nas rampas de cimento. Os pequenos barcos já recolhidos à terra foram empurrados para o lado ou esmagados à sua passagem. Foi o barulho da madeira arrebentada que levou alguns homens que estavam nas posadas da praia a irem investigar.

Pouco conseguiram ver por causa do nevoeiro. Os primeiros tanques a saírem da água desprenderam imediatamente seus celenterados e os homens foram agarrados antes que pudessem verificar o que estava acontecendo. E de repente toda a área do pequeno porto era só confusão, gritos e gemidos lancinantes. Os tanques prosseguiram em seu caminho, no meio do nevoeiro, embrenhando-se pelas ruas estreitas, destruindo e triturando os obstáculos que havia à sua frente. E mais tanques continuavam a sair do mar. Na zona do cais o pânico era a nota dominante. As pessoas que fugiam de um tanque certamente iam esbarrar em outro. Sem qualquer aviso, um cílio saía do nevoeiro, agarrava sua vítima e começava a contrair-se. Algum tempo depois se ouviria o barulho do celenterado caindo na água, com a sua carga de vítimas.

O alarme chegou ao comissariado de polícia e o agente no comando deu imediatamente um telefonema. Ouviu um pouco e desligou .

— Não há teto, não podem levantar vôo. E mesmo que pudessem, de nada adiantaria.

Determinou que distribuíssem todos os rifles e se convocassem todos os homens em condições de lutar.

— Não devem ser de muita valia, mas talvez tenhamos sorte. Mirem cuidadosamente e, se encontrarem algum ponto vulnerável, avisem imediatamente.

Enviou seus homens com poucas esperanças de que pudessem oferecer algo mais que uma resistência simbólica. Logo depois ouviu o som de disparos. De repente houve uma explosão que sacudiu as vidraças, logo seguida por outra. O telefone tocou. Uma voz excitada informou que um grupo de estivadores estava jogando bananas de dinamite e gelignite nos tanques anfíbios que vinham à frente. Outra explosão fez tremer as vidraças. O agente pensou rapidamente.

— Muito bem. Procure o líder dos estivadores e autorize-o por mim a continuar a agir assim. Enquanto isso, seus homens devem tirar as pessoas das ruas.

Desta vez os tanques anfíbios não foram repelidos com facilidade. Calculou-se que o número de tanques destruídos variou de trinta a setenta, havendo de cinqüenta a cento e cinqüenta empenhados no combate. Mas quaisquer que sejam os números exatos, o fato é que as forças empenhadas na luta eram consideráveis. A pressão só se aliviou umas duas horas antes do raiar do dia.

Quando o sol finalmente se ergueu no horizonte e dissipou o nevoeiro, iluminou uma cidade semidestruída, quase que inteiramente coberta de limo. E, apesar de algumas centenas de baixas, os habitantes sentiam que, de certa forma, haviam conquistado as honras da vitória.

O relato que o taverneiro me fez era breve, mas incluía todos os fatos principais. Ele rematou-o com a seguinte observação:

— Eles admitem que foram atacados por mais de cem tanques anfíbios em duas noites. A gente não pode esquecer também os que atacaram em outros lugares. A conclusão é que deve haver muitos milhares lá no fundo do mar. Acho que está na hora de alguém tomar alguma providência. Mas o nosso governo não faz nada, só fica dizendo que não há motivo para alarme. E vai continuar assim até que algumas centenas de pobres coitados sejam laçados por essas gelatinas voadoras. E então haverá ordens de emergência e pânico. Espere só para ver.

— Mas a Baía de Biscay é bastante profunda — observei. — É

muito mais profunda que qualquer lugar próximo da nossa costa.

— E daí?

Quando pensei nesta pergunta, compreendi que era perfeitamente razoável. A origem real do perigo estava indubitavelmente no fundo das fossas abissais e os primeiros ataques na superfície se haviam realizado nas proximidades. Na verdade, de um ponto de vista puramente mecânico, uma subida suave seria muito mais fácil que escalar uma encosta íngreme — ou não seria? Havia também o argumento de que, quanto mais fundo estivessem, menos energia os tanques anfíbios teriam que consumir para se deslocar. Por mais que pensássemos, no fundo o problema era sempre o mesmo: nós os conhecíamos muito pouco para fazer alguma profecia mais exata. O taverneiro podia estar certo, assim como qualquer outra pessoa.

Foi o que lhe disse e bebemos à esperança de que estivesse errado. Quando fui embora, o encantamento estava quebrado. Parei na cidade para enviar um telegrama a Phyllis, que fora passar alguns dias em Londres, e voltei para o chalé a fim de arrumar minhas coisas. No dia seguinte embarquei para Londres.

Para me ocupar na viagem e ficar em dia com o mundo, comprei vários jornais e revistas semanais. O assunto mais importante nos jornais era a discussão em torno da defesa da costa — a Esquerda exigia preparativos de batalha em toda a costa do Atlântico, a Direita rejeitava os gastos desnecessários ditados pelo pânico, alegando que a ameaça era uma simples quimera. Além disso, a perspectiva não se alterara muito. Os cientistas ainda não haviam inventado a panacéia (embora continuassem a testar novos engenhos), os navios continuavam atracados no porto, as fábricas de aviões funcionavam em três turnos, os operários ameaçando uma greve sob a inspiração do Partido Comunista, que erguera a bandeira que cada novo avião era um voto a favor da guerra.

Malenkov, entrevistado por telegrama, declarou que a intensificação do programa de construção de aviões no Ocidente era parte de um plano fascista-burguês que não podia enganar a ninguém. Contudo, a oposição do povo russo à guerra era tão grande, que haviam triplicado a produção de aviões dentro do Programa de Defesa da Paz da União Soviética. E como os povos das únicas e verdadeiras democracias livres estavam decididos a preservar a paz, apesar da nova ameaça imperialista, a guerra não era inevitável — embora fosse possível que uma provocação prolongada

esgotasse a paciência dos povos soviéticos.

A primeira coisa que notei, quando cheguei ao apartamento, foi uma porção de envelopes e um telegrama, possivelmente o que eu enviara, em cima do capacho, dando-me imediatamente uma impressão de abandono.

No quarto havia sinais de que Phyllis empacotara às pressas algumas roupas, na pia havia louça por lavar. Olhei para a agenda da cozinha. A última anotação tinha três dias e dizia simplesmente: "Costeletas de carneiro".

Peguei o telefone. Freddy Whittier demonstrou a maior alegria por saber que eu estava outra vez em circulação. Depois dos cumprimentos iniciais, fui logo dizendo:

— Olhe, acho que estava tão incomunicável que perdi minha esposa. Pode elucidar o mistério?

— Perdeu o quê? — indagou Freddy aturdido. — Minha esposa, Phyllis.

— Pensei que tivesse dito que perdera a esperança... Phyllis está bem, vai passar uns dois dias fora com Bocker.

— Vamos devagar, acho que este não é o jeito de dar-me a notícia. Que história é esta de passar dois dias fora com Bocker?

— Foram, para a Espanha. Estão armando algumas minas especiais por lá ou coisa assim. Por falar nisso, estamos esperando que a qualquer momento ela nos envie matéria.

— Quer dizer que ela está roubando o meu lugar?

— Não, apenas o está esquentando para você... mas há muita gente que gostaria dele. É ótimo você estar de volta.

O apartamento, sem Phyllis, era depressivo, por isso fui para o clube e fiquei lá até de madrugada.

O telefone tocando na mesinha de cabeceira despertou-me. Acendi a luz: eram cinco horas da manhã.

— Alô! — falei, com voz de sono.

Era Freddy. Meu coração deu um pulo ao reconhecer sua voz.

— Mike? Ótimo. Pegue imediatamente o chapéu e o gravador. O carro está indo buscá-lo agora mesmo.

Meu coração continuou a dar pulos.

— Carro? Não foi Phyl...

— Phyl? Ó não, claro que não. Ela está bem. Mandou sua matéria por volta de nove horas e recebeu um recado dizendo que você estava com saudades dela. Agora se apronte, meu velho. O carro já deve estar chegando ao seu apartamento.

— Mas espere... Não há nenhum gravador aqui. Phyl deve ter

levado.

— Está certo, darei um jeito de mandar um para o avião antes da decolagem.

— Avião...?

Não pude dizer mais nada, pois Freddy já desligara.

Levantei da cama e comecei a vestir-me. A campainha da porta tocou antes que eu terminasse. Era um dos motoristas da E.B.C. Perguntei-lhe se sabia o que estava acontecendo, mas tudo o que pôde dizer-me é que havia um avião fretado à minha espera em Northolt. Peguei meu passaporte e fomos embora.

No final, não precisaria do passaporte. Descobri isto ao juntar-me a um grupo sonolento de jornalistas que tomava café na sala de espera do aeroporto. Bob Humbleby era um dos que lá estavam.

— Ora, ora, chegou o lídimo representante da imprensa falada — disse alguém.

— Mas que diabo está acontecendo? Aqui estou eu, arrancado de uma cama quente e solitária, arrastado pelo meio da noite... obrigado, isto vai ajudar-me a acordar do pesadelo — falei, aceitando a xícara de café que me ofereciam.

O bom samaritano olhou-me curioso.

— Quer dizer que ainda não sabe?

— Não sei o quê?

— Os tanques anfíbios. Atacaram um lugar chamado Buncarragh, em Donegal. Um lugar bastante de acordo, na minha opinião. Devem estar sentindo-se em casa entre os duendes e espíritos que habitam por lá. Mas não tenho a menor dúvida de que os nativos certamente irão dizer que é uma injustiça o primeiro lugar da Grã-Bretanha a ser atacado pelos tanques anfíbios ter sido a Irlanda.

Era estranho encontrar o mesmo cheiro de peixe podre numa pequena aldeia irlandesa. Escondida era uma ilha exótica na qual se podia esperar que tudo acontecesse. Mas era simplesmente absurdo que a mesma coisa pudesse ocorrer por entre aquelas colinas verdes e névoas azuladas, no meio daquele grupo de casas tão típicas.

E, no entanto, os indícios estavam todos ali: a rampa de pedra ao lado do ancoradouro derrubada, os sulcos na praia, quatro casas demolidas, mulheres desesperadas que haviam visto seus homens serem arrastados pelo cílios, o mesmo limo viscoso por toda parte, o mesmo cheiro insuportável.

O ataque fora efetuado por seis tanques anfíbios. Um telefonema chamara imediatamente dois aviões de caça. Haviam destruído três tanques e os restantes haviam voltado para o mar — precedidos por metade da população da aldeia, arrastada impiedosamente pelos monstruosos tentáculos.

Na noite seguinte houve outro ataque, mais ao sul, na Baía de Galway.

Quando voltei a Londres, a operação de guerra já fora desencadeada. Não vou fazer aqui uma descrição detalhada dos acontecimentos. Os relatórios oficiais ainda podem ser encontrados com alguma facilidade, informando os fatos com mais precisão que as minhas recordações desordenadas.

Phyllis e Bocker também já haviam voltado da Espanha e eu e ela lançamo-nos prontamente ao trabalho. Só que agora a nossa tarefa era um pouco diferente, pois as notícias sobre os ataques cotidianos dos tanques anfíbios passaram a ser responsabilidade das agências noticiosas e dos correspondentes locais. Nossa função parecia ser uma espécie de ligação entre a E.B.C. e as Forças Armadas e também com Bocker — pelo menos foi isso que aconteceu na prática, pois tínhamos que informar ao público o que estava sendo feito em sua defesa.

E muito se fez. A República da Irlanda esqueceu o passado por um momento e pediu emprestada uma grande quantidade de minas, bazucas e morteiros, concordando depois em aceitar também o empréstimo de homens especializados no uso dessas armas. Ao longo da costa oeste e sul da Irlanda foram plantados campos de minas, em todos os pontos em que não havia penhascos barrando o acesso. Nas cidades costeiras mantinha-se uma permanente vigilância noturna, com homens armados de poderosas bazucas. Por toda parte havia aviões, jipes e carros blindados em estado de alerta, aguardando uma chamada de emergência.

No sudoeste da Inglaterra e na costa oeste da Escócia fizeram-se também preparativos semelhantes.

Os tanques anfíbios não pareceram ficar intimidados. Noite após noite, ao longo da costa da Irlanda, na costa da Bretanha, na Baía de Biscay, na costa atlântica portuguesa eles continuaram a atacar, em grupos grandes ou pequenos. Mas haviam perdido a sua arma mais poderosa, que era a surpresa. O tanque anfíbio líder é que geralmente dava o alarme, explodindo ao passar pelo campo minado. Quando finalmente conseguiam abrir uma passagem, os

habitantes da cidade haviam escapado e as tropas encarregadas da defesa já estavam a postos. Os tanques anfíbios que conseguiam passar pelos campos minados provocavam algum dano, mas praticamente não encontravam mais vítimas, pois todos tinham fugido a tempo. E não raro as suas perdas eram totais.

Do outro lado do Atlântico os ataques estavam praticamente restritos ao Golfo do México. As incursões na costa leste foram tão efetivamente desencorajadas que muito poucas ocorreram ao norte de Charlestown. Na costa do Pacífico americana, não houve nenhum ataque ao norte de San Diego. De um modo geral foram as Antilhas, os países banhados pelo Oceano Indico, as Filipinas e o Japão os que mais continuaram a sofrer ataques. Mas eles também, pouco a pouco, estavam aprendendo os meios de infligir pesadas perdas aos atacantes, em troca de muito pouca coisa.

Bocker, neste período, andou de um lado para o outro, tentando convencer as autoridades a incluir armadilhas entre as defesas para capturar um tanque anfíbio. Praticamente não obteve sucesso. Nenhum lugar aceitava a perspectiva de ter um tanque anfíbio aprisionado em sua praia, imóvel mas ainda capaz de lançar celenterados por um prazo desconhecido. O próprio Bocker também não sabia onde armar as armadilhas, sugerindo apenas que se construíssem várias, para ver se se pegava alguma coisa. Chegaram a escavar algumas, mas nenhum tanque anfíbio caiu nelas. Em alguns lugares os defensores foram persuadidos a não destruírem os aparelhos por acaso inutilizados ou atolados, incapazes de se moverem, prendendo-os com redes de metal. Mas esta era a parte mais fácil. Qualquer tentativa de perfurá-los resultava invariavelmente em que explodissem, espalhando limo. Muitas vezes explodiam antes da tentativa — o resultado da exposição prolongada ao sol, afirmava Bocker. Para dizer a verdade, o nosso desconhecimento sobre a natureza dos tanques anfíbios e dos celenterados era tão grande quanto na ocasião em que foram filmados em Escondida.

Foram os irlandeses que suportaram o peso maior do ataque ao norte da Europa, dirigido, segundo Bocker, de uma base numa pequena fossa ao sul de Rockall. Os irlandeses rapidamente desenvolveram uma incrível habilidade em enfrentar os tanques anfíbios, fazendo uma questão de honra impedir que nenhum escapasse. A Escócia sofreu apenas algumas pequenas incursões, nas ilhas oceânicas, não havendo vítimas. As únicas incursões à costa inglesa foram na Cornualha, todas também de pouca envergadura. Houve

uma única exceção, que foi o ataque ao Porto de Falmouth, onde alguns tanques anfíbios conseguiram passar da marca da maré alta antes de serem destruídos. Muitos haviam sido destruídos antes, por bombas de profundidade, sem terem sequer alcançado a praia.

De repente, poucos dias depois do ataque ao porto de Falmouth, os ataques cessaram. Pararam subitamente e, no que diz respeito às costas continentais, não mais foram realizados.

Uma semana depois não restava a menor dúvida de que o Baixo Comando, como alguém o apelidara, havia cancelado todas as operações. As costas continentais provaram ser difíceis de vencer e todas as tentativas fracassaram. Os tanques anfíbios passaram a atacar esporadicamente em lugares onde a resistência era menor, mas mesmo assim suas perdas eram cada vez maiores e os resultados obtidos cada vez menores.

Quinze dias depois do último ataque, foi encerrado o estado de emergência. Dois dias depois Bocker concedeu uma entrevista transmitida a todo o país, dizendo:

— Alguns de nós, embora certamente não os mais sensíveis, andam celebrando uma vitória. Sugiro que se lembrem de que, quando a fogueira dos canibais ainda não está bastante quente para ferver o caldeirão, a futura refeição pode sentir algum alívio, mas não deve pensar, no sentido geralmente aceito da expressão, que conquistou uma vitória completa. Na verdade, se não fizer alguma coisa enquanto os canibais preparam uma fogueira maior e mais eficiente, a sua situação continua tão ruim quanto antes.

"Consideremos, portanto, todos os aspectos do que alguns classificam como uma grande vitória. Nós, um povo marítimo, que construímos um poder naval que se estendeu a todos os recantos da Terra, perdemos a liberdade nos mares. Nossos navios só podem singrar em segurança as águas costeiras e os mares pouco profundos. Como poderemos saber que daqui a pouco não serão permitidos nem aí? Fomos forçados por um bloqueio marítimo, mais efetivo que qualquer experiência de guerra, a depender do transporte aéreo para obtermos inclusive os alimentos necessários à nossa subsistência. Mesmo os cientistas que estão tentando estudar as fontes dos nossos tormentos são obrigados a sair ao mar, para realizar seu trabalho, em navios a vela. Será isto uma vitória?

"Nunca poderemos saber ao certo quais os objetivos dos ataques realizados contra as cidades costeiras. Talvez estivessem tentando pescar-nos, assim como pescamos os animais que vivem no

mar, embora não seja uma idéia muito aceitável, pois há alimentos mais fáceis no mar do que em terra. Ou talvez tenha sido parte de uma tentativa maior de conquista da superfície... uma tentativa infrutífera e desavisada, é verdade, mas com um sucesso relativo maior do que o que obtivemos em nossas tentativas de atacar as fossas abissais. E, se é assim, então os responsáveis pelos ataques conhecem mais a nosso respeito do que nós sobre eles. E são, portanto, potencialmente muito mais perigosos. Provavelmente não tentarão outra vez com a mesma tática e com as mesmas armas, mas em nada do que fizemos vejo ações capazes de desencorajá-los a atacar novamente, de forma diferente e com armas diferentes.

"Portanto, creio que não devemos relaxar. Muito pelo contrário, devemos intensificar a busca de maneiras eficientes e poderosas de lançar um ataque de retaliação.

"Talvez alguém recorde que, assim que tomamos conhecimento das atividades nas profundezas dos nossos oceanos, defendi a tese de que deveríamos envidar todos os esforços para estabelecer um contato pacífico com estas inteligências submarinas. Isso não foi tentado e talvez de nada adiantasse. De qualquer forma, porém, é inegável que agora existe a situação que eu propunha evitarmos... e estamos chegando à fase de confrontação final. Duas formas de vida inteligentes acham intolerável a existência uma da outra. Acredito agora que uma tentativa de aproximação estaria fadada ao fracasso. A vida, em todas as suas formas, é uma luta permanente. Os melhores desafiam seus oponentes, os mais fortes acabam vencendo. A mais poderosa de todas as armas é a inteligência. Qualquer forma de ser inteligente tende a querer dominar e assim sobrevive por sua própria inteligência. Uma forma rival de inteligência constitui, por sua própria existência, uma ameaça ao nosso domínio. E representa, em última análise, uma ameaça de extinção.

"As observações que efetuei convenceram-me de que minha posição anterior era lamentavelmente antropomórfica. Digo agora que devemos atacar imediatamente, assim que encontrarmos os meios adequados para tal, combatendo até o total extermínio dos invasores do espaço. Estes seres, o que quer que sejam, conseguiram já expulsar-nos de seu elemento com facilidade e já estão guerreando em nosso elemento. Por enquanto, nós os fizemos recuar. Mas eles voltarão, movidos pelo mesmo impulso que nos domina: a necessidade de exterminar ou ser exterminado. E quando voltarem, se os deixarmos fazê-lo, é certo que voltarão mais bem

equipados...

"É por isso que repito: a situação atual não representa realmente uma vitória...

Na manhã seguinte esbarrei com Pendell, o encarregado de verificar as reações do público aos nossos programas. Ele lançou-me um olhar de profunda tristeza.

— Nós tentamos — disse eu na defensiva — mas o espírito de profeta da catástrofe baixou sobre ele.

— Da próxima vez em que o encontrar, poderia dizer o que penso a seu respeito? Não que ache que ele está errado, mas é que nunca vi um homem com uma capacidade tão grande de estar certo na hora errada e da maneira errada. Quando o seu nome for anunciado outra vez em nossa programação, se é que é possível que volte a acontecer, centenas de milhares de pessoas vão desligar seus aparelhos. Como um conselho de amigo, diga-lhe que comece a cultivar o pessoal da B.B.C.

Phyllis e eu almoçamos com Bocker naquele mesmo dia. Ele quis saber as reações à sua fala e delicadamente relatei as primeiras impressões que ouvira.

— A maioria dos jornais estão seguindo a mesma orientação — disse ele. — Por que fui condenado a viver numa democracia onde o voto de cada tolo vale a mesma coisa que o voto de um homem inteligente? Se toda a energia empregada na caça aos votos fosse desviada para algum trabalho útil, seríamos uma nação inigualável. Mas não, o que os jornais estão fazendo é agitar a opinião pública a favor de um corte drástico nos milhões desperdiçados com pesquisas. E isso para que o contribuinte possa comprar mais um maço de cigarros, o que significa mais espaço perdido com tabaco nos aviões. Em compensação, o governo passa a arrecadar mais e vai gastar com outras coisas que não as pesquisas de que precisamos. Enquanto isso, os navios continuam enferrujando nos portos. Não entendo mais nada. Afinal, estamos diante da maior emergência que o mundo já enfrentou...

— Mas os seres lá de baixo sofreram efetivamente uma derrota — disse Phyllis.

— Nós próprios, minha cara, temos uma longa tradição de sofrermos derrotas e depois ganharmos as guerras.

— Exatamente — disse Phyllis. — Fomos derrotados ao nos expulsarem dos mares, mas terminaremos voltando.

— A lógica...

Não deixei Bocker continuar, indagando:

— Da maneira como fala, dá a impressão de que eles são mais inteligentes do que nós. É esta realmente a sua impressão?

— Não sei como se poderia responder a esta pergunta. Minha impressão, como já expressei tantas vezes antes, é de que eles pensam de uma maneira bem diferente da nossa. Se o fazem, qualquer comparação seria impossível e a mera tentativa em nada resultaria.

— Estava falando sério quando disse que eles tentariam novamente? Isto é, estava pensando em mais alguma coisa além de impedir que percamos o interesse total pela navegação marítima?

— Foi assim que lhe pareceu? — Não, mas...

— Estava falando sério. Considerem as alternativas que eles têm. Podem ficar sentados lá no fundo do oceano, esperando que encontremos os meios para destruí-los. Ou então podem vir ao nosso encontro. A menos que encontremos logo um meio de atacá-los, eles virão até nós, de alguma maneira...

FASE 3

Embora Bocker nem o imaginasse ao enunciar sua advertência, o novo método de ataque já começara, mas levou seis meses até tornar-se patente.

Se os navios oceânicos continuassem a singrar suas rotas habituais, o acontecimento teria despertado a atenção geral mais cedo. Mas, como as travessias atlânticas só se realizavam pelo ar, os informes dos pilotos sobre um nevoeiro denso e extenso sobre a região ocidental do Atlântico passaram quase despercebidos, ninguém dando maior importância. Como a autonomia de vôo dos aviões aumentara de forma excepcional, a neblina permanente em torno de Gander, onde os aviões antes se reabasteciam para o seu pulo através do oceano, não causava a menor inconveniência.

Verificando os relatórios daquele tempo à luz do conhecimento posterior, descobri que havia notícias também de um nevoeiro a se espalhar por uma extensa área no nordeste do Pacífico. As condições de visibilidade eram péssimas na ilha japonesa de Hokkaido, ao norte. Nas ilhas Kurils, mais ao norte, ainda eram piores. Mas como há muito tempo que os navios não se atreviam a singrar o mar profundo daquela região, as informações a respeito eram escassas e poucos estavam interessados. A névoa que se espalhava pela costa da América do Sul, de Montevidéu para o norte, também pouco atraiu a atenção do público.

Muita gente notou o verão frio e enevoado da Inglaterra na-

quele ano, porém era mais com um sentimento de resignação do que de surpresa.

Na verdade, a consciência mundial pouca importância deu ao aumento do nevoeiro em diversas partes do mundo até os russos mencionarem o fenômeno. Uma nota de Moscou informava a existência de uma área de denso nevoeiro, tendo o seu centro no meridiano de 130' leste de Greenwich, em torno do paralelo 85. Os cientistas soviéticos, depois de amplas pesquisas, declaravam que jamais aquele fenômeno ocorrera antes. Não era possível também compreender como as condições climáticas reinantes naquela área podiam gerar o fenômeno e muito menos fazer com que se mantivesse praticamente inalterado durante três meses, desde que fora observado pela primeira vez. O Governo soviético, acrescentava a nota, por diversas vezes ressaltara que as atividades dos mercenários capitalistas provocadores de guerras no Ártico podiam constituir uma ameaça à paz mundial.

Os direitos territoriais da União Soviética sobre a região ártica, que se estendiam entre os meridianos 32° leste e 168° oeste de Greenwich, eram reconhecidos pelas leis internacionais. Qualquer incursão não autorizada nesta área constituiria uma agressão. O Governo soviético, portanto, considerava-se livre para tomar as medidas necessárias para preservar a paz, naquela região.

A nota, entregue simultaneamente em vários países, recebeu uma resposta rápida e direta de Washington.

Os povos do Ocidente, observou o Departamento de Estado, mostraram-se bastante interessados na nota soviética. No entanto, como já possuíam muita experiência na técnica de propaganda conhecida como "*tu quoque* pré-natal", podiam reconhecer as implicações nela contidas. O Governo dos Estados Unidos tinha plena consciência das divisões territoriais do Ártico. E gostaria até de lembrar ao Governo soviético, no interesse da precisão, que o segmento mencionado na nota de Moscou era apenas aproximado, sendo o verdadeiro um pouco menor, compreendido exatamente entre os meridianos 32° 04' 35" leste e 168° 49' 30" oeste de Greenwich. Mas, como o fenômeno mencionado fora verificado num local dentro desta área, o Governo dos Estados Unidos dele só tomara conhecimento através da nota oficial.

Recentes observações, contudo, haviam registrado a existência de um fenômeno semelhante ao descrito pela nota russa também no paralelo 85, mas só que no meridiano 79° oeste de Greenwich. Por coincidência, este era precisamente o alvo que os

Governos norte-americano e canadense haviam conjuntamente escolhido para testar seus mais novos mísseis teleguiados de longo alcance. Os preparativos para esses testes já haviam terminado e os primeiros lançamentos seriam efetuados dentro de poucos dias.

Os russos comentaram a singularidade de se escolher um alvo numa região onde não se podiam fazer observações acuradas; os americanos comentaram o zelo russo pela pacificação de regiões desabitadas. Os jornais não noticiaram se as duas potências adversárias passaram então a atacar os seus respectivos nevoeiros, mas o fato é que a troca de notas teve o efeito de fazer com que todos percebessem subitamente a existência inesperada de densos nevoeiros em uma porção de lugares.

Se os navios meteorológicos ainda estivessem em funcionamento no Atlântico, é provável que muito antes já se teriam as informações a respeito. Mas eles haviam sido retirados "temporariamente" do serviço, em seguida ao afundamento de diversos pouco tempo antes. Conseqüentemente, a primeira informação séria e meticulosa, destinada a começar a pôr os fatos em ordem e acabar com a especulação desenfreada, veio de Godthaab, na Groenlândia. Falava num fluxo crescente de água no Estreito de Davis, na Baía de Baffin, com uma proporção inesperada de gelo para aquela época do ano. Poucos dias depois foi a vez de Nome, no Alasca, informando que se observava uma situação semelhante no Estreito de Bering. Depois veio Siptzbergen, falando também no aumento do fluxo de água e na queda da temperatura.

Isso explicava os nevoeiros em Newfoundland e outras regiões centrais. Por toda parte os nevoeiros súbitos podiam ser atribuídos a correntes submarinas geladas que eram forçadas para o alto, ao encontro de águas mais quentes, por cordilheiras submarinas. Todas as coisas, é claro, podiam ser explicadas de maneira convincente, restando apenas o fato do inexplicável aumento das correntes frias.

E então, de Godhavn, ao norte de Godthaab, na costa ocidental da Groenlândia, veio uma mensagem informando a existência de uma quantidade sem precedentes de icebergs, de proporções descomunais. Imediatamente vários aviões decolaram das bases árticas americanas e foram investigar, confirmando o fenômeno. O mar ao norte da Baía de Baffin estava coalhado de icebergs.

— Por volta da latitude 77,60° oeste de Greenwich — relatou um dos pilotos — deparamos com uma das cenas mais aterradoras do mundo. As geleiras que formam a alta superfície do norte da

Groenlândia se estão desfazendo. Já vi icebergs formando-se antes, mas nunca em tais proporções e naquela região. Nos grandes penhascos de gelo, com centenas de metros de altura, aparecem fendas subitamente. Um pedaço enorme então se separa e lentamente vai caindo. Ao bater no mar, levanta uma cortina de água que se espalha por dezenas de metros ao redor. A água deslocada provoca imensas ondas que vão entrechocar-se, num turbilhão de espumas, com a maior violência. O iceberg que se forma, do tamanho de uma pequena ilha, oscila e deriva um pouco, até finalmente encontrar seu equilíbrio. Por quase duzentos quilômetros de costa vimos a mesma coisa acontecendo, geleiras desprendendo-se e caindo ao mar. Muitas vezes o iceberg nem tem tempo de afastar-se da costa quando outro lhe cai em cima. A escala do fenômeno é tão gigantesca que se torna difícil aceitá-lo. Somente pela aparente lentidão da queda das geleiras e pelo fato de o jato de água parecer ficar pairando no ar, pela imponência e grandiosidade de tudo, é que podemos assegurar as imensas proporções do que presenciamos.

Outras expedições aéreas descreveram cenas semelhantes na costa leste da Ilha de Devon e na extremidade meridional da Ilha Ellesmere. Na Baía de Baffin, os grandes icebergs se acotovelavam, esbarrando um no outro, ao flutuarem como um rebanho de ovelhas em direção ao sul, saindo pelo Estreito de Davis e entrando no Atlântico.

Do outro lado do continente americano, em Nome, no Alasca, o fluxo de icebergs observado a caminho do sul registrou também um aumento considerável.

O público recebeu a informação sem maiores preocupações. As pessoas se impressionaram com as primeiras fotografias dos gigantescos icebergs no processo de criação. Mas, como todo iceberg é igual ao outro, o interesse logo decresceu. Além disso, o público achava que era muito bonito os cientistas saberem tudo a respeito dos icebergs, mas não entendiam os motivos se não podiam tomar nenhuma providência a respeito, se não conseguiam tirar proveito dos seus conhecimentos .

A um verão sombrio seguiu-se um outono mais sombrio ainda. Parecia que ninguém podia fazer nada, a não ser aceitá-lo com uma resignação e resmungos filosóficos.

No outro lado do mundo chegou a primavera. Depois veio o verão e começou a estação da pesca de baleias — se é que assim se podia chamá-la, pois poucos eram os proprietários que queriam arriscar seus navios e quase inexistentes as tripulações que se dispu-

nham a arriscar a vida. Mesmo assim, sempre havia aventureiros com coragem de desafiar as criaturas do fundo do mar e os outros perigos do oceano. E, quando o verão antártico foi chegando ao fim, o mundo foi surpreendido por notícias, enviadas através da Nova Zelândia, de que as geleiras de Victoria Land estavam despejando quantidades incríveis de icebergs no Mar de Ross, sugerindo-se inclusive que a Grande Barreira Gelada de Ross estava começando a se desfazer. Uma semana depois chegaram notícias de fenômeno semelhante no Mar de Weddell. A Barreira de Filchner que ali existia, juntamente com a Geleira de Larsen, estavam gerando icebergs em quantidades fantásticas. Uma série de vôos de reconhecimento trouxe relatórios quase iguais aos que haviam sido feitos sobre a Baía de Baffin, com fotos que poderiam ser cópias das primeiras.

O Sunday Tidings, que há vários anos adotava uma linha de sensacionalismo intelectual, nunca encontrara com facilidade um fluxo permanente de fatos em que alimentar-se. Volta e meia sucediam-se longos intervalos, durante os quais nada acontecia que pudessem explorar. E deve ter sido um conselho editorial desesperado, apavorado com o prolongamento exagerado de um desses hiatos, que tomou a decisão de abrir as páginas do jornal a Bocker.

Era evidente que o editor sentia alguma apreensão pelas conseqüências de sua atitude, tanto que antecedeu a matéria com uma nota em grifo afirmando que não assumia a menor responsabilidade pelas opiniões expressas pelo Dr. Bocker.

Com este início auspicioso e sob o título *Os Demônios das Profundezas*, Bocker dizia:

"Nunca, desde os dias em que Noé estava construindo a sua arca, tantas pessoas resolveram diliberadamente fechar os olhos aos acontecimentos como neste ano que passou. Mas não continuará assim. Daqui a pouco a longa noite ártica terá terminado. Será possível outra vez observar a região. E então, os olhos que nunca deveriam ter-se fechado serão obrigados a se abrir..."

Deste início eu me lembro muito bem, mas sem referências posso dar apenas o sentido do restante que ele disse e uma ou outra frase que ficou gravada em minha memória. Bocker continuava assim:

"Este é o último capítulo de uma longa história de futilidade e fracasso que começou com o afundamento dos navios Yatsushiro e Keweenaw, havendo mesmo alguns antecedentes. Um fracasso que já nos expulsou dos mares e agora nos ameaça em terra. Repito: fracasso.

É uma palavra que nos agrada tão pouco que muitos pensam ser uma virtude assegurar que jamais o admitem. Ao nosso redor, o que vemos é a inquietação, a inflação galopante, todas as estruturas econômicas alterando-se — e, portanto, é um meio de vida que também está mudando. As pessoas falam sobre o nosso afastamento dos mares como uma inconveniência temporária que logo será sanada. A esta presunção só se pode dar uma resposta:

Faz já cinco anos que os melhores e mais criativos cérebros do mundo estão empenhados no problema de descobrir os meios de enfrentar nosso inimigo — e até agora, por suas descobertas até este momento, nada parece indicar que poderemos novamente singrar em paz os mares do mundo.

Com a palavra fracasso suspensa em nossas bocas, aparentemente se tornou uma orientação geral desencorajar toda e qualquer ligação entre a nossa expulsão dos mares e os recentes acontecimentos verificados nas regiões árticas e antárticas. Mas está na hora de pararmos com esta atitude infantil.

Não estou querendo dar a entender que se negligenciou o combate à origem dos nossos problemas, longe disso. Muitos homens continuam empenhados em encontrar os meios que nos permitam localizar e destruir o inimigo que se esconde nas profundezas do oceano. O que estou querendo dizer é que, como eles ainda não conseguiram descobrir esses meios, estamos agora sofrendo o mais sério ataque já lançado.

É um ataque contra o qual não temos defesas. E também não é suscetível de uma reação direta.

E que arma é esta contra a qual nada podemos fazer?

É o derretimento do gelo ártico — e também de boa parte do gelo antártico.

Acham que é fantástico demais? Uma tarefa por demais colossal? Não é não. Trata-se de uma coisa que nós próprios poderíamos fazer, se assim o desejássemos, bastando para isso empregar o poder do átomo.

Por causa da escuridão do inverno, pouco se tem ouvido falar ultimamente sobre as manchas de nevoeiro ártico. Mas todos sabem que na primavera existiam pelo menos dois e no fim do verão já eram oito, em áreas bem distantes uma da outra. Ora, o nevoeiro é causado pelo encontro de correntes de ar ou de águas frias e quentes. E como será que surgiram subitamente na região ártica oito novas e independentes correntes quentes?

E os resultados? O escoamento de camadas de gelo no Mar

de Bering e no Mar da Groenlância. Nestas duas áreas, em especial, o gelo avançou algumas centenas de quilômetros além do seu ponto máximo habitual na primavera. Ao longo da Noruega também, por exemplo, chegou a um ponto onde nunca antes tinha sido observado. E o nosso próprio inverno foi extremamente frio e úmido como jamais tínhamos sentido.

E os icebergs? É evidente que há muitos mais icebergs que o normal, mas por quê?

Todos sabem de onde eles estão vindo. A Groenlândia é uma ilha grande — nove vezes maior que as Ilhas Britânicas. Mas não é apenas isso: é o último grande bastião da era glacial em retirada.

Por várias vezes o gelo veio para o sul, inexorável, cobrindo as montanhas, enchendo os vales até deter-se em penhascos escarpados de gelo, imensas geleiras que um dia existiram no meio da Europa. Depois o gelo começou a recuar, lentamente, por muitos e muitos séculos os penhascos e as montanhas geladas derreteram-se e sua recordação se perdeu — a não ser num lugar onde hoje ainda existem. Resta a Groenlândia, com seu gelo imemorial que se ergue em alguns trechos a três mil metros de altura, o frio dos séculos indomável e recusando-se a ser conquistado. É pelas encostas destas montanhas de gelo que os icebergs estão deslizando. Há séculos que isso acontece, ano após ano, antes mesmo que existissem homens na terra para observar o fenômeno. E por que então este ano, inesperadamente os icebergs aumentaram numa proporção de dez ou vinte vezes mais? Deve haver uma razão para tal. E há.

Caso se pusessem em ação alguns meios de derreter o gelo ártico seria preciso decorrer um pequeno lapso de tempo para que os efeitos, principalmente a elevação do nível do mar, fossem mensuráveis. Além disso não devemos esquecer também que os efeitos seriam progressivos: primeiro uma gota, depois um esguicho e finalmente uma torrente.

Em relação a este fato, gostaria de chamar a atenção de todos para a informação, verificada em janeiro deste ano, de que o nível médio do mar, em Newlyn onde é habitualmente medido subiu exatamente seis centímetros."

— Nunca vi ninguém que insistisse tanto em passar uma corda em torno do próprio pescoço — comentou Phyllis ao ler as declarações de Bocker. — Acho melhor irmos procurá-lo.

Não ficamos surpresos na manhã seguinte, ao descobrir que seu telefone fora cortado. Fomos ao seu apartamento e ele nos re-

cebeu. Estava no escritório, sentado em uma escrivaninha coberta por montanhas de cartas.

— Acho que não vão conseguir nenhum proveito vindo procurar-me. Neste momento nenhum patrocinador se atreveria a ligar seu nome a mim.

— Eu não diria isso, A. B. — respondeu Phyllis. — É bem provável que seu nome se torne extremamente popular entre os vendedores de sacos de areia e os fabricantes de máquinas de escavar.

Ele pareceu não tomar conhecimento do comentário zombeteiro de Phyllis e disse-nos:

— Vocês provavelmente ficarão contaminados por entrarem em contato comigo. Em muitos outros países, acho que sabem, a esta altura eu já estaria preso.

— Deve ser um desapontamento para você. Este sempre foi um território dos mais desencorajadores para mártires ambiciosos. Mas você bem que tenta não é?

Phyllis fez uma pausa e acrescentou:

— Escute aqui, A.B. você bem que gosta de ver as pessoas jogando coisas em cima de você não é?

— É que fico logo impaciente.

— As outras pessoas também, só que não conheço ninguém que tenha o dom que você possui de ir além do que o público está querendo receber num determinado momento. Um dia ainda vai machucar-se. Não desta vez felizmente, porque o tiro saiu pela culatra. Mas algum dia ainda vai acontecer.

— Se não for desta vez então provavelmente nunca mais vai acontecer. Mas olhe, minha jovem, o que está querendo dizer ao afirmar que o tiro saiu pela culatra?

— É que suas declarações foram o anticlímax total. Parecia que estava a pique de fazer grandes revelações mas depois revelou apenas vagamente que alguém ou alguma coisa estava provocando mudanças no Ártico, sem dar também nenhuma explicação plausível de como isso seria possível. E depois veio com a conclusão, o grande final: a maré subiu este ano mais seis centímetros que o habitual.

Bocker encarou-a com uma expressão de quem não estava entendendo muito bem.

— Mas é isso mesmo. Não vejo o que pode haver de errado. Seis centímetros representa uma quantidade colossal de água, se espalhados por cerca de duzentos e quarenta milhões de quilômetros quadrados. Se fizer o cálculo em toneladas...

— Nunca penso no mar em termos de toneladas de água... e este é justamente o problema. Para as pessoas comuns, seis centímetros significam apenas que foi batido um recorde de maré alta... e nada mais. Depois do seu intróito, pareceu algo insignificante. Todos ficarão ressentidos por tê-los alarmado sem qualquer justificativa. E não serão poucos os que darão um sorriso e dirão simplesmente: Ah!, esses professores...

Bocker passou a mão por cima das cartas e disse:

— Pois estas cartas mostram que muitas pessoas ficaram alarmadas... ou pelo menos indignadas.

Fez uma pausa, acendeu um cigarro e acrescentou:

— Era exatamente o que eu queria. Sabem muito bem que a grande maioria da população e as próprias autoridades têm resistido às provas que surgem em cada estágio do perigo. Esta é uma era científica... mas apenas nas classes mais instruídas. De qualquer forma, porém, é um hábito geral não admitir a existência do anormal, do que não é previsto cientificamente. Quando ocorre, prefere-se desconfiar dos próprios sentidos a se reconhecer a existência do fato anômalo. Foi com bastante relutância que se admitiu finalmente a existência de alguma coisa no fundo do oceano. E foi também com relutância, e somente depois que não podiam mais ser ignoradas, que se admitiram as manifestações subseqüentes. E aqui estamos outra vez, procurando esquivar-nos à mais recente ameaça.

"Desta vez não ficamos inteiramente ociosos. Lançaram algumas bombas no centro dos nevoeiros, mas o Oceano Ártico é muito profundo e mais difícil de atingir que os outros. E o pior é que não há meios de saber se as bombas deram resultados.

"E no meio de tudo isso vêm os soviéticos, que por sua própria natureza parecem incapazes de comprender qualquer coisa que se relacione com o mar, e começam a criar problemas. Parece que eles estão pensando que o mar está causando uma série de dificuldades ao Ocidente. Deve, portanto, estar agindo dentro dos melhores princípios do materialismo dialético. Tenho certeza de que, se os soviéticos conseguissem entrar em contato com os seres das profundezas, pediriam uma trégua para uma boa discussão dialética. Mas o fato é que eles começaram a fazer acusações de agressão e insistiram no assunto, assumindo tamanha truculência que os nossos serviços secretos chegaram à conclusão de que a ameaça era séria e não apenas mais uma exibição do palhaço oriental que julga que o mar só foi criado para embaraçar os capitalistas.

"Assim, a situação agora é a seguinte: os seres das profundezas, em vez de ficarem inativos como esperávamos, voltaram ao ataque com outras armas mais efetivas; enquanto isso, os cérebros e organizações que podiam estar funcionando a pleno vapor para encontrar uma saída à altura da emergência, estão-se perdendo nos meandros e males mesquinhos que eles próprios criaram, esquecendo e pondo de lado a maior ameaça que a humanidade já enfrentou.

— Neste momento você decidiu forçá-los a agir, fazendo... revelando o grande segredo. É isso mesmo? — indaguei.

— Exatamente, mas só que desta vez não estou sozinho. Estão comigo vários homens eminentes e extremamente preocupados. A minha declaração foi apenas a abertura para o público da campanha que vamos desenvolver neste lado do Atlântico. Meus companheiros nesta campanha ainda não perderam suas reputações como eu, por isso era melhor que meu nome aparecesse na frente. Quanto à campanha que será feita nos Estados Unidos, aconselho a leram o Life e o Coliier's da próxima semana. Não tenham dúvida de que alguma coisa terminará sendo feita.

— Mas o quê? — indagou Phyllis.

Ele olhou-a pensativo por um momento, depois sacudiu a cabeça ligeiramente:

— Isto, graças a Deus, é um problema que pertence a outros... ou pelo menos pertencerá, quando o público forçá-los a admitirem a situação. E não tenham dúvida de que será uma coisa das mais sérias.

— O que eu queria saber... — Phyllis e eu começamos a falar ao mesmo tempo, parando prontamente.

— Sua vez, Mike.

— O que eu gostaria de saber é como acha que está sendo feito? Derreter o Ártico parece-me uma tarefa de proporções descomunais.

— Podemos fazer diversas suposições. É possível até que estejam canalizando a água quente dos trópicos, embora ache que seja bastante improvável.

— Mas qual é a sua idéia pessoal? Parecia-me impossível que ele não tivesse uma.

— Tenho realmente uma teoria. Sabemos que eles possuem um aparelho qualquer capaz de projetar um jato de água com força considerável. Os sedimentos do fundo do mar que apareceram nas correntes da superfície provam-no claramente. Se eles conjugas-

sem a esse aparelho um aquecedor, digamos uma pilha atômica, poderiam gerar uma corrente submarina de bastante calor. O único problema é que não sabemos se eles dominam ou não a fissão atômica. Até agora, não há o menor indício de que o tenham conseguido, a menos que consideremos a possibilidade do presente que lhe fizemos de uma bomba atômica que não explodiu, Mas, se eles conhecem a fissão atômica, então creio que esta é a resposta.

— Poderiam obter o urânio necessário?

— E por que não? Afinal, não podemos esquecer-nos de que eles estabeleceram seus direitos, inclusive de mineração, sobre mais de dois terços da superfície da Terra. Poderiam extrair o urânio com a maior facilidade, se assim o desejarem.

— E quanto aos icebergs?

— A resposta é mais fácil. De um modo geral, todos concordam em que os nossos navios foram atacados por uma espécie de arma de vibrações sonoras. Com uma arma assim, torna-se fácil desprender grandes blocos de gelo, por maiores que sejam.

— Suponhamos que não encontremos um meio de obstar o processo. Quanto tempo acha que haverá até o problema se tornar realmente grave?

— Não faço a menor idéia. Quanto às geleiras e às calotas de gelo, tudo depende da intensidade dos esforços que vão despender sobre elas. Mas tenho a impressão de que dirigir correntes quentes para derreter o gelo apresenta a princípio resultados muito pequenos, passando depois a aumentar em progressão geométrica. Mas é inútil tentar adivinhar um prazo, sem as informações necessárias.

— Quando a ameaça finalmente alcançar a consciência do povo — disse Phyllis — creio que todo mundo vai querer saber qual a melhor atitude a adotar. O que aconselharia?

— Mas esta não é uma tarefa do Governo? Só resolvemos tomar uma iniciativa porque o Governo está levando muito tempo para chegar a uma conclusão. De qualquer forma, contudo, o meu conselho pessoal é por demais impraticável para ser de alguma valia.

— E qual é?

— Encontrar o topo de uma montanha habitável e auto-suficiente e fortificá-lo.

A campanha não teve a repercussão imediata que Bocker esperara. Na Inglaterra, teve a infelicidade de ser adotada pelo Nethermore Press e, conseqüentemente, foi encarada como assunto

sensacionalista e contra a ética pelos outros jornais. Nos Estados Unidos não se destacou muito entre os outros grandes acontecimentos da semana. Em ambos os países havia fortes interesses que preferiam que continuasse a ser considerada como mero sensacionalismo. A França e a Itália levaram o assunto mais a sério, mas seus governos não tinham muita expressão nos conselhos internacionais. A Rússia simplesmente ignorou o conteúdo, mas explicou o objetivo: era outra iniciativa dos provocadores de guerras fascistas, tentando ampliar sua influência no Ártico.

Mas Bocker assegurou-nos que a indiferença oficial fora rompida, embora apenas ligeiramente. Fora criada uma Comissão, inclusive com representantes das Forças Armadas, para investigar o assunto e fazer as recomendações devidas. Uma Comissão semelhante foi criada nos Estados Unidos, demorando-se indolentemente em suas investigações até ser, subitamente, pressionada pelo Estado da Califórnia.

O californiano médio não ficara preocupado com o aumento de alguns centímetros no nível máximo da maré, pois já fora acometido por outras coisas piores. Mas alguma coisa estava acontecendo com seu clima. A média de temperatura na costa baixara sensivelmente e constantemente ocorriam nevoeiros frios e úmidos. Os californianos não gostaram — e, quando os californianos não gostam de alguma coisa, o barulho que fazem se transforma em clamor. Os Estados de Oregon e Washington também apoiaram o vizinho. Nunca se registrara, em tempo algum, um inverno tão frio e desagradável.

Era evidente que a crescente torrente de gelo e água fria que se despejava do Mar de Bering estava sendo levada para leste pela Corrente Kuroshio, que vinha do Japão, acabando com as amenidades de um dos mais importantes Estados americanos. Alguma coisa tinha que ser feita.

Na Inglaterra, o problema só estourou quando as marés de abril cobriram o dique de Westminster. As declarações de que isso já acontecera antes e que o fato não tinha a menor importância foram arrasadas pelas manchetes triunfantes da imprensa que adotara a campanha, na base do "nós não dizíamos?". Nos dois lados do Atlântico desenvolveu-se uma histeria coletiva que se espalhou pelo resto do mundo, para que os seres das profundezas fossem bombardeados implacavelmente. (Somente a sexta parte intransigente do mundo é que não aderiu.)

Alguns jornais insistentemente dia e noite perguntavam:

“AFINAL, PARA QUE SERVE A BOMBA?”

“Bilhões já foram gastos na Bomba. E parece que sua única serventia é servir como elemento de ameaça e proporcionar algumas boas fotografias para a imprensa. Os povos do mundo que desenvolveram esta arma e pagaram por ela são agora impedidos de usá-la contra uma ameaça que afundou nossos navios, nos expulsou dos mares, arrebatou homens, mulheres e crianças das nossas praias e agora tenta afogar-nos. A procrastinação e a inépcia marcaram desde o início o comportamento das autoridades neste caso...”

As diatribes seguiam nesta linha, aparentemente todos esquecidos, editorialistas e leitores, de que já antes se haviam lançado bombas atômicas contra os seres das profundezas do oceano.

— As coisas estão indo muito bem — comentou Bocker quando nos encontramos outra vez.

— Para mim tudo está parecendo uma tolice — disse Phyllis bruscamente. — Os mesmos argumentos contra o bombardeamento indiscriminado do fundo do mar ainda são aplicáveis.

— Não é a isso que me estou referindo. Provavelmente ainda vão jogar algumas bombas aqui e ali, com muita publicidade e sem nenhum resultado. Não, estou-me referindo é à pressão para que se adote um planejamento amplo. É verdade que ainda estamos no primeiro estágio, como indica a sugestão imbecil de se fazer uma muralha de sacos de areia. Mas o fato é que todo mundo agora está consciente de que é preciso fazer alguma coisa.

Na próxima arremetida da maré alta a consciência do perigo aumentou ainda mais. Todas as defesas contra a invasão do mar haviam sido fortalecidas. Em Londres, haviam reforçado as amuradas junto às margens do rio e haviam-nas coberto de sacos de areia em toda a sua extensão. Como precaução, o tráfego fora desviado, mas o povo continuava a andar pelas margens e a cruzar as pontes. A polícia fazia o que era possível para que se mantivesse sempre em movimento, mas muitas pessoas se detinham aqui e ali, observando a lenta subida da água e acenando para as tripulações dos rebocadores e barcaças que navegavam agora no mesmo nível que a rua. Pareciam estar igualmente preparados para se indignarem se a água rompesse a defesa ou ficarem desapontados se ocorresse um anticlímax.

Não ficaram desapontados. A água alcançou o parapeito e depois os sacos de areia. Aqui e ali começou a pingar na calçada. Bombeiros, pessoal da defesa civil, guardas, todos se concentra-

vam ansiosos em seus setores, buscando sacos de areia para reforçar um ponto qualquer em que a goteira aumentava, escorando os pontos mais fracos com toras de madeira. Mas as coisas foram piorando. Os espectadores começaram a ajudar, correndo de um lado para o outro quando novos esguichos surgiam. E logo não se podia ter a menor dúvida do que ia acontecer. Uma parte da multidão retirou-se, mas muitos espectadores ali permaneceram, numa fascinação hesitante. Quando o rompimento finalmente ocorreu, foi simultaneamente em doze pontos da margem norte. Por entre os jatos, um ou dois sacos de areia começavam a oscilar e então, subitamente, eram arrancados do lugar, seguidos por outros, criando-se assim um buraco de vários metros por onde a água jorrava como numa represa rompida.

De onde estávamos, no alto de um caminhão de transmissões da E.B.C, estacionado na Ponte Vauxhall, pudemos ver três rios lamacentos escorrendo pelas ruas de Westminster, inundando os porões em sua passagem, até se fundirem num único rio. Nosso locutor passou a palavra a outro, empoleirado num telhado em Pimlico. Por um ou dois minutos ficamos ouvindo a B.B.C., para sabermos como se estavam saindo os seus repórteres na Ponte de Westminster. Ouvimos Bob Humbleby descrevendo como a água rompera as defesas junto ao rio e agora se encaminhava celeremente para a segunda linha de defesa, erguida diante da New Scotland Yard. O pessoal da televisão não se estava saindo muito bem. Não haviam adivinhado certo onde ocorreria o primeiro rompimento e agora, com câmaras portáteis e lentes de longo alcance, procuravam recuperar o tempo perdido.

Daquele momento em diante a inundação foi cada vez mais rápida. No sul as águas corriam livremente pelas ruas de Lambeth, Southwark e Bermondsey. Rio acima haviam invadido Chiswick, rio abaixo Limehouse está sofrendo seus efeitos. Cada vez eram em maior número as rupturas, até que já não sabíamos mais contá-las. Havia pouca coisa a fazer, a não ser aguardar que a maré baixasse, reparar os estragos e se preparar para a nova investida.

A Câmara dos Deputados teve uma sessão tumultuada. As respostas apresentadas pelo Governo eram confiantes mas não transmitiam confiança.

Todos os Ministérios e Departamentos estavam ativamente tomando as medidas necessárias, todos os pedidos deviam ser encaminhados através dos Conselhos Municipais, as prioridades no que dizia respeito a mão-de-obra e máquinas já estavam sendo

determinadas. Era certo que o Governo fora advertido com antecedência, mas fatores imprevistos haviam prejudicado os cálculos originais dos hidrógrafos. Todas as escavadeiras e tratores poderiam ser requisitados pelo Governo a qualquer momento. O público podia ter certeza de que á calamidade não se repetiria, pois as providências já em andamento evitariam que a catástrofe se ampliasse. No momento, nos condados da costa leste, pouco se poderia fazer além de resgatar seus habitantes. É claro que isso continuaria a ser feito, mas o Governo encarava como tarefa prioritária assegurar que a água não mais poderia invadir o solo da Inglaterra.

A requisição de materiais, máquinas e mão-de-obra era uma coisa, a sua distribuição era outra bem diferente, pois todas as comunidades à beira-mar reclamavam simultaneamente ajuda imediata. Funcionários públicos ficaram pálidos e insones, nervosos, enredados numa teia de pedidos, divisões, ajustamentos, destinação, redestinação, subornos e roubos puros e simples. Mas, de alguma forma, em alguns lugares, as coisas começaram a ser feitas. E os habitantes das localidades que não haviam sido escolhidos na primeira fornada dos auxiliados mostraram-se ressentidos, amargurados, achando que haviam sido abandonados aos lobos.

Phyllis foi uma tarde observar o progresso dos trabalhos na margem do Tâmisa. Por entre uma atividade intensa nas duas margens, estavam erguendo uma superestrutura de blocos de concreto por cima da muralha já existente. Espectadores aos milhares olhavam os trabalhos da calçada. Entre eles, ela avistou Bocker. Desceram juntos até a Ponte Waterloo e por algum tempo ficaram observando os trabalhos .

— O rio sagrado... e mais de oito quilômetros de muralhas e torres... — comentou Phyllis.

— E algumas brechas vão certamente aparecer em suas margens — disse Bocker. — Só quero ver quantos metros de muralha vão levantar antes de descobrirem que é inteiramente inútil.

— É difícil acreditar que uma obra deste porte possa ser realmente inútil, mas acho que você está certo.

Continuaram a observar o formigueiro de homens e máquinas movendo-se junto ao rio.

— Acho que há pelo menos um personagem no mundo dos mortos que deve estar dando gargalhadas com toda esta história — disse Bocker.

— É bom saber que pelo menos alguém está-se divertindo. Quem é?

— O Rei Canuto.

Estávamos sofrendo tanto os efeitos do aumento do nível do mar que as conseqüências nos Estados Unidos praticamente não encontravam espaço em nossos jornais, já minguados por um racionamento de papel. Mas as emissoras de rádio informavam que eles também estavam enfrentando sérias dificuldades. O clima da Califórnia já não era mais o Problema Número Um. Além das dificuldades que estavam enfrentando todos os portos e cidades costeiras do mundo, toda a região ao sul dos Estados Unidos, em torno do Golfo do México, de Key West à fronteira mexicana, estava sendo paulatinamente inundada. Na Flórida, os donos de terras ficaram preocupados quando os pântanos começaram a ganhar terreno, avançando por toda parte. No Texas, uma grande extensão de terra ao norte de Brownsville estava gradativamente desaparecendo sob as águas. A situação era ainda pior na Louisiana e em todo o delta do Mississípi. Uma emissora de rádio julgou apropriado reviver a velha súplica: "Rio, Fique Longe da Minha Porta". Mas o rio não atendeu e o mesmo fizeram outros rios ao longo da costa do Atlântico, na Geórgia e nas Carolinas.

Mas acho que é ocioso entrar em detalhes. Em todas as partes do mundo a situação era a mesma. Quanto mais subia o nível do mar, mais as defesas se estendiam, para evitar serem flanqueadas. A única diferença era que nos países desenvolvidos todas as escavadeiras disponíveis trabalhavam noite e dia, enquanto nos países mais atrasados eram milhares de homens e mulheres suarentos que se esforçavam para erguer os diques e muralhas de proteção.

Mas a tarefa estava além da capacidade dos dois, das máquinas e dos homens. Quando os rios eram empurrados para trás pela maré crescente, tinham que se despejar pelas suas margens. E era também cada vez mais difícil impedir a inundação pela retaguarda, pela água empurrada através dos canos de esgoto. Mesmo antes da primeira inundação séria que se seguiu ao rompimento da defesa no Tâmisa em outubro, o homem das ruas já suspeitara que a batalha não podia ser ganha, havendo o conseqüente êxodo dos que tinham inteligência e meios suficientes para fugirem. Mas os refugiados das cidades mais vulneráveis da costa leste já se haviam antecipado ao movimento e a confusão nas estradas era indescritível.

Pouco tempo depois daquele primeiro rompimento das defesas, circulou uma nota confidencial entre os funcionários e contra-

tados da E.B.C. Em tom empolado, dizia que, no interesse da moral pública, se determinadas medidas de emergência, se tornassem necessárias, etc, etc, ao longo de duas páginas datilografadas em espaço dois, interminavelmente. Teria sido mais simples resumir assim:

— Olhe aqui, pessoal. Soubemos que o negócio vai ficar bem sério. A B.B.C. recebeu ordens para ficar no ar, a qualquer custo. Por isso, por motivos de prestígio, vamos fazer o mesmo. Queremos voluntários para fazer funcionar uma estação em Londres. Se estão dispostos a aceitar a tarefa, ficamos na maior satisfação. Providenciaremos tudo o que for necessário e ainda daremos uma gratificação extra. Se alguma coisa acontecer, tomaremos todas as providências para salvá-los. Quem aceita?

Phyllis e eu discutimos o assunto. Se tivéssemos filhos, decidimos, teríamos que fazer o que fosse melhor para eles — embora ninguém tivesse a menor idéia do que seria o melhor. Mas, como não tínhamos, a escolha era exclusivamente nossa. Phyllis votou a favor de nos apresentarmos como voluntários.

— Além do problema de consciência e lealdade e todas as coisas apropriadas do gênero — disse ela — não fazemos a menor idéia do que vai acontecer nos outros lugares se a situação realmente piorar. Fugir parece-me uma idéia que nunca funciona, a não ser que saibamos exatamente para onde estamos indo. Acho que devemos ficar e ver o que acontece.

Assim, apresentamo-nos como voluntários e descobrimos satisfeitos que Freddy Witthier e a esposa haviam feito a mesma coisa.

Depois disso, por algum tempo pareceu que nada acontecia. Várias semanas se passaram antes que recebêssemos a informação de que a E.B.C. alugara os dois últimos andares de um edifício alto perto de Marble Arch e estava trabalhando a todo vapor para transformá-los numa estação que fosse tão auto-suficiente quanto possível .

— Eu achava que Hampstead ou Highgate seria um lugar melhor — comentou Phyllis ao recebermos a informação.

— Nenhum dos dois fica no centro de Londres. Além disso, como no prédio escolhido funciona um grande magazine, talvez a E.B.C. simplesmente não esteja pagando aluguel, comprometendo-se apenas a dizer, durante as transmissões: Aqui é a E.B.C. falando para o mundo do alto da Selvedge's. Trata-se de uma publicidade de boa vontade, durante o interlúdio da emergência.

— Fala como se as águas algum dia fossem recuar — disse Phyllis.

— Mesmo que isso não aconteça, eles também nada perderão fazendo o empréstimo à E.B.C.

Mas depois ficamos preocupados e fomos olhar o local no mapa. O prédio ficava vinte e cinco metros acima do nível do mar.

— Qual será a situação da nossa rival? — indagou Phyllis curiosa, correndo o dedo pelo mapa. .

O prédio da B.B.C. parecia estar um pouco mais bem situado, pois ficava vinte e oito metros acima do nível do mar.

— Mas temos a vantagem de estarmos nos dois últimos andares e assim não teremos que ficar subindo escadas como eles — observou Phyllis. — Mas olhe só, Mike, os estúdios de televisão ficam bem ao nível da rua!

Nas semanas que antecederam a sua inundação irreversível, Londres parecia estar vivendo uma vida dupla. Todas as organizações e instituições, oficiais ou não, faziam os seus preparativos com o mínimo de ostentação. As autoridades falavam em público sobre a necessidade de se fazerem planos "para o caso de alguma eventualidade", voltando depois para os seus gabinetes e trabalhando ativamente nos preparativos. As declarações oficiais eram sempre tranqüilizantes. Os homens que trabalhavam nas defesas mostravam-se cínicos em relação ao que faziam, preocupados mais com o pagamento extra e incrédulos quanto ao perigo iminente. Pareciam encarar tudo aquilo como algum golpe sensacionalista que lhes resultava em benefício direto. Fora das horas de trabalho, a imaginação se recusava a aceitar a realidade da ameaça. Mesmo depois do rompimento em um dos pontos de Londres, só ficaram alarmados os que foram atingidos diretamente. A muralha foi rapidamente reparada e o êxodo ainda representava apenas uma gota de água no oceano. Com a próxima arremetida do pique de maré alta é que todo mundo desmoronou.

Desta vez haviam sido feitas muitas advertências sobre os bairros que mais deveriam ser afetados. As pessoas encararam-nas com teimosia e fleuma. Já haviam passado antes por aquilo. A principal reação foi levar os pertences para os andares superiores e resmungar irritado contra a ineficiência das autoridades, incapazes de evitar-lhes todos aqueles incômodos. Divulgaram a notícia sobre os horários da maré alta nos três dias seguintes, mas as sugestões sobre as precauções a serem tomadas foram abafadas pelo receio das autoridades de provocar o pânico.

O primeiro dia se passou em segurança. À noite, próximo da maré alta, uma boa parte de Londres se acomodou para que chegasse a meia-noite e a crise passasse, com muito mau humor. Os ônibus pararam de trafegar e os trens do metrô silenciaram às oito horas.

Muitas pessoas saíram de casa a pé e foram ver o rio do alto das pontes. E assistiram ao espetáculo que esperavam.

As águas lamacentas do rio lambiam preguiçosamente a parte inferior das pontes e as paredes das muralhas de contenção. O rio corria para cima, afastando-se do mar, em silêncio absoluto, assim como a multidão que o observava apreensiva. Ninguém receava que passasse por cima das muralhas, pois a elevação prevista era de sete metros, deixando assim uma margem de segurança superior a um metro, até o alto do novo parapeito. O que preocupava a todos era a pressão.

Da extremidade norte da Ponte de Waterloo onde estávamos situados daquela vez, éramos capazes de ver o alto de um dos lados da muralha, as águas correndo por ali. Do outro lado víamos a rua que corria ao longo do rio, os lampiões ainda acesos, mas nenhum carro ou pessoa movendo-se por ali. Mais ao longe, a oeste, os ponteiros do relógio da torre do Parlamento se arrastavam pelo mostrador iluminado. As águas continuavam a subir, os ponteiros se arrastando com exasperante lentidão para assinalarem onze horas da noite. E sobre a multidão que contemplava o rio em silêncio as badaladas do Big Ben soaram como um mau augúrio.

O som levou a multidão a murmurar, mas logo depois ela recaiu no silêncio. O ponteiro dos minutos continuou a se arrastar, até marcar trinta minutos para meia-noite. E foi então que se ouviu um rumor estranho rio acima, trazendo junto com ele as vozes da multidão. O povo aglomerado junto à Ponte de Waterloo esticou o pescoço para ver o que acontecia, murmurando outra vez, preocupado. Um segundo depois vimos as águas chegando. Vinha-se derramando pela margem em nossa direção uma corrente larga, lamacenta, arrastando os detritos e os arbustos em sua passagem, aumentando a velocidade à medida que se aproximava. Alguém gritou no meio da multidão. Houve um estrondo e todo um trecho da muralha perto de nós desabou. A água se despejou pelo buraco, arrancando os blocos de concreto, transformando-se numa cascata lamacenta a cair sobre a rua.

Antes da maré alta seguinte, o Governo entregou os pontos. Decretou o estado de emergência e baixou uma proclamação para

uma evacuação ordenada da cidade. Não pretendo descrever aqui as protelações e confusões que fizeram fracassar o esquema de evacuação. É difícil acreditar que alguém pensasse que seria possível executá-lo plenamente, mesmo aqueles que o haviam imaginado. Desde o início que parecia meio fantasioso. A tarefa, evidentemente, era impossível. Talvez se conseguisse, caso se tratasse da população de uma única cidade, porém mais de dois terços da população do país estavam procurando terras mais altas, desesperadamente. Assim, somente os métodos mais rígidos podiam dar algum resultado para ordenar a evacuação — e mesmo assim só por pouco tempo.

Mas, se as coisas foram ruins na Inglaterra, em outras partes do mundo foram ainda piores. Os holandeses se haviam retirado a tempo das áreas perigosas, compreendendo que haviam perdido a sua batalha secular contra o mar. O Reno e o Maas haviam recuado e inundado uma área de milhares de quilômetros quadrados. A população inteira da região estava emigrando para o sul, na Bélgica, ou para sudeste, na Alemanha. Na planície do norte da Alemanha a situação não era muito diferente. O Ems e o Weser haviam transbordado, expulsando as pessoas de suas cidades e fazendas em direção ao sul, em hordas cada vez maiores. Na Dinamarca, todos os barcos disponíveis estavam em atividade, transportando a população para as terras mais altas da Suécia.

Durante algum tempo ainda pudemos acompanhar, em linhas gerais, o que estava acontecendo no Continente. Entretanto, quando os habitantes das Ardennes e de Westfália viraram-se para enfrentar, a fim de se salvarem, os invasores famintos e desesperados que vinham do norte, travando lutas cruentas, as informações se perderam em rumores e no caos. Em todas as partes do mundo devia estar acontecendo a mesma coisa, diferindo apenas nas proporções. Na Inglaterra, a inundação dos condados orientais já fizera com que seus habitantes recuassem para o interior do país. As perdas de vida foram bem poucas, pois se fizeram muitas advertências a respeito. O problema começou nas colinas de Chiltern, quando aqueles que já ali se haviam abrigado organizaram-se para impedir a invasão dos refugiados que convergiam de Londres e do leste.

Nas partes não afetadas da região central de Londres, durante alguns dias reinou uma indecisão típica de domingo. Muitas pessoas, sem saberem o que fazer, procuraram prosseguir em suas rotinas anteriores à catástrofe. A polícia continuava a patrulhar as

ruas. Embora as partes mais baixas da cidade estivessem inundadas, as pessoas continuavam a ir trabalhar e algumas coisas continuavam a funcionar, aparentemente por hábito ou por inércia. Mas, gradativamente, a ilegalidade começou a chegar dos subúrbios e a sensação de desmoronamento tornou-se iniludível. O sistema elétrico de emergência falhou uma tarde, seguindo-se uma noite de escuridão que foi o golpe de misericórdia na lei e na ordem. O saque às lojas, especialmente as de alimentos, começou e atingiu tais proporções que a polícia e os soldados nada conseguiam fazer para impedi-lo.

Decidimos então, eu e Phyllis, que estava na hora de deixarmos o nosso apartamento e fixarmos residência na nova fortaleza da E.B.C.

Pelo que nos contavam as transmissões em ondas curtas, os acontecimentos em todas as cidades costeiras não diferiam muito entre si — o mais que se podia acentuar era que em algumas cidades a lei e a ordem desapareciam mais depressa. Meu objetivo, neste relato, não é deter-me em detalhes. O que aconteceu neste período, tenho certeza de que os compêndios oficiais saberão descrever muito bem.

O papel da E.B.C. naqueles dias era basicamente duplicar a voz da B.B.C., transmitindo as instruções do Governo, que esperava assim restaurar pelo menos uma pálida imitação de ordem. Era a mesma e sempre invariável monotonia: avisar às pessoas cujas casas não estivessem ameaçadas para que delas não saíssem, dirigir os refugiados para algumas regiões mais altas e afastá-los de outras que já estavam superpovoadas. Podíamos ser ouvidos, mas não havia a menor indicação de que seríamos atendidos. No norte, talvez as instruções do Governo dessem algum resultado, mas no sul, com o êxodo da grande concentração de habitantes em torno de Londres e a inundação das ferrovias e estradas, não havia a menor possibilidade de se efetuar uma retirada ordenada. A quantidade de pessoas em fuga alarmou os que poderiam esperar mais um pouco. Pairava no ar a impressão de que era preciso encontrar um refúgio na frente da multidão, pois caso contrário não se encontraria refúgio algum sobrando. E havia também a sensação de que fugir de carro era uma vantagem injusta, que não se podia permitir. Logo se verificou que era mais seguro ir a pé — embora não totalmente. O melhor mesmo era se expor o menos possível.

A existência de numerosos hotéis e uma tranqüilizante elevação de duzentos e cinqüenta metros acima do nível do mar foram

os fatores inegáveis que levaram o Parlamento a escolher a cidade de Harrogate, em Yorkshire, como a sua nova sede. A rapidez com que se dirigiram para lá provinha da mesma causa que estava levando todo mundo a correr — o medo de que alguém pudesse chegar primeiro. A impressão era de que, poucas horas depois de Westminster ter sido inundada, os parlamentares continuavam a demonstrar em sua nova sede a mesma fluência anterior à catástrofe.

Quanto a nós, na E.B.C, estabeleceramos uma rotina. Os aposentos ficavam no último andar; os escritórios, estúdios, equipamentos técnicos, geradores, depósitos, etc. ficavam no andar de baixo. Imensos tanques, no porão, estocavam o querosene necessário e óleo diesel, que eram bombeados para cima quando havia necessidade. Nossas antenas estavam em um telhado a dois quarteirões de distância, com o acesso através de pontes improvisadas suspensas sobre as ruas. Nosso próprio telhado fora ajeitado para servir de heliporto e também para represar a água da chuva. À medida que desenvolvíamos a técnica de viver naquelas condições, concluímos que eram duas medidas necessárias.

Mesmo assim, lembro-me de que nos primeiros dias passamos quase todas as horas vagas transferindo o conteúdo dos depósitos para os nossos próprios aposentos, receando que a água pudesse também alcançá-los .

Parece que, desde o início, houve uma concepção errônea sobre o papel que deveríamos desempenhar. Para mim, a idéia é de que estávamos ali para preservar, tanto quanto possível, a idéia de normalidade do negócio. Quando a situação se tornasse mais difícil, seguiríamos o resto do pessoal da E.B.C, que já fora para Yorkshire. Esta pressuposição se baseava na idéia de que Londres era uma cidade celular — cada célula era abandonada ao ser inundada, a vida continuando normalmente nas demais. No que nos dizia respeito, o pessoal da E.B.C, a idéia era de que continuássemos normalmente com a programação da emissora, até que a água chegasse à nossa porta, quando então iríamos para Yorkshire, onde os trabalhos seriam imediatamente reiniciados. A única providência antecipada que alguém tomou foi a transferência do nosso arquivo de gravações. Esperava-se que as coisas sucedessem em lentos estágios — nunca que houvesse um colapso. Curiosamente, muitos apresentadores conseguiram manter a aparência de normalidade por vários dias. Depois, fomos praticamente encurralados, dependendo unicamente de nós, e das gravações que possuíamos,

manter a estação no ar. Começamos, de fato, a viver como se estivéssemos sitiados.

Não vou descrever em detalhes o ano que se seguiu. Foi, antes de mais nada, uma história de decadência. Houve um inverno longo e frio, durante o qual a água correu pelas ruas com mais intensidade do que esperávamos. Bandos armados percorriam as ruas em busca de armazéns para saquear. Volta e meia se ouvia o som dos tiros trocados por bandos rivais ao se encontrarem. Nós não tivemos muitos problemas. Depois de alguns ataques infrutíferos, espalhou-se a notícia de que estávamos bem preparados para a defesa e deixaram-nos em paz. Afinal, havia muitos outros depósitos desguarnecidos para serem saqueados. Poderíamos ficar para mais tarde.

Quando o tempo voltou a esquentar, quase não se viam mais pessoas nas ruas. Quase ninguém estava disposto a enfrentar outro inverno numa cidade em que praticamente não havia mais comida, que começava a sofrer epidemias conseqüentes da falta de água potável e de esgotos. As pessoas fugiam para o interior e os tiroteios soavam cada vez mais distantes.

O número do pessoal da E.B.C. aquartelado em Londres também fora sensivelmente reduzido. Dos sessenta e cinco originais, restavam agora apenas vinte e cinco. A diferença foi transferida de helicóptero para Yorkshire, o novo centro da atenção nacional. De centro passáramos a simples posto avançado, mantido apenas por uma questão de prestígio.

Phyllis e eu discutimos se devíamos pedir também para sermos transferidos. Mas a descrição que o piloto e a tripulação do helicóptero nos fizeram do quartel-general da E.B.C, em Yorkshire, nos fez mudar de idéia e permanecemos em Londres por mais algum tempo. A sede da E.B.C em Yorkshire era desagradável, insípida, congestionada. Em Londres tínhamos bastante espaço e suprimentos em quantidade.

No fim da primavera soubemos que um decreto fundira-nos com a nossa rival, a B. B. C., pondo todas as comunicações radiofônicas sob o controle direto do Governo. Levaram então, de helicóptero, todo o pessoal e equipamento da B.B.C, pois as nossas instalações, ao contrário das deles, haviam sido especialmente preparadas. Dois homens da B.B.C. continuaram em Londres, mas transferiram-se para as nossas acomodações.

As notícias nos chegavam através de dois canais: a linha direta com a E.B.C, razoavelmente honesta mas discreta, e transmissões

que captávamos e que eram sempre de um otimismo obviamente desonesto, não importa de onde partissem. Logo nos cansamos e passamos a ouvi-las cinicamente, como penso que todo mundo o fazia, mas elas continuavam sendo lançadas no ar. Parecia que todos os países do mundo se estavam erguendo acima do desastre com uma firmeza inabalável que honrava as tradições do seu povo.

No verão — um verão por sinal muito frio — a cidade estava quase deserta e silenciosa. Os bandos armados haviam ido embora e só restavam alguns poucos indivíduos obstinados. Eram, talvez, numerosos, mas espalhados por vinte mil ruas pareciam bem poucos, impressão que davam também porque ainda não se haviam tornado desesperados. Era possível ir a toda parte em relativa segurança, embora fosse aconselhável usar uma arma.

As águas haviam subido a um nível bem maior do que o que se calculara. As marés mais altas alcançavam agora a marca de quinze metros, cobrindo até o norte de Hammersmith e quase toda Kesington. Ao sul ia até Hyde Park e Piccadilly, passando por Trafalgar Square e seguindo por Strand e Fleet Street, correndo então para nordeste na direção do Lea Valley. No centro da cidade, somente a colina de St. Paul permanecia intocada. No sul, as águas haviam invadido Barnes, Battersea, Southwark e a parte mais baixa de Greenwich.

Um dia fomos a Trafalgar Square. Era a preamar e as águas quase cobriam o muro do lado norte, embaixo da Galeria Nacional. Debruçamo-nos na balaustrada e ficamos observando as águas lamberem os leões de Landseer, imaginando o que Nelson iria pensar se visse a sua estátua daquele jeito.

A água perto de nossos pés estava cheia de espuma e uma fascinante variedade de detritos. Lampiões, sinais de trânsito e estátuas emergiam aqui e ali na cidade inundada. Na direção de Whitehall, a superfície era mansa como a de um canal. Algumas árvores ainda resistiam de pé, virando pouso de pardais a chilrear. Os estorninhos ainda não haviam desertado da igreja de St. Martin, mas todos os pombos já tinham fugido, substituídos em seus pontos favoritos pelas gaivotas marinhas. Contemplamos a cena em silêncio por alguns minutos, ouvindo o barulho da água. Depois indaguei:

— Não houve um cara qualquer que disse: "E é assim que o mundo acaba, não com um estrondo mas com um soluço"?

Phyllis olhou-me chocada.

— Um cara qualquer? Mas quem disse isto foi Eliot!

— Bom, parece que naquele tempo ele já estava prevendo o que ia acontecer.

Phyllis deixou passar algum tempo e observou:

— Sabe, Mike, acho que estou chegando agora ao final de uma fase. Durante muito tempo me pareceu que poderia ser feita alguma coisa para salvar o mundo em que estávamos acostumados a viver. Bastaria que descobríssemos o meio certo. Mas estou começando a pensar que esse sentimento está acabando e que agora só poderemos procurar é tirar o melhor proveito do que resta. De qualquer forma, vir a lugares como este não me faz muito bem.

— Mas não há lugares como este. O problema é que Trafalgar Square é única. E está um pouco mais que morta, mas ainda não virou peça de museu. Talvez, daqui a pouco, possamos sentir como o poeta ao dizer que toda a pompa de ontem acabou com Nínive e Tiro. Daqui a pouco... mas não ainda.

Houve uma pausa que se alongou demais.

— Mike, vamos embora daqui. .. imediatamente.

— É o melhor mesmo que podemos fazer. Ainda não estamos bastante empedernidos, querida.

Ela segurou meu braço e começamos a caminhar para oeste. De repente paramos ao ouvir o barulho de um motor. Parecia vir do sul — mas isso era impossível. Ficamos esperando, enquanto o barulho se aproximava. Subitamente uma lancha entrou na praça, fez uma curva e desapareceu na direção de Whitehall, espadanando água nas janelas das majestosas instalações do Governo.

— Acho que nenhum de nós jamais sonhou que isso um dia seria possível — comentei.

Phyllis ficou olhando para os círculos concêntricos que se alargavam e voltou a ser prática.

— Bem que poderíamos arrumar uma lancha dessas. Talvez nos seja útil daqui a pouco.

O nível das águas continuou a subir. No fim do verão se elevara mais uns três metros. O tempo era péssimo e fazia mais frio que na mesma época no ano anterior. Mais gente da E.B.C. pedira transferência e em meados de setembro estávamos reduzidos a dezesseis.

O próprio Freddy Whittier anunciara que estava doente e cansado de perder seu tempo como um marinheiro naufragado e que ia ver se arrumava um trabalho mais útil para fazer. Quando o helicóptero levou a ele e à esposa, eu e Phyllis ficamos mais uma vez reconsiderando a nossa decisão.

Sabíamos que a nossa tarefa de escrever matérias de fé e esperança para um império agonizante, mas ainda resistindo, devia ter um efeito estabilizador, embora meio duvidoso. Muitas pessoas estavam dizendo a mesma coisa, na escuridão da incerteza e da ansiedade. Na noite anterior à partida dos Whittiers, fizemos uma pequena festa que se prolongou até de madrugada. No final, alguém sintonizou um transmissor em Nova York. Um homem e uma mulher estavam descrevendo, do alto do Empire State, a cena que viam. Era admirável, de um lirismo comovente, a maneira como falaram dos arranha-céus de Manhattan erguendo-se como sentinelas congeladas ao luar, enquanto a água banhava seus andares inferiores. Era lindo, mas falhava por completo em seu objetivo. Para nós, aquelas torres altaneiras não eram sentinelas e sim túmulos. Fez-nos sentir que devia ser a mesma a reação às nossas palavras, que estava na hora de sair dali e buscar um trabalho mais útil. Ao nos despedirmos de Freddy, dissemos que logo o seguiríamos.

Mas ainda não tomáramos a decisão final de pedir a transferência quando Freddy nos ligou de Yorkshire, duas semanas após. Depois dos cumprimentos iniciais, ele foi logo dizendo:

— Olhe, Mike, não é um telefonema meramente social. É um conselho desinteressado para aqueles que estão pensando em pular fora da frigideira... não o façam!

— Mas qual é o problema?

— Só vou dizer-lhe uma coisa: pediria a minha volta agora mesmo, se não precisasse explicar as razões para a minha atitude de forma tão convincente. Estou falando sério. Fiquem aí mesmo, você e Phyllis.

— Mas...

— Espere um minuto.

Houve uma pausa e ele voltou a falar:

— Muito bem, não estão escutando a nossa conversa. Olhe, Mike, isso aqui está atulhado de gente, quase não há comida e a confusão é total. Os suprimentos estão diminuindo cada vez mais e o ânimo acompanha no mesmo ritmo. A atmosfera é tensa como uma corda de piano esticada. Estamos vivendo aqui virtualmente em estado de sítio e será um milagre se não estourar uma guerra civil nas próximas semanas. As pessoas fora daqui estão em situação pior, mas aparentemente nada será capaz de convencê-las de que não estamos vivendo às mil maravilhas, com toda a fartura. A situação é insustentável. Guarde isso para você, Mike, mas pelo amor de Deus não venha para cá. Senão pela sua segurança, pelo

menos pela de Phyllis.

— Se a situação é tão ruim assim, Freddy, e você não está fazendo nada de útil por aí, volte para cá no próximo helicóptero. Venha até como clandestino... ou então podemos oferecer ao piloto algumas coisas que irão certamente agradá-lo.

— É o que pretendo fazer. Não há nada para fazermos aqui. Nem sei mesmo por que nos deixaram vir. Espere por mim no próximo vôo. Enquanto isso, boa sorte para vocês.

— Boa sorte para você também, Freddy. E lembranças a Lynn. Apresente também os nossos cumprimentos a Bocker, se ele está por aí e ainda não foi devidamente massacrado.

— Bocker está por aqui, você adivinhou. E tem uma teoria nova a que ninguém liga, embora ele ache que seja uma boa notícia.

— Considerando tratar-se de Bocker, podia ser bem pior. Bom, agora adeus. Ficaremos à sua espera.

Fomos discretos. Dissemos apenas que íamos ficar, porque ouvíramos dizer que Yorkshire estava apinhado de gente. Um casal que decidira ir embora no próximo vôo também resolveu ficar. Ficamos esperando que o helicóptero nos trouxesse Freddy de volta. Mas passou-se um dia da sua chegada prevista e continuávamos a esperar. Entramos em contato com Yorkshire. A única informação que nos podiam prestar era de que o helicóptero levantara vôo no horário previsto. Perguntei sobre Freddy e Lynn, ninguém parecia saber onde estavam.

Nunca mais houve notícias do helicóptero. E disseram que não havia outro disponível para enviar até nós.

O verão frio transformou-se num outono mais frio ainda. Chegou até nós o rumor de que os tanques anfíbios estavam aparecendo novamente, pela primeira vez desde que as águas haviam começado a subir. Como éramos os únicos que haviam tido contato com eles, fomos logo elevados à categoria de técnicos no assunto — embora o único conselho que pudéssemos dar foi o de que todo mundo devia andar sempre armado com uma faca, pronto para usá-la a qualquer momento, com qualquer uma das mãos. Mas os tanques anfíbios devem ter achado que a caçada era muito pobre nas ruas quase desertas de Londres, pois não chegamos a ver nenhum. Pelo rádio, no entanto, soubemos que o mesmo não estava acontecendo em outros lugares. Estavam reaparecendo por toda parte, e o recuo das praias e o colapso da organização tornavam muito difícil destruí-los em quantidade apreciável, de modo a

desencorajá-los.

Mas outros problemas piores estavam surgindo. Da noite para o dia, os transmissores funcionando em cadeia da E.B.C. e da B. B.C. abandonaram toda a aparência de tranqüila confiança. Quando vimos a mensagem que nos enviaram para transmisão simultânea com todas as outras emissoras, concluímos que Freddy acertara em cheio. Era uma convocação para que todos os cidadãos leais apoiassem o Governo legalmente eleito, contra todas e quaisquer tentativas de derrubá-lo pela força. Da maneira como a mensagem fora redigida, era fora de dúvida que a tentativa já se estava realizando. Era uma mistura lamentável de exortações, ameaças e súplicas — tudo cimentado com a nota errada de confiança. Era certamente o mesmo tom que se dissera na França e na Espanha, embora tanto o orador como os ouvintes soubessem que significava apenas que o fim estava próximo. O melhor locutor do mundo não conseguiria dar àquele texto o tom certo de convicção.

Ao falarmos com a central em Yorkshire, não souberam ou não quiseram esclarecer a situação. Disseram que estava havendo luta, com muitos tiros. Alguns bandos armados estavam tentando penetrar na área da Administração. Os militares tinham a situação sob controle e logo tudo estaria terminado. A transmissão era apenas para desencorajar os rumores exagerados e restaurar a confiança no Governo. Dissemos que nada do que nos estavam dizendo e a própria mensagem não transmitiam nenhuma sensação de confiança. Queríamos saber de fato o que estava acontecendo. Mas continuaram a falar em tom oficial, áspero e frio.

Exatamente vinte e quatro horas depois, no meio de um ditado de outra mensagem de confiança do Governo, a ligação foi interrompida bruscamente. E nunca mais funcionou.

Até a gente se acostumar, é estranho ouvir vozes de todo o mundo, nenhuma delas sabendo o que está acontecendo em seu próprio país. Captamos perguntas sobre o nosso silêncio dos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Quênia. Transmitimos, com toda a potência dos nossos transmissores, o pouco que sabíamos, ouvindo mais tarde as emissoras estrangeiras irradiarem a notícia. Mas nós próprios não compreendíamos o que acontecera. Mesmo que os transmissores dos dois sistemas, em Yorkshire, tivessem sido destruídos, ainda devia haver estações independentes no ar, pelo menos na Escócia e na Irlanda do Norte. Talvez elas não estivessem mais bem informadas do que nós, mas pelo menos deviam estar transmitindo. Uma semana, porém, se passou e não ouvimos

a menor manifestação delas. O resto do mundo parecia estar muito ocupado em ocultar seus próprios problemas para se incomodar conosco — embora certa ocasião ouvíssemos uma voz falando com imparcialidade histórica sobre "*l'écroulement de l'Angleterre*". A palavra *écroulement* não me era muito familiar, mas soava horrivelmente.

O inverno chegou. Em comparação com o ano anterior, praticamente não havia mais ninguém pelas ruas de Londres. Às vezes era possível andar dois quilômetros sem se ver ninguém. Não tínhamos a menor idéia de como estavam vivendo os que haviam ficado. Provavelmente tinham escondido suprimentos de lojas saqueadas para sustentar a si e suas famílias, só que não era muito saudável querer saber muitas coisas a respeito. Todas as pessoas que encontrávamos nas ruas estavam armadas. Nós mesmos adotamos o hábito de andarmos armados, levando revólveres em coldres no ombro. Não esperávamos ter que usá-los, era mais para desencorajar os que pensassem em nos atacar. Sentíamos em todos uma espécie de alerta cauteloso, não muito distante da hostilidade instintiva. Nos encontros casuais de vez em quando ainda se conversava, transmitindo-se os últimos rumores e notícias. Foi assim que soubemos que se formara um círculo de hostilidade ao redor de Londres. As populações circunvizinhas se haviam tornado Estados independentes em miniatura e proibido a entrada de estranhos, depois de expulsar os refugiados que lá viviam. Todos os que tentavam atravessar as fronteiras dessas comunidades eram sumariamente fuzilados.

No novo ano, a sensação de pressão se tornou ainda maior. O mar continuava subindo e o tempo era abominável, um frio quase insuportável. Quase todas as noites soprava um vento forte do sudoeste. Era cada vez mais raro se encontrar alguém nas ruas. Mas quando o vento amainava um pouco, podia-se subir ao telhado e ainda se notava a surpreendente quantidade de chaminés de onde saía fumaça. Era principalmente fumaça de madeira, queimando-se móveis certamente, pois os estoques de carvão encontrados nas usinas e nas estações ferroviárias se haviam acabado no inverno anterior.

De um ponto de vista puramente prático, duvido de que qualquer outro grupo no país fosse mais favorecido e estivesse em maior segurança que o nosso. Os alimentos que estocáramos originalmente, juntamente com o que adquiríramos depois, poderiam sustentar dezesseis pessoas durante muitos anos. Possuíamos

também uma imensa reserva de óleo diesel e querosene. Materialmente, estávamos melhor do que um ano antes, quando havia mais pessoas ali. Mas aprenderamos, como muitos já o haviam feito antes de nós, que era preciso muito mais do que comida para manter o espírito elevado. A sensação de desolação começou a oprimir-nos, tornando-se pior quando, em fins de fevereiro, a água finalmente chegou à porta do nosso edifício, enchendo ruidosamente o porão.

Alguns membros do nosso grupo ficaram preocupados. — Certamente que não pode subir mais ainda. O limite é trinta e cinco metros, não é?

Não adiantava muito dizer mentiras tranqüilizadoras. Só podíamos repetir o que Bocker nos dissera: qualquer cálculo será pura adivinhação. Ninguém sabia quanto gelo havia na Antártica. Na região ártica, ninguém podia imaginar o que era terra sólida, tundra, ou simplesmente um depósito antigo de gelo. Simplesmente não se possuíam dados para se formular um palpite aproximado. O único consolo era que o próprio Bocker, por alguma razão desconhecida, parecia acreditar que a água não se elevaria acima de quarenta metros. Em sendo assim, nosso abrigo aéreo permaneceria intacto. Mesmo assim, era preciso muita força para se tranqüilizar, especialmente quando se deitava à noite e se ouviam as ondas que o vento levantava na Oxford Street.

Numa manhã de maio em que o sol brilhava mas que não esquentava muito, procurei por Phyllis e não a encontrei. Perguntando a todos, fui parar no telhado à sua procura. Estava junto ao parapeito, contemplando as árvores que pontilhavam o lago em que se transformara Hyde Park e chorando. Ajoelhei-me ao seu lado e abracei-a. Ela finalmente parou de chorar, enxugou os olhos e disse:

— Não consegui criar resistência, no final das contas. Mike, não agüento mais. Leve-me para longe daqui!

— Mas para onde poderemos ir? E se pudermos ir...

— O chalé, Mike. Lá no campo não deve ser tão ruim assim. Deve haver coisas nascendo e desabrochando... e não apenas coisas morrendo como aqui. Aqui não resta a menor esperança, podíamos mesmo pular do telhado por falta de esperança...

Fiquei pensando no assunto por algum tempo. — Mas, mesmo que conseguíssemos chegar até lá, teríamos que viver. Precisaríamos de comida, combustível, coisas assim.. .

— Mas há...

Ela mudou de idéia no meio da frase e continuou de maneira

diferente.

— Podemos encontrar o suficiente para nos manter até podermos cultivar o que for necessário. E lá há peixe e também muitos destroços que podemos usar como combustível. Poderíamos conseguir, Mike. Será duro... Mike, a verdade é que não agüento mais ficar neste cemitério!

"Olhe, Mike, olhe ao redor. Nada fizemos para merecer isso. Muitos de nós não eram bons, é verdade, mas nenhum era tão mal a ponto de merecer tal castigo. E o pior é que não temos a menor chance! Se ao menos tivéssemos alguma coisa contra a qual lutar... Mas vamos apenas morrer afogados ou de fome, se antes não nos destruirmos uns aos outros... E isso por causa de coisas que ninguém jamais viu, de coisas que vivem num lugar onde jamais poderemos alcançá-las!

"Alguns de nós conseguirão atravessar tudo isso, os mais duros e resistentes. Mas o que poderão fazer agora aquelas coisas que estão lá no fundo do oceano? Algumas vezes sonho com elas em seus vales escuros e profundos, imaginando-as como lulas ou lesmas monstruosas. Outras vezes vejo-as como grandes nuvens de células luminosas, pairando entre as rochas. Acho que nunca saberemos com o que elas se parecem, mas tenho certeza de que passam o tempo todo pensando e tramando o que podem fazer para acabar conosco definitivamente, a fim de que tudo lhes pertença.

"Às vezes, apesar da teoria de Bocker, acho que estes seres são as próprias coisas que estão no interior dos tanques anfíbios e que, se pudéssemos capturar um, saberíamos como eles são e poderíamos finalmente encontrar os meios de combatê-los. Por várias vezes sonhei que havíamos encontrado um e descoberto como funciona. Mas ninguém acreditou em nós, à exceção de Bocker. Mas o que lhe dissemos deu-lhe a idéia para uma nova e maravilhosa arma que irá acabar com todas as criaturas.

"Sei que tudo isso é tolice, mas no sonho parece maravilhoso. Acordo como se tivéssemos salvado o mundo inteiro de um pavoroso pesadelo... e então ouço o som das águas correndo pelas ruas e sei que nada ainda está terminado, que vai prosseguir interminavelmente.

"Não posso mais suportar, Mike. Ficarei louca se tiver que continuar sentada aqui, sem fazer nada, enquanto uma grande cidade vai morrendo aos pouquinhos. Na Cornualha, em qualquer lugar do interior, será diferente. Prefiro trabalhar noite e dia para manter-me viva a continuar assim. Acho que seria muito melhor

encontrar a morte na tentativa de chegar até lá do que enfrentar outro inverno como o último que passou.

Eu não imaginava que o estado de Phyllis era tão ruim assim. Não havia como argumentar.

— Está certo, querida. Vamos para a Cornualha.

Todos nos advertiram contra as tentativas de sair de Londres pelos caminhos usuais. Contaram-nos que haviam feito um cordão de isolamento em torno da cidade, com armadilhas, alarmes, patrulhas, uma terra de ninguém inteiramente arrasada para que se pudesse facilmente alvejar quem tentasse atravessá-la. Além deste cordão de isolamento, tudo se baseava na análise fria de quantas pessoas cada comunidade poderia sustentar. Os moradores locais se haviam reunido e expulsado os refugiados e os inúteis, empurrando-os para terras mais baixas onde teriam que se arrumar por si próprios. Em cada comunidade existia a noção de que uma boca a mais para alimentar significava um racionamento maior para todos. Qualquer estranho que conseguisse esgueirar-se pelo território de uma comunidade não passaria despercebido por muito tempo. Ao ser descoberto, o tratamento que lhe dispensariam seria impiedoso — a sobrevivência assim o exigia. Assim, tudo parecia indicar que a nossa própria sobrevivência exigia a procura de um outro caminho para chegarmos à Cornualha.

Pela água, através dos braços de mar que deviam estar constantemente alargando-se e alongando-se, as nossas chances pareciam melhores. Não sei o que nos teria acontecido se, por um golpe de sorte, não encontrássemos a lancha que batizamos com o nome de Midge. Chegou até nós depois do lamentável acidente com o seu proprietária anterior, alvejado e morto ao tentar escapar de Londres. Ted Jarvey encontrou-a e trouxe-a para nós, sabendo que há semanas procurávamos inutilmente por um barco como aquele.

Logo ficou provado que não tinha o menor fundamento a sensação de intranqüilidade que sentíramos, achando que os outros poderiam querer ir conosco também. Sem exceção, todos consideravam-nos loucos. A maioria nos chamou para um lado, em diversas ocasiões, tentando convencer-nos de que era uma tolice trocar instalações confortáveis e seguras por uma jornada certamente perigosa e condições de vida muito mais difíceis e provavelmente intoleráveis. Ajudaram a abastecer e encher de suprimentos a lancha, mas nenhum jamais pensou em seguir conosco.

Nosso progresso rio abaixo foi lento e cauteloso, pois não

tínhamos a menor intenção de aumentar desnecessariamente os riscos da viagem. O problema maior que enfrentamos foi dormir durante a noite. Estávamos conscientes do nosso provável destino como invasores de alguma comunidade e também de que o Midge e sua carga constituíam um botim tentador para qualquer um. Geralmente íamos ancorar sob um abrigo qualquer nas ruas de uma cidade submersa. Às vezes, quando ventava muito, demorávamos vários dias no abrigo. A água potável, que esperávamos fosse constituir-se no maior problema, era facilmente encontrável nas caixas d'água dos forros das casas parcialmente submersas. No fim das contas o que era antes uma viagem de cerca de quatrocentos quilômetros pela estrada, exigiu-nos mais de um mês para completar.

No Canal da Mancha, com seus penhascos brancos, a situação parecia tão normal que era difícil acreditar que ocorrera uma inundação. Mas toda a normalidade acabou quando começamos a prestar atenção às cidades que deveriam normalmente existir nos intervalos entre os penhascos. Pouco depois constatamos de fato que a situação era inteiramente anormal, ao vermos os nossos primeiros icebergs.

Aproximamo-nos do fim da jornada com uma cautela redobrada. Pelo que observávamos ao longo da costa no caminho, os terrenos mais altos estavam repletos de acampamentos, cabanas toscas espalhado-se por toda parte. Nos pontos em que a encosta subia acentuadamente, as casas nas partes mais baixas estavam submersas, mas as de cima continuavam ocupadas. Não sabíamos quais seriam as condições que encontraríamos em Pennllyn, de um modo geral, e em nosso chalé, em particular.

Entrei com o Midge no Rio Helford, a espingarda na mão. Aqui e ali, nas encostas, algumas pessoas pararam para olhar-nos, mas não atiraram nem acenaram. Só mais tarde é que fomos descobrir que haviam tomado o Midge por um dos barcos locais que ainda possuía combustível para navegar.

Viramos depois para o norte. Como o nível do mar subira trinta metros, os cursos d'água se haviam multiplicado e qualquer um poderia perder-se. Erramos o caminho várias vezes, até finalmente virarmos uma curva e depararmos com uma encosta familiar e o chalé lá em cima.

Muitas pesssoas haviam estado lá. Mas, embora a desordem fosse grande, os danos não eram irreparáveis. Era evidente que haviam ido, basicamente, procurar o que comer, carregando até os nossos últimos suprimentos, as garrafas de molho e a pimenta.

Phyllis olhou para os detritos que havia por toda parte e depois desceu para o porão. Voltou num instante e depois correu para o caramanchão que construíra no jardim.

— Graças a Deus que está intacto — disse ela ao voltar.

— O que está intacto? —

— Os alimentos. Não queria dizer nada até ter certeza. Seria um desapontamento se os tivessem levado.

— Mas que alimentos? — indaguei, atônito.

— Você não tem muita intuição, não é, Mike? Acha mesmo que uma pessoa como eu ia ficar construindo muros só para se divertir? Escondi uma porção de suprimentos por trás de um muro no porão e ainda há mais coisa embaixo do caramanchão.

— Está querendo dizer...? Mas isso foi séculos atrás, antes mesmo que a inundação começasse!

— Mas não antes que começassem a afundar um navio atrás do outro. Pareceu-me que seria uma boa idéia comprar o que fosse necessário, pois certamente depois iria faltar. E achei que o melhor seria ter uma boa reserva, para o caso de uma eventualidade. Mas não lhe disse nada, pois julguei que fosse ficar zangado.

Sentei-me, aturdido, sem entender mais nada.

— Zangado?

— Bem, há muitas pessoas que parecem pensar ser mais ético pagar os preços do mercado negro do que tomar algumas precauções.

— E então fez pessoalmente a parede de tijolos para esconder tudo?

— Exatamente. Não queria que ninguém daqui soubesse. Assim, tive que fazê-la sozinha. Mas, como o transporte aéreo de alimentos foi muito mais bem organizado do que se podia pensar, não tivemos que recorrer às reservas. Mas agora elas nos serão da maior utilidade.

— E há muita coisa aí?

— Não tenho muita certeza, mas talvez pudéssemos calcular como o equivalente a um furgão cheio. E ainda temos o que trouxemos no Midge.

Ocorreram-me várias objeções contra o que Phyllis fizera, mas seria uma ingratidão e uma grosseria dizê-las naquele momento. Por isso deixei de lado qualquer discussão e começamos a arrumar o chalé e trazer as coisas da lancha.

Não levei muito tempo para descobrir por que o chalé fora abandonado . Era preciso subir ao topo para verificar que a nossa

pequena montanha estava fadada a ser uma ilha. E, efetivamente, poucas semanas depois dois braços de mar se juntaram atrás de nós e nos separaram do resto da Inglaterra.

Os acontecimentos ali se haviam desenvolvido da mesma forma que em outras partes — exceto que para ali não houvera influxo de refugiados, o movimento sendo sempre de emigração. Primeiro houvera uma retirada cautelosa quando a água começara a subir, depois uma fuga em pânico para as partes mais altas e finalmente a corrida desesperada para o interior antes que fosse tarde demais. Os que haviam ficado e ali permaneciam eram uma mistura de indolentes, obstinados e esperançosos, sempre achando que amanhã ou depois de amanhã as águas parariam de subir.

Havia um permanente estado de luta entre os que haviam ficado e os recém-chegados. Os que moravam no alto não permitiam que estranhos entrassem em seus territórios, onde reinava severo racionamento; os que moravam nas partes baixas andavam armados e preparavam armadilhas para desencorajar qualquer ataque aos seus campos cultivados. Dizia-se —- embora me seja impossível apurar a verdade — que a situação era muito boa em comparação com o que estava ocorrendo em Devon e outros lugares mais a leste. Expulsos de suas terras pelo avanço do mar, os habitantes das terras baixas se haviam posto em marcha, decididos a não pararem enquanto não atravessassem os pântanos e chegassem às terras férteis que ficavam mais além. Falava-se em guerras defensivas e sangrentas contra bandos famintos, em Devon, Somerset e Dorset. Mas, ali onde estávamos, só ocasionalmente ouvíamos alguns tiros.

A conclusão do nosso isolamento tornou o lugar ainda mais seguro. Nossa ilha oferecia poucas tentações, por isso poucas chances tínhamos de ser molestados. Assim que chegamos, eu e Phyllis ligamos o rádio, o meio de comunicação para sabermos como o resto do mundo e o nosso próprio país estavam reagindo à emergência. Mas o rádio pifou poucos dias depois, sem a menor possibilidade de ser consertado, pois não havia como comprar peças novas. E assim ficamos ali, sozinhos, sem saber o que acontecia ao nosso redor.

Os habitantes da ilha haviam tido colheitas razoáveis no verão anterior, o suficiente para se alimentarem, juntamente com o peixe que pescavam em grande quantidade. Não se pode dizer que nos considerem estranhos, mas de qualquer forma tomamos todo o cuidado para não fazermos perguntas desnecessárias. Acho que

pensam que vivemos de peixe e do que trouxemos no Midge — e o que nos deve restar não vale a pena para alguém se arriscar a um ataque. Talvez as coisas fossem diferentes, se a colheita do último verão fosse pior.

Comecei a escrever este relato no início de novembro. Estamos agora em fins de janeiro. As águas continuam a subir ligeiramente, mas desde o Natal parece que o ritmo de elevação caiu consideravelmente. Estamos na esperança de que tenham alcançado o nível máximo. Ainda há icebergs no canal, mas agora em quantidade cada vez menor.

Sofremos ainda alguns ataques dos tanques anfíbios, às vezes úm só, mas geralmente em grupos de quatro ou cinco. Mas agora, de um modo geral, constituem mais um aborrecimento do que um perigo real. As pessoas que vivem perto do mar mantêm turnos permanentes de vigias. Os tanques anfíbios aparentemente não gostam de subir, por isso avançam trezentos ou quatrocentos metros além da praia apenas. Quando não encontram vítimas, logo voltam ao mar.

Mas a pior coisa tem sido suportar o frio do inverno. Mesmo fazendo os devidos descontos da diferença de circunstâncias, este inverno é muito mais frio que o anterior. O braço de mar ao nosso redor está congelado há muitas semanas e, quando o tempo está calmo, o próprio mar se congela muito além da praia. E há também o tempo, agitado, um vento forte soprando há muitos dias e a tudo cobrindo com uma camada de gelo. Temos sorte por estarmos abrigados da ação direta do sudoeste, mas mesmo assim a situação é terrível. Deve estar sendo um inferno a vida nos acampamentos em torno dos pântanos, principalmente quando sopra um vento gelado como este.

Decidimos que, quando o verão chegar, tentaremos ir embora. Iremos para o sul, em busca de algum lugar mais quente. Provavelmente poderíamos suportar outro inverno aqui, mas ficaríamos quase sem provisões e com menos forças para fazermos a viagem que mais cedo ou mais tarde teremos que empreender. Achamos que é possível encontrar, no que sobrou de Plymouth ou em Devonport, o combustível necessário para o nosso barco. Mas, se não o conseguirmos, fincaremos um mastro e continuaremos navegando a vela.

Para onde? Ainda não sabemos. Para algum lugar mais quente. Talvez só encontremos tiros quando tentarmos desembarcar, mas mesmo isso será melhor do que morrer de fome num inverno

implacável .

Phyllis concorda comigo.

— Faremos uma jornada das mais arriscadas, Mike, como nunca antes fizemos. Mas, afinal, de que adianta termos sorte se nunca a empregamos?

4 de maio

Não vamos mais para o sul.

Este manuscrito não será deixado aqui, numa lata bem fechada, na esperança de que alguém o encontre algum dia. Ele irá conosco.

E isso porque, dois dias atrás, avistamos o primeiro avião que passa por aqui desde que chegamos. A dizer a verdade, não era um avião, era um helicóptero que veio girando ao longo da costa e depois se virou para o interior, passando junto ao nosso braço de mar.

Eu e Phyllis estávamos perto da água, aprontando o Midge para a viagem. Ouvimos um zumbido distante e vimos o aparelho voltando em nossa direção. Olhamo-lo. Estava contra o sol, mas mesmo assim pude ver o logotipo da R.A.F. na fuselagem. Pensei ver alguém acenando para nós e acenei também. Phyllis acenou com o pincel que tinha na mão.

Vimo-lo virar para a esquerda de onde estávamos e depois seguir para o norte, desaparecendo por trás do nosso morro. Olhamos um para o outro enquanto o barulho do motor diminuía. Nada dissemos. Não sei o que Phyllis sentiu, mas fiquei emocionado. Nunca pensara que o barulho de um motor de helicóptero pudesse soar em meus ouvidos como uma espécie de música nostálgica.

Compreendi então que o barulho não se estava afastando. O aparelho reapareceu, no outro lado do morro. Aparentemente fora examinar o resto da nossa ilha. Observamo-lo subindo e depois começando a descer no platô onde ficava o nosso chalé. Deixei cair a chave de parafusos que segurava e Phyllis o seu pincel e saímos correndo para cima.

O helicóptero baixara bastante, mas era evidente que não ia correr o risco de pousar entre as pedras e as urzes. Suspenso ali no ar, uma porta lateral se abriu. Jogaram um fardo para fora, que foi cair em cima das urzes. Depois baixaram uma escada de cordas. Um vulto começou a descer pela escada, balançando-se de um lado para o outro, O helicóptero flutuava suavemente, erguendo-se até

o topo do morro. Perdemos o homem que descia de vista. Ainda estávamos um pouco longe do topo, onde o homem finalmente fora deixado, quando o aparelho se ergueu e se afastou, com alguém lá dentro recolhendo a escada de corda.

Continuamos a correr. Logo chegamos a um ponto em que podíamos ver um homem vestido de preto sentado numa moita de urzes, apalpando o corpo todo para ver se algo estava quebrado.

— Mas... é Bocker! — gritou Phyllis, correndo temerariamente em sua direção.

Quando cheguei, ela estava de joelhos ao lado de Bocker, abraçando-o e chorando copiosamente. Ele dava-lhe tapinhas no ombro paternalmente. Estendeu a outra mão para mim quando me aproximei. Segurei-a entre as minhas e senti que estava também a ponto de chorar. Era o mesmo Bocker, não parecendo muito diferente de quando o víramos pela última vez. Não havia muito o que dizer no momento, por isso limitei-me a perguntar:

— Está bem? Não se machucou?

— Só um pouco abalado, mas não quebrei nada. Mas acho que é preciso mais habilidade para descer de um helicóptero do que eu imaginava.

Phyllis ergueu o rosto para dizer:

— Nem devia ter tentado, A.B. Podia ter morrido!

Depois voltou a encostar a cabeça em seu ombro, confortavelmente, e continuou a chorar.

Bocker olhou para os cabelos de Phyllis e depois para mim, com uma interrogação no rosto. Sacudi a cabeça.

— Outros tiveram uma sorte pior, mas é que aqui é muito solitário e deprimente.

Ele assentiu e ficou mais algum tempo dando tapinhas no ombro de Phyllis. Seus soluços logo diminuíram. Bocker esperou mais um pouco para dizer:

— Se o cavalheiro quiser ter a gentileza de tirar sua esposa do meu ombro por um momento, gostaria de ver se ainda consigo ficar de pé.

Conseguiu.

— Acho que só tenho um galo e um ou dois arranhões.

— Uma sorte melhor do que a que merecia — repreendeu-o Phyllis severamente. — Foi perfeitamente ridículo o que fez, A.B., especialmente na sua idade!

— Foi exatamente o que pensei quando estava na metade do caminho.

Passou um dos braços em torno dos ombros de Phyllis e o outro enfiou pelo meu.

— Estou com fome — anunciou prático como sempre. — Em algum lugar por aí há uma porção de comida que jogamos antes da minha descida.

Descemos até o chalé, Phyllis não parando de falar um instante, a não ser quando fazia algumas pausas curtas e olhava para Bocker, como a certificar-se de que ele estava realmente ali. Quando chegamos, Phyllis desapareceu na cozinha e Bocker sentou-se, cautelosamente.

— Devia oferecer-lhe agora alguma bebida — disse eu tristemente — mas tudo acabou já faz algum tempo.

Ele tirou do bolso um frasco grande de metal, contemplando por um momento a mossa que ali havia.

— Só espero que seja melhor subindo do que descendo — comentou .

Derramou um pouco em três copos e depois chamou Phyllis.

— Vamos beber ao nosso reencontro.

Foi o que fizemos.

— Agora — falei — como em todas as nossas experiências nada foi mais improvável do que vê-lo descendo dos céus pendurado num trapézio, gostaríamos de ter uma explicação.

— Este evidentemente não era o plano. Quando o pessoal lá de Londres informou que vocês tinham vindo para a Cornualha, achei que aqui é que estariam, se tivessem conseguido chegar. Assim, logo que pude, vim dar uma olhada. Mas o piloto não gostou do terreno de vocês e não quis arriscar-se a um pouso. Resolvi que desceria de qualquer maneira e mandei que fossem procurar um lugar onde pudessem pousar, voltando para buscar-me daqui a três horas.

Ficamos olhando-o, calados.

— Vocês sempre me olham desse jeito. Mas pensem um pouco: já me teria encontrado com vocês, se tivessem ficado onde estavam.

— Não agüentamos mais, A.B. Pensamos que você morrera quando Harrogate foi atacada. Os Whittiers não voltaram, a ligação não se restabeleceu. O helicóptero deixou de vir. Não havia uma única emissora britânica no ar. Depois de algum tempo, parecia que tudo realmente acabara. Por isso viemos para cá. Até os ratos preferem morrer em céu aberto.

Phyllis levantou-se e começou a pôr a mesa.

— Acho que você também não ficaria sentado esperando tranqüilamente a morte, A.B.

Bocker sacudiu a cabeça.

— Mulher de pouca fé. Acho que devia saber que este não é o mundo de Noé. O século XX não pode ser exterminado com tanta facilidade assim. O paciente ainda está em estado grave, continua muito doente, perdeu bastante sangue... mas vai recuperar-se. E vai mesmo, vocês vão ver!

Olhei pela janela para a água que cobria campos que outrora haviam sido cultivados, para os braços de mar que avançavam terra adentro, para casas que outrora haviam sido lares e que agora recebiam em cheio o choque das ondas.

— Como?

— Não vai ser fácil, mas conseguiremos. Perdemos uma boa parte das nossas melhores terras, mas há seis meses que as águas não sobem mais. Poderemos cultivar mais do que o necessário para alimentar cinco milhões de pessoas, tão logo estejamos organizados.

— Cinco milhões?

— É a estimativa por alto da população atual... apenas uma estimativa superficial, é claro.

— Mas éramos 46 milhões!

Havia uma coisa em que eu e Phyllis evitávamos falar e até mesmo pensar. Mas nos momentos de maior depressão achávamos que terminaria havendo apenas uns poucos sobreviventes, vivendo como bárbaros. Nunca, porém, chegáramos a pensar em números.

— Como aconteceu? Soubemos que houve lutas mas isto...

— Alguns morreram nas lutas, muitos foram cercados pelas águas e morreram afogados. Mas a porcentagem dos que morreram assim foi relativamente pequena. A causa principal foi a pneumonia, resultante da desnutrição e de três invernos impiedosos. Muitas gripes, muitos resfriados, terminando tudo na pneumonia inevitável. Não havia remédios, não havia comunicações, nada se pôde fazer...

— Mas, A.B., não entendo você. Como pode dizer que nos vamos recuperar, quando nove em cada dez pessoas morreram?

Ele olhou-a com firmeza e acenou com a cabeça.

— Certamente. Cinco milhões ainda podem ser uma nação. Não éramos muito mais do que isso no tempo da primeira Elizabeth e demos o que falar ao mundo. E poderemos fazê-lo de novo. Mas para isso teremos muito que trabalhar... e é justamente por isto

que estou aqui. Tenho um trabalho para vocês.

— Trabalho? — disse Phyllis, aturdida.

— Exatamente. E desta vez não vão precisar vender sopas e sabonetes. Terão que vender coragem, um moral elevado. Assim, quanto mais cedo começarem a levantar o próprio moral, de vocês, será melhor.

— Agora espere um minuto — disse Phyllis. — Como vejo que há uma explicação comprida, deixe-me pôr a mesa antes.

Minutos depois, sentados à mesa, Phyllis disse: -— Sei A.B., que nunca deixou que o simples ato de comer interferisse com a conversa. Por isso vamos em frente.

— Está certo. Comecem por imaginar um país que está reduzido apenas a pequenos grupos e comunidades independentes espalhadas por toda parte. Todas as comunicações foram cortadas, especialmente como medida de autodefesa. Ninguém sabe o que está acontecendo a dois ou três quilômetros de sua casa. Muito bem: como se pode sair de uma situação desta espécie e voltar a ser um país organizado? Em primeiro lugar, acho que terão de encontrar uma brecha até estas comunidades isoladas e entrar em contato com elas. Para consegui-lo, é preciso inicialmente estabelecer alguma espécie de autoridade central e fazer com que o povo saiba que existe, fazendo também com que ela lhe inspire confiança. Uma providência imediata é fazer com que os líderes de cada comunidade se tornem os representantes da autoridade central. E como alcançá-los? É simples, conversando e dizendo o que está acontecendo... pelo rádio.

"Vamos descobrir uma fábrica e começar a fabricar rádios e baterias que possamos jogar de helicóptero para o povo. Depois disso, passamos a jogar também rádios receptores-transmissores, a fim de mantermos contato nos dois sentidos, começando pelas comunidades maiores e chegando às menores. Finalmente, estará quebrado o sentido de isolamento e esquecida a sua necessidade. Um grupo começa a saber o que o outro está fazendo. A autoconfiança revive. Surge o sentimento de que há alguém no comando e isso lhes devolve a esperança. Começam a sentir que há alguma coisa pela qual trabalhar. Um grupo começa a cooperar e a negociar com o grupo ao lado. E assim começaremos tudo. Nossos ancestrais levaram muitas gerações para fazer este trabalho. Com a ajuda do rádio e uma boa base, acho que poderemos fazê-lo em uns dois anos. Mas é preciso haver gente competente em ação, gente que saiba como dizer o que deve ser dito. E então, o que me dizem?

Phyllis ficou de cabeça baixa, olhando para o prato. Depois ergueu o rosto e, com os olhos brilhantes, declarou:

— A.B., já teve a sensação de que estava quase morto e de repente apareceu alguém que lhe injetou adrenalina nas veias?

— Não sinto a mesma coisa que Phyllis, mas apoio a sua decisão calorosamente — falei.

— Esta perspectiva me faz parecer mais embriagada do que o álcool jamais conseguiu — disse Phyllis.

— Ótimo. Então é melhor começarem logo a arrumar suas coisas. Dentro de três dias mandaremos um helicóptero maior para buscá-los. E não deixem nenhum alimento aqui. Vai-se passar muito tempo antes que nos possamos dar ao luxo de desperdiçar comida.

Bocker começou então a dar explicações e instruções, mas não o estávamos ouvindo. Contou inclusive como ele e alguns outros haviam escapado ao ataque a Harrogate, mas em nossas mentes também não havia espaço para aquilo. Quase uma hora se passou antes que saíssemos do nosso estado de torpor, conseqüência da súbita mudança de perspectiva. Neste momento passou-me pela cabeça que estávamos sendo muito provincianos. A operação de descongelar as massas polares não mais nos ameaçava, mas isso não significava que não fosse seguida por uma forma nova e igualmente devastadora de ataque. Pelo que sabíamos, a verdadeira origem dos nossos problemas continuava tranqüilamente escondida nas profundezas do oceano. Foi o que disse a Bocker. Ele sorriu.

— Acho que concordam que não sou propriamente um otimista desenfreado...

— Tenho certeza de que não — declarou Phyllis.

— Por isso, espero ser bastante convincente ao afirmar que, no momento, a perspectiva me parece bastante satisfatória e esperançosa. Tivemos muitos desapontamentos, é verdade, talvez tenhamos mais, mas parece que, no momento, temos em mãos alguma coisa contra a qual os nossos amigos lá de baixo nada podem.

— Mas o que é?

— Ultra-som.

— Mas já tinham tentado ondas ultra-sônicas antes, várias vezes — observei. —Lembro muito bem...

— Mike, querido, cale a boca e espere.

Phyllis virou-se então para Bocker e perguntou:

— Como conseguiram?

— Já era um fato bastante conhecido que determinadas on-

das ultra-sônicas podiam matar peixes e outras criaturas do mar. Assim, quando se tornou patente que os seres das profundezas realmente existiam, muitas pessoas disseram que as ondas ultra-sônicas representavam o meio certo de combatê-los. Mas era evidente que isso não seria possível com o aparelho iniciador das ondas na superfície, a uma distância superior a cinco quilômetros. O problema era fazer com que o emissor ultra-sônico descesse até lá embaixo, perto o suficiente para produzir efeitos. Mas não adiantava simplesmente afundá-lo, porque seu cabo seria eletrificado ou cortado. E a julgar pelas experiências iniciais, isso aconteceria muito antes que chegasse fundo o suficiente para ter alguma utilidade.

"Mas parece que agora os japoneses encontraram a solução. São um povo muito engenhoso, sabem? E nos momentos mais sociáveis fazem até boas contribuições à ciência. Até agora, temos apenas uma descrição sumária do aparelho, que nos transmitiram, pelo rádio. Mas, ao que parece, trata-se de uma espécie de esfera com propulsão própria que se desloca lentamente, emitindo ondas ultra-sônicas de grande intensidade. Mas o mais importante não é isso: o aparelho não apenas produz ondas letais como também se aproveita delas, usando o mesmo princípio do sonar, para orientar-se. Assim, pode desviar-se de qualquer obstáculo ao receber um eco de determinada distância.

"Compreenderam? Basta reunir alguns desses aparelhos, com o eco de repulsão para funcionar a setenta metros de distância, fazendo-os então descer para uma fossa qualquer onde haja indícios da existência das criaturas submarinas. Eles irão descendo lentamente, ficando sempre a setenta metros de distância um do outro, a setenta metros do fundo, a setenta metros da borda da fossa, a setenta metros de qualquer obstáculo, sempre emitindo ondas ultra-sônicas letais. Este é o princípio, dos mais fáceis, como podem ver. Acho que a grande vitória dos japoneses não foi apenas construí-los, mas também fazer com que possam resistir à pressão.

— Para mim — disse Phyllis — não parece nada simples. Mas o importante é saber se realmente funciona.

— Os japoneses afirmam que sim e não vejo muita vantagem em mentirem. Dizem que já limparam duas fossas oceânicas pequenas. Grandes massas de gelatina orgânica vieram à tona, mas não puderam descobrir muita coisa porque se haviam rompido por completo com a mudança de pressão e rapidamente entraram em processo de decomposição, sob o efeito dos raios do sol. Mas dizem que depois baixaram cabos até o fundo das fossas e nada aconte-

ceu. Estão agindo agora em outras fossas pequenas, adquirindo mais experiência antes de atacarem as grandes. Mandaram os planos do aparelho, de avião, para os Estados Unidos. Os americanos, que sofreram quase tanto como nós, anunciaram que vão iniciar a produção em massa imediatamente. Portanto, acho que é prova suficiente de que o aparelho funciona.

"Mas vai levar algum tempo antes que consigam atingir todos os locais em que se ocultam os invasores. Mas este, porém, não é problema nosso. Por perto da Inglaterra não há nenhuma fossa oceânica e de qualquer forma não estaremos em condições, durante muito tempo, de produzirmos a não ser o indispensável à nossa sobrevivência. A Inglaterra era superpovoada e por isso pagou caro. Teremos que adotar medidas para que isto jamais volte a acontecer.

Phyllis franziu a testa.

— A.B., já lhe falei antes sobre o seu péssimo hábito de se adiantar aos outros, dizendo coisas que as pessoas não estão preparadas para ouvir.

Bocker sorriu.

— Talvez seja uma sorte minha que esta última medida a que me referi não precisará ser adotada enquanto eu viver.

Sentamo-nos no caramanchão de Phyllis e ficamos olhando a paisagem, que mudara tanto num curto espaço de tempo. Durante algum tempo, ninguém falou. Olhei para Phyllis, que parecia ter saído de um salão de beleza.

— Estou voltando a viver, Mike. Agora temos alguma coisa pela qual lutar.

Também me sentia assim, mas olhei para o mar azul e vi os reflexos de pequenos icebergs.

— Também sinto a mesma coisa, mas não vai ser nenhum piquenique. Não nos esqueçamos deste tempo horrível. E quando penso nos invernos...

— Já estão pesquisando a respeito — informou Bocker — e os primeiros informes indicam que a água irá gradativamente esquentar. Além disso, agora que o gelo se foi, provavelmente dentro de três ou quatro anos teremos um clima tão bom como nunca houve.

Ficamos novamente em silêncio, até que Phyllis falou:

— Estava pensando... Realmente nada acontece de novo, não acham? Existiu outrora uma imensa planície, coberta de florestas e cheia de animais selvagens. Alguns dos nossos ancestrais provavelmente lá viveram, caçaram e amaram. Então um dia a água

veio e a tudo inundou, fazendo surgir o Mar do Norte. Acho que já estivemos lá e estamos vivendo tudo novamente.

Outro momento de silêncio, interrompido por Bocker ao olhar para o relógio.

— O helicóptero deve estar chegando. Acho melhor preparar-me para o ato impressionante em que desafio a morte.

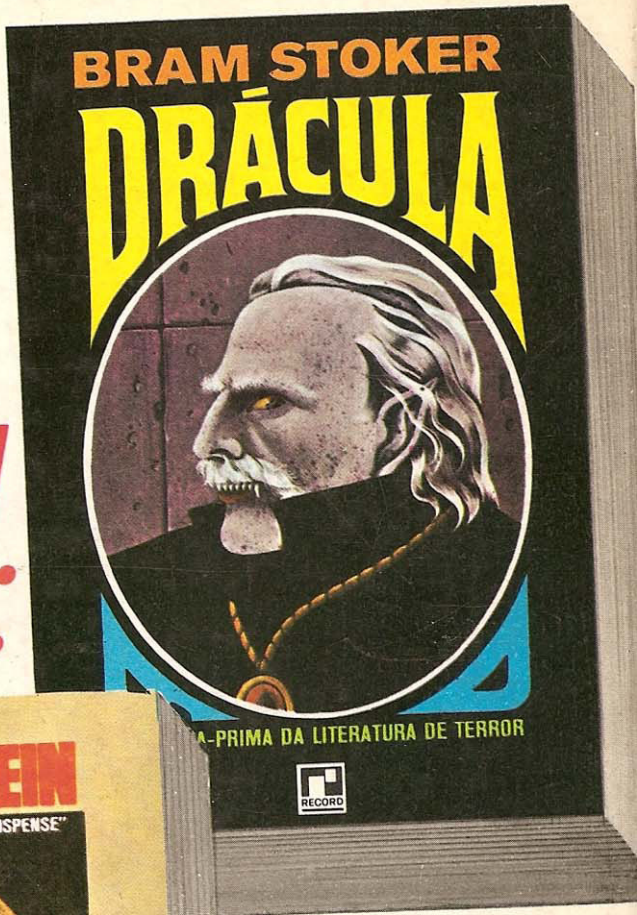
— Gostaria de que não o fizesse, A.B. — pediu Phyllis. — Não poderia mandar um recado e ficar conosco até chegar o helicóptero maior?

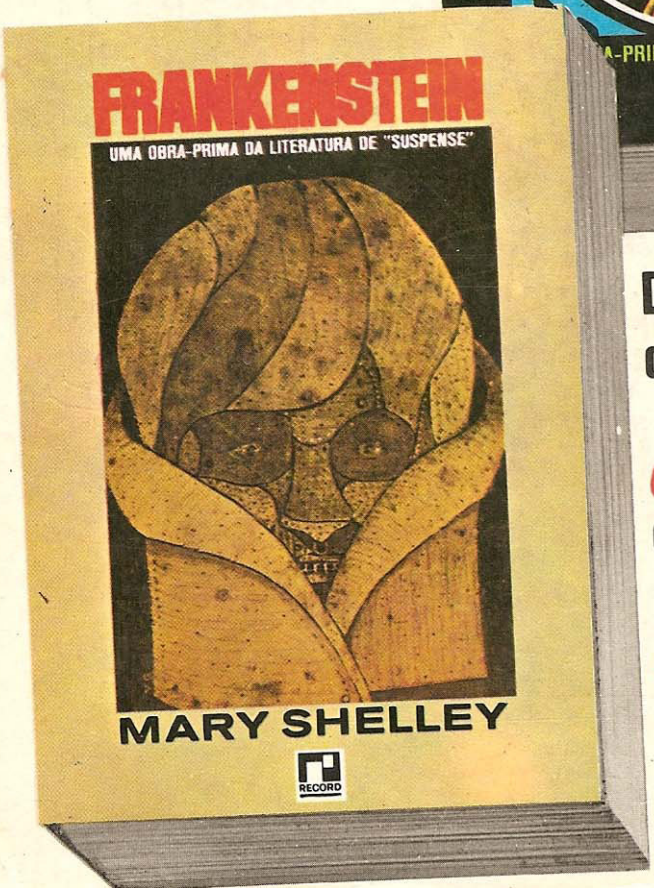
Ele sacudiu a cabeça, firmemente.

— Não há tempo a perder. Estou apenas bancando o ocioso, pois tenho muito que fazer. Só que quis dar as notícias a vocês pessoalmente. Não se preocupe, minha querida. O velho aqui ainda consegue subir muito bem por uma escada de corda.

E foi o que fez, sem o menor problema. Quando o helicóptero se aproximou do topo da colina, Bocker agilmente segurou a escada de corda que balançava, agarrou-se a ela firmemente e começou a subir. Logo depois surgiram braços que se estenderam para ajudá-lo a subir a bordo. Na porta, ele virou-se e acenou para nós. O helicóptero aumentou a velocidade e começou a subir. E em pouco tempo era uma simples mancha que desaparecia na distância.

LEIA DESTA EDITORA:





Duas obras-primas de *SUSPENSE* e *TERROR!*